

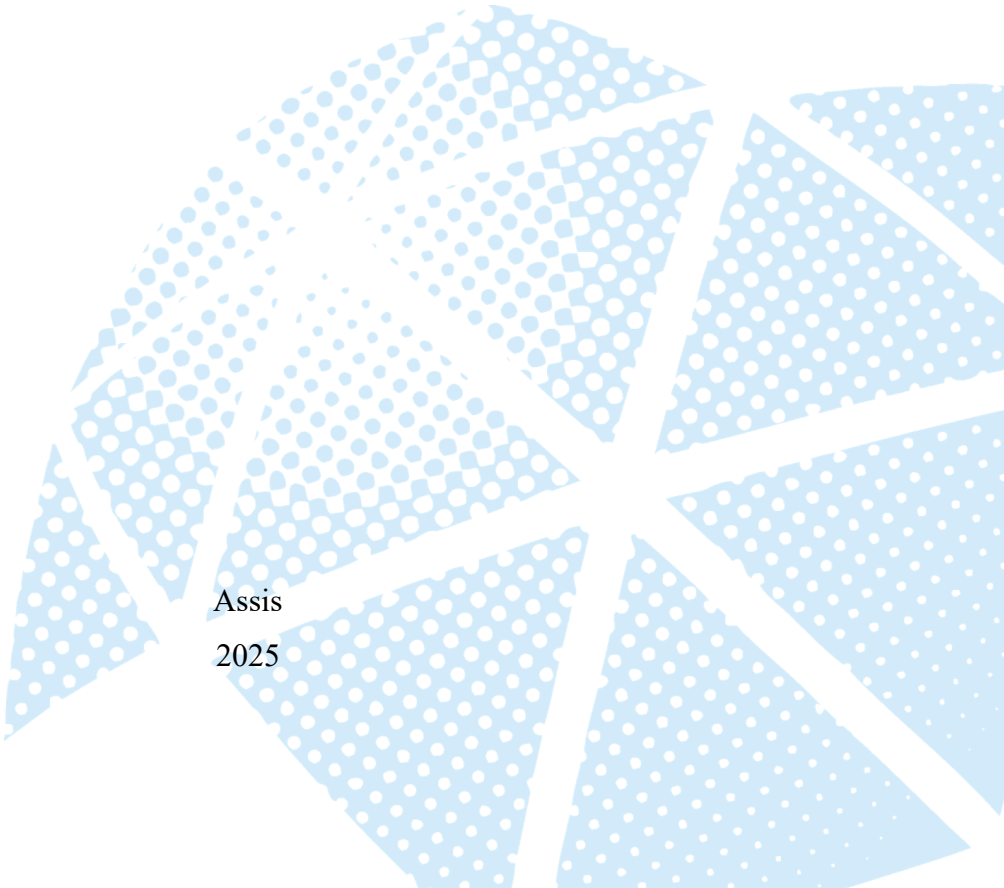
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis

ALINE DE JESUS NASCIMENTO

**O PARTIDO COMUNISTA DO PERU - SENDERO LUMINOSO NAS PÁGINAS DA
REVISTA *CARETAS* (1980-1995)**

Assis

2025



ALINE DE JESUS NASCIMENTO

**O PARTIDO COMUNISTA DO PERU - SENDERO LUMINOSO NAS PÁGINAS DA
REVISTA *CARETAS* (1980-1995)**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutora em História.

Área de Concentração: História e Sociedade

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Tania Regina de Luca

Bolsista: CAPES - Processo nº 88887.912359/2023-00 do Programa DS.

Assis

2025

N244p

Nascimento, Aline de Jesus

O Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso nas páginas da revista Caretas (1980-1995) / Aline de Jesus Nascimento. -- Assis, 2025

236 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientadora: Tania Regina de Luca

1. Caretas. 2. Clipping. 3. Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso. I. Título.



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE ALINE DE JESÚS NASCIMENTO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 04 dias do mês de abril do ano de 2025, às 9h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de ALINE DE JESÚS NASCIMENTO, intitulada **O PARTIDO COMUNISTA DO PERU - SENDERO LUMINOSO NAS PÁGINAS DA REVISTA CARETAS (1980-1995)**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. GASTÓN ANTONIO ZAPATA VELASCO (Participação Virtual) do(a) Pontificia Universidad Católica del Perú, Prof. Dr. ROCIO SILVA SANTISTEBAN MANRIQUE (Participação Virtual) do(a) Pontificia Universidad Católica del Perú, Profa. Dra. GABRIELA PELLEGRINO SOARES (Participação Virtual) do(a) Universidade de São Paulo (USP), Prof. Dr. MARCOS SORRILHA PINHEIRO (Participação Virtual) do(a) UNESP - Franca. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Profa. Dra. TANIA REGINA DE LUCA

AGRADECIMENTOS

A jornada acadêmica que culmina nesta tese foi construída com o apoio, incentivo e generosidade de muitas pessoas e instituições, às quais expresso minha mais profunda gratidão.

Agradeço à minha orientadora, professora doutora Tania Regina de Luca, que me acompanha desde a graduação e sempre foi um exemplo de profissionalismo, ética e dedicação. Sua orientação paciente e atenta, sua confiança em minhas ideias e seu compromisso com a pesquisa foram fundamentais para que este trabalho se concretizasse.

Aos responsáveis pela *Caretas*, que abriram generosamente as portas de seu acervo para minha pesquisa. Em especial, minha gratidão a Diana Zileri, que prontamente me forneceu todos os dados possíveis e me incentivou a explorar o *clipping* da revista. Seu acolhimento e disponibilidade em compartilhar sua experiência, bem como o presente do dossiê *La verdad sobre el espanto*, foram decisivos para a construção deste trabalho. Esse material despertou minha curiosidade sobre a representação do Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso nas páginas da revista e no acervo documental da *Caretas*. Também sou imensamente grata a Enrique Inga de la Cruz, responsável pelo acervo da revista, que pacientemente me recebeu e auxiliou na pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), cuja contribuição foi essencial para a viabilização desta pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Sou igualmente grata ao apoio financeiro do Edital 44/2022 da Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), que possibilitou meu estágio acadêmico no exterior e foi fundamental para a realização de atividades acadêmicas fora do Brasil, permitindo-me aprofundar os temas da pesquisa.

À Pontificia Universidad Católica del Perú, por me proporcionar a oportunidade de realizar um semestre de estudos em 2023, expresso minha profunda gratidão. Agradeço, em especial, aos professores Prof. Dr. Gastón Antonio Zapata Velasco e Profa. Dra. Rocío Silva Santisteban Manrique, pelas aulas que ampliaram significativamente minhas perspectivas e pela participação na banca de qualificação, que foi enriquecedora e trouxe reflexões e sugestões valiosas. Estendo também meu reconhecimento à Profa. Dra. Gabriela Pellegrino Soares e ao Prof. Dr. Marcos Sorrilha Pinheiro, que, por ocasião da defesa, contribuíram com uma leitura atenta e observações generosas que fortaleceram a versão final deste trabalho.

Agradeço também aos entrevistados Gustavo Goritti, Oscar Medrano e Marco Zileri, cuja generosidade em compartilhar seus conhecimentos, experiências e perspectivas enriqueceu imensamente este trabalho. As contribuições de vocês foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa e para o entendimento profundo dos temas abordados.

Aos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura e Sociabilidade, inscrito e aprovado pelo CNPq, cujas leituras e debates ajudaram a expandir os horizontes desta dissertação. O suporte intelectual e as discussões críticas foram essenciais para amadurecer minhas análises.

Aos amigos que estiveram ao meu lado ao longo dessa trajetória, oferecendo apoio, incentivo e, muitas vezes, o alívio necessário nos momentos mais desafiadores. Cada conversa, cada troca e cada demonstração de carinho fizeram toda a diferença.

À minha família, que sempre me apoiou incondicionalmente e me deu forças para seguir em frente, mesmo nos momentos mais difíceis. O amor, a compreensão e a confiança que recebi de todos vocês foram fundamentais para o sucesso desta jornada.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho, meu mais sincero agradecimento.

RESUMO

Caretas: la ilustración peruana é consagrada como a revista de mais longa duração no Peru, sua estreia foi em primeiro de outubro de 1950 e até os dias atuais continua a sua proposta de divulgar os acontecimentos do Peru e do mundo com o uso do fotojornalismo, caracterizado pela redução dos textos e inclusão de imagens. Sem perder de vista o tema político, *Caretas* pretendia abordar assuntos como crimes passionais, variedades, economia, relações internacionais e eventos desportivos. Esta pesquisa propõe analisar uma fonte bastante específica, os recortes da revista *Caretas* sob a rubrica *terrorismo*, organizados pelo próprio semanário entre os anos de 1980 e 1995. Trata-se de 1053 fragmentos que foram acondicionados em 13 pastas específicas, que contêm no mínimo 50 e no máximo 129 notícias, dispostos em ordem cronológica. As pastas que foram intituladas como *terrorismo* têm como conteúdo principal o Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso (PCP-SL), organização que se considerava herdeira dos pensamentos de Marx, Lênin e Mao Tse-tung, por isso se autointitulavam como a “quarta espada do comunismo”. É difícil demarcar com exatidão a origem grupo, o mais provável é que as atividades se iniciaram durante a luta pelo ensino gratuito nas cidades de Ayacucho e Huanta em junho de 1969. A organização era um tema incontornável, não poderia deixar de comparecer neste material, visto que despertou o interesse da população peruana. Entretanto, leva a refletir acerca das escolhas da revista ao equiparar terrorismo com as atividades do PCP-SL desde o surgimento deste acervo sobre o tema. Esse é um claro indício da posição da revista perante o grupo, uma vez que, referir-se à organização desta maneira foi um posicionamento adotado, a princípio, pelos militares. Não se trata propriamente de estudar o PCP-SL em si, mas a forma como ele foi representado nesse material, observando-se mudanças e permanências ao nível do discurso.

Palavras-chave: *Caretas*; *clipping*; Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso.

ABSTRACT

Caretas: la ilustración peruana is considered the longest-running magazine in Peru. Its debut was on October 1, 1950, and to this day it continues to publish events in Peru and around the world using photojournalism, characterized by the reduction of texts and the inclusion of images. Without losing sight of the political theme, *Caretas* intended to address issues such as crimes of passion, variety, the economy, international relations, and sporting events. This research proposes to analyze a very specific source, the clipping from the magazine *Caretas* under the heading of terrorism, organized by the weekly magazine itself between 1980 and 1995. These are 1,053 fragments that were stored in 13 specific folders, containing a minimum of 50 and a maximum of 129 news items, arranged in chronological order. The files that were titled as *terrorism* have as their main content the Communist Party of Peru - Shining Path (PCP-SL), an organization that considered itself the heir to the thoughts of Marx, Lenin and Mao Tse-tung, which is why it called itself the “fourth sword of communism”. It is difficult to demarcate the exact origin of the group; most likely, its activities began during the struggle for free education in the cities of Ayacucho and Huanta in June 1969. The organization was an unavoidable topic and could not be left out of this material, since it aroused the interest of the Peruvian population. However, it leads us to reflect on the magazine’s choices in equating *terrorism* with the activities of the PCP-SL since the publication of this collection on the subject. This is a clear indication of the magazine’s position regarding the group, since referring to the organization in this way was a position initially adopted by the military. This is not really a matter of studying the PCP-SL itself, but rather the way it was represented in this material, observing changes and continuities in terms of discourse.

Keywords: *Caretas*; clipping; Communist Party of Peru - Shining Path.

RESUMEN

Caretas: la ilustración peruana es consagrada como la revista de mayor duración en el Perú; su estreno fue el primero de octubre de 1950 y, hasta la actualidad, mantiene su propuesta de divulgar los acontecimientos del Perú y del mundo mediante el uso del fotoperiodismo, caracterizado por la reducción de los textos y la inclusión de imágenes. Sin perder de vista la temática política, *Caretas* pretendía abordar asuntos como crímenes pasionales, variedades, economía, relaciones internacionales y eventos deportivos. Esta investigación propone analizar una fuente muy específica: los recortes de la revista *Caretas* bajo la rúbrica *terrorismo*, organizados por el propio semanario entre los años 1980 y 1995. Se trata de 1053 fragmentos que fueron almacenados en 13 carpetas específicas, que contienen como mínimo 50 y como máximo 129 noticias, dispuestas en orden cronológico. Las carpetas tituladas como *terrorismo* tienen como contenido principal al Partido Comunista del Perú - Sendero Luminoso (PCP-SL), organización que se consideraba heredera del pensamiento de Marx, Lenin y Mao Tse-tung, por lo que se autodenominaban como “la cuarta espada del comunismo”. Es difícil precisar con exactitud el origen del grupo; lo más probable es que sus actividades se iniciaran durante la lucha por la educación gratuita en las ciudades de Ayacucho y Huanta en junio de 1969. La organización era un tema inevitable y no podía estar ausente en este material, ya que despertó el interés de la población peruana. Sin embargo, ello invita a reflexionar sobre las decisiones editoriales de la revista al equiparar terrorismo con las actividades del PCP-SL desde el surgimiento de este acervo temático. Este hecho constituye un claro indicio de la posición asumida por la revista frente al grupo, ya que referirse a la organización de esta manera fue, en un principio, un posicionamiento adoptado por los militares. No se trata propiamente de estudiar al PCP-SL en sí, sino la forma en que fue representado en este material, observando los cambios y las permanencias a nivel del discurso.

Palabras clave: *Caretas*; *clipping*; Partido Comunista del Perú - Sendero Luminoso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capas da revista <i>Caretas</i> de 1968	36
Figura 2. Acervo do <i>clipping</i> de <i>Caretas</i>	42
Figura 3. Aviso aos jornalistas e marcação das páginas com papéis coloridos.....	45
Figura 4. Capas da revista <i>Caretas</i> de 1985 e 1990	61
Figura 5. Áreas do Peru onde o PCP-SL teve influência	73
Figura 6. Fotografia dos considerados líderes do PCP-SL em 1980.....	77
Figura 7. Abimael Guzmán e sua turma de formatura em 1952	78
Figura 8. Fotografia de Abimael Guzmán em 1973	80
Figura 9. Montagem de Abimael Guzmán em frente a Torre Eiffel	83
Figura 10. Almoço coletivo em Huamanga em 1963	85
Figura 11. Cerimônia de abertura do ano acadêmico na Universidade San Cristóbal de Huamanga em 1963	86
Figura 12. Identificação dos membros da cúpula senderista.....	91
Figura 13. Foto de Abimael Guzmán após sua captura.....	93
Figura 14. O primeiro julgamento de Abimael Guzmán.....	96
Figura 15. Retrospectiva do PCP-SL em 1993.....	99
Figura 16. Fotografia dos perros de <i>Deng Xiaoping</i>	102
Figura 17. A morte de Edith Lagos	104
Figura 18. Imagem de Catalina Arianzén.....	107
Figura 19. Imagens de Laura Zambrano	108
Figura 20. Entrevista com Godelia Cerón Cardozo	110
Figura 21. Fotografia de Sybilla	111
Figura 22. Acusadas se participarem do PCP-SL no interior de um presídio feminino	114
Figura 23. Imagens de Maritiza no balé	116
Figura 24. Notícia da morte de oito jornalistas pelas rondas camponesas	125
Figura 25. Fotografias da câmera de Willy Retto	126
Figura 26. Cadáver de Melissa Alfaro ao chão	129
Figura 27. A morte de Victor Raúl Tapahuasco	133
Figura 28. A chacina de Lucanamarca	135
Figura 29. Número de mortos no conflito entre 1980-1983.....	136
Figura 30. Os assassinatos em Huanta	138
Figura 31. O sofrimento das vítimas em imagens	139

Figura 32. Impactos das explosões de dinamite	142
Figura 33. A violência dos eventos em Andajes em imagens	144
Figura 34. Crianças comentam acerca da violência em Lima	145
Figura 35. Passageiros de ônibus que foi afetado pela explosão	148
Figura 36. Imagens da explosão do carro-bomba em Tarata	150
Figura 37. Vítimas da explosão de bomba em Lima	151
Figura 38. Assassinato de Yori Luz Sáenz	159
Figura 39. Fossas comuns de Pucayacu	162
Figura 40. Explosão do carro-bomba em Lima	165
Figura 41. Cemitérios clandestinos em Cayara	170
Figura 42. Os assassinatos na região de Pucallpa	173
Figura 43. Imagens descobertas por operação da DIRCOTE	175
Figura 44. Representação gráfica do que teria ocorrido no massacre de Barrios Altos	178
Figura 45. Capa da edição n. 1309	181
Figura 46. O funcionamento das salas secretas	183
Figura 47. Exemplo de carta publicada pela revista	188

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Jornalistas identificados e quantidade de contribuições	49
Quadro 2. Fotógrafos identificados e quantidade de contribuições	51

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Quantidade de recortes por ano	47
Gráfico 2. Quantidade de recortes da seção Cartas por ano	184

SUMÁRIO

Introdução	15
Capítulo 1. <u>A</u> trajetória da revista <i>Caretas</i> e seu <i>clipping</i>.....	29
1. 1 A trajetória de <i>Caretas</i> na imprensa peruana.....	30
1.2 Os recortes de <i>Caretas</i> sobre o tema terrorismo (1980-1995).....	39
1.3 A rotina da revista <i>Caretas</i>	52
Capítulo 2. <u>O</u> Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso e seus integrantes no <i>clipping</i> de <i>Caretas</i>	68
2.1 O surgimento do Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso.....	69
2.2 A trajetória de vida de Abimael Guzmán	75
2.3 Os caminhos até o Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso	87
2.4 A participação das mulheres no Sendero Luminoso.....	100
Capítulo 3. <u>As</u> vítimas no <i>clipping</i> de <i>Caretas</i>	118
3.1 As estratégias do PCP-SL, as rondas campesinas e a imprensa	119
3.2 As imagens das vítimas civis em <i>Caretas</i>	130
Capítulo 4. <u>A</u> violência Estatal no <i>clipping</i> de <i>Caretas</i>	154
4.1 A repressão estatal retratada nas pastas do <i>clipping</i>	155
4.2 As denúncias da seção <i>Cartas</i> nas pastas sobre o PCP-SL.....	184
Conclusão	193
Referências bibliográficas.....	199
Fontes.....	200
Bibliografia	205
Anexos.....	212

Introdução

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a forma como o Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso (PCP-SL) foi representado na revista *Caretas* entre os anos de 1980 e 1995. A revista destaca-se por sua longevidade, abrangência nacional e por sua posição destacada no jornalismo peruano, especialmente durante o período de conflito armado interno. Ao contrário de outras publicações, como *Oiga*, que não resistiram ao tempo, *Caretas* atravessou décadas de transformações políticas e sociais, consolidando-se como uma fonte privilegiada para compreender as disputas simbólicas que marcaram a história recente do país.

A investigação em torno da revista *Caretas* foi tema despertado durante uma experiência de trabalho no Peru, em 2020. Ao olhar as bancas de jornais, com mais opções que as do Brasil, deparei-me com alguns periódicos que atraíram o meu olhar. Esse interesse em imprensa não era novidade, durante o mestrado trabalhei com os recortes de jornais da Editora Abril acerca da temática do Esquadrão da Morte, grupo de origem paramilitar que tinha o objetivo de realizar uma profilaxia social, ou seja, eliminar os supostos bandidos da sociedade, e que pôde atuar com determinada impunidade durante a Ditadura Militar (1964-1985). Ainda na dissertação, pude comparar a importância do *clipping* da Abril para a elaboração de matérias da revista *Veja*, um projeto grandioso da editora.

Com o incentivo da professora Tania Regina de Luca, busquei informações sobre a revista de mais longa data do Peru, desse modo, entrei em contato com a empresa *Caretas*. Prontamente, Diana Zileri me forneceu todos os dados possíveis e disse que eu poderia me aventurar no *clipping* da revista. Gentilmente, Zileri encontrou-se comigo algumas vezes, contou-me a trajetória da revista e presenteou-me com o dossiê *La verdad sobre el espanto*, uma junção das principais notícias do conflito armado entre os anos de 1980 e 2000. Foi essa edição que motivou a curiosidade de trabalhar como a organização do Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso foi representada nas páginas da revista e por intermédio do acervo do *clipping* de *Caretas*.

O acesso ao acervo jornalístico foi um processo longo e desafiador, agravado pelas restrições impostas pelo isolamento social durante a pandemia de COVID-19. A impossibilidade de deslocamento e as limitações no funcionamento de *Caretas* dificultaram a consulta presencial às fontes, o que impactou diretamente o ritmo da pesquisa. Regressei ao Brasil em 2021, ano em que também ingressei no programa de doutorado em História da Universidade Estadual Paulista (Unesp), conciliando, desde então, as exigências acadêmicas com a necessidade de planejar novas estratégias para a obtenção dos materiais essenciais ao estudo.

Diante das diversidades logísticas e financeiras, somente no primeiro semestre de 2023 consegui concluir o levantamento das fontes no Peru, viabilizado pelo apoio financeiro do Edital 44/2022 da Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG). Esse suporte foi fundamental para custear a pesquisa de campo e permitir a consulta detalhada aos arquivos da revista, possibilitando a identificação e a sistematização dos recortes que tratam sobre o PCP-SL.

A análise desse material revelou um dado importante: os recortes disponíveis no acervo são originários da própria revista, evidenciando um esforço interno de documentação e preservação da cobertura realizada ao longo dos anos. No entanto, ao examinar o histórico da coleção, constatei que, em diferentes momentos, existiram no arquivo materiais provenientes de outros meios de comunicação, que poderiam ter enriquecido ainda mais a pesquisa. Contudo, com as mudanças de sede de *Caretas* e as dificuldades inerentes à preservação de arquivos jornalísticos, esses documentos se perderam ao longo do tempo. Esse fato reforça os desafios enfrentados na reconstrução de narrativas históricas baseadas em fontes jornalísticas, especialmente em contextos de instabilidade política e mudanças institucionais.

Ao retornar ao Brasil, fui contemplada com a bolsa CAPES, o que me permitiu dar continuidade à pesquisa de forma estruturada, aprofundando a análise das fontes coletadas e ampliando o referencial teórico. Com esse suporte, pude dedicar-me integralmente ao estudo, participar de eventos acadêmicos e integrar grupos de pesquisa.

Com a pesquisa em andamento e um referencial teórico cada vez mais consolidado, tornou-se essencial aprofundar a compreensão sobre o desenvolvimento da imprensa peruana e seu papel na formação da opinião pública ao longo dos séculos. A trajetória da mídia no país, suas transformações ao longo do tempo e sua relação com o cenário político forneceram elementos fundamentais para contextualizar a produção jornalística da revista *Caretas*. Assim, antes de analisar especificamente a cobertura da publicação sobre o PCP-SL, foi necessário explorar o surgimento e a evolução da imprensa no Peru, entendendo como os periódicos se consolidaram como espaços de debate e construção de discursos sociais e políticos.

A história dos impressos no Peru teve início no século XVI, em 1594 foram introduzidas as primeiras máquinas de impressão, marcando um avanço significativo para a difusão do conhecimento, embora inicialmente restrito às bibliotecas privadas da elite espanhola.¹ Esse marco, no entanto, não resultou em uma imediata circulação de periódicos, ficando somente para 1744 o primeiro jornal independente peruano com notícias locais, intitulado *Gazeta de*

¹ DIRECCIÓN de Propaganda e Informaciones. Exposición de la prensa peruana. *Revista Peruanidad*, vol. 1, nº 12: 167-168, dez. 1941. Acesso em 30 de out. de 2024.

Lima.² As publicações foram se popularizando e no início do século XIX a imprensa peruana desempenhou, predominantemente, um papel político-informativo. Ao final do mesmo século, houve uma diversificação de enfoques e ampliação de público-alvo. No século XX, a imprensa consolidou seu protagonismo, particularmente na cobertura de eventos sociais, ampliando seu impacto cultural e político no país.

Caretas entrou em circulação em outubro de 1950, destacando-se pelo uso de imagens e fotografias dentro das notícias. Sua trajetória foi marcada por décadas de fechamentos forçados, censuras e exílios, até chegar aos anos de 1980, um período de esperança por um governo democrático. Esse momento histórico coincidiu com o início da luta armada pelo PCP-SL. Essa organização apresentou características específicas que o diferenciavam significativamente de outras guerrilhas latino-americanas, visto que o PCP-SL construiu sua identidade ideológica a partir de uma interpretação particular do marxismo-leninismo-maoísmo. Essa vertente teórica, inspirada diretamente na Revolução Chinesa, colocava ênfase na estratégia da guerra popular prolongada, na qual o campesinato pobre das zonas rurais seria a força motriz da revolução. Para o PCP-SL, a revolução deveria nascer no campo, expandir-se de forma cercar progressivamente as cidades e culminar na tomada do poder. O isolamento estratégico e ideológico da organização, combinado com a centralização em torno da figura de seu líder, Abimael Guzmán, e a rejeição a qualquer negociação ou aliança com outros setores da esquerda, consolidou seu caráter singular no contexto das lutas armadas latino-americanas do século XX.³

Embora o objetivo central deste trabalho seja refletir sobre a representação do Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso (PCP-SL) nos recortes da própria revista *Caretas* que foram organizados pela empresa, torna-se indispensável retroceder algumas décadas para compreender a complexidade peruana e, conseqüentemente, a efervescência dos movimentos sociais no período. Essa retomada histórica não tem como propósito reduzir o surgimento do PCP-SL a uma consequência direta e inevitável desse contexto, uma vez que a História é um campo marcado por disputas, escolhas e contingências. Portanto, é fundamental preservar a complexidade dos processos históricos, reconhecendo que o surgimento desse movimento foi uma possibilidade entre outras, e não uma decorrência linear dos fatos.

² SILVEIRA, Mauro César. *Um pecado original: os primórdios do jornalismo na Bacia do Rio da Prata*. Florianópolis: Insular, 2014

³ Para mais informações, ver: DEGREGORI, Carlos Iván. *Jamás tan cerca arremetió los legos: obras escogidas*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2020.

Dentro desse panorama, um dos primeiros aspectos a serem considerados é a emergência de diferentes interpretações sobre a questão indígena no Peru. Diversos intelectuais, atentos às dinâmicas do país, dedicaram-se a analisar como esses fatores interagiam e contribuíam para a formação de condições que, entre outras possibilidades, favoreceram o aparecimento do PCP-SL.

Exemplar foi a atuação de dois intelectuais peruanos: Manuel González Prada e José Carlos Mariátegui. González Prada, foi precursor do pensamento crítico no Peru que questionou abertamente a República oligárquica e denunciou o racismo estrutural contra os povos indígenas.⁴ Sua célebre máxima: “¡Los viejos a la tumba, los jóvenes a la obra!”, sintetizou seu desejo de romper com a velha ordem e promover uma profunda renovação social.⁵ Para ele, o principal problema do Peru residia no desprezo sistemático às populações indígenas.

Alguns anos depois, José Carlos Mariátegui aprofundou essa discussão de forma mais incisiva,⁶ o problema do indígena não era apenas cultural ou social, antes de tudo, como demonstrou em sua célebre frase, “el problema del indio es el problema de la tierra”.⁷ Ou seja, não é possível falar em liberdade, cidadania ou desenvolvimento enquanto os povos indígenas permanecerem sem acesso à terra, submetidos a uma estrutura econômica baseada no latifúndio e na exploração. Mariátegui defendia que a verdadeira transformação do Peru deveria partir de baixo, tendo como protagonistas os próprios trabalhadores do campo e das cidades, especialmente os camponeses indígenas. Seu projeto consistia em inserir o Peru em um modelo de modernidade de caráter revolucionário. Seu horizonte era uma modernização socialista, na

⁴ Manuel González Prada (1844–1918) foi um político, pensador anarquista e crítico literário peruano, além de diretor da Biblioteca Nacional do Peru. Destacou-se pela produção de ensaios de forte teor social, político e anticlerical, entre os quais pode-se citar: GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Páginas libres*. Paris: Garnier Hermanos, 1894; GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Nuestros indios*. Lima: Tipografía de Torres Aguirre, 1904; GONZÁLEZ PRADA, Manuel. *Horas de lucha*. Lima: Imprenta Torres Aguirre, 1908. Além dos ensaios, dedicou-se à poesia e teve parte significativa de sua obra publicada postumamente.

⁵ Após a Guerra do Pacífico (1879–1884), na qual o Peru enfrentou o Chile, o país atravessou uma crise social, econômica e moral. González Prada tornou-se uma voz crítica contra a oligarquia, o clericalismo e o autoritarismo que, segundo ele, haviam levado o país à decadência. Sua proposta era romper com o passado conservador e abrir espaço para uma nova geração comprometida com o progresso, a ciência, a educação laica e a justiça social. A frase foi proferida, primeiramente, no teatro do Politeama de Lima em 29/07/1888. O autor retomou essa máxima no artigo “Los viejos”. GONZÁLEZ PRADA, Manuel. Los viejos. Revista *Cultura: Suplemento Ilustrado*, Lima, Peru, n. 1, 1915.

⁶ José Carlos Mariátegui La Chira foi escritor, historiador, jornalista e sociólogo peruano, considerado um dos principais pensadores marxistas da América Latina. Entre suas obras, destacam-se: MARIÁTEGUI, José Carlos. *La escena contemporánea*. Lima: Imprenta y Editorial Minerva, 1925; MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Lima: Biblioteca Amauta, 1928; MARIÁTEGUI, José Carlos. *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy*. Lima: Editorial Minerva, 1929. Fundou a revista Amauta em 1926, cujo nome em quéchua significa “sábio” ou “mestre”, espaço de difusão cultural, política e intelectual de grande relevância para a esquerda latino-americana.

⁷ MARIÁTEGUI, José Carlos. El problema del indio. In: *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Lima: Biblioteca Amauta, 2007.

qual os povos indígenas ocupassem um lugar central na construção de um novo Peru, livre de marcas da herança colonial.

O espaço universitário não ignorou esse debate e tornou-se um dos principais epicentros de efervescência intelectual e política no Peru. Vinculado aos movimentos classistas e à expansão da esquerda como força política, o ambiente acadêmico foi fundamental na formulação e difusão de uma nova visão da história do país. As universidades funcionavam como centros de ideias, elaboração teórica e circulação de ideologias. Essa produção intelectual também dialogava com os movimentos sociais, reforçando a ideia de que as transformações estruturais do Peru passavam necessariamente pelo reconhecimento e pela centralidade dos povos indígenas na construção de um novo projeto nacional. Além das universidades, esse debate ecoava na imprensa, nos sindicatos e em diversos espaços de mobilização, fortalecendo uma agenda que questionava a ordem vigente e apontava para alternativas de modernização social e econômica.

Mesmo após essas reflexões, a realidade peruana seguia, em muitos aspectos, prisioneira das mesmas estruturas que foram denunciadas. A questão da terra continuava no centro das disputas, e a promessa de integrar os povos indígenas e os camponeses ao projeto nacional continuou adiada. É nesse cenário que, na década de 1960, governos tentaram, sem muito sucesso, responder a essas demandas históricas. A primeira gestão de Fernando Belaúnde Terry (1963-1968) ilustra esse impasse: embora falasse em reforma agrária e desenvolvimento, seus projetos esbarravam nos interesses das elites agrárias, na dependência externa e na incapacidade do Estado em promover mudanças estruturais. Apesar de viver sob um regime democrático formal, o Peru seguia profundamente controlado pelas elites econômicas e pelos interesses do capital estrangeiro. As promessas de mudança acabaram se perdendo em meio a denúncias de ineficiência, corrupção e um crescente desgaste social.

Em 1968, um golpe militar liderado pelo general Juan Velasco Alvarado destituiu Belaúnde e instaurou um governo autoritário que se prolongou com sua gestão até o ano de 1975. Velasco Alvarado não representava a ala mais conservadora dos militares. Pelo contrário, seu governo se autodefiniu como um “Gobierno Revolucionario de la Fuerza Armada” e propôs uma série de reformas estruturais que, na teoria, buscavam enfrentar as profundas desigualdades do país e romper com a dependência econômica em relação às potências estrangeiras. Entre seus vários projetos, estava o de implementar uma reforma agrária, nacionalizar empresas e reduzir as desigualdades. Só que fez isso dentro dos limites de um governo militar, centralizado, a proposta era modernizar o país, mas mantendo a lógica oligárquica. Essas reformas não

incluíram a população, foram feitas de cima para baixo, sem diálogo com os próprios camponeses e trabalhadores. A economia entrou em crise, tanto pelas dificuldades internas como pela reação das elites e das empresas estrangeiras e as Forças Armadas também estavam divididas. O resultado foi uma economia deteriorada e um regime sem apoio.⁸

Houve uma clara resistência dos setores mais conservadores das Forças Armadas e segmentos da elite peruana à plena implementação das reformas estruturais promovidas durante o governo do general Velasco Alvarado. Em 1975, em um contexto marcado por uma grave crise econômica, elevação do endividamento externo e crescente insatisfação popular, Velasco Alvarado foi destituído do poder por outro militar, o general Francisco Morales Bermúdez.⁹ O novo governo inaugurou um processo de desmonte progressivo dessas reformas.

O fracasso parcial ou incompleto dessas reformas, que não conseguiu romper completamente com a estrutura oligárquica e nem atender plenamente as demandas populares, gerou frustração, desilusão e radicalização em vários setores sociais, especialmente entre trabalhadores rurais, camponeses, estudantes e parte da classe média urbana. Muitos desses grupos, que inicialmente apoiaram as reformas esperando justiça social e redistribuição econômica, passaram a se aproximar de movimentos mais radicais, que defendiam uma ruptura total com o modelo capitalista dependente e com o Estado conservador. Isso criou um terreno fértil para o surgimento de movimentos sociais, sindicatos, organizações indígenas e até mesmo para grupos armados, como o PCP-Sendero Luminoso, que afirmavam que a única saída real seria pela via revolucionária e não pelas reformas inacabadas, segundo Rojas:

Aquel general [Juan Velasco Alvarado] legitimó y oficializó la promesa de la revolución peruana que hasta 1968 era sólo una propuesta clandestina sugerida por pequeños grupos de la débil izquierda del país. Desde entonces comenzaron a fortalecerse las organizaciones existentes y a crearse nuevas organizaciones de campesinos, de maestros, de pobladores de pueblos jóvenes, de trabajadores estatales, de domésticas, de mujeres, de estudiantes secundarios, de vendedores ambulantes, de homosexuales etc. La promesa oficial de un *socialismo humanista y libertario* y de una *revolución antimperalista* hizo nacer esperanzas que desbordaron las posibilidades reales que los militares velasquistas tenían de cambiar profundamente el país. [...] La izquierda parlamentaria, otros grupos levantados en armas en los años

⁸ Para mais informações, ver: PARODI TRECE, (org.). *Perú 1960-2000: políticas económicas y sociales en entornos cambiantes*. 1. ed. Lima: Universidad del Pacífico, Centro de Investigación, 2000; PÁSARA, Luis. *Velasco: el fracaso de una revolución autoritaria*. Lima: Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú, 2019; AGUIRRE, Carlos; DRINOT, Paulo (ed.). *La revolución peculiar: repensando el gobierno militar de Velasco*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2022; MEZA-BAZÁN, Mario. La nueva izquierda y la competencia por la revolución en el Perú durante el gobierno de Velasco: 1968-1975. *Izquierdas* (Santiago), Santiago, v. 51, p. 1, 2022. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-50492022000100201&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 02 jun. 2025.

⁹ O general Francisco Morales Bermúdez teve uma trajetória marcada por controvérsias, especialmente por sua participação na Operação Condor, aliança secreta entre ditaduras militares da América do Sul, criada nos anos 1970, com o objetivo de reprimir e eliminar opositores.

70 y 80 trataron de realizar la promesa de la revolución que el veslasquismo legitimó y dejó pendiente.¹⁰

Durante o governo do general Francisco Morales Bermúdez, foi conduzido um processo de transição lenta e controlada rumo ao retorno da democracia, que só se concretizou no início da década de 1980.¹¹ Em resposta às pressões populares e partidárias, foi criada uma Assembleia Constituinte em 1978. A Constituição promulgada em 1979 garantiu eleições livres e periódicas, fortaleceu os direitos civis e políticos, reorganizou o sistema de partidos e assegurou a autonomia dos poderes, estabelecendo as bases institucionais para a retomada democrática no país.¹²

Cumprindo o que foi determinado pela nova Constituição, foram convocadas eleições democráticas em 1980, nas quais diferentes blocos políticos disputaram o poder, representando diversas propostas para o futuro do Peru. Os principais candidatos foram: Fernando Belaúnde Terry, da Acción Popular (AP), Armando Villanueva del Campo, pela Alianza Popular Revolucionaria Americana (APRA) e Luis Bedoya Reyes, do Partido Popular Cristiano (PPC). O resultado das urnas foi favorável para Fernando Belaúnde Terry, o que o colocou de volta à presidência, e marca oficialmente o fim de doze anos de regime militar. No entanto, apesar da abertura política, a nova democracia não trouxe uma solução imediata para os graves problemas econômicos e sociais que o país enfrentava, como inflação alta, desemprego crescente, desigualdade social e crise fiscal, além da frágil presença do Estado em regiões andinas e amazônicas, o que minava a eficácia da democracia representativa.

Como foi brevemente demonstrado, as tentativas de reformas sociais fracassaram em resolver as desigualdades estruturais que atravessavam o país. Esse fracasso não apenas manteve a marginalização histórica dos povos indígenas, como também inflamou o discurso radical de organizações como o PCP-SL, que passaram a defender a luta armada como única saída possível. Diante desse cenário de intensas tensões sociais e políticas, torna-se fundamental analisar como esses conflitos foram representados, mediados e disputados no campo simbólico. Afinal, nenhum conflito se dá apenas no campo das armas. Paralelamente à guerra física,

¹⁰ ROJAS, Rodriquez Montoya. El Peru despues de 15 anos de violencia (1980-1995). *Estudios avanzados*, v.11 n.29 São Paulo jan./abr. 1997. P.29-292.

¹¹ Para mais informações, ver: KRUIJT, Dirk. *La revolución por decreto: Perú durante el gobierno militar*. Perú: Mosca Azul Editores, 1991.

¹² Para mais informações, ver: GARCIA BELAUNDE, Domingo; EGUIGUREN PRAELI, Francisco José. La evolución político-constitucional del Perú 1976-2005. *Estudios Constitucionales*, Santiago, v. 6, n. 2, p. 371-398, 2008. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-52002008000100012&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 01 jun. 2025.

desenvolvem-se batalhas simbólicas, de narrativas e de representações. A imprensa, nesse contexto, ocupa um papel central na construção da memória social sobre o conflito, sendo responsável tanto por informar quanto por produzir sentidos, estigmatizações e enquadramentos sobre os atores envolvidos.

É nesse ponto que se justifica a escolha da revista *Caretas* como objeto de análise. Diferente de outras publicações peruanas, como *Oiga*, que não resistiram ao passar do tempo, *Caretas* manteve-se em circulação até o século XXI, atravessando décadas de transformações no país. Sua longevidade e alcance nacional a tornam uma fonte privilegiada para compreender as disputas que marcaram a história recente do Peru. Nunca é demais ressaltar que os semanários, de forma geral, exercem um papel estratégico na América Latina. Diferente dos jornais diários, cuja ênfase está na cobertura imediata dos fatos, os semanários se dedicam a grandes reportagens, análises aprofundadas e produções que dialogam diretamente com a formação da opinião pública. São espaços de disputa, onde não se veiculam apenas informações, mas também interpretações, enquadramentos e construções de sentido sobre a realidade social.

Analisar como *Caretas* representou o PCP-SL e o contexto de violência entre 1980-1995 implica reconhecer que a imprensa não é neutra. Ao contrário, participa ativamente da construção de narrativas sobre os atores políticos e sociais, reforçando determinados estigmas, moldando percepções e, muitas vezes, reproduzindo os medos, as contradições e os dilemas da sociedade que busca retratar. As tensões que atravessam as páginas da revista são o reflexo direto de um país marcado por sucessivas tentativas, frequentemente fracassadas, de superar suas desigualdades históricas.

Esse cenário de instabilidade política, associado à emergência de uma guerrilha com características inéditas no continente, desafiou não apenas o Estado peruano, mas também os meios de comunicação, que se viram diante da difícil tarefa de documentar e interpretar a violência crescente. *Caretas*, já consolidada como uma publicação de destaque no jornalismo peruano, assumiu esse desafio, utilizando suas tradicionais estratégias visuais e editoriais para construir uma narrativa própria sobre o conflito armado interno. Deste modo, a narrativa visual foi um elemento essencial para a *Caretas*, especialmente na cobertura do conflito entre 1980 e 1995. A escolha criteriosa das imagens jornalísticas desempenhou um papel fundamental na construção dessa narrativa, conferindo à revista um impacto visual e emocional significativo. Fotografias de corpos dilacerados, massacres e cemitérios clandestinos foram amplamente utilizadas, transformando o horror da guerra em um registro tangível para os leitores. A mídia,

ao tornar acessível uma realidade distante, convida o público ao julgamento e à interpretação dos eventos representados. A fotografia, nesse contexto, transcende a simples documentação dos fatos e se torna um poderoso agente de mobilização. Quando uma imagem polêmica chega às bancas, ela não apenas informa, mas também amplia o campo de discussão pública, fomentando debates e reações intensas.

A estaticidade das imagens do conflito, que muitas vezes retratavam feridos, execuções e cenas de violência extrema, provocava acaloradas discussões entre os leitores de *Caretas*. Assim, a revista não apenas registrava o conflito, mas também desempenhava um papel ativo na sua construção simbólica, influenciando a percepção dos acontecimentos e a forma como a sociedade os assimilava. Dessa maneira, o uso de fotografias em *Caretas* exigiu uma análise aprofundada das imagens capturadas em contextos de violência e que se tornaram notícias. A interpretação visual dessas representações se tornou crucial para compreender os discursos e narrativas que emergiam da revista. Mais do que ilustrar a violência, as reportagens de *Caretas* atuavam como um instrumento de mediação entre os acontecimentos e a opinião pública, consolidando-se como um elemento essencial na construção da memória do conflito.¹³

Este trabalho é composto por quatro capítulos que analisam a forma como o Partido Comunista Peruano-Sendero Luminoso (PCP-SL) foi representado na revista *Caretas* no período de 1980 a 1995. A investigação busca identificar e discutir tanto as continuidades quanto as transformações no discurso empregado pela publicação ao abordar o grupo, levando em consideração o contexto político e social do período. A análise se baseia na linguagem, nos enquadramentos narrativos e nas estratégias discursivas utilizadas pela revista, evidenciando como essas representações evoluíram ao longo do tempo.

O primeiro capítulo, “A trajetória da revista *Caretas* e seu *clipping*”, apresenta o momento de criação de *Caretas* e como foi construída sua linha editorial desde 1950. Destacou-se os períodos de censuras e repressões na imprensa, sem perder de vista as influências do contexto político dentro de suas páginas. Como parte da metodologia, foi realizado um

¹³ Menciona-se os principais textos usados neste trabalho para refletir acerca do papel da fotografia na imprensa em contextos de violência: ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.; BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990; FORIN JUNIOR, Renato; BONI, Paulo Cesar. O uso de crianças em imagens sensacionalistas. *Discursos Fotográficos*, v. 1, n. 1, p. 57–88, 2005; KOSSOY, Boris. Fotografia e História: as tramas da representação fotográfica. *Projeto História*, São Paulo, v. 70, p. 9-35, Jan.-Abr., 2021; MARTINS, Nelson. Luz e práticas fotográficas. In: *Fotografia: da analógica à digital*. Rio de Janeiro: Senac, 2010, p. 204-237; ROUILLÉ, André. *A Fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009, p. 29-60; SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996; SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2001; SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

levantamento quantitativo e qualitativo do material arquivado sob a rubrica “Terrorismo”, que reúne recortes da própria revista coletados entre 1980 e 1995. Esse acervo permite uma análise detalhada da cobertura jornalística sobre o tema, identificando padrões discursivos e possíveis mudanças ao longo do tempo. Por fim, para compreender o funcionamento interno da publicação durante o período estudado, foram conduzidas três entrevistas com profissionais que desempenharam papéis-chave na cobertura dos eventos. O fotojornalista Oscar Medrano compartilhou sua experiência na documentação visual dos acontecimentos, enquanto o jornalista Gustavo Gorriti ofereceu detalhes sobre a abordagem investigativa da revista. Já o ex-editor Marco Zileri discutiu os desafios enfrentados pelo semanário no tratamento de temas sensíveis, como a violência; além de trazer informações das decisões editoriais do seu pai, Enrique Zileri. Essas entrevistas contribuíram significativamente para a contextualização da produção jornalística de *Caretas*, fornecendo uma visão aprofundada de sua trajetória e de sua atuação no cenário midiático peruano.

O segundo capítulo “O Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso e seus integrantes no *clipping* de *Caretas*” foi dedicado a traçar um panorama introdutório sobre PCP-SL, com base na historiografia, especialmente a peruana, que aborda o tema. Nesse contexto, foram discutidas as origens do grupo, sua ideologia, os principais marcos de sua atuação e os impactos de sua insurgência no cenário político e social do Peru. Na sequência, o capítulo explora a maneira como a figura de Abimael Guzmán, líder do PCP-SL, foi representada ao longo dos anos nas páginas da revista *Caretas*. Foram identificadas as estratégias discursivas utilizadas para construir sua imagem, que mantinha a dualidade de ser retratado como um estrategista perigoso e fanático, ou como um personagem enigmático, cujas motivações e identidade eram alvos constantes de investigações. A revista dedicou uma cobertura extensa e contínua a Guzmán, conduzindo apurações e reunindo informações para tentar compreender melhor sua trajetória, suas influências ideológicas e sua rede de atuação. A partir da análise do material publicado, percebe-se um esforço jornalístico em desvendar tanto a figura pública quanto a pessoal do líder, o que reforça a importância da imprensa na construção de narrativas sobre o conflito interno peruano. Por fim, o capítulo se dedica a examinar a representação das mulheres integrantes do PCP-SL na revista, evidenciando um tratamento desigual em relação aos homens.

Diferente de Guzmán e de outros líderes masculinos, as mulheres foram frequentemente retratadas a partir de estereótipos baseados em características físicas, origem de nascimento e formação acadêmica. Em algumas situações, elas foram descritas como figuras ingênuas e

facilmente manipuláveis, enquanto, em outros momentos, surgiram como personagens cruéis e implacáveis, reforçando arquétipos contraditórios. Essa construção midiática revela aspectos importantes sobre a forma como gênero e militância se entrelaçam no discurso jornalístico, demonstrando que a representação feminina dentro do PCP-SL esteve sujeita a uma série de reduções e simplificações que impactaram a percepção pública sobre o papel das mulheres na organização.

Já o terceiro capítulo, intitulado “As vítimas no clipping de *Caretas*”, analisa uma seleção de recortes que evidenciam a dimensão trágica do conflito e suas consequências para a população civil. O capítulo também dá atenção especial aos jornalistas que perderam a vida no exercício da profissão, enfatizando os riscos enfrentados pela imprensa ao cobrir os eventos relacionados ao Sendero Luminoso. O trabalho jornalístico, além de essencial para informar a sociedade, tornava-se uma atividade de alto risco em meio ao clima de tensão e repressão, evidenciado por perseguições, assassinatos e ameaças contra repórteres e fotógrafos. Esses recortes revelam não apenas a coragem dos profissionais que buscavam relatar os acontecimentos, mas também as tentativas de silenciamento e controle da informação durante o período. Por meio dos registros do *clipping*, observa-se como a violência afetou o cotidiano de diversas camadas da sociedade peruana, desde as perdas humanas até os impactos indiretos do conflito, como deslocamentos forçados e o medo constante que alterava a dinâmica das cidades e comunidades rurais. Um dos aspectos destacados é como a guerra interna influenciava até mesmo ações rotineiras, como o simples ato de crianças irem à escola, comprometendo a educação e o desenvolvimento de uma geração. Além das tragédias individuais, o capítulo explora a violência que atingiu comunidades inteiras, tanto em áreas rurais quanto urbanas. São analisados os ataques a povoados, as execuções sumárias e os atentados a bomba que marcaram o período, com especial atenção às explosões ocorridas em Lima. Essas ações demonstram como a capital, tradicionalmente distante do epicentro inicial do conflito, passou a ser diretamente impactada.

O último capítulo, intitulado “A violência estatal no *clipping* de *Caretas*”, analisa como a atuação do Estado peruano no combate ao Sendero Luminoso foi retratada nas páginas da revista ao longo dos anos. A partir da análise dos recortes, percebe-se que a cobertura do semanário variou conforme os diferentes governos, refletindo tanto momentos de maior justificativa das ações estatais quanto períodos de postura mais crítica. Durante os governos de Fernando Belaúnde Terry (1980-1985) e Alan García (1985-1990), observa-se uma tendência à legitimação das estratégias de repressão, ainda que houvesse relatos pontuais sobre excessos

cometidos pelas forças de segurança. Em contraste, no primeiro governo de Alberto Fujimori (1990-1995), a abordagem da revista tornou-se mais crítica, principalmente devido ao aumento das denúncias de violações de direitos humanos cometidas pelo Estado sob o pretexto de combater o terrorismo. A revista *Caretas* destacou, em diversas reportagens, casos de abusos cometidos pelas forças de segurança, incluindo torturas, desaparecimentos forçados e a descoberta de cemitérios clandestinos onde opositores do regime eram enterrados sem qualquer registro oficial. Esses casos evidenciam como o aparato repressivo estatal muitas vezes operava à margem da legalidade, implementando medidas que, em nome da segurança nacional, resultavam em graves violações dos direitos fundamentais da população. A exposição desses abusos nas páginas da revista contribuiu para a construção de um debate público sobre os limites da repressão e a necessidade de responsabilização dos agentes envolvidos nessas práticas. Além de denunciar essas violações, a revista também utilizou sua cobertura para reivindicar uma abordagem mais eficiente no combate à organização. A partir do final da década de 1980, *Caretas* passou a defender o fortalecimento dos serviços de inteligência como alternativa à repressão indiscriminada, argumentando que ações estratégicas e bem planejadas poderiam ser mais eficazes na neutralização do grupo insurgente do que a violência descontrolada por parte do Estado. Esse posicionamento revela a preocupação do semanário não apenas com as vítimas do conflito, mas também com a necessidade de uma resposta estatal mais estruturada e menos pautada por violações sistemáticas. Por fim, o capítulo examina o papel da seção *Cartas* dentro das pastas analisadas, destacando como ela se tornou um espaço fundamental para a denúncia de prisões arbitrárias após a captura de Abimael Guzmán, em 1992. A publicação dessas cartas não apenas tornava públicos casos de violações de direitos humanos, mas também refletia o impacto da repressão estatal sobre a sociedade civil. Assim, o capítulo evidencia como a revista *Caretas* se posicionou diante dessas questões, oferecendo um espaço de visibilidade para diferentes vozes afetadas pelo conflito.

A estruturação deste trabalho em quatro capítulos visou compreender, de forma articulada, como a revista *Caretas* representou o PCP-SL durante o conflito armado interno, entre 1980 e 1995, a partir de seu próprio acervo de recortes e da escuta atenta de jornalistas que participaram da cobertura do conflito, para assim, compreender não apenas como o PCP-SL foi representado ao longo do tempo, mas também como a própria revista atuou como agente ativo na construção das narrativas.

Caretas, como semanário influente e longo, assumiu um protagonismo fundamental na cobertura da violência política no Peru, por ora, reforçando discursos dominantes, em outros

momentos, tensionando as ações do Estado e dando voz a setores marginalizados. Com isso, este trabalho se insere no esforço de compreender o conflito armado na imprensa, sem perder de vista os embates simbólicos que os constituem. A imprensa, nesse sentido, revela-se como espaço estratégico de disputa de narrativas, de produção de visibilidade e de construção da história.

Capítulo 1.

A trajetória da revista *Caretas* e seu *clipping*

Este capítulo apresenta o panorama em que *Caretas* surgiu, um contexto de transformações políticas, econômicas, sociais e culturais, marcado, sobretudo, por governos antidemocráticos. Não faltaram fechamentos, repressões, exílios e quebra de laços amorosos e familiares na trajetória da revista, que foi aos poucos aumentando sua importância no mercado peruano. A imprensa teve um papel fundamental para o Peru ao longo do século XX, neste período, experimentou-se inovações na edição e publicação de periódicos, mudanças técnicas na imprensa e o *fazer* jornalístico, sempre sob ameaça, enfrentava uma série de desafios, principalmente em relação às censuras.

Diante da natureza de *Caretas*, um acervo jornalístico foi construído para servir de suporte para suas edições. O tema da violência impôs-se como incontornável, entre as diversas temáticas e inúmeros conteúdos que constam em suas estantes, escolheu-se as intituladas como *Terrorismo* para mostrar a organização dos conteúdos e realizar uma análise detalhada de seus recortes. As pastas escolhidas têm a particularidade de serem notícias publicadas exclusivamente por *Caretas*, trata-se de uma coletânea interna que segue em uso.

Para compreender o cotidiano da revista, foram selecionados três colaboradores do semanário que contribuíram para as publicações entre 1980 e 1995 para serem entrevistados: Oscar Medrano, Gustavo Goritti e Marco Zileri. Seus relatos ofereceram uma visão privilegiada sobre o funcionamento interno da redação, os critérios editoriais adotados pela revista e os desafios enfrentados durante um período marcado por instabilidade política e conflitos sociais. As entrevistas também permitiram identificar como o contexto histórico influenciou as pautas e as estratégias narrativas.

1. 1 A trajetória de *Caretas* na imprensa peruana

Em primeiro de outubro de 1950, Lima amanheceu com uma nova revista no modelo de informação, *Caretas: Ilustración Peruana*. O novo impresso tinha a proposta de divulgar os acontecimentos do Peru e do mundo com o uso do fotojornalismo, caracterizado pela redução dos textos e inclusão de imagens. Sem perder de vista o tema político, *Caretas* pretendia abordar assuntos como crimes passionais, variedades, economia, relações internacionais e eventos desportivos.

O lançamento do primeiro número foi divulgado pelo principal jornal do período, *El Comercio*.¹⁴ O nome original seria uma homenagem a revista argentina *Caras y Caretas*,¹⁵ conhecida pelo uso da sátira política. O abandono da palavra *caras* foi devido ao fato de que *caretas* (máscaras na tradução literal) provocava a reflexão acerca da ditadura que assolava o país. É bem verdade que diversas revistas na América Latina receberam nomes semelhantes,¹⁶ deste modo, escolha recai num lugar conhecido, não tanto pela inovação, mas pela semelhança com outras publicações do gênero.

Francisco Igartua Rovira (1923-2004) e Doris Gibson Parra del Riego (1910-2008)¹⁷ foram os idealizadores do projeto. Gibson,¹⁸ antes de ser cofundadora de *Caretas*, trabalhou nas revistas *Turismo*, *Gala* e no diário *La Prensa*. Figura emblemática, sua vida foi repleta de polêmicas,¹⁹ comandou uma revista quando as mulheres não tinham nem poder de voto no Peru.²⁰ Do mesmo modo, não foi a estreia de Igartua no mercado de impressos, sua primeira

¹⁴ “*El Comercio* comenzó a circular en Lima en 4 de mayo de 1839. En un principio este diario anunció su intención de concentrarse en una información de tipo comercial, pero con el correr de los años se convierte en el diario más importante del país y el más influente. El diario limeño ha experimentado tres etapas tomando en cuenta quienes han controlado su edición. La primera etapa, 1839-1875, fue conducida por el publicista chileno Manuel Amunátegui; la segunda etapa, 1875-1898, fue la dirigida por el periodista Luis Carranza quien junto con José Antonio Miró Quesada adquieren el diario a Amunátegui; la tercera etapa, 1898-1995, se inicia cuando la dirección asumida por José Antonio Miró Quesada, familia ésta que mantiene has hoy la propiedad de dicho diario.” PERALTA, Víctor. *Prensa, opinión pública y terrorismo en Perú (1980-1994)*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1996.

¹⁵ *Caras y Caretas* foi um semanário argentino de interesse geral, editado entre 1898 e 1941, em Buenos Aires, existiram duas versões argentinas posteriores com o mesmo nome, em 1982 e 2005. A revista criada no século XIX está disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional da Espanha, em: <http://hemerotecadigital.bne.es/details.vm?q=id:0004080157&lang=en>.

¹⁶ Podemos citar a revista homônima publicada no Uruguai entre 1890 e 1897; e a versão brasileira, denominada *Careta*, editada no Rio de Janeiro e que circulou entre 1908 e 1960, está disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional do Brasil, em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

¹⁷ Doris Gibson Parra del Riego (1910-2008) foi casada por sete anos com o argentino Manlio Aurelio Zileri, com quem teve seu único filho, Enrique Zileri Gibson. Recebeu diversas homenagens em vida. DORIS Gibson: una pasión por el Perú. Lima: PUCP. Centro Cultural: BIF, 2006; BELLIDO, Pedro Cateriano. *25 peruanos del siglo XX*. Lima: UPC, 2021.

¹⁸ É digno de nota que Doris Gibson era filha do poeta Percy Gibson, personalidade de destaque nas décadas de 1910 e 1920, principalmente em Arequipa. Fez parte da fundação da revista modernista *Colónida*, juntamente com José Carlos Mariátegui, Abraham Valdelomar e José Maria Eguren, entre outros. PERICÁS, Luiz Bernardo. Mariátegui e a questão da educação no Peru. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 68, p. 169-204, 2006.

¹⁹ Doris Gibson teve um relacionamento amoroso com o pintor Sérvulo Gutiérrez, entre 1946 e 1949, e serviu de inspiração para diversos quadros. Depois de uma briga, Gutiérrez vendeu um retrato de Gibson nua em tamanho real, então, “Doris Gibson viajó Trujillo expresamente para recuperar el desnudo que Sérvulo le había pintado y que estaba en propiedad de otro dueño. Tras muchas peripecias, logra llevarse el cuadro subrepticamente. Al increparla el afectado por su proceder, ella le contestó: ‘Si, es una obra de arte y te pertenece. Pero esta obra de arte soy yo. Y yo no quiero estar en tu casa.’” UBILLUZ, Carlos Yarlequé. *La producción final de Sérvulo Gutiérrez*: Santa Rosa de Lima y El Señor de Luren, iconos religiosos criollos. Dissertação (Mestrado em História da Arte e Curadoria) – Pontificia Universidad Católica Del Perú, Lima, 2018. p. 36.

²⁰ Somente a partir da lei nº12391, em 07/09/1955, que as mulheres alfabetizadas e maiores de idade tiveram direito a voto. Ver: <https://docs.peru.justia.com/federales/leyes/12391-sep-7-1955.pdf>

tentativa foi com a revista *Oiga*, em 1948, que somente circulou três números porque foi fechada pelo governo militar e seu dono, levado à prisão por mais de um mês.

O empreendimento foi financiado pelo tio de Gibson, Manuel Parra del Riego, que emprestou ao casal dez mil soles para pagar a impressão na empresa El Cóndor e uma máquina de escrever.²¹ A primeira edição custou três soles e tinha 44 páginas. O desenho gráfico de *Caretas* ficou a cargo de Igartua, enquanto a gerência e publicidade ficaram sob a responsabilidade de Gibson. A circulação de *Caretas* nos primeiros anos de 1950 foi mensal, imprimia 2 mil exemplares, em formato tabloide modificado e editado em papel cuchê (32 x 23,5 centímetros).

Em questão de tecnologias de impressão, nessa década chegou o *offset* no país,²² o que representou um grande passo na indústria gráfica, visto que “las nuevas máquinas eran más veloces, tenían una mejor calidad de impresión”.²³ Desse modo, as inovações em termos de diagramação, redação dos textos e inserção de fotografias colaboravam para que as páginas dos jornais e revistas se tornassem mais atraentes do ponto de vista estético e ganhassem em legibilidade. Com pouco texto e muitas imagens, *Caretas* era a fórmula perfeita para agradar ao público ainda pouco habituado à leitura. Ao mesmo tempo que as novas tecnologias faziam parte do cotidiano dos impressos, ser jornalista nos anos de 1950 era sinônimo de boemia, baixos salários e amor ao ofício.

Ao longo da segunda metade do século XX, uma diversidade de impressos coexistiu e refletiu as tensões políticas, sociais e culturais do país. Entre os jornais de maior tradição, destaca-se *El Comercio*, fundado em 1839, manteve uma linha editorial conservadora, alinhada aos interesses das elites econômicas e políticas, sendo uma das principais referências informativas no âmbito nacional.²⁴ Fundado em 1961, o *Diario Expreso* adotou uma postura conservadora, muitas vezes alinhada às estruturas tradicionais de poder, tendo, inclusive, apoiado o regime fujimorista.²⁵ Em 1981 o jornal *La República* surgiu como uma alternativa, de perfil progressista, foi crítico aos regimes autoritários e desempenhou um papel relevante na oposição ao governo de Alberto Fujimori na década de 1990.²⁶ No campo dos jornais

²¹ BELLIDO, Pedro Cateriano. *25 peruanos del siglo XX*. Lima: UPC, 2021.

²² MICHILOT, María Mendoza. *100 años de periodismo en el Perú (1900-1948)*. Lima: Fondo Editorial Universidad de Lima, 2016.

²³ GUEVARA, Luis; GECHLIN, Adrián. *Historia de la gráfica en el Perú*. Lima: Kartel, Perú Gráfico, 2001. p. 118.

²⁴ Disponível em: <https://elcomercio.pe/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

²⁵ Disponível em: <https://www.expreso.com.pe/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

²⁶ Disponível em: <https://larepublica.pe/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

direcionados a populares que priorizavam temas como crimes, entretenimento e esportes, destacou-se o jornal *Diario Correo*, de 1962, e *Ojo*, criado em 1968.²⁷

Um caso particular que merece destaque é o do *El Diario de Marka*,²⁸ jornal de orientação de esquerda que circulou entre 1980 e 1985.²⁹ O interessante é que em 1987 passou a circular outro periódico, intitulado *El Diario*, que expressava apoio explícito ao PCP-SL e defendia abertamente a luta armada. Além da semelhança no nome, esse novo jornal apropriou-se dos logotipos e elementos gráficos característicos do *El Diario de Marka*, o que gerou confusão e controvérsia à época.

No campo das revistas peruanas, além da *Caretas*, outras publicações ganharam destaque nacional. Um exemplo notável é a *Oiga*, cuja trajetória intermitente se estendeu de 1948 a 1995. Concorrente direta de *Caretas*, *Oiga* destacou-se por sua postura crítica e de oposição constante aos regimes autoritários, sendo frequentemente alvo de censura e perseguição.³⁰ No universo das publicações culturais e de variedades, merece destaque a revista *Gente*, que desde 1958 aborda temas ligados ao entretenimento, à sociedade e à cultura.³¹ Já a revista *Somos*, lançada em 1986 como suplemento do jornal *El Comercio*, também se inseriu nesse panorama editorial, tratando de assuntos como cultura, história, gastronomia e turismo.³²

Enquanto essa dinâmica era apresentada na imprensa peruana, os cenários político e social também estavam em transformação, por isso, é necessário perpassar brevemente o contexto anterior a *Caretas*. O governo de Manuel Arturo Odría (1948-1956) foi uma ditadura militar com um pequeno momento de transição entre duas etapas. Odría ingressou no poder por meio de um golpe de Estado que depôs José Luis Bustamante y Rivero, antes desse fato, havia sido ministro do governo Bustamante durante um ano e meio. A transição para a democracia

²⁷ Atualmente, *Diario Correo* e *Ojo* pertencem ao Grupo El Comercio. Disponível em: <https://diariocorreop.e/https://ojo.pe/> Acesso em: 25 jun. 2025.

²⁸ O nome oficial do jornal era *Marka el diario*, conforme indicado de forma clara em seu logotipo. Contudo, tornou-se comum a utilização das expressões *El Diario de Marka* ou *El Diario Marka*, com o objetivo de enfatizar sua continuidade em relação ao semanário *Marka* (revista política peruana, que circulou entre 1975 e 1979), agora adaptado ao formato de jornal diário.

²⁹ Para mais informações, ver: ORTIZ ORTIGAS, Diego Alonso. *Primicias desde la izquierda: El Diario de Marka y la contrarrevolución de Sendero Luminoso. Años 1980-1982*. +MEMORIA(S), n. 4, p. 191-211, 2021-2022.

³⁰ A revista *Oiga* teve apenas três edições em 1948, interrompida após a prisão de seu fundador, Francisco Igartua, durante a ditadura do general Manuel A. Odría. O projeto foi retomado em 1962, após Igartua deixar a direção da revista *Caretas*, e seguiu em circulação até 1974, quando foi novamente interrompido devido ao exílio do jornalista. Com seu retorno ao Peru em 1978, *Oiga* voltou a ser publicada, mantendo-se ativa até 1990, quando não resistiu ao assédio tributário e publicitário promovido pelo governo de Alberto Fujimori.

³¹ A versão impressa da revista não circula desde 2017, mas mantém a versão digital. Disponível em: <https://www.revistagente.com/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

³² Disponível em: <https://elcomercio.pe/somos/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

deveria acontecer durante as eleições de 1950, entretanto, o governo reprimiu e censurou diversas publicações dos meios de comunicação e líderes políticos foram presos. O resultado foi favorável para Odría, visto que era candidato único.

Quando Odría tomou o poder, diversos impressos circulavam em Lima, além de revistas e jornais peruanos de curta duração, houve publicações internacionais dos Estados Unidos, México, Cuba e Argentina, sendo a mais popular a *Rico Tipo*. Os avanços também foram sentidos no meio acadêmico, a exemplo, a Escuela de Periodismo de la Universidad Católica foi fundada em 1945, o que trazia mais novidades nas estruturas dos textos e técnicas. Os meios de comunicação foram diretamente afetados pela ditadura, pois durante o governo odrista os “[...] líderes de opinión y periodistas fueron confinados en El Frontón por el único delito de ejercer su derecho a dissentir.”³³

Esse clima de intranquilidade marcou o surgimento de *Caretas* e impactou seus primeiros anos de circulação. Em 22 de novembro de 1952 a revista teve o seu primeiro contato com a repressão, Igartua foi deportado para o Panamá,³⁴ e a revista ficou sob os cuidados de Gibson. Semanas depois, Doris Gibson e Federico More organizaram seu retorno, não foi conforme o planejado, porque havia policiais a sua espera no aeroporto. Os três jornalistas conseguiram burlar as forças da ordem e Igartua ficou refugiado nas dependências do *El Comercio* até o término das negociações do dono do jornal, Luis Miró Quesada, com o governo para que Igartua pudesse seguir com sua vida normalmente. Em dezembro desse mesmo ano, a circulação da revista alterou-se para quinzenal. Enrique Zileri, filho de Doris Gibson, retornou da Europa e passou a colaborar na revista como criador de conteúdo.

Durante a transição para a democracia, entre 1955 e 1956, *Caretas* cumpriu um importante papel como oposição à ditadura, destaca-se que deu voz a José Luis Bustamante, publicando em suas páginas um ensaio denominado *Mensaje al Perú*.³⁵ Os impressos ocuparam nessas eleições um lugar privilegiado, visto que a televisão ainda não havia chegado às casas dos peruanos. A democracia foi inaugurada com a presidência de Manuel Prado Ugarteche, que governou até um novo golpe ditatorial, em 1962.

³³ MICHILLOT, María Mendoza. *Op. cit.*, 2016.

³⁴ Não há informações acerca dos motivos que influenciaram diretamente na sua deportação, uma nota no jornal *El Comercio* demonstra como a falta de justificativa foi sentida no momento: “No se ha dado información oficial alguna respecto de la grave medida adoptada; pero cualquiera que sea su motivo, tratándose de un periodista y aun suponiendo que se acuse de publicación delictuosa, es de lamentar que, en lugar de aplicarse las leyes existentes sobre Delitos de Imprenta, se empleen procedimientos policiales que vulneran la libertad de prensa” *El Comercio*, 22 de noviembre de 1952. In: MICHILLOT, María Mendoza. *Op. cit.*, 2016, p. 28.

³⁵ BENAVIDES, Livia Letts. *El origen de la transición democrática 1955-1956: el surgimiento de una oposición política al gobierno de Odría y la lucha de esta por elecciones libres y competitivas*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 2016.

Nesse mesmo ano, uma grande mudança aconteceu na organização interna da revista. Igartua decidiu retomar o projeto da revista *Oiga*, que se tornou concorrente de *Caretas*. Este fato coincidiu com o término de seu relacionamento com Gibson, e levou Enrique Zileri a assumir o cargo de direção, Gibon, por sua vez, assumiu como Presidente del Directório.³⁶

Novos problemas com o contexto político foram sentidos em 16 de janeiro de 1966, uma bomba explodiu o carro de Zileri na porta da sua casa. *Caretas* atribuiu o atentado ao fato de que na edição de 1965³⁷ declararam como *Homem do Ano* o fundador do Movimiento de Izquierda Revolucionária, Luis de la Puente Uceda,³⁸ o que era incômodo para um regime autoritário.

Em 1968, outro golpe, desta vez o poder ficou sob a tutela de Juan Velasco. *Caretas* não se intimidou com a situação, mesmo diante da inconstância política, a revista estampou na primeira página a foto do ministro Armando Artola Azcárate com os dizeres “¡Mamita, Artola”,³⁹ a frase fazia referência à exclamação de susto que as crianças peruanas usaram durante a invasão das tropas chilenas na Guerra do Pacífico.⁴⁰ Não bastasse o tom jocoso do título da edição, a foto de Artola com a boca entreaberta e olhar disperso complementava a provocação. A resposta veio com a invasão da Policía de Investigaciones del Perú (PIP) à sede da revista, o agente não conseguiu destruir a porta e tentou ingressar pela brecha central, a cena cômica ficou registrada em fotografia. O resultado não poderia ter sido outro, os números foram apreendidos, a revista foi fechada pelo Ministro del Interior e Zileri ficou preso durante três dias. Evidentemente, a revista não perdeu a oportunidade de uma nova polêmica, a imagem do agente do PIP preso à porta foi a capa da edição seguinte.⁴¹

É interessante como a ousadia da revista conseguiu prosperar em plena ditadura militar e manteve considerável sucesso editorial, sobrevivendo às repressões, censuras e exílios. *Caretas* não se desviava dos temas controversos, talvez isso a colocasse em evidência nas bancas de jornais. A revista não se curvou às limitações que vieram com os novos tempos, o que acabou por aumentar o seu brilho.

³⁶ Este cargo combinava a voz de guia e orientação geral com a função comercial e de publicidade.

³⁷ *CARETAS* escoge 1965: el hombre del año en el Perú. In: TURBULENTO año 1965. *Caretas*, Lima, n.324, 20 dez. 1965, p. 12.

³⁸ Dados da edição: ÚLTIMAS encuestas. Con luz verde para ganar, especial 30 años de *Caretas*. *Caretas*, Lima, n. 624, 19 nov. 1980.

³⁹ ¡MAMITA, Artola!”. *Caretas*, Lima, n. 383, 26 out. 1968.

⁴⁰ VARILLAS PAZ, Jenny Clarisa. *Comportamiento de la prensa durante los gobiernos no democráticos del general Juan Velasco y Alberto Fujimori*: Análisis de los editoriales de la revista *Oiga* y del diario *Expreso*. Monografía (Licenciatura em Comunicação e Periodismo) – Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas, Lima, 2004.

⁴¹ ¡PARDIEZ la policía! *Caretas*, Lima, n. 384, 25 nov. 1968.

Figura 1. Capas da revista *Caretas* de 1968.



Fonte: ¡MAMITA, Artola!. *Caretas*, Lima, n. 383, 26 out. 1968. / PARDIEZ la policía! *Caretas*, Lima, n. 384, 25 nov. 1968.

Em 1969, os militares decretaram o *Estatuto de Libertad de Prensa*, dessa vez, além de ser proibida de ir para as bancas por dois meses, Enrique Zileri foi deportado para Portugal em maio de 1970. Cabe ressaltar que a perseguição a jornalistas fazia parte do cotidiano desse governo e que *Caretas* não foi um caso isolado. As censuras se tornaram rotina em todos os meios de comunicação, o controle da informação foi uma estratégia, visto que

Velasco reconoció a los medios de comunicación como un importante instrumento político. De esta manera, empezó a aumentar su participación e injerencia en estos. En primer lugar, comenzó a promulgar legislaciones que limitaban la participación y expresión de la prensa peruana. En efecto, en 1969, Velasco promulgó el Estatuto de Libertad de Prensa, la cual limitaba su libertad de expresión y significó, además, el quiebre de relaciones entre el régimen y los medios de comunicación. En 1974, este control se volvió absoluto al expropiar a los diarios más importantes e influyentes que circulaban en el país.⁴²

As medidas do governo de Velasco foram severas, prolongaram-se por longos seis anos, o que afetou diretamente o desenvolvimento da imprensa livre em todos os setores, foram expropriados jornais, estações de rádio e canais televisivos de alcance nacional. Os primeiros

⁴² FLORIAN, Nadja. El cuarto poder: libertad en la época de Velasco. *Reflexiones de estudiantes – Historia Económica*, Lima, v. 1, n. 1, p. 10-12, 2020.

meios expropriados foram *Expreso*, *Extra* y *Radio Noticias*. Os confiscos colocaram os meios de comunicação numa situação direta de dependência ao governo.

Em 1975 *Caretas* enfrentou novamente a censura, a revista atribuiu o fechamento à matéria que denunciava as condições paupérrimas do hospital 2 de Mayo,⁴³ mas cabe ressaltar que, nessa mesma edição, havia um texto que denunciava os problemas que *Caretas* enfrentava diante da repressão do governo. Foram 22 meses sem circular e Zileri foi preso e deportado. Em 19 de maio de 1978 foram obrigados a fechar as portas mais uma vez, e retornaram 22 de junho do mesmo ano. Nesse intervalo, Doris Gibson lançou a revista *Espejo*, com os jornalistas Lotta Burenius, Daniel Camino, Carlos Aramburu e Fernando Ampuero, para ser a fonte de renda do quadro de funcionários. *Espejo* se dedicava a temas de moda e cuidados do lar, e só circulou até a reabertura de *Caretas*.

O último fechamento forçado da revista aconteceu em janeiro de 1979, como já era rotina, o governo impediu a imprensa livre. Essa situação levou o codiretor de *Caretas*, junto com os de *Equis X* e *Marka*”, a iniciarem uma greve de fome na Catedral de Lima; depois de algumas horas, foram presos, levados ao hospital e liberados. Em 3 de abril, 19 jornalistas reiniciam os protestos na *Federación de Periodistas*, receberam vistas de apoio de diversos políticos, entre eles, o presidente de mandato interrompido pela ditadura, Fernando Belaúnde Terry e sua esposa. A reabertura só aconteceu após 112 dias, em formato de semanário, com alteração no tamanho da revista (21x28) e um novo logo da sua marca.

A insistência da censura e controle dos meios de comunicação entre 1960 e 1970 causou fragilidade no desenvolvimento da imprensa e foi sentida nos mais variados setores sociais, pode-se concluir que:

Desde el punto de vista de los propietarios de los medios de comunicación, el período comprendido entre fines de los sesenta y fines de los setenta fue una década perdida para la industria periodística, porque sin el respaldo de los grupos que lo sostenían, no se desarrolló y más bien sufrió un retroceso en materia de innovaciones tecnológicas.⁴⁴

Os anos de 1980 representaram uma nova etapa para o mercado de impressos, a tão almejada democracia regressou, diversos tabloides sérios surgiram e o mercado tornou-se altamente profissional e competitivo. O término de um longo período de censura aos meios de comunicação e o reestabelecimento da democracia foi marcado com a eleição de Fernando

⁴³ HAYA a los 80: entre la guerra y la paz. *Caretas*, Lima, n. 510, 6 jun. 1975.

⁴⁴ MICHILOT, María Mendoza. *Op. cit.*, 2016, p. 163.

Belaúnde Terry.⁴⁵ Ao mesmo tempo, crescia a profissionalização dos envolvidos na fatura dos periódicos, ainda que a formação continuasse a ocorrer a partir da prática cotidiana no interior das redações. Desta forma, a década de 1980 pode ser entendida como o marco da efetivação de um mercado de impressos altamente competitivo com diversos periódicos que emergiram em Lima e tentaram se consolidar no mercado.

O reestabelecimento da democracia permitiu que *Caretas* tivesse uma trajetória menos sinuosa e sem censuras explícitas. Nos anos seguintes, a revista manteve o padrão de papel, tamanho e número de páginas (entre 80 e 120), somente o preço sofreu grande variação por causa do impacto da situação econômica nacional. Apesar das relações com o governo apresentarem melhoras, as décadas de 1980 e 1990 foram marcadas pela hiperinflação e por conflitos, principalmente com o governo de Alberto Fujimori. A profissionalização de *Caretas* trouxe mais dados comprobatórios em suas páginas, não faltando porcentagens, mapas, gráficos, cronologias. Também foi comum especialistas em áreas específicas para compor as matérias e legitimar suas informações. A nova fórmula atraiu os leitores, o que permitiu que ela se consolidasse dentro da imprensa peruana.

A revista foi marcada por um estilo de frases curtas, humor como forma de satirizar os acontecimentos. *Caretas* foi uma revista que atraiu a um grupo nichado de profissionais, como políticos, advogados e professores, que esperavam ansiosamente a leitura de cada número novo. Teve um bom nível de aceitação e reputação por trazer em suas reportagens matérias complexas e com imagens que outorgavam quase que o testemunho do evento para um leitor que imergia no seu discurso. Cabe ressaltar que não há dados específicos acerca da tiragem, mas é de conhecimento público que seus números atingiram relevância, principalmente nas décadas de 1980 e 1990. Esse reconhecimento pode ser atribuído à repercussão positiva junto ao público-alvo. As imagens, quase sempre, em preto e branco traziam uma abordagem temática que buscava se diferenciar no mercado de impressos de Lima. Ainda que os números de tiragens exatos sejam desconhecidos, o impacto cultural e social de *Caretas* evidencia sua significativa circulação.

É impossível separar a trajetória da revista com o contexto político de cada fase, durante a recém-instaurada democracia dos anos de 1980, *Caretas* teve que desenvolver a habilidade de equilibrar uma postura crítica diante das ações governamentais e, ao mesmo tempo, reafirmar

⁴⁵ Durante a ditadura militar os meios de comunicação foram expropriados em 1974. No dia que assumiu o cargo de presidência, em 28/07/1980, Fernando Belaunde Terry anunciou a devolução aos seus respectivos donos, ação que foi concluída definitivamente pelo Decreto de Lei n. 23226, em 11/11/1980. A devolução aos seus respectivos donos aconteceu com o Decreto de Lei n. 23226, ver: <https://www.leyes.congreso.gob.pe/Documentos/Leyes/23226.pdf>

seu compromisso com os ideais democráticos. Essa abordagem não foi linear, dependeu das informações que eram públicas no momento, por isso poucos questionamentos acerca dos governos de Fernando Belaúnde(1980-1985) e Alan García (1985-1990). Sem dúvidas, a relação mais conflituosa ocorreu durante as eleições de 1990, quando *Caretas* abertamente contra Alberto Fujimori (1990-2000) e apoiou a oposição liderada por Mario Vargas Llosa. A vitória de Fujimori nas urnas representou uma virada significativa no cenário político, agravada pelo autogolpe de 1992, que trouxe novos desafios para o semanário, como a escassez de anúncios e a ausência de publicidade.⁴⁶ Mesmo diante da pressão do governo, sob a liderança de Zileri, *Caretas* assumiu o papel de resistência, denunciou amplamente os abusos de poder, casos de corrupção e violações de direitos humanos cometidos. Em resposta, o semanário enfrentou perseguição judicial e restrições econômicas. Mais uma vez, *Caretas* sobreviveu a pressão política e adentrou ao século XXI abalada pelos novos hábitos de consumo,⁴⁷ mas ainda assim, com todo o prestígio de uma revista que atravessava décadas de existência.

1.2 Os recortes de *Caretas* sobre o tema terrorismo (1980-1995)

Apesar dessa trajetória sinuosa, *Caretas* conservou um grande acervo de tudo o que publicou desde a sua origem. Isso permitiu, mesmo sem a existências de consultas em sítios de busca, um compilado de informações que poderiam ter se perdido entre as suas mais variadas notícias. As pastas com o título de *Terrorismo*⁴⁸ contêm fragmentos das próprias edições de

⁴⁶ Durante a administração de Alberto de Fujimori inúmeros casos de corrupção foram apresentados, inclusive com o apoio da Superintendencia Nacional de Administración Tributaria (SUNAT), este setor foi responsável por manipular, chantagear e perseguir mediante a carga tributária. Ao mesmo tempo, exercia certa pressão para que grandes empresas não investissem em publicidade para os meios de comunicação que mantinham uma oposição ao governo. Além de pressioar as agências de publicidade, o governo concentrou seus gastos nos canais televisivos subornados.

⁴⁷ Para mais detalhes acerca dessa temática, recomenda-se a leitura de obras do especialista francês Roger Chartier ver: *Les Origines culturelles de la Révolution française*. Paris: Editions du Seuil, 1990; *La Correspondance*. Les usages de la lettre au XIXe siècle. Paris: Fayard, 1991; *Storia della lettura nel mondo Occidentale*. Roma: Laterza, 1995; *Culture écrite et société*. L'ordre des livres (XIVe-XVIIIe siècles). Paris: Albin Michel, 1996; *Le livre en révolutions*. Entretiens avec Jean Lebrun. Paris: Editions Textuel, 1997; *Publishing Drama in Early Modern Europe*. Londres: The British Library, 1999; *Identités d' auteur dans l Antiquité et la tradition européenne*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2004; *Inscrire et effacer*. Culture écrite et littérature (XIe-XVIIIe siècle. Paris: Gallimard/Le Seuil, 2005

⁴⁸ O conceito de terrorismo é amplo e multifacetado. Apesar das diversas definições existentes, há um certo consenso na literatura de que o uso do terror como estratégia política remonta, pelo menos, a Maquiavel. No entanto, o termo ganha centralidade no debate teórico-político a partir da Revolução Francesa, quando o terror passa a ser empregado como forma de governar. O tema ressurge com força nas discussões em torno da Revolução Bolchevique, especialmente no que se refere ao terrorismo como instrumento de transformação revolucionária. Posteriormente, o conceito de terror, aliado ao de ideologia, torna-se fundamental na análise de Hannah Arendt sobre os regimes totalitários do século XX. É importante destacar que, após os atentados de 11 de setembro de 2001 — em especial a queda das Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque — o terrorismo voltou ao centro dos debates políticos e acadêmicos, suscitando novas abordagens e interpretações. No caso do Peru, o termo está fortemente associado às ações do Partido Comunista do Peru – Sendero Luminoso (PCP-SL). Para mais

Caretas, deste modo, a seleção representa os conteúdos que foram considerados como importantes para serem consultados posteriormente. A fonte utilizada possui a peculiaridade de ser uma seleção de documentos ainda não analisados por estudiosos.

Para referir-se a esta documentação, optou-se pela nomenclatura *clipping*, por mais que este conjunto de pastas rotulados sobre *terrorismo* reúnam as matérias publicadas pela própria revista, entende-se que o conceito de *clipping* é amplo:

A page, piece of a page, or pages cut or torn from a printed publication, usually from a newspaper or magazine, by a person who wishes to save an article, editorial, letter to the editor, photograph, cartoon, etc. (see this example from a Texas newspaper). Large collections of clippings are usually stored in a clipping file, arranged by subject or some other method of classification.⁴⁹

Portanto, neste trabalho, *clipping* diz respeito a um conjunto de recortes provenientes da imprensa, organizado tematicamente. Havia, já de saída, um processo de escolha e seleção, afinal, tratava-se de guardar o que se julgava útil para compor uma espécie de dossiê das próprias notícias de *Caretas*. Este acervo único exige cuidado, as escolhas da revista se fazem a todo instante, desde a publicação até a preservação deste material. Apesar da maioria absoluta serem recortes das próprias edições do semanário, existem quatro relatórios de origem governamental. Todos os fragmentos receberam uma folha em formato A4 com identificação feita a máquina de escrever, o que indica o cuidado na coleta e ordenação das pastas.

A existência de um *clipping* que servia de base para a produção da revista e consulta dos jornalistas coloca a questão de como esse material reunido pela empresa foi (ou não) mobilizado para a elaboração das reportagens. Trata-se, portanto, de tentar descobrir os rastros deixados por possíveis consultas e utilização do que circulava pela própria revista. A tarefa também permite analisar a posição assumida por *Caretas* diante das ilegalidades cometidas tanto pelo PCP-SL quanto pelas forças estatais ou até mesmo pelos civis.

informações, ver: MÉNDEZ, Cecilia. The paths of terrorism in Peru: nineteenth to twenty-first centuries. In: ENGLISH, Richard (ed.). *The Cambridge history of terrorism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 420-452; GAVILAN, Lurgio. Cómo se construye el enemigo en Ayacucho, Perú. *Anthropologica*, Lima, v. 41, n. 51, p. 5-38, jul. 2023; VASCONCELOS JUNIOR, Manuel Hermeto. Informações úteis para reduzir os equívocos sobre o uso do termo “terrorismo” e a relação dos erros com abordagens decoloniais de Relações Internacionais. *Ciências Humanas*, v. 27, n. 120, 16 mar. 2023.

⁴⁹ “Uma página, pedaço de página ou páginas cortadas ou rasgadas de uma publicação impressa, geralmente de um jornal ou revista, por uma pessoa que deseja salvar um artigo, editorial, carta ao editor, fotografia, imagem, etc. (veja o exemplo de um jornal do Texas). Grandes coleções de recortes são geralmente armazenadas em um arquivo de recortes, organizados por assunto ou algum outro método de classificação. REITZ, Joan M. *Online Dictionary for Library and Information Science*. [Estados Unidos]: ABC-CLIO, 2013. Disponível em: http://www.abcclio.com/ODLIS/odlis_A.aspx. Acesso em: 13 fev. 2024. [tradução nossa]

Entende-se neste trabalho como *clipping* um conjunto de recortes provenientes da imprensa, organizado tematicamente. Havia, já de saída, um processo de escolha e seleção, afinal, tratava-se de guardar o que se julgava útil para compor uma espécie de dossiê das próprias notícias de *Caretas*. Este acervo único exige cuidado, as escolhas da revista se fazem a todo instante, desde a publicação até a preservação deste material. Apesar da maioria absoluta serem recortes das próprias edições do semanário, existem quatro relatórios de origem governamental. Todos os fragmentos receberam uma folha em formato A4 com identificação feita a máquina de escrever, o que indica o cuidado na coleta e ordenação das pastas.

Esse acervo foi um material de suporte para a revista um importante fonte de dados em um momento em que ferramentas de pesquisas eram escassas. Este conjunto documental expressa como era importante ter as informações de maneira rápida e organizada para garantir que as informações pudessem ser consultadas de maneira eficaz. Portanto, é necessário refletir até que ponto os fragmentos selecionados podem trazer luz aos posicionamentos de *Caretas* acerca do PCP-SL.

A estratégia de municiar repórteres e redatores, o que dava origem a enormes acervos documentais, não foi algo isolado, os *clippings* das empresas jornalísticas, em diferentes locais do mundo, auxiliavam as redações num momento em que ainda não existia a internet e os acervos virtuais. O *clipping* não tinha por fim construir um arquivo histórico, antes, tratava-se de um arquivo jornalístico, cujas pastas eram formadas de acordo com a necessidade da redação. Preservar suas próprias matérias facilitava aos jornalistas de manterem um fio condutor nas reportagens posteriores.

O acervo físico, produzido de forma manual, é alimentado até os dias atuais, não com tanta intensidade em função das novas tecnologias.⁵⁰ Diante da grandiosidade dos materiais acumulados ao longo das décadas, várias pastas foram doadas e algumas não se encontram no edifício principal da revista, impossibilitando o acesso para a pesquisa, visto que somente há um responsável pelos milhares de documentos que estão organizados segundo a lógica dos antigos funcionários e distribuídos em dois andares do prédio de *Caretas*, e mesmo diante dessa imensidão de recortes coletados, não existe um catálogo para orientar o acesso aos documentos.

É sabido que existem periódicos no Peru que mantêm seu acervo mais organizado e digitalizado,⁵¹ o que viabilizaria a pesquisa e traria outras oportunidades de análise. Entretanto,

⁵⁰ As edições anteriores ao ano de 2007, de *Caretas*, não possuem o formato virtual, por este motivo, o acervo do *clipping* ainda é consultado com frequência pelos colaboradores da revista.

⁵¹ O jornal *El Comercio* é um exemplo de periódico que possui seu acervo organizado, é possível consultar as edições desde 1839, existe um projeto em andamento que garantirá o acesso ao público de todas as edições em

o acervo de *Caretas* tem a peculiaridade de ser algo quase que intocado por pesquisadores, mesmo diante da importância dessa revista para o país, fato que permite uma exploração inédita e relevante de suas páginas. A ausência de pesquisas aprofundadas sobre *Caretas* torna esse material uma fonte primária valiosa, especialmente para compreender como determinados acontecimentos foram retratados pela mídia local e quais narrativas foram priorizadas ou ocultadas ao longo do tempo. Além disso, o acesso direto ao acervo físico pode revelar detalhes editoriais, oferecendo uma perspectiva mais ampla das práticas jornalísticas da época. Explorar esse acervo *in loco* permite identificar nuances no discurso da revista, como mudanças de tom editorial ao longo de crises políticas e sociais, a construção de figuras públicas e a formação de opinião na sociedade peruana. Por fim, essa análise pode contribuir para lançar novas luzes sobre a relação entre imprensa e poder no Peru durante as décadas de 1980 e 1990.

Figura 2. Acervo do *clipping* de *Caretas*.



A inexistência de catalogação do material faz com que todas as consultas dependam da memória de um funcionário da empresa.
Fonte: Foto da autora.

As pastas que foram intituladas como *Terrorismo* têm como conteúdo principal o Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso (PCP-SL). A organização era um tema incontornável, não poderia deixar de comparecer neste material, visto que despertou o interesse da população

peruana. Entretanto, leva a refletir acerca das escolhas da revista ao equiparar terrorismo com as atividades do PCP-SL desde seus primeiros recortes. Esse é um claro indício da posição da revista perante o grupo, uma vez que, referir-se à organização desta maneira foi um posicionamento adotado pelos militares.⁵²

Ao afirmar, desde as primeiras notícias, que PCP-SL foi uma organização terrorista, algumas características foram automaticamente inseridas ao movimento por parte da revista, visto que o terrorismo tem o uso sistemático da violência para alcançar fins políticos e ideológicos, visando os civis para gerar medo e pressionar o governo.⁵³ Há uma condenação automática ao movimento, transmite a sensação de que é uma violência aleatória, somente com o intuito de desestabilizar a recém instaurada democracia do país. Essa narrativa negligenciou reflexões sobre as desigualdades sociais que permeiam as regiões mais afastadas dos centros urbanos, silenciando os contrastes econômicos que afetavam de forma mais severa as zonas serranas. Caso o PCP-SL tivesse sido nomeado como um movimento de luta armada ou um grupo de esquerda que utilizava forças paramilitares para buscar mudanças políticas, com o objetivo de promover redistribuição de riquezas, igualdade social e combater a exploração do capitalismo, o discurso poderia ter assumido outra perspectiva.

No *clipping*, há notícias sobre o PCP-SL desde 1980 até os dias atuais. Ao longo dos anos, várias mudanças internas na organização senderista aconteceram, sem dúvidas a mais impactante aconteceu em 1992, com a prisão do líder Abimael Guzmán, após esse evento, as grandes reportagens com fotografias, marca da revista, deixam de compor o *clipping* e dão lugar aos recortes advindos das seções *Mar de fondo* e *Cartas*.⁵⁴ O limite temporal desta análise será o ano de 1995,⁵⁵ pois as pastas subsequentes têm quantidade inferior de recortes com reportagens detalhadas.

Quando os recortes advêm da seção *Mar de fondo*, uma das mais famosas e antigas de *Caretas*, significa que são pequenas notas sobre casos recentes, como anedotas e curiosidades de instituições, organismos da política e personalidades da sociedade. Trata-se de notícias que

⁵² Existem diversas nomenclaturas para se referir a este evento, entre elas: guerra interna, luta armada, violência política, período de violência, guerra suja, conflito armado interno (CAI).

⁵³ Para um resumo acerca do conceito de Terrorismo, ler: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. (orgs.). *Dicionário de Política*. 12.ed. Brasília: LGE Editora/Editora UnB, 2004, p.1242-1245.

⁵⁴ A quantidade de fragmentos advindos das seções *Mar de Fondo* ou *Cartas*: 1980 (10), 1981 (10), 1982 (8), 1983 (4), 1984 (16), 1985 (7), 1986 (6), 1987 (18), 1988 (13), 1989 (9), 1990 (2), 1991 (8), 1992 (63), 1993 (31), 1994 (28), 1995 (34).

⁵⁵ Para a CVR, o Conflito Armado Interno aconteceu entre 1980-2000, mas as pautas dessa comissão eram mais abrangentes, incluíam o Movimento Revolucionário Tupac Amaru e pretendiam analisar até o final do segundo governo de Alberto Fujimori.

não foram exploradas em sua totalidade e receberam só um parágrafo ou pequeno texto na edição, raras vezes são acompanhados de fotografias ou ilustrações. Igualmente tradicional é a seção de *Cartas*, intitulada *Nos escriben...Y contestamos*, que costuma figurar logo após a capa, composta de cartas, reclamações, opiniões, perguntas, denúncias e discussões sobre os mais variados temas que compuseram as páginas da revista. É sempre acompanhado o nome completo da pessoa e o seu número de documento, uma clara tentativa de fornecer veracidade às informações. É comum receberem respostas e/ou comentários. A extensão dos textos não é padronizada, variam conforme a escolha dos editores.

Ao longo desses 15 anos selecionados, acumulou-se 1053 fragmentos, dispersos em 13 pastas, que contêm no mínimo 50 e no máximo 129 recortes, dispostos em ordem cronológica.⁵⁶ Mencione-se, ainda, a continuidade da alimentação desse arquivo, o que não foi contabilizado. É preciso ter em vista a presença dos vários intermediários que participavam da construção desse acervo, durante o período, eram cerca de 20 profissionais,⁵⁷ além do fato de sua utilização também ser mediada por escolhas individuais, ou seja, dos funcionários leitores que decidiam se as matérias deveriam ou não integrar o *clipping*.

Na prática, os recortes de maior dimensão são acondicionados integralmente em pastas específicas e acompanham uma folha no formato A4 com as informações referentes à matéria. Esses recortes são identificados com o nome da pasta correspondente, seguidos do título da matéria, do número da edição e da data de publicação. Já os recortes menores são colados diretamente nesta folha de identificação, de modo a facilitar tanto o armazenamento quanto o manuseio. O procedimento de arquivamento desses fragmentos era realizado pelos funcionários do setor, que, após uma leitura técnica, procediam à indexação manual das notícias selecionadas, encaminhando-as para a organização nas diversas prateleiras do acervo da revista.

Outro ponto diz respeito à utilização, afinal, diante de uma pasta cabia ao repórter decidir que informações usaria e de que modo. Inclusive, há avisos para que os jornalistas/consultores, principalmente da seção policial,⁵⁸ mantivessem o material na ordem

⁵⁶ Os anos de 1980 e 1981 estão na mesma pasta, uma junção também aconteceu em 1994 e 1995.

⁵⁷ Informações concedidas pelo funcionário atual responsável pelo acervo Enrique Inga.

⁵⁸ O PCP-SL foi tratado pela maioria dos meios de comunicação como assunto pertinente à área policial ou criminal, e não como tema político: “La poca información parecía corresponder con una falta de interés en la opinión pública, manifiesta en el pobre manejo noticioso, en el desinterés de los intelectuales, los partidos políticos y del gobierno pero también con el silencio que acompañaba a las acciones senderistas, las que eran ejecutadas sin contemplar una justificación pública de las mismas. La mayoría de la prensa reaccionó frente a la subversión tratándola como un asunto criminal e ideológicamente inducido tal como, por ejemplo, lo hizo el principal diario del país, *El Comercio*, empeñado además en contrarrestar de esa manera el sensacionalismo que acusaba en la prensa de izquierda y amarilla.” PERALTA, Víctor. *Sendero luminoso y la prensa 1980-1994: la violencia política peruana y su representación en los medios*. Cusco: CBC, 2000.

cronológica. É comum encontrar matérias que foram destacadas com pequenos papéis coloridos, o que reforça que o *clipping* é consultado com frequência. Entre os anos de 1987 e 1990 há uma lista com a ordem cronológica de todos os documentos contidos na pasta, com o número sequencial, título da matéria e edição, digitado em máquina de escrever, fato que reforça, mais uma vez, a importância deste acervo para *Caretas*.

Figura 3. Aviso aos jornalistas e marcação das páginas com papéis coloridos.



Fonte: Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1988.⁵⁹

Considerando que o material foi manuseado por diversos jornalistas, os recortes estão em bom estado de conservação, preservando suas características e informações originais. É evidente que algumas páginas foram dobradas para serem acondicionadas nas pastas e essas apresentam sinais de degradação. Destaca-se que não havia um controle sistemático da consulta desse material, isso significa que alguns fragmentos podem ter sido perdidos, furtados ou danificados, sem que houvesse qualquer registro formal dessas ocorrências. Também é impossível realizar uma rastreabilidade de acessos a esse acervo, uma vez que o fluxo de consultas não foi devidamente registrado, deixando invisíveis os passos de quem por ele passou.

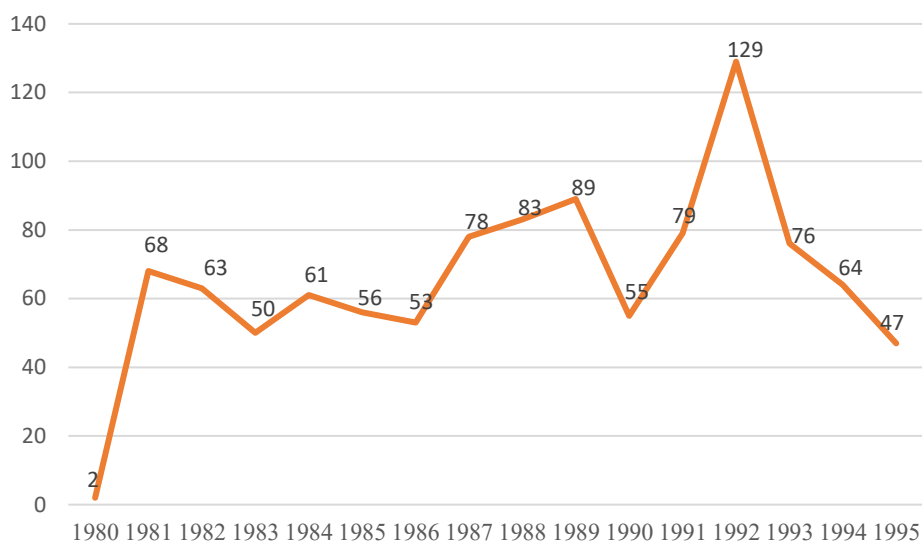
⁵⁹ Lê-se: A los Señores redactores de la sección Policial y otras secciones. Les agradeceríamos por favor mantener en buen estado LA CRONOLOGIA DE TERRORISMO "1988" que se encuentra a disposición de UDS en las siguientes páginas, las misma son para facilitar mejor su trabajo y el de este departamento. Gracias, Lupe Suárez A.- Archivo.

Uma vez apresentada a materialidade do conteúdo relativo ao Terrorismo no *clipping*, o desafio foi o de identificar, em cada recorte, a autoria dos textos e das fotos. O resultado foi um longo e paciente trabalho de quantificar e precisar, sempre que possível. Para determinar o momento de sua publicação, é preciso recorrer às informações anotadas nas folhas A4, pois muitas vezes o recorte não contém tais dados.

Tratava-se de notícias atualizadas de maneira muito dinâmica, como, aliás, é característico da imprensa. Rastros de violência que foram explorados com manchetes e chamadas atraentes e poderiam se perder, pois logo caíam no esquecimento, fosse por não interessarem à pauta da publicação, fosse por restrições impostas aos meios de comunicação. Além do mais, não faltavam novos desastres e violações aos direitos humanos. De toda forma, fica evidente que *Caretas* não foi muito além de noticiar o que ocorria, com pouca habilidade para mergulhar nas causas do fenômeno, principalmente no que tange aos primeiros anos da década de 1980. É evidente que a periodicidade das publicações influencia diretamente o conteúdo oferecido. Enquanto os jornais se caracterizam por transmitir notícias de um dia para o outro, as revistas, por sua vez, trazem análises mais aprofundadas dos fatos, com um cuidado textual e editorial mais evidente. É nesse contexto que está inserido o jornalismo de *Caretas*, uma redação que se fez na prática do cotidiano.

Frente à grande massa de documentos, o primeiro passo foi a leitura sistemática dos 1053 recortes, a análise do material revelou que as imagens pretendiam ser o foco das matérias, a parte textual foi objeto secundário. Esse aspecto é importante, pois evidencia que *Caretas* não explorava minuciosamente o assunto e parecia pouco interessada nos detalhes daquelas regiões e em como funcionavam aquelas dinâmicas sociais, que dotariam de humanidade as diversas vítimas do conflito.

Gráfico 1. Quantidade de recortes por ano.



Fonte: Acervo *Caretas*. Dados organizados pela autora.

O gráfico demonstra, em primeiro lugar, que a quantidade de recortes no *clipping* sempre seguiu a lógica da quantidade de informações oficiais disponíveis no período. Isso explica a escassez de fragmentos até 1980, visto que não existiam dados do PCP-SL difundidos pela própria organização. Fato que dificultava que a grande imprensa divulgasse notícias mais verossímeis. Soma-se a dificuldade de acesso às zonas rurais, o grupo atuava em áreas remotas que exigiam um grande deslocamento, mais um obstáculo para as reportagens dos grandes centros urbanos.

As ações do PCP-SL se iniciaram com mais frequência em Lima a partir de 1981, ainda não se sabia ao certo quais eram as intenções e o tamanho da organização. A resposta do Estado foi o uso de violência, torturas e os frequentes desaparecimentos, deste modo, durante o governo de Fernando Belaúnde Terry (1980-1985) não houve conquistas no que respeita à contenção dos conflitos, pelo contrário, a violência imperou. Atualmente, podemos questionar quais são os limites das arbitrariedades em um governo que deveria seguir o viés da democracia e do respeito aos Direitos Humanos. Por mais que os abusos nesse período tenham sido os maiores documentados pela Comisión de la Verdad y Reconciliación (CVR) em seu informe final, de 2003,⁶⁰ não havia essa sensação de violência estatal indiscriminada nos centros urbanos, fato que explica um equilíbrio nas notícias e a falta de denúncias por parte de *Caretas* neste material.

⁶⁰ COMISIÓN de la Verdad y Reconciliación. Informe Final. Lima: CVR, 2003.

Quando aconteceu a troca presidencial com a vitória de Alan García (1985-1990), criou-se a expectativa de contenção do PCP-SL, entretanto, em junho de 1986 houve a *Matanza de los Penales*, o assassinato de pelo menos 224 indivíduos que estavam sob a tutela do Estado, fato que instigou a imprensa a acompanhar com mais frequência as atividades das forças da ordem. O PCP-SL tornou-se tema mais comum em todos os meios de comunicação, inclusive internacionais, o que fez com que a imprensa investigasse mais minuciosamente e surgissem especialistas sobre o assunto, o que explica, ao menos em partes, a ascensão no número de recortes.

A queda no número de fragmentos sobre o tema do terrorismo em 1990 coincide com o período das eleições e da entrada do presidente Alberto Fujimori, o que provavelmente explica o fato. O pico em 1992 justifica-se pela prisão do líder do grupo, Abimael Guzmán, durante uma operação exitosa, na qual somente houve um disparo de arma e nenhum ferido. O tema decaiu nos anos seguintes, a pasta de 1994 e 1995 foram unidas e, raramente, houve grandes reportagens acerca do PCP-SL.

É inegável que a organização era um assunto constante em *Caretas*. No período selecionado, em 83 ocasiões o PCP-SL foi o destaque na primeira capa, em outras 80 vezes teve alguma menção, totalizando 163 aparições destacadas. Esse fenômeno segue a lógica de hierarquia do jornalismo, na qual os assuntos que se tornam capas são aqueles que captam e despertam mais interesse do público leitor no momento de adquirir um exemplar.⁶¹ Foi constatado durante a análise que nem tudo aquilo que foi publicado acerca do PCP-SL em *Caretas* consta nestas pastas. Entretanto, as reportagens mais relevantes foram devidamente coletadas e organizadas, garantindo um panorama abrangente da cobertura jornalística sobre o tema.

As pastas com o título *Terrorismo* não representam a totalidade do que foi coletado para o acervo de *Caretas* sobre a organização, sabe-se da existência de pastas com recortes advindos da imprensa peruana e internacional, entretanto, sua localização atual é desconhecida. Desse modo, as pastas que são fontes desta pesquisa são os registros que sobreviveram e foram possíveis de identificar dentro da imensidão dos documentos jornalísticos da empresa.

O editor responsável pela revista durante o período desse estudo (1980-1995) foi Enrique Zileri, figura emblemática e sempre presente nos relatos dos antigos funcionários da revista, sendo difícil separar sua trajetória pessoal da profissional. A figura de Zileri foi

⁶¹ As capas não constam nas pastas intituladas como *Terrorismo*, com exceção da edição especial: *Violencia, esa vieja arpía*. *Caretas*, Lima, mar 1982. Para este levantamento quantitativo, a consulta foi realizada diretamente nas próprias revistas.

colocada como um ponto delimitador, visto que ele era o responsável por manter o padrão entre o escrito e o fotográfico, privilegiando sempre a imagem como forma de testemunho.

Poucos fragmentos possuem assinatura, o que significa que o texto era elaborado pela redação,⁶² fato que não permite mapear os autores e cargos ocupados na publicação, mas autoriza afirmar que o conteúdo estava em sintonia com os desígnios dos redatores e proprietários da empresa. *Caretas* caracterizou seu estilo textual em frases curtas com dosagem de humor, ironia e uma narração direta. Somente em 124 recortes há dados de autoria, no total, 39 jornalistas foram identificados como contribuintes diretos para a parte textual, alguns com apenas uma colaboração. O tema foi predominantemente tratado por homens, somente duas mulheres constam na lista (Laura Puerta Meyer e Cecilia Valenzuela). O eminente perigo fazia com que poucos profissionais de *Caretas* fossem direcionados para as zonas de conflito, isso é, para a região de Ayacucho, para noticiar o PCP-SL, por isso a repetição dos nomes dos responsáveis pelos textos e fotografias.

Quadro 1. Jornalistas identificados e quantidade de contribuições.

Jornalistas	Quantidade de Contribuições
Gustavo Gorriti Ellenbogen	32
Abilio Arroyo	24
Jimmy Torres	13
Jose Gonzalez Manrique	9
Laura Puerta Meyer	9
Fernando Rospigliosi	8
Cecilia Valenzuela	7
Manuel D'Ornellas	4
Alberto Bonilla, Israel Galvan, Luis Alberto Sanchez, Luis Pasara, Rene Zegovia, Francisco Revés, Israel Galvan, Patricio Ricketts	2
Andres Fernandez, Artur London, Benedito Portocarrero, Carlos Bendezu, Carlos Noriega, Carlos Torres Enriquez, Conejo Marquez, Enrique Zileri Gibson, Fernando Rospigliosi, Gabino Quispe Condori, Marco Zileri	1

Fonte: Acervo *Caretas*. Dados organizados pela autora.

⁶² Em todas as edições existem os dados dos colaboradores no início da revista, normalmente na página 20, entre eles, redatores, diagramadores, comentaristas e fotógrafos. Entretanto, não é possível identificar a autoria de maneira individual quando existe a omissão de assinaturas no texto e/ou imagem.

Caretas sempre privilegiou o visual, alternativa perfeita para quem quisesse acompanhar o tema em voga sem a necessidade de leituras muito extensas. As imagens com frequência ocupavam o primeiro plano, uma clara demonstração do intuito de vender o evento a partir da visualidade e não da explicação textual detalhada, o que, provavelmente, impactava os seus leitores. Essas fotografias pretendiam despertar emoções e mesmo a indignação do seu público. O enfoque imagético na construção da narrativa é nítido, tanto que 273 recortes apresentam imagens com autoria, e, ao total, 43 profissionais contribuíram com as notícias que compõem a pasta *Terrorismo* entre os anos de 1980 e 1995. Novamente, não houve distribuição equilibrada entre o espaço feminino e masculino, as mulheres foram a minoria absoluta e somente duas foram identificadas (Fatima Lopez e Ruth Enciso).

As imagens sempre focavam na brutalidade, a partir das fotos se construía uma narrativa de violência e insegurança constante. Era uma forma de denunciar as diversas ilegalidades que pairavam a sociedade peruana. Os atos violentos do período, somados à pouca informação que a grande imprensa possuía acerca dos conflitos, permitiram diferentes interpretações, não havia consenso de como tratar os eventos, assim “convirtieron a Sendero en un fenómeno mediático, es decir, en un atractivo hecho noticioso de impacto general”.⁶³ Não é demais ressaltar que os meios de informação foram fundamentais para tornar públicas as violações desse período. Diante da escassez de dados oficiais, a imprensa buscou dados em fontes clandestinas. No início do conflito, os jornalistas viajavam até as zonas mais remotas para buscar informações em primeira mão. Com o aumento da violência nessas zonas, tornou-se cada vez mais arriscado adentrar nesses espaços e, conseqüentemente, houve mais cautela por parte da imprensa, fato que se tornou mais um obstáculo para publicar informações que não fossem filtradas pelas forças da ordem. Deste modo, é fundamental saber os profissionais que foram os responsáveis pela autoria das fotografias dentro do semanário. A identificação dessas assinaturas nos permite um panorama acerca dos principais colaboradores, a relação não é exata, o cotidiano de uma redação entre as décadas de 1980 e 1990 era dinâmica e não excludente, um fotógrafo poderia também escrever o texto e vice-versa.

⁶³ PERALTA, Víctor. *Op. cit.*, 2000, p. 67.

Quadro 2. Fotógrafos identificados e quantidade de contribuições.

Fotógrafos	Quantidade de Contribuições
Victor Ch. Vargas	65
Oscar Medrano	63
Rene Zegovia	23
Carlos Saavedra	22
Alejandro Balaguer	11
Carlos Bendezu	11
Fernando Yovera	10
Jorge Ochoa	10
Neal	8
Abilio Arroyo	6
Jesus Vera	6
Jose Vilca	6
Rafael Crisostomo	6
Fatima Lopez	4
Carlos Chizan, Gilmar Perez, Hugo Ned Alarcon, Sergio Urday	3
Hugo Bustios, Paco Rivero, Roberto Casquero, Roger Reyna, Roxana Ariacho	2
Andres Longhi, Carlos Ortiz Casas, Dionisio Cueva, Edwin Anyosa, Eneas Marrull, Hugo Bustios, Hugo Ned Alarcon, Ilpidio Vargas, Israel Galvan, Jaime Razuri, Jose Gonzalez, Koko Zavala, Leonidas Chancaya, Michel Saenz, Ned Alarcon, Raul Aspigueta, Ruth Enciso, Vicente Segura, Victor Manrique, Willy Retto	1

Fonte: Acervo *Caretas*. Dados organizados pela autora.

O levantamento de dados sobre os profissionais que contribuíram para a revista permite uma compreensão mais aprofundada do perfil dos jornalistas e fotógrafos, incluindo suas formações, experiências e trajetórias de carreira. Além disso, essa análise destaca a valorização do fotojornalismo, enfatizando a importância da imagem na narrativa construída pelo semanário. Esse levantamento possibilitou a identificação de figuras-chave que tiveram um impacto duradouro no jornalismo peruano, evidenciando como *Caretas* ajudou a moldar carreiras significativas e influentes na mídia. Em suma, a linguagem adotada por *Caretas* sempre foi cativante, bem escrita e direcionava o leitor para as imagens que causavam diversas sensações. As fotografias, escolhidas a dedo, tornaram esse período um espetáculo. No mais, o

semanário nunca se rendeu às censuras, transmitiu confiabilidade ao seu público leitor e soube se inserir no mercado de impressos, mesmo diante de condições políticas pouco favoráveis.

1.3 A rotina da revista *Caretas*

Compreender o cotidiano de uma revista constitui um desafio significativo. Essa complexidade é ampliada no caso de publicações que emergiram em um ambiente familiar, onde as relações de parentesco e amizade influenciavam diretamente a dinâmica do periódico. A recuperação da memória dessas vivências ainda é viável por meio de depoimentos de antigos colaboradores. Assim, para a presente pesquisa, foram selecionados três entrevistados, cujos testemunhos contribuem para a reconstrução do dia a dia da revista.

A escolha não foi aleatória, após o levantamento de dados (Quadros 1 e 2), concluiu-se que o colaborador que mais assinou textos foi Gustavo Goritti, o que mais assinou fotografias foi Oscar Medrano, e, para compreender a dinâmica da revista, o terceiro participante escolhido foi Marco Zileri.⁶⁴ As entrevistas foram realizadas de forma remota, individuais e conforme a disponibilidade dos participantes, com uma média de duração de 60 minutos.

Foram elaboradas perguntas norteadoras para o direcionamento das entrevistas,⁶⁵ mas que não necessariamente foram seguidas, a intenção era que houvesse uma interação fluida e que os profissionais se sentissem confortáveis para realizar os seus relatos. Houve um cuidado em saber das experiências individuais que poderiam revelar nuances que podem não estar registradas oficialmente, como dilemas éticos, inovações ou tensões internas. O objetivo era refletir acerca dos processos editoriais e as decisões de pauta para compreender os bastidores e como essa interação entre redação, direção e colaboradores influenciava o conteúdo. No caso de *Caretas* não se poderá deixar de perguntar qual classe social está por trás daquelas páginas, visto que há um envolvimento de pessoas em laço familiar, e em que medida isso afetou as publicações e se materializou no papel impresso.⁶⁶ As precauções apontadas pela bibliografia

⁶⁴ A entrevista com Oscar Medrano foi realizada no dia 02/07/2024, com Marco Zileri no dia 05/07/2024 e com Gustavo Goritti no dia 16/07/2024.

⁶⁵ 1. O senhor poderia compartilhar suas lembranças daquela época, tanto no sentido do cotidiano do trabalho quanto no que diz respeito à relação com o editor de *Caretas*?/2.Qual sua avaliação sobre a revista *Caretas* em termos pessoais? Que papel a revista cumpriu no mercado peruano? Como o senhor avalia a importância dessa experiência para sua trajetória profissional? / 3. O senhor poderia compartilhar uma história ou incidente específico que vivenciou em *Caretas* e que mais te marcou?/ 4.Quais foram os principais desafios que o senhor enfrentou ao reportar sobre as atividades do Sendero Luminoso? 5.Quais foram as mudanças mais significativas no jornalismo peruano que o senhor observou como resultado direto do conflito com o Sendero Luminoso? 6.Como foi o período de censura dentro da revista no governo Fujimori?/ 7.Qual o lugar de *Caretas* na atualidade? Na sua opinião, as revistas semanais ainda ocupam lugar de destaque no contexto peruano?

⁶⁶ MORÁN, Daniel; AGUIRRE, María Isabel. La prensa y el discurso político en la historia peruana: algunas consideraciones teóricas y metodológicas. *Investigaciones Sociales*, n. XII, v. 20, p. 229-248, 2008.

especializada para o uso de jornais e revistas, destacam a importância de considerar as implicações políticas dessas publicações, uma vez que

As empresas jornalísticas devem ser vistas como partidos de determinados grupos políticos e econômicos, em consonância com seus programas, ou seja, suas interpretações da realidade, acabam interferindo no conhecimento que se tem sobre a realidade e na tomada de posições sobre elas. A sua narrativa nunca é neutra e gera interpretações sobre os diversos aspectos da vida humana: seja o macro-econômico, seja o micro-comportamental.⁶⁷

Ao selecionar jornalistas que trabalharam em diferentes períodos e setores da revista, buscou-se captar uma gama abrangente de visões sobre a trajetória da *Caretas*. A primeira entrevista foi realizada com o ayacuchano Oscar Medrano Pérez, fotógrafo renomado no ramo,⁶⁸ Medrano se profissionalizou ainda muito jovem, com apenas 16 anos de idade estreou no jornal *El Comercio*, passou por redações de vários periódicos. Durante a entrevista realizada em 02/07/2024, Medrano destacou que sua carreira profissional foi criada dentro do cotidiano das redações e que tinha perfil de profissional disposto a adentrar zonas remotas e de difícil acesso no Peru. Um exemplo marcante disso foi sua atuação na cobertura do terremoto de Huaraz, em 1970, um dos mais devastadores da história do país. Medrano foi um dos primeiros fotojornalistas a chegar à região, registrando imagens que circularam amplamente nos meios de comunicação como um testemunho visual da calamidade que deixou milhares de mortos e cidades inteiras destruídas. Suas fotografias não apenas documentaram a tragédia, mas também ajudaram a sensibilizar a opinião pública e a mobilizar ajuda humanitária. Foi com essa carga profissional que fez parte do quadro de colaboradores de *Caretas* em 1979.

Oscar Medrano foi enviado pela revista *Caretas* para cobrir os primeiros relatos de atentados em Ayacucho, uma escolha conveniente, devido à sua familiaridade com a região e ao fato de ser um dos poucos colaboradores que dominava o quéchua. Por ser sua terra natal, Medrano não teve dificuldades em se inserir no cenário local, estabelecendo um relacionamento próximo com a população. Além disso, ele revelou que, durante sua juventude, estudou junto

⁶⁷ SILVA, Carla. Estudando a imprensa para produzir história. II Simpósio Estadual Lutas Sociais na América Latina, 2006, Londrina. In: ANAIS, Crise das democracias latino-americanas: dilemas e contradições. Londrina: eduel, 2006. Disponível em: < <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/segundosimposio/carlasilva.pdf>>. Data de acesso: 20/07/2024.

⁶⁸ Por sua cobertura de assuntos políticos, violações de direitos humanos, violência, foi reconhecido com diversos prêmios por suas fotografias das décadas de 1980 e 1990. Ganhou três vezes o Prêmio Nacional de Periodismo e teve seu trabalho exposto no Instituto Cervantes de Nova Iorque em julho de 2012. Medrano reconheceu a importância de fazer parte da revista: “Miles de fotógrafos han querido llegar a *Caretas* y no han podido, porque esta revista es como un doctorado para nosotros, y ahora me dicen maestro. Pero no lo soy, soy aprendiz de todos los días, para ser maestro aún tendrá que pasar mucho tiempo más”. LOS 65 años de la Revista ‘Caretas’. *Universidad de Lima*, 10 jul. 2015.

com Osmán Morote, uma figura central dentro do Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso (PCP-SL).⁶⁹ Essa ligação proporcionou-lhe acesso a espaços reservados para membros do grupo insurgente, uma relação de reciprocidade, já que Medrano frequentemente levava edições da revista para Ayacucho, reservando um exemplar para Morote. Durante o conflito, o fotojornalista conseguiu manter um delicado equilíbrio ao estabelecer conexões tanto com membros do PCP-SL quanto com as Forças de Ordem. Por ser região, ele foi capaz de manter relações informais, garantindo uma comunicação fluída que facilitava seu trabalho como fotógrafo e jornalista.

Para Medrano, a abordagem fotográfica da revista *Caretas* foi um dos pilares de seu jornalismo investigativo, a equipe de fotógrafos tinha uma missão clara: capturar imagens que fossem além do registro imediato dos acontecimentos, destacou a importância de uma imagem poderosa para contar histórias que permanecem relevantes ao longo do tempo:

Puede haber escrituras, este muy bien redactadas, pero si no existe una buena fotografía, no existe la noticia. Todos, todos ahí en los que trabajamos con fotografía teníamos esa consigna... Muchas veces hemos tomó 50 fotógrafos o 100 camarógrafos o algo más, y de repente alguien de *Caretas* ha tomado la mejor foto que habla, no solamente a través de las semanas, sino a través de los años. Y sigue hablando esa fotografía.⁷⁰

Em algumas ocasiões, Medrano chegou a acompanhar operações militares em helicópteros, um privilégio raro para jornalistas. Ele descreveu como, em um desses voos, conseguiu desembarcar para fazer fotos, mesmo diante do perigo. Essa situação levanta uma questão intrigante: por que o Exército permitiria que jornalistas embarcassem nessas aeronaves? Possivelmente, havia um interesse estratégico em divulgar imagens que legitimassem as ações das Forças Armadas, garantindo uma narrativa favorável ao governo em meio ao conflito interno. Também é possível concluir que *Caretas* foi entendida como um veículo de comunicação de grande alcance e relevância, visto que não há como ignorar os riscos envolvidos nesse tipo de ação.

O segundo selecionado para a entrevista foi o jornalista Gustavo Gorriti Ellenbogen, é um caso interessante, porque ele trabalhou em *Caretas* de 1981 até 1986, tornou-se especialista no tema e deixou o semanário para escrever o livro *Sendero: História de la guerra milenaria*

⁶⁹ Osmán Morote (1946) foi um membro da alta cúpula do PCP-SL, foi preso em 11/06/1988 durante o governo de Alan García, condenado a prisão perpétua, encontra-se recluso em uma prisão de segurança máxima no Peru.

⁷⁰ MEDRANO, Oscar. Entrevista concedida a autora. 02 jul. 2024.

en el Perú, na Universidade de Harvard, decisão que foi sentida por Enrique Zileri.⁷¹ Gorriti foi um dos primeiros intelectuais que se dedicou a estudar o PCP-SL e a buscar explicações acerca da lógica da organização senderista, após seu afastamento por estudos, ele voltou a assinar as matérias em *Caretas*, não com a mesma frequência dos primeiros anos da década de 1980.

Diferente de Oscar Medrano que muito jovem se profissionalizou, trabalhar com a imprensa foi uma escolha mais planejada para Gorriti, ele ingressou na revista quando tinha 33 anos e foi o seu primeiro trabalho profissional, relatou que “había hecho un cambio total de vida y había tratado decidir aquello que era mi vocación. [...] Entonces *Caretas* fue mi primer trabajo, pero yo, obviamente a los 33 años tenía una población, tenía una educación, había tenido toda la vida, la vocación literaria, la vocación de escribir.”⁷² Assim, sua entrada no universo jornalístico foi uma escolha madura e consciente, motivada pelo desejo de exercer uma prática que unisse seu talento literário com um compromisso ético com a informação.

Para Gorriti, *Caretas* não era uma simples revista, mas uma referência de jornalismo excepcional que combinava humor, ironia e compromisso com os fatos. Ele admirava o estilo de redação que conseguia unir a diversão com o elegante, sem perder o rigor jornalístico. Esse apreço pela revista foi um fator determinante para sua decisão de ingressar no semanário e dedicar-se inteiramente ao novo ofício. Ao comentar sobre sua chegada à revista, relatou: “empecé a trabajar, obviamente como un reportero junior que estaba empezando, pero puse todo mi entusiasmo, toda mi fuerza en tratar de hacer las cosas lo mejor posibles desde el inicio”.⁷³

A diversidade dos colaboradores de *Caretas* foi vista por Gorriti como um dos elementos que tornavam a revista única. Ele comentou que a redação era composta por profissionais de perfis muito variados, incluindo escritores, poetas e jornalistas de diferentes origens. Essa diversidade refletia o caráter pluralista e aberto da publicação, que valorizava diferentes perspectivas e estilos de escrita. Além disso, *Caretas* abrigava exilados políticos, principalmente argentinos e chilenos que haviam fugido das ditaduras do Cone Sul. Essa presença de exilados reforçava o caráter progressista e comprometido com a liberdade de expressão e os direitos humanos. Gorriti destacou que essa convivência entre profissionais de diferentes origens e trajetórias pessoais enriquecia o ambiente de trabalho, tornando a revista

⁷¹ No prefácio do livro do autor, lê-se: “Si bien tengo la impresión que el director de “Caretas”, Enrique Zileri, no estuvo enteramente de acuerdo con que yo dejara el periodismo semanal en la revista para dedicarme a este libro, le debo un reconocimiento especial. Fue en las semanas intensas, en los cierres insomnes de “Caretas” donde aprendí que sé sobre periodismo; y fue en “Caretas” donde empecé a cubrir el tema de este libro”. GORRITI, Gustavo. *Sendero: historia de la guerra milenaria en el Perú*. Lima: Editorial APOYO, 1991.

⁷² GORRITI, Gustavo. Entrevista concedida a autora. 16 jul. 2024.

⁷³ *Ibidem*.

um espaço de troca e aprendizado constante. Apesar de ser um ambiente competitivo, Goritti afirmou que na década de 1980 ainda havia resquícios da boemia, da vida profissional no jornalismo como uma extensão da vida privada.

O relato de Goritti foi de encontro com o de Medrano, a fotografia era a alma da revista, as imagens de *Caretas* precisavam se destacar perante as que tinha saído nos diversos diários limenhos, deveriam trazer sensações aos leitores, tinham que provocar. Para isso ser possível “era necesario tener fotógrafos de gran talento y que estaban en el momento indicado en el lugar indicado y además tener por supuesto exclusivas que nadie más las pudiera tener. Entonces, eso era *Caretas*”⁷⁴

A entrada de Goritti na revista coincidiu com o momento em que o PCP-SL começava a aparecer com mais frequência como pauta na imprensa. O entrevistado recordou que, no início, havia muitas especulações sobre o grupo. Como o tema era novo e não foi inicialmente compreendido dentro da temática política, acabou sendo tratado como um assunto da seção policial, considerado algo frívolo. Nesse contexto, acreditava-se que um jornalista iniciante na revista poderia dar conta da cobertura. Goritti declarou que ficou feliz por ter sido o indicado para a tarefa e que essa oportunidade marcou o início de uma série de viagens para as zonas de emergência. Já em sua primeira viagem a Ayacucho, conseguiu produzir três reportagens sobre a organização. Ele lembrou especialmente de uma declaração impactante obtida de uma mulher que participava do grupo e acusava as forças de segurança de tê-la torturado. A jovem teria assegurado que: “hasta el momento de que la presaran ella pensaba que el infierno no era cosa de este mundo” e essa fala teve grande repercussão.⁷⁵

Goritti afirmou que, em algumas ocasiões, utilizavam o helicóptero da segurança pública do país, o que corrobora com o depoimento de Oscar Medrano, ter esse privilégio garantia matérias exclusivas e reforçava o compromisso de *Caretas* em oferecer informações mais detalhadas. Rapidamente, Goritti se tornou um especialista no tema, com um número crescente de reportagens sendo direcionadas a ele. Em menos de um ano, deixou de ser um jornalista júnior para assumir o cargo de editor-chefe de seção.

O tema do PCP-SL foi percebido por Goritti de forma fragmentada no início da década de 1980, ainda deixando muitas lacunas. Por isso, ele se comprometeu a investigar os detalhes sobre o grupo. Era necessária uma abordagem mais aprofundada sobre suas motivações, causas, estratégias e organização interna. Inicialmente, essa guerrilha representava um fenômeno

⁷⁴ *Ibidem.*

⁷⁵ *Ibidem.*

complexo e enigmático, o que impulsionou a necessidade de explorar mais a fundo seus fundamentos teóricos e práticos para compreender suas ações no Peru. As informações disponíveis eram escassas e subjetivas, permeadas por preconceitos sociais e políticos: “Todo eso era inicialmente un enigma que cada uno lo respondía por sus prejuicios. Entonces en mi caso fue tratar de entenderlos y de entender las cosas a fondo. Entonces eso conseguir. Y eso significó hablar con todo tipo de fuentes durante un buen tiempo, pero además de eso, conseguir la literatura.”⁷⁶ A primeira conclusão que chegou, não sem antes muitas pesquisas, era de que o grupo foi uma insurreição atípica dentro da tradição de guerrilha latino-americana. O PCP-SL desenvolveu uma abordagem distinta, influenciada pelo pensamento maoísta e por uma interpretação radical do marxismo-leninismo. Essa diferença residia em seu enfoque dogmático e sua tendência a atuar de maneira isolada, mesmo dentro da esquerda revolucionária. A segunda questão era entender como o governo, as autoridades e a população enfrentavam o grupo.

O jornalista lembrou que não foi fácil ingressar nas zonas de conflito em busca de informações detalhadas. A situação se tornava mais perigosa a cada momento, o que exigia cautela e um constante cálculo de riscos. Não se tratava apenas de chegar até os locais de interesse, mas principalmente de garantir um retorno seguro, a principal preocupação era: “¿Y cómo salir y cómo salir vivo?”.⁷⁷ Uma das táticas de segurança adotadas pelos jornalistas de *Caretas* era sempre trabalhar em dupla, composta por um repórter e um fotógrafo. Entre os fotógrafos que mais acompanharam Gorriti estava Oscar Medrano, cuja presença se mostrou fundamental em diversas ocasiões. Por dominar o quéchua, Medrano auxiliava nas entrevistas, especialmente em comunidades onde as pessoas se sentiam mais confortáveis em se expressar em sua língua materna do que em espanhol. Essa habilidade linguística facilitava a coleta de depoimentos e contribuía para que as matérias fossem mais ricas e contextualizadas, aumentando a credibilidade do trabalho jornalístico realizado nas zonas de emergência.

Outra estratégia utilizada por *Caretas* e, por extensão, por Goritti, era realizar as coberturas acompanhados por correspondentes estrangeiros de veículos importantes, vinculados a embaixadas influentes em Lima. Esse recurso trazia uma camada extra de proteção, pois nenhum policial ou militar se atreveria a tomar decisões extremas, como matar ou desaparecer jornalistas, sabendo que isso poderia desencadear uma intensa pressão internacional. No entanto, havia uma diferença fundamental: a imprensa estrangeira tinha a

⁷⁶ *Ibidem.*

⁷⁷ *Ibidem.*

vantagem de não permanecer no país após a publicação das reportagens. Gorriti enfatiza que a insegurança era constante. Cada reportagem publicada trazia o risco de represálias, e os jornalistas tinham plena consciência de que “tenías que vivir con las consecuencias de lo que escribías”.⁷⁸ Com o passar dos anos e o prolongamento do conflito, os jovens oficiais de baixa patente que inicialmente participavam das operações começaram a ascender na hierarquia militar, tornando-se tenentes, capitães e coronéis. Essa progressão agravou a sensação de insegurança para os jornalistas, especialmente quando *Caretas* publicava matérias sobre os abusos cometidos pelas forças de segurança. Em muitos casos, os próprios militares que haviam sido retratados negativamente nas reportagens agora ocupavam cargos de maior poder.

O equilíbrio entre uma imprensa de esquerda, que enfatizava apenas os abusos das forças de segurança, e uma imprensa de direita, que atribuía todas as ações negativas ao PCP-SL, era um desafio constante. Para Gorriti, *Caretas* soube lidar com essa linha tênue ao adotar um jornalismo baseado exclusivamente nos fatos. No entanto, tratar desse tema envolvia riscos significativos. Havia acusações de que os jornalistas da revista participavam dos serviços estatais, e até mesmo rumores de que *Caretas* estaria ligada ao setor de inteligência da polícia. Essas insinuações e insultos tornavam o ambiente ainda mais tenso e perigoso para quem se propunha a investigar o conflito de forma imparcial.

Recordou do evento dos oito jornalistas do Ucharaccay que foram mortos ao adentrarem a zona do conflito. Oscar Medrano também destacou esse momento como um divisor de águas, pois foi a primeira demonstração clara de que nem mesmo os meios de comunicação estavam seguros ao noticiar sobre o conflito. Ambos ressaltaram que o episódio gerou uma série de acusações e trocas de responsabilidade. Os jornalistas de *Caretas*, inclusive, foram indiretamente responsabilizados por influenciar outros profissionais a arriscarem suas vidas. A revista foi acusada de nepotismo, devido ao fato de seus profissionais frequentemente utilizavam veículos oficiais das forças de segurança, um privilégio que não se estendia a toda a imprensa. Gorriti negou essas acusações, afirmando que nem sequer sabia sobre esse encontro que resultou na tragédia. Medrano, por sua vez, explicou que só não participou da expedição com os outros jornalistas por um desencontro de agendas.

A cobertura do conflito foi intensa e exigiu cinco anos de dedicação quase exclusiva por parte de Gorriti. Nesse período, suas demandas pessoais ficaram em segundo plano. Ele abandonou a prática de esportes devido ao ritmo frenético do trabalho. Apesar das consequências físicas e emocionais, Gorriti destacou que essa fase foi decisiva para sua

⁷⁸ *Ibidem*.

formação como jornalista. Ele assegurou que todo o conhecimento que adquiriu sobre jornalismo investigativo se deve à experiência vivida em *Caretas*, o que consolidou sua trajetória profissional.

Por ter escrito um livro e se tornado especialista no tema, sendo reconhecido por ser um dos primeiros ao se aprofundar nas causas de existência do grupo, Goritti fez sua própria análise acerca da situação, comentou sobre os limites da democracia dentro de um evento tão singular quanto o PCP-SL. Afirmou que as Forças da Ordem conseguiram utilizar os valores democráticos como uma vantagem ao se apropriaram dos métodos contra subversão que estavam em alta na América Latina, principalmente no que tange Brasil e Argentina. A busca frenética por informação por parte das forças estatais foi reforçada pela tortura sistemática, desaparecimento e se fosse necessário, o extermínio. A morte era justificada dentro da lógica de combate do grupo, não importava se dezenas de pessoas precisariam morrer para que um membro do PCP-SL fosse capturado, era um preço alto a se pagar, mas era visto como eficiente.

O último dos selecionados a realizar entrevistas, foi o filho do editor Enrique Zileri. Diferente dos dois primeiros colaboradores, Marco Zileri teve pouco contato direto com a região de Ayacucho, ele contribuía de maneira intermitente com a revista nos anos de 1980, sua entrada formal foi em 1986, de forma quase como natural, por influência familiar, seguiu sua carreira como jornalista e assumiu a direção de *Caretas* quando seu pai se aposentou em 2007 e permaneceu até 2018. Teve formação acadêmica em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Peru e formação em Ciências Políticas pela Universidade de Boston. Recordou que sua primeira participação envolvendo a cobertura jornalística do PCP-SL foi em 1984, durante o julgamento de Ucharaccay, ele foi a escolha porque Oscar Medrano e Goritti tiveram que depor, logo, estariam ocupados para escrever a matéria.

A experiência de Marco Zileri como jornalista também destoa dos anteriores, visto que seu protagonismo foi na região de Lima. Considerou de grande coragem os profissionais que iam para as zonas mais remotas de Ayacucho em busca de informações e fotografias. Recordou como funcionava a recepção dos dados por *Caretas* em Lima, explicou que depois do acontecimento, as imagens capturadas e conteúdo minimamente realizado deveria ser direcionado para a sede da empresa, para tanto, havia o contato por telefone para que o material fosse enviado por correio, ao chegar em Lima, era uma expectativa muito grande ao ter acesso ao rolo da câmera e ir para o quarto escuro ver o resultado. Zileri afirmou que o testemunho gráfico era sumamente importante. Por se tratar de um semanário, havia uma necessidade grande de buscar ângulos distintos e se destacar mesmo diante das manchetes dos diários.

Há um consenso entre os entrevistados de que os fechamentos de publicação da *Caretas* eram momentos de alta tensão, quando os ânimos ficavam à flor da pele. A revista chegava às bancas na segunda-feira e precisava de 24 horas para ser impressa, o que tornava o período entre quinta-feira e sábado especialmente intenso, com jornadas que frequentemente se estendiam pela madrugada. Esse ritmo acelerado criava um ambiente marcado pela pressão constante, que era vista como parte natural do processo criativo. Além disso, a *Caretas* enfrentava forte concorrência de outros tabloides, jornais e, sobretudo, dos programas de notícias exibidos aos domingos na televisão. Por essa razão, a equipe precisava ser cirúrgica na escolha dos temas abordados, garantindo que o conteúdo permanecesse relevante e atraente para o leitor mesmo depois do fim de semana, incentivando-o a adquirir a edição na banca.

O que acontecia nesses dias definia o tom da semana seguinte. Se a edição fosse publicada com sucesso, a equipe poderia aproveitar um ou dois dias de relativa tranquilidade, sentindo a satisfação do dever cumprido. Porém, se algo desse errado, um deslize escapasse ou um detalhe importante fosse negligenciado, o ambiente se transformava completamente. A primeira reunião de editores acontecia na terça-feira, esses encontros eram marcados por autocritica, Zileri recordou que o pai era severo, temperamental e muito exigente, qualquer falha era evidenciada, e para Goritti: “Ahí entonces era una tragedia, no era una, y nadie que hubiera cometido errores dejaba de saberlo y toda la revista lo sabía este y posiblemente todo el vecindario escuchaba los gritos relacionados con eso”.⁷⁹

Em uma reflexão retrospectiva sobre a linha editorial de revistas publicadas em décadas passadas, Marco Zileri reconheceu a presença de conteúdos machistas em várias edições. Um exemplo emblemático citado por ele, foi a escolha de uma capa que exibia uma mulher em traje de biquíni, acompanhada da chamada “As curvas da economia”. Essa abordagem reflete um comportamento editorial que objetificava a imagem feminina ao associar atributos físicos a temas sérios, como a economia, em um claro esforço de apelar para o público masculino por meio de estereótipos. A autocritica realizada por Zileri aponta para a importância de revisitar práticas do passado e reconhecê-las como parte de um processo de transformação social e editorial. É óbvio que devemos entender essa publicação dentro do contexto em que foi criada, assim como deve-se destacar que se algumas capas ostentaram corpos femininos quase nus, é porque existia aceitação do público.

⁷⁹*Ibidem.*

Figura 4. Capas da revista *Caretas* de 1985 e 1990.



Essas duas capas demonstram como era comum o uso de imagens de mulheres em poses sensuais, muitas vezes, sem relação direta com o título. Em ambas, o texto aborda questões econômicas do país.

Fonte: EL SEGUNDO acto del plan económico y ahora del Apra”. *Caretas*, Lima, n. 864, 19 ago. 1985. / INFLACIÓN aprendiendo a vivir con ella! *Caretas*, Lima, n. 1092, 22 jan. 1990.

Marco Zileiri comentou sobre as repressões enfrentadas pela revista ao longo dos anos. Em sua análise, a sensação de insegurança vivida durante a ditadura militar voltou a se repetir nas décadas de 1980 e 1990. A diferença, contudo, estava no fato de que o risco de conflito era duplo, já que as ameaças poderiam partir tanto das forças de segurança pública quanto do PCP-SL. Por essa razão, Zileiri ressaltou a coragem dos profissionais envolvidos, que conduziram suas investigações de maneira aberta, mesmo diante de perigos constantes.

Com a frequência cada vez mais elevada das notícias acerca do PCP-SL, foi necessário a criação de uma unidade editorial totalmente dedicada ao tema, visto que o grupo não se encaixava na seção de crônicas rojas, investigação e muito menos em narcotráfico. Era uma unidade com suas próprias singularidades, por isso uma rede de colaboradores em nível nacional foi reunida. Nas palavras de Zileiri: “se armó una red, no un montón de todos estos chicos fotógrafos de reporteros del interior del país y probablemente en términos de tiraje. Pero no, no sabría darte los números, pero tampoco digamos que fuera divino. Pero claro, este debe haber contribuido a que el tiraje de la publicación no se saliera.”⁸⁰

⁸⁰ ZILERI, Marco. Entrevista concedida a autora. 05 jul. 2024.

Marco Zileri foi o único dos entrevistados que destacou que o governo de Fujimori marcou a revista, que a sua eleição foi uma surpresa para *Caretas*, mesmo que sua campanha tenha sido popular, ao ponto de Fujimori colocar as roupas típicas da região serrana do Peru e se aproveitava no slogan *um peruano como tú*. E muito cedo o seu governo começou a ter uma atitude mais autoritária, em claras tentativas de diminuir o poder da imprensa de oposição.

Marco Zileri deixou de colaborar com a revista em 2019 e a responsabilidade ficou a cargo de seus irmãos, mas que os resultados são muito diferentes. O modelo de revista que *Caretas* propagava já não se encaixava no século XXI. Para ele a questão vai muito além de administração, visto que a mudança de hábitos de consumo do leitor e o advento da internet afetou todos os meios, fez uma reflexão interessante: “¿Hasta qué punto la caída del tiraje responde a que los medios, los propios propietarios de los medios impresos, le han perdido fe al papel? ¿No? Y entonces, en efecto, son diarios de de mucha menor calidad que en el que en el que en el pasado, no mucho más delgados, no con menos información, en suma.”⁸¹

As entrevistas com os profissionais Marco Zileri, Oscar Medrano e Gustavo Gorriti trouxeram reflexões importantes sobre o papel da revista *Caretas*, sobretudo no contexto entre os anos de 1980 e 1995, a intenção foi recuperar dados que não foram possíveis de serem consultados na bibliografia acerca do tema. Um assunto que foi tocado por todos os três foi sobre a importância do editor de *Caretas*, Enrique Zileri, para garantia de publicações que agradassem ao público, ele foi o responsável por todo o desenvolvimento da metodologia da escrita e produção dos textos, reportagens e seleção de imagens. Foi descrito como uma figura emblemática, extremamente dedicado ao jornalismo e que sempre buscava a perfeição, mesmo sendo utópica. Para ele, uma notícia não estava completa sem uma fotografia que a acompanhasse. Segundo Medrano, Enrique Zileri tinha como lema que não existe informação sem fotografia e que uma boa imagem era capaz de compensar textos menos elaborados. Essa postura reforçou o compromisso da revista em investir em um jornalismo visual impactante e duradouro. Seu espírito incisivo despertava nos colaboradores uma constante pressão em realizar suas tarefas com excelência. Apesar de reforçarem essa personalidade de Zileri, Medrano também afirmou que o editor confiava demais no seu trabalho e sempre manteve uma relação respeitosa. Fora dos dias de fechamento, de acordo com Goritti, a dinâmica no prédio era de alegria, com altos risos e de encontros para almoços. A personalidade de Zileri foi justificada como sendo um do “último de los grandes románticos del periodismo”.

⁸¹ *Ibidem*.

A relação de Goritti e Zileri ficou abalada quando o primeiro decidiu deixar *Caretas* para se dedicar a escrever um livro, ele afirma que foi um pequeno desentendimento, mas que logo foi resolvido e a amizade perdurou até o momento da morte de Zileri. O editor foi destacado por ter uma solidariedade sem igual e que ali era um espaço confiável, visto que *Caretas* defendia seus colaboradores com todos os recursos disponíveis. O compromisso com a imprensa era o que movia Zileri, por uma informação de qualidade, ele rompia até mesmo as suas crenças políticas. Goritti mencionou que Zileiri mantinha afinidades com o governo de Alan Garcia, mas quando aconteceu o massacre nas cadeias de Lima, nem por um instante hesitou em publicar: “nunca, la revista intentó que yo no escribiera lo que yo entendía como la verdad. Lo que yo había reportado como lo que entendía era la verdad de los hechos.”⁸²

Para Marco Zileri, a trajetória da revista *Caretas* e de seu diretor, Enrique Zileri, foram marcadas por um compromisso profundo com a defesa dos direitos humanos e com o jornalismo responsável. Desde seu início, a publicação assumiu uma posição firme de que a democracia não poderia ser mantida à custa de práticas que violassem os direitos humanos. Essa linha editorial foi estabelecida a partir da convicção de que o Estado não deveria combater o PCP-SL utilizando métodos que desrespeitassem os princípios fundamentais de dignidade humana. Marco Zileri complementou que a cobertura jornalística da *Caretas* destacou-se pela profundidade com que abordava temas delicados e afirmou que a revista consolidou sua reputação como uma das principais vozes em defesa dos direitos humanos.

Consoante ao filho, Enrique Zileri não tinha a prática de assinar as publicações de editoriais, salvo quando considerava que era extremamente necessário um posicionamento oficial da revista. Nessas ocasiões, suas palavras refletiam a linha editorial de *Caretas* e sua preocupação em garantir que a revista tivesse um posicionamento claro diante de eventos importantes. Durante o primeiro governo de Fernando Belaúnde Terry, por exemplo, a revista tomou posições firmes em relação às políticas adotadas pelo governo, demonstrando sua independência editorial.

Outro aspecto notável da liderança de Enrique Zileri foi seu papel como formador de gerações de jornalistas. Muitos dos profissionais que se destacaram no jornalismo peruano tiveram sua formação nas redações da *Caretas*, onde Zileri atuava como um mentor. Curiosamente, ele não frequentou a universidade, o que torna ainda mais impressionante sua capacidade de influenciar e orientar jovens jornalistas. Seu foco não era criar uma escola de

⁸² GORRITI, Gustavo. *Op. cit.*

jornalismo, mas sim garantir que cada edição da revista fosse produzida com qualidade e integridade, de forma que ele nunca sentisse vergonha do conteúdo publicado.

Essa preocupação constante com a credibilidade e a ética jornalística fez de Enrique Zileri uma figura respeitada e admirada no meio jornalístico. Sua abordagem prática e seu compromisso com a verdade consolidaram a *Caretas* como uma publicação fundamental no cenário midiático peruano, especialmente em tempos de crise e violações de direitos humanos.

Foi descrito como um visionário que não ficou delimitado a sua zona de conforto, o problema da transição entre o século XX e XXI foi muito mais externo do que devido a dinâmica de *Caretas*, Zileri tentou se adaptar e fez o possível para seguir adiante, até o momento que decidiu deixar a revista aos cuidados dos seus filhos. Mas os semanários em todo o mundo enfrentaram as consequências dos novos tempos. Enrique Zileri faleceu seis anos depois de se aposentar, Goritii: “Se suele decir de que muchos muertos ilustres dejan un vacío que no es fácil llenar. Y todo eso. Pero en el caso de Enrique fue literalmente cierto. Él había proyectado su fuerza, su capacidad creativa, su capacidad de enseñanza en varias generaciones de periodistas.”⁸³ Esses relatos que recuperam a trajetória de Enrique Zileri evidenciam o quanto o jornalismo de *Caretas* foi moldado por seu editor. Sua liderança na revista foi marcada por um compromisso com uma imprensa livre, mesmo que isso significasse romper com afinidades políticas ou enfrentar riscos pessoais. Zileri fez parte de gerações de jornalistas, deixando um legado que transcende as páginas da revista. Nesse contexto de profundas transformações no cenário midiático, ele personificou a resistência do semanário.

Mais do que um simples veículo de comunicação, *Caretas* consolidou-se como um espaço de resistência e crítica, mesmo diante de censuras, repressões e rupturas pessoais e institucionais. O acervo jornalístico mantido pela revista, especialmente as pastas dedicadas ao tema do terrorismo, evidenciou um esforço contínuo de registrar e documentar os fatos, em uma tentativa de narrar as complexidades de um país. Essa documentação não apenas contribuiu para o jornalismo, mas também forneceu uma base para reflexões e análises sobre os impactos da violência e as dinâmicas de poder que moldaram a sociedade peruana. As entrevistas realizadas com Oscar Medrano, Gustavo Gorriti e Marco Zileri reforçam o caráter multifacetado da produção jornalística de *Caretas*. Seus depoimentos destacam o desafio constante da imprensa em noticiar. Esse diálogo entre história, memória e narrativa reafirma a relevância de *Caretas* na imprensa peruana. Por meio de suas páginas, histórias foram contadas, escolhas foram realizadas e suas imagens fazem parte de um país em transformação.

⁸³*Ibidem.*

Cabe detalhar acerca da revista na atualidade, é bem verdade que início dos anos 2000, *Caretas* buscou adaptar-se às transformações sociais e ao novo perfil de seus leitores, equilibrando sua tradição jornalística com iniciativas voltadas para a expansão no mercado editorial. Um exemplo dessa estratégia ocorreu em março de 2005, quando a seção *Ellos&Ellas*, antes integrada à revista principal, tornou-se um suplemento independente. Com foco em estilo de vida, gastronomia e entretenimento, essa iniciativa visava diversificar o conteúdo oferecido e atrair um público mais amplo, reafirmando a capacidade do semanário de se reinventar diante das mudanças no cenário midiático e nas novas demandas do leitor. A seção *Ellos&Ellas* recebeu seu primeiro número sob o comando da neta de Gibon, Drusila Zileri, em entrevista em 2015 fez um breve panorama desse complemento:

[...] *Ellos & Ellas* poco a poco empieza a crecer dentro de la revista y desde los inicios, en los cincuenta, ya tenía dos o cuatro páginas dentro del ‘Caretas’ de siempre. Páginas en blanco y negro con pastillitas de eventos sociales, pero ya era parte; y también era parte de la personalidad de su fundadora, Doris Gibson, y de la de Enrique Zileri, que si bien eran personas que estaban comprometidas con el país y con lo que estaba pasando y con esa lucha democrática, también eran personas sumamente divertidas y a las que les gustaba la vida social. ‘Ellos & Ellas’ evoluciona a color cuando ‘Caretas’ pasa a color, aún por dentro pero a cuatro o cinco páginas; y el color ayudó mucho a esta sección que es amena, divertida, positiva. Hace diez años se decide independizarla como suplemento dentro de ‘Caretas’, entonces sale del cuerpo pero aún va dentro de la revista; comienza a adquirir una personalidad un poco más propia, también tiene un trasfondo comercial, pues llega a clientes que buscan más un perfil de estilo de vida.⁸⁴

É possível observar mudanças significativa nos cargos principais somente em novembro de 2007, quando a revista lançou a sua edição 2000. Enrique Zileri assumiu a Presidencia del Directorio de *Caretas* (cargo que continuava sendo de Doris Gibson),⁸⁵ sua mãe recebeu o título de fundadora e a direção ficou para Marco Zileri.⁸⁶ A partir de 13 de dezembro de 2018, Marco Zileri se afastou por causa de problemas de saúde, ficando como diretor Enrique Chávez Durán. A irmã de Marco, Diana Zileri, ficou como responsável pela página *web* da revista.⁸⁷

Atualmente, a circulação impressa da revista não mantém data de publicação física, mas continua a existir.⁸⁸ A sede da empresa está no centro da cidade de Lima e ostenta um prédio de

⁸⁴ LOS 65 años de la Revista ‘Caretas’. *Universidad de Lima*, 10 jul. 2015. Disponível em: <https://www.ulima.edu.pe/pregrado/comunicacion/noticias/los-65-anos-de-la-revista-caretas>

⁸⁵ Provavelmente, Doris Gibson deixou de contribuir assiduamente na revista durante os anos de 1990, mas não existe nenhuma menção deste fato nas páginas de *Caretas*.

⁸⁶ Enrique Zileri foi casado com Dafne Dougall, com quem teve cinco filhos: Marco, Doménia, Diana, Sebastian e Drusilla.

⁸⁷ A revista foi pioneira nos meios digitais, sua página *web* está à disposição desde 1995. Disponível em: <https://www.caretas.com.pe/>

⁸⁸ Até o momento, a publicação mais recente em dezembro de 2024. GESTOS y arrestos. *Caretas*, Lima, n. 2717, 27 dez. 2024.

sete andares. É inegável que as mudanças nos hábitos de consumo de impressos é uma situação global que acompanha a diminuição das bancas de jornais e, conseqüentemente, o desaparecimento de muitos números dos jornais, revistas e outros materiais impressos, causados principalmente pela ascensão das mídias digitais.

A revista investe no formato *online*, mas é uma adaptação complexa, visto que um semanário tem características de matérias mais elaboradas que por vezes, não cabem dentro dessas plataformas digitais que oferecem informações instantâneas e sem muita análise dos fatos. O formato físico sofreu as conseqüências dessas mudanças tecnológicas, com o *online* mais atrativo para o público, os anunciantes também migram para essas plataformas digitais, que oferecem maior segmentação e alcance, causando uma crise de publicidade nos impressos.

O caso da pandemia de COVID-19 também não pode ser ignorado,⁸⁹ pois representou um grande desafio para jornais e revistas impressas.⁹⁰ Com as restrições de circulação impostas pelas exigências do distanciamento social, muitas publicações enfrentaram dificuldades para se adaptar, sendo forçadas a fechar ou a migrar completamente para o formato digital.

Deste modo, nos anos 1980 e 1990, *Caretas* foi um dos semanários mais influentes do Peru, desempenhando um papel crucial na denúncia de abusos de poder e na defesa da liberdade de imprensa. Contudo, atualmente, a revista é uma sombra do que foi naquele período áureo. A perda de relevância política, o declínio do jornalismo investigativo e a migração de leitores para o meio digital enfraqueceram sua posição no cenário midiático. A crise econômica no setor editorial e a mudança no consumo de notícias também contribuíram para sua redução de impacto. Apesar disso, *Caretas* ainda busca se reinventar para manter vivo seu legado histórico.

Como foi demonstrado ao longo deste capítulo, a revista *Caretas* desempenhou um papel significativo na imprensa peruana ao longo de sua história, consolidando-se como uma publicação de referência no jornalismo investigativo e na análise política. Sua trajetória refletiu os desafios e as transformações da mídia no Peru, especialmente em contextos de instabilidade política e crises institucionais. Nas décadas de 1980 e 1990, a revista ganhou notoriedade por

⁸⁹ Para uma análise mais detalhada acerca dos impactos da pandemia de COVID-19 na imprensa, ler: PAICO-ZUMAETA, Emiliano. Transformación digital del periodismo impreso en el Perú en tiempos de pandemia. *Acta Herediana*, [S. l.], v. 64, n. 1, p. 50–58, 2021. Disponível em: <https://revistas.upch.edu.pe/index.php/AH/article/view/3910>. Acesso em: 19 jan. 2025.

⁹⁰ Não faltaram notícias na imprensa acerca dos problemas financeiros enfrentados por *Caretas* e da editora Novelixis: “El fin de Editora Novelixis se da en medio de una lucha sin cuartel entre los hermanos Zileri, quienes no se han puesto de acuerdo sobre qué hacer con el mayor legado de su padre. *Caretas* lleva dos meses sin aparecer oficialmente. El pasado 4 de septiembre en algunos puestos de periódicos apareció una edición de *Caretas* dirigida por Marco Zileri, pero ella no contaba con el aval de la empresa ni del gerente general Sebastián Zileri.” MARCHÁN, Eloy. *Caretas*, la legendaria revista de Enrique Zileri, entra en proceso de liquidación. *El foco*, Lima, 8 out. 2020. Disponível em: <https://elfoco.pe/informes/caretas-la-legendaria-revista-de-enrique-zileri-entra-en-proceso-de-liquidacion/>. Acesso em 8 jan. 2024.

suas reportagens incisivas sobre violações de direitos humanos e os conflitos internos que marcaram esse período. Durante este estudo, três entrevistas foram realizadas com jornalistas que tiveram papéis centrais na cobertura da história recente do Peru: Oscar Medrano, Gustavo Gorriti e Marco Zileri. Oscar Medrano destacou a importância da fotografia como documento histórico e sua contribuição para a memória coletiva do país. Gustavo Gorriti, reconhecido por suas investigações sobre o PCP-SL, abordou os desafios e riscos do jornalismo investigativo no Peru. Por fim, Marco Zileri, ex-diretor da *Caretas*, ofereceu uma visão sobre a evolução da revista e as dificuldades enfrentadas pela imprensa independente no atual cenário midiático.

Atualmente, o papel da *Caretas* é diferente do que foi nas décadas de 1980 e 1990, quando se estabeleceu como uma das principais vozes da imprensa peruana. A transformação digital e as mudanças no consumo de notícias impactaram sua influência, reduzindo sua circulação e alcance. Dessa forma, *Caretas* permanece como um testemunho vivo das mudanças na imprensa peruana, ilustrando a complexa relação entre mídia, poder e sociedade ao longo das últimas décadas, sua história e legado continuam relevantes para a compreensão do jornalismo investigativo no Peru.

Capítulo 2.

O Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso e seus integrantes no *clipping* de *Caretas*

Este capítulo faz uma breve apresentação do que foi o Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso (PCP-SL), a organização atuou em um contexto marcado por transições de governos políticos, aprofundamento das desigualdades sociais e étnicas, além constantes violações dos Direitos Humanos. Importa destacar o início ideológico do partido, suas intenções e forma de atuar dentro do território peruano, para tanto, utilizou-se a bibliografia específica sobre o tema.

A trajetória do Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso (PCP-SL) está intrinsecamente ligada à figura de seu líder, Abimael Guzmán, cujo papel central na organização moldou sua ideologia e suas ações. Por isso, foram selecionadas reportagens que se aprofundaram na construção da imagem do líder, desde o momento em que seu envolvimento com o grupo veio à tona até a sua captura pelas autoridades peruanas. Esses relatos permitem analisar não apenas a maneira como Guzmán foi retratado por *Caretas*, mas também como sua figura foi utilizada para simbolizar e representar a própria essência da organização. Para complementar essa perspectiva e ampliar o entendimento sobre o grupo, também foi dada especial atenção à representação de seus integrantes nas reportagens, com ênfase na forma como as mulheres foram descritas e enquadradas, revelando aspectos sobre os papéis de gênero e as dinâmicas internas. Essa abordagem visa oferecer uma visão mais ampla e detalhada tanto da liderança quanto da base do movimento.

2.1 O surgimento do Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso

É difícil precisar os impactos das atividades do Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso (PCP-SL)⁹¹ no Peru, visto que faz parte da história recente e suscita diversos debates, principalmente no que tange à democracia e à situação econômica do país.

Há divergências na literatura acerca do tema, o que dificulta demarcar com exatidão a origem do PCP-SL, o mais provável é que foi formado durante a luta pelo ensino gratuito nas cidades de Ayacucho e Huanta, em junho de 1969.⁹² A liderança do grupo ficou a cargo do ex-professor de filosofia Abimael Guzmán, também conhecido como “Presidente Gonzalo”.⁹³ O

⁹¹ A bibliografia não é unânime ao referenciar o grupo, é comum que a referência seja apenas Sendero Luminoso ou Partido Comunista Sendero Luminoso (PC-SL).

⁹² DEGREGORI, Carlos Iván. *El surgimiento de Sendero Luminoso*. Ayacucho 1969-1979. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2010.

⁹³ “Desde fines de 1983 Abimael Guzmán era el «Presidente Gonzalo» por tres motivos: por ser Presidente del Comité Central, Presidente de la Comisión Nacional Militar, y Presidente de la Comisión Organizadora de la República Nueva Democracia. El Presidente Gonzalo, calcó con ello la terminología del Partido Comunista chino, del cual Mao Tse Tung fue Presidente desde antes de capturar el poder.” COMISIÓN de la Verdad y Reconciliación. *Informe Final*. Lima: CVR, 2003.

PCP-SL considerava-se herdeiro dos pensamentos de Marx, Lênin e Mao Tsé-Tung e, por isso, se autointitulava a “quarta espada do comunismo”. Guzmán diferenciava-se por dominar a língua falada por grande parte da população indígena do Peru, o quéchua,⁹⁴ fato que permitiu atrair simpatizantes das regiões serranas e levar a cabo a busca por uma revolução pela via armada.

A explicação da nomenclatura de Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso (PCP-SL) não é simples: em 1928, José Carlos Mariátegui fundou o Partido Socialista e, dois anos depois, pouco antes de seu falecimento, o partido assumiu o termo *Comunista* de maneira oficial. No mesmo ano de 1930, foi declarado ilegal e assim continuou até 1939. Ao sair da ilegalidade, pôde apoiar a candidatura à presidência de Manuel Prado Ugarteche (1939-1945). Mais tarde, durante a ditadura militar de Manuel A. Odría (1948-1956), os movimentos sociais e de esquerda foram reprimidos e o partido fragmentou-se, dentro das divisões internas surgiu o Partido Comunista do Peru – Bandera Roja, posteriormente conhecido como Partido Comunista Sendero Luminoso (PCP-SL). Houve uma verdadeira disputa para saber qual grupo merecia ser denominado partido comunista, o que resultou em várias organizações que se apropriaram da palavra *partido*, mesmo sem terem caráter oficial.⁹⁵

Nos anos de 1960, o PCP-SL adquiriu a confiança das comunidades ao assumir um perfil moralizador, perseguia ladrões e os grandes comerciantes que ameaçavam os pequenos camponeses, com castigos que iam desde flagelação à raspagem de cabelos, o que também lhes valeu o apoio de jovens estudantes.⁹⁶

O Peru, entre 1968 e 1980, foi dirigido por uma ditadura militar que suprimiu os direitos de expressão e opinião, com perda de autonomia dos meios de comunicação, submetidos a rigoroso controle estatal. Além disso, a economia não apresentou indícios de melhora.⁹⁷ Entretanto, durante a presidência de Juan Francisco Velasco Alvarado (1968-1975),⁹⁸ o país conheceu as primeiras reformas. À guisa de exemplo, pode-se contar o início da reforma

⁹⁴ O país possui 47 línguas nativas, mais informações acerca do impacto do quéchua na população peruana, ver: ANDRADE CIUDAD, Luis. Diez noticias sobre el quechua en el último censo peruano. *Letras*, Lima, v. 90, n. 132, p. 41-70, jul. 2019.

⁹⁵ Para mais informações, ver: RÉNIQUE, Luis José. *A Revolução Peruana*. São Paulo: Editora UNESP, 2009; PINHEIRO, Marcos Sorrilha. À sombra de José Carlos Mariátegui: socialismo e movimentos políticos de esquerda no Peru (1960-1980). *História (São Paulo)*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 837-866, 2009.

⁹⁶ CORONEL, José. Violencia política y respuestas campesinas en Huanta. In: DEGREGORI, Carlos Iván et al. *Las rondas campesinas y la derrota de Sendero Luminoso*. Lima: IEP/Universidad Nacional de San Cristóbal de Huamanga, 1996. p. 45.

⁹⁷ COTLER, Julio. Peru, 1960-1990. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina - A América Latina após 1930: México, América Central, Caribe e Repúblicas Andinas*. São Paulo: Edusp, 2015. v. XI. p. 59-169.

⁹⁸ Juan Velasco Alvarado (1910-1977) tornou-se presidente do Peru entre 1968 e 1975 por meio de um golpe militar.

agrária, que foi uma tentativa de acabar com os grandes latifúndios e complexos agroindustriais.⁹⁹ Tais ações criaram expectativas em relação às pautas sociais, entretanto, essas mudanças não tiveram prosseguimento no governo subsequente, de Francisco Morales Bermúdez, que “se orientó a paralizar o desarmar los proyectos de su antecesor.”¹⁰⁰

Desse modo, as forças de esquerda e os movimentos populares não surgiram repentinamente no século XX. Antes disso, graças às brechas abertas num processo de mudanças, iniciado durante o governo militar de Velasco, professores, estudantes, mulheres, funcionários públicos, vendedores ambulantes e outros diversos grupos, reuniram-se em torno de pautas comuns. Portanto, pode-se dizer que a importância política da esquerda cresceu, mesmo diante de uma trajetória complexa e sinuosa.

Na década de 1970, o PCP-SL era o maior representante da esquerda radical no país, “en efecto, éste ocupaba sin disputa el espacio político de las organizaciones marxistas que hasta poco antes proponían la lucha armada como un fin en sí mismo y sostenían la necesidad de destruir el estado y a las fuerzas armadas para la construcción del socialismo.”¹⁰¹ A organização do PCP-SL conseguiu o apoio de diversos núcleos que buscavam notoriedade política, a exemplo de Movimiento Clasista Barrial, o Movimiento Femenino Popular, o Movimiento de Obreros e Trabajadores Clasistas (MOTC), o Movimiento de Campesinos Pobres, entre outros.

A maioria dos integrantes do PCP-SL era composta de jovens entre 12 e 30 anos, atraídos pelo discurso de igualdade que oferecia um futuro melhor e oportunidades de ascensão social pelo viés educacional. Estima-se que, em 1980, havia 520 militantes e simpatizantes dispostos a iniciar o conflito armado, número que, dez anos depois, elevou-se para 2.700.¹⁰² Assim, a luta articulou-se graças ao trabalho de dezenas de pequenas organizações, e foi nesse contexto de extrema instabilidade que os grupos revolucionários cresceram, defendendo a ideia de que o único caminho para a tomada de poder era a luta armada.¹⁰³

O primeiro atentado do PCP-SL com dimensões significativas aconteceu em Chuschi (Cangallo, Ayacucho), com a queima das urnas eleitorais em 17 de maio de 1980, data que

⁹⁹ KRUIJT, Dirk. *Entre Sendero y los Militares: Seguridad y Relaciones Cívico Militares 1950-1991*. Barcelona: Editorial Robles, 1991.

¹⁰⁰ CAVIASCA, Guillermo Martín. El ejército en el poder. La “Revolución Peruana” un ensayo de “Revolución nacional”. *Cuadernos de Marte*, n. 14, ano 9, p. 139-172, jan-jun. 2018.

¹⁰¹ HINOJOSA, Iván. Sobre los parientes pobres y nuevos ricos: las relaciones entre Sendero Luminoso y la izquierda radical peruana. In: STERM, Steve. *Los senderos insólitos del Perú: guerra y sociedad, 1980-1995*. Lima: IEP/UNSC, 1999. p. 75.

¹⁰² COMISIÓN de la Verdad y Reconciliación. *Op. cit.*, 2003.

¹⁰³ MANRIQUE, Nelson. *El tiempo del miedo*. Lima: Fondo editorial del Congreso del Perú, 2002.

adquiriu grande significado simbólico para o grupo, visto que marcou o fim do regime militar. Apesar de o evento ter passado praticamente despercebido em âmbito nacional, tornou-se marco do Inicio de la Lucha Armada (ILA) no calendário senderista.¹⁰⁴ Depois de anos sem o direito de escolha nas urnas, era a primeira oportunidade de os camponeses quéchuas, cuja maioria era analfabeta, manifestarem-se por intermédio do voto. Isso graças à *Constitución para la República del Perú*, aprovada durante o período de transição para a democracia e sancionada em 12/07/1979.¹⁰⁵ O momento, aparentemente, era inoportuno para o início de uma guerra, tendo em conta o reestabelecimento da democracia. No entanto, para o PCP-SL a volta à normalidade política deveria ser seguida por uma revolução na qual o povo fosse protagonista, uma transformação que ultrapassava os limites do modelo democrático.

As eleições foram favoráveis para o candidato do partido Acción Popular, Fernando Belaúnde Terry, cuja vitória foi uma clara demonstração do anseio de colocar fim à ditadura. Ele já ocupara o cargo de presidente do Peru entre 1963 e 1968, quando foi derrubado pelos militares, com general Juan Velasco Alvarado à frente.

Ayacucho não foi escolhida ao acaso para ser o berço de uma organização que visava igualdade social, a província registrava os índices menos promissores do país em termos econômicos.¹⁰⁶ A situação vigente no Peru, aliada ao contexto de revoltas sociais que se espalhavam sobre a América Latina, contribuiu para a difusão da necessidade de iniciar a luta de classes, com a atraente promessa de um mundo sem desigualdades e pleno acesso à educação de qualidade.

Evidentemente, não se pode justificar a existência do PCP-SL somente pelos fatores referidos, entretanto, por mais que a violência não possa ser explicada em sua totalidade pela miséria, “existe uma relação estreita entre miséria e violência uma vez que a extensão da pobreza e da miséria é resultante de um processo de modernização que combina altos índices econômicos com elevados índices de marginalização da atividade produtiva organizada.”¹⁰⁷

¹⁰⁴ HERTOGHE, Alain; LABROUSSE, Alain. *Sendero Luminoso Peru: uma reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 53.

¹⁰⁵ O texto completo da Constituição aprovada em 1979 pode ser consultado na página web do Governo do Peru, em: <https://www4.congreso.gob.pe/comisiones/1999/simplificacion/const/1979.htm>. Acesso em: 14 maio 2023.

¹⁰⁶ “En aquel Perú andino con costumbres feudales, había tres departamentos con los índices mayores de pobreza y explotación: Ayacucho, Apurímac y Huancavelica. Eran épocas oscuras en estas regiones y en 1972, cuando el Banco Central de Reservas elaboró un Mapa de la Pobreza del Perú, reveló que “entre las diez provincias más pobres del país, figuraban tres de Apurímac, una de Huancavelica y dos de Ayacucho: Cangallo en el segundo lugar y Víctor Fajardo en el séptimo, precisamente las provincias donde en 1980 se inició la acción armada de Sendero Luminoso.” JARA, Umberto. *Abimael: el sendero del terror*. Lima: Planeta Perú, 2021.

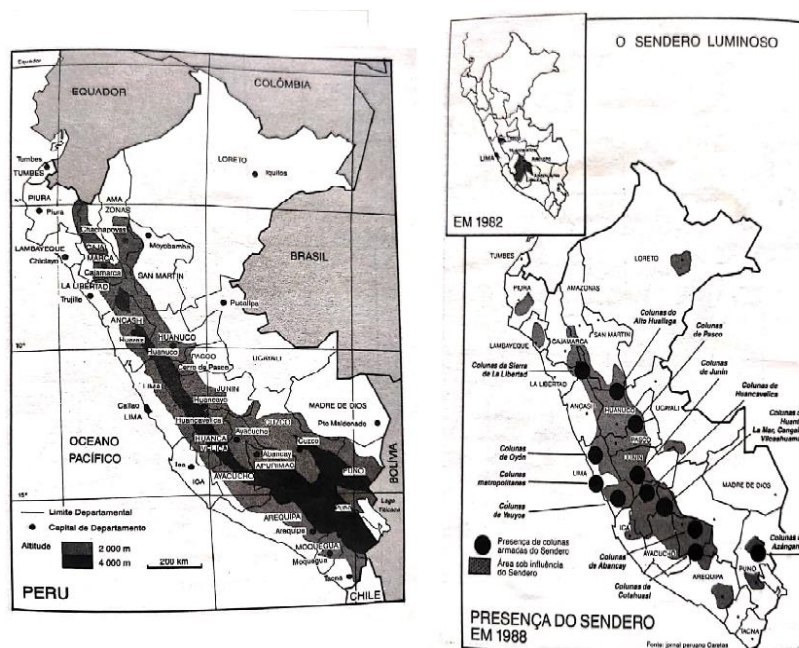
¹⁰⁷ SAUL, Renato P. Comentário sobre violência, cultura, economia e política na sociedade contemporânea. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (org.). *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 121.

As necessidades econômicas e sociais dos camponeses facilitaram a aproximação do PCP-SL na região, mesmo porque:

[...] las organizaciones e instituciones presentes en la región, la iglesia, los partidos políticos, el estado, no habían sido capaces de canalizar las demandas de la población ayacuchana. [...] En ese panorama político, SL sale ganando, al ofrecer - vía la lucha armada - alternativas concretas frente a los problemas estructurales, de atraso y abandono, de pobreza y marginación.¹⁰⁸

Os membros do PCP-SL dominavam o quíchua, o que lhes assegurava considerável vantagem, além de estarem localizados em áreas de grandes altitudes e difícil acesso (ver Figura 1). Esses fatos representaram uma barreira para identificar os indivíduos que integravam ou colaboravam com a organização.

Figura 5. Áreas do Peru onde o PCP-SL teve influência.



Do lado esquerdo pode-se observar as características geográficas do país. Do direito, os lugares que se concentravam a presença do PCP- SL em 1988.

Fonte: HERTOGHE, Alain; LABROUSSE, Alain. *Sendero Luminoso Peru: uma reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 6.

O governo recorreu a várias táticas para combater as atividades do grupo. Assim, por exemplo, no dia 12 de outubro de 1981, declarou estado de emergência em cinco das sete províncias de Ayacucho (Huamanga, Huanta, Cangallo, La Mar e Víctor Fajardo), suspendeu por 60 dias os direitos constitucionais relativos à liberdade e segurança pessoais, além de enviar

¹⁰⁸ PINO, Ponciano del. Familia, cultura y "revolución. Vida cotidiana en Sendero Luminoso. In: STERM, Steve. Los senderos insólitos del Perú: guerra y sociedade, 1980-1995. Lima: IEP/UNSH, 1999. p. 164.

policiais incumbidos especificamente da luta contra o PCP-SL.¹⁰⁹ Entretanto, não existia um plano efetivo para o controle dos senderistas, ao que se soma a desinformação dos representantes do governo sobre a região.

Essas ações, que persistiram por meses a fio, receberam a atenção do presidente Fernando Belaúnde, que viajou a Ayacucho em 1982 para dar apoio moral aos agentes de segurança. A crescente escalada das atividades do PCP-SL tornou evidente que a polícia não possuía preparo suficiente para enfrentar uma insurgência em território rural. Diante disso, o governo tomou a decisão de convocar as Forças Armadas (FF.AA.) para combater o grupo. A demora nessa mobilização, no entanto, pode ter sido um fator determinante para o fortalecimento do PCP-SL, que, nesse período, conseguiu obter suas primeiras armas e aprimorar sua experiência no campo militar. Além do avanço bélico, a organização expandiu sua influência política entre as comunidades camponesas, enfraqueceu e substituiu lideranças locais e estabeleceu sua própria estrutura de controle por meio dos comitês populares. A hesitação do Estado em adotar medidas eficazes nesse estágio, resultou em um crescimento exponencial do conflito, tornando a repressão cada vez mais desafiadora.¹¹⁰

Outro fator decisivo para o fortalecimento do PCP-SL foi a atuação de seus membros, que desempenharam papéis estratégicos na difusão da ideologia do grupo e na mobilização das comunidades camponesas. Professores, estudantes universitários e militantes convencidos da luta revolucionária foram essenciais na propagação da doutrina, recrutando novos integrantes (voluntários ou não) e consolidando a presença do movimento em regiões isoladas. No centro dessa estrutura estava Abimael Guzmán, líder incontestável do PCP-SL e principal responsável pela formulação da estratégia política e militar do grupo. Inspirado pelo pensamento de Mao Tsé-Tung, Guzmán adotou a guerra popular prolongada como método de luta, apostando na mobilização do campesinato para minar gradualmente o poder do Estado. Sua liderança e seu rigor ideológico garantiram a coesão interna do grupo, permitindo que a organização se expandisse e desafiasse o governo peruano de maneira sistemática. Sob sua orientação, o PCP-SL não apenas fortaleceu suas bases militares e políticas, mas também consolidou um culto à personalidade em torno de sua figura, o que contribuiu para a radicalização do movimento e para a intensificação do conflito nas décadas seguintes.¹¹¹

¹⁰⁹ DESCO. *Violencia política en el Perú, 1980-1988*. Lima: Centro de Estudios y Promoción del Desarrollo, 1989. Tomo I.

¹¹⁰ ZAPATA, Antonio. En honor a la verdad. *Revista Argumentos*, ano 6, n.º 2, maio, 2012.

¹¹¹ A figura de Guzmán ainda está envolta em mistérios, e jornalistas continuam tentando compreender seu verdadeiro papel dentro da organização, por meio de textos voltados ao grande público. Um exemplo representativo desse esforço é a obra: RONCAGLIOLO, Santiago. *La cuarta espada: la historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*. Lima: Penguin Random House, 2018.

2.2 A trajetória de vida de Abimael Guzmán

É inegável que Abimael Guzmán foi um personagem central na cena política peruana a partir de 1980, visto que foi o responsável pela coesão ideológica e estratégica do PCP-SL, pela atração de novos membros e pelas táticas e ações utilizadas na luta. A construção da sua imagem pela imprensa foi demorada, e cabe destacar que jornais e revistas tiveram papel fundamental para tornar público os detalhes da sua trajetória pessoal e profissional.¹¹² Deste modo, a vida pessoal de Abimael Guzmán pode ser entrelaçada à histórica do PCP-SL.

A reconstituição da trajetória de Guzmán só pode ser feita a partir do material que compõe a pasta Terrorismo, que contém 21 recortes que abordam o personagem num universo de 1053, o que atesta que sua presença justificava-se pela liderança do grupo, um entre outros presentes no conjunto. Cabe destacar que no acervo há uma pasta específica para o líder senderista, entretanto não foi possível ter acesso ao seu conteúdo, tendo em vista a desorganização do acervo. Informações para além das publicadas por *Caretas* foram obtidas a partir da historiografia. O esforço foi o de reconstituir a trajetória cronológica de Abimael Guzmán, numa bricolagem das diferentes matérias, ordenando as informações de maneira a compor um todo coerente, que o leitor de *Caretas* só obteria caso tivesse lido todos os exemplares da revista.

Como é característico da imprensa, as notícias circularam rapidamente e houve uma corrida em busca de informações exclusivas, por isso, é difícil garantir uma narrativa coesa no decorrer dos anos. *Caretas* cumpriu seu papel como revista de informação semanal e destacou-se, em várias oportunidades, por investigar os detalhes sobre o líder senderista e publicizá-los com ineditismo. O PCP-SL demorou a ganhar espaço na imprensa, visto que sua atuação estava concentrada nas zonas mais afastadas do país, situação que se alterou na década de 1980. Daí em diante houve grande interesse em obter maiores informações sobre o líder, tanto que os repórteres de *Caretas* esforçaram-se para esboçar a biografia de AG. Grande parte das informações, eram fragmentadas, remetiam às décadas anteriores e/ou baseavam-se em relatos de familiares e amigos.

A primeira reportagem da pasta que identifica o até então anônimo líder do PCPSL foi uma pequena nota publicada em 08/09/1980, sendo que o grupo existia desde 1960, o que

¹¹² As primeiras investigações policiais se valiam das informações que circulavam nos grandes meios de comunicação, a exemplo, o relatório da Policía de Investigaciones del Perú (PIP) de 1984, intitulado: “*Abimael Guzmán Reynoso: Una aproximación a su vida y pensamiento*” teve informações baseadas nos impressos: *El Diario*, *El Comercio* e a Revista *Que hacer*. Para mais informações, ver: <https://cedoc.sisbib.unmsm.edu.pe/biblioteca-digital/coleccion-documental/documentos-personales/7>. acesso 01 jul. 2024.

testemunha o cuidado da organização em preservar os dados de seus membros. A reportagem recebeu o título *Senderito Ominoso*, O título da matéria faz trocadilhos com o nome do movimento, coloca no diminutivo a palavra *sendero* para banalizar o seu sentido e contrapõe *luminoso* com a palavra *ominoso*, que pode significar agouro, desventura, infelicidade, nefasto, abominável etc.

A matéria identificou três homens que foram considerados como líderes do PCP-SL. Tratava-se Manuel Abimael Guzmán, Luis Kawate Makabe e Osmán Morote Barrionuevo, de acordo com *Caretas* “los tres dirigentes principales de un maoísmo que no llegó hasta Teng-Pisiao Ping”.¹¹³ A foto que aparece na matéria é do registro de uma prisão de seis meses antes, a revista não trouxe detalhes acerca do motivo e datas exatas. De acordo com *Caretas*, os três nomes indicados pretendiam realizar uma guerra popular camponesa munidos de dinamites, mas, contraditoriamente, com a falta dos camponeses. Menosprezou-se a força do PCP-SL ao afirmar que a revolução proposta era um delírio proveniente do fundo de uma universidade do interior do país, isolada de todo movimento popular poderoso e só estava acompanhada por fantasmas. A notícia seguiu com os dados sobre roubos de dinamites e armamentos que aconteceram nas regiões de Ica, Apurímac, Junín, Arequipa, Huancavelica e Ayacucho, entretanto, enfatizou que, provavelmente, o ocorrido não tinha relação direta com a organização. Esse primeiro recorte é emblemático, por demonstrar como a grande imprensa não cogitava que um movimento de esquerda, com fortes raízes, pudesse impactar todo o território peruano.¹¹⁴

¹¹³ Não há informações suficientes na bibliografia atual que confirmem a liderança Luis Kawate Makabe no PCP-SL.

¹¹⁴ SENDERITO ominoso. *Caretas*, Lima, n. 614, 8 set. 1980. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1971-1981*.

Figura 6. Fotografia dos considerados líderes do PCP-SL em 1980.



Fonte: SENDERITO Ominoso. *Caretas*, Lima, n. 614, 8 set. 1980. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1971-1981*.

É bem verdade que Guzmán teve intensa participação política entre os anos de 1960 e 1970, atualmente sabe-se que foi preso em diversas ocasiões. Em fevereiro de 1964, figurou em um boletim de ocorrência pelo envolvimento nos atos de agitação camponesa e organização de motim na UNSCH. Cinco anos depois, em 1969, foi preso pela acusação de “ataque a la Fuerza Armada”. Em 26 de junho de 1970, foi preso por sua participação por atos violentos durante os protestos do aniversário do “Massacre de Huanta”. Em dezembro de 1972, novamente foi preso por protestar contra o fechamento do turno vespertino da Escuela de Aplicacion “Huamán Poma de Ayala”, sendo o último registro de cárcere antes de ser conhecido pela imprensa como líder do PCP-SL.

Sem dúvidas, a matéria mais completa e inédita do líder foi a que saiu no dia 07/06/1982,¹¹⁵ intitulada *El camino de Abimael*, pela qual sabe-se que abordou a trajetória acadêmica do líder, no título optou-se por não colocar o sobrenome do líder, talvez para trazer essa aproximação da sua juventude, momento que costuma-se ser tratado de maneira mais informal. A imagem escolhida para ocupar folha-dupla foi a dos formandos do colégio *La Salle* de Arequipa, local onde realizou os primeiros anos de ensino, o registro fotográfico foi realizado

¹¹⁵ EL CAMINO de Abimael. *Caretas*, Lima, n. 701, 07 jun. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1982*.

três décadas antes. *Caretas* faz uma escolha estratégica para estabelecer um contraponto, ao lado da foto de Abimael mais jovem, há uma imagem dele mais velho. A mensagem transmitida é clara: se, em sua juventude, ele parecia ter um futuro promissor pela frente, na fotografia mais recente, o contexto é completamente diferente. O ângulo desfavorece sua aparência, reforçando a imagem de decadência. Tirada na prisão, a foto expõe não apenas os sinais do tempo, mas também as consequências físicas de uma trajetória marcada por escolhas que o levaram a uma vida de crimes e violência. Com esse contraste entre as duas imagens, a revista sugere uma narrativa moralizadora: o jovem que, diante das possibilidades de um futuro brilhante, opta pelo caminho da ilegalidade acaba sendo consumido por ela, carregando em seu corpo os vestígios dessa destruição.

Figura 7. Abimael Guzmán e sua turma de formatura em 1952.



Fonte: EL CAMINO de Abimael. *Caretas*, Lima, n. 701, 07 jun. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1982*.

É a primeira reportagem a trazer detalhes da vida de Guzmán o que resultou em sua biografia: “Abimael Guzmán Reynoso, ariquepeño, de 47 años, graduado en filosofía y derecho en Universidad Nacional de San Agustín, en Arequipa; ex catedrático de la mismo y de la Universidad Nacional San Cristóbal de Huamanga.”¹¹⁶ A liderança de Guzmán foi compreendida por *Caretas* como a própria definição do senderismo.

¹¹⁶ *Ibidem*.

Com poucas informações públicas, *Caretas* realizou sua própria investigação para elaborar a reportagem. A revista publicizou sua biografia e carreira acadêmica, e afirmou ter conseguido “soprendentes opiniones y revelaciones”.¹¹⁷ Para aquele momento, no qual pouco se sabia acerca de Abimael, a fotografia de 1952 instigava a curiosidade de seus leitores.

A preocupação do semanário era a de trazer imagens e fatos exclusivos, com essa lógica, a infância de Guzmán foi explorada. Nessa mesma notícia há mais informações sobre a sua tese de Direito e seu contrato de trabalho de um ano na Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa (UNSA). O texto ainda esclareceu que nesse período, ele fazia parte do Partido Comunista. Após receber seu título de graduado, Efraín Morote Best, principal autoridade da Universidade de Huamanga, convenceu-o de ir a Ayacucho para ministrar aulas no ensino superior. A revista conclui para o leitor que esse feito “seria el inicio de su luctuosa trayectoria andina”.¹¹⁸

A revista não deixou de realizar mais uma crítica ao PCP-SL, com um posicionamento bem demarcado, afirmou que “En 1982 (CARETAS 709 y 723) los fondos universitarios experimentales de Allpachaka y Huallabamba (donde se tomó la foto del almuerzo campestre) fueron destrozados por los fanáticos seguidores del doctor Guzmán, actuando quizá bajo el concepto que el desarrollo tecnológico, y también el respeto a la vida humana, son “cosas de babiecas”.¹¹⁹

A menção em si mesma foi um recurso utilizado em diversas ocasiões, isso traz o leitor para perto de si, convidando-o a revisitar artigos anteriores e participar de discussões. Além do mais, é um claro indício de como a revista está evoluindo nas explicações acerca do PCP-SL e seus impactos dentro da sociedade, ao manter uma linha de continuidade e profundidade na cobertura desse assunto.

Somente no ano de 1983, a revista publicou uma foto do líder em uma nova fisionomia,¹²⁰ o registro fotográfico de 1973 capturou Guzmán com um sorriso no rosto. O título “Cuando Abimael reía” é uma escolha interessante, passa a sensação de que o líder não tinha mais a capacidade espontânea de alegria, já que sua figura é sempre associada a violência e terrorismo, reforça que Guzmán não era um líder carismático.

¹¹⁷ *Ibidem.*

¹¹⁸ *Ibidem.*

¹¹⁹ ELLENGOGEN, Gustavo Gorriti. La pachamanca fue después. *Caretas*, Lima, n. 854, 10 jun. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985.

¹²⁰ ELLENGOGEN, Gustavo Gorriti. *Cuando Abimael reía*. *Caretas*, Lima, n. 736, 21 fev. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

Na imagem de 1973 é possível observar um grupo de homens que posaram para esse registro, a revista esclareceu que estavam numa reunião em homenagem ao romancista Oswaldo Reynoso. Como era de costume, o rosto de Guzmán foi destacado por um círculo vermelho, outros quatro indivíduos foram identificados e os demais foram censurados por uma tarja preta. *Caretas* ressaltou que nomear os indivíduos da foto não significava, necessariamente, que tivessem vínculo com o grupo.

Há uma preocupação na matéria em conhecer a personalidade do líder, isso fica evidente quando recuperam e colocam em destaque a descrição do tio de Abimael, Luis La Torre, acerca do seu temperamento, “era muy raro ver sonreír a Guzmán“, ao mesmo tempo que era “hombre disciplinado, estudioso, especialista em marxismo-leninismo.” O depoimento do tio, corrobora com a ideia de o líder é uma pessoa fria e contido. É curioso que a matéria coloca como tio de Abimael, mas o sobrenome é La Torre, o que indica que o laço sanguíneo, na verdade, era com a sua esposa, Augusta.

Para tornar o leitor mais íntimo do núcleo familiar, a revista trouxe informações acerca do seu tio, graduado em odontologia na Universidade de Heidelberg em 1950. Sua casa-fazenda foi expropriada pela reforma agrária durante o regime militar de Velasco enquanto trabalhava como tradutor e professor de idiomas na Alemanha.

Figura 8. Fotografia de Abimael Guzmán em 1973.



Fonte: ELLENGOGEN, Gustavo Gorriti. Cuando Abimael reía. *Caretas*, Lima, n. 736, 21 fev. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1983.

Na continuação da reportagem, há a afirmação que o PCP-SL estava em derrota, visto que a maior parte dos enfrentamentos era da população civil contra os senderistas, “Así, Sendero enfrentaba la sangrienta ironía de luchas frente a quienes debían ser- en su trazo teórico- el elemento principal en la prevista lucha de cerco del campo a la ciudad: los campesinos”.¹²¹

Como era frequente na organização da revista, a matéria saltou da página 15 para a 64, o responsável por guardar o material se atentou a esse intervalo e indexou a continuação. A discussão acerca da viabilidade da anistia já estava sendo considerada neste ano, a matéria citou a possibilidade dela ser concedida como recurso aos militantes do grupo, uma medida para evitar que aconteça uma vitória puramente militar que demandaria dezenas ou centenas de mortes mais e que incluiria neste saldo pessoas inocentes, “El sólo pensar en el número de adolescentes -y de niños- que han sido llevados- antes de poder discurrir- a lo que les asegura una muerte temprana y trágica, hace necesario el esfuerzo de salvarlos; y el librar al país- em toda la medida de lo posible- de aquel pavoroso tránsito de las carpetas a las tumbas.”¹²² Como era frequente, há uma apelo de *Caretas* par ao fim do conflito, como argumento principal, menciona o sofrimento das crianças, visto como seres inocentes, as vítimas puras dentro de tamanha atrocidade. Colocar essa faixa estaria para sensibilizar da violência, comove o leitor, visto que são as que sofreram tamanha injustiça sem ter nenhuma culpa ou envolvimento que justificasse a ação contra si. É um ser completamente isento de responsabilidade em uma situação problemática ou de abuso. Essa sensibilidade não é tão notada quando a violência atinge os jovens, principalmente aqueles que foram acusados de participar da organização. A reportagem foi publicada em um momento de grande efervescência, visto que não havia passado um mês do polêmico Massacre de Uchuraccay, no qual um grupo de jornalistas foi assassinado (Ver capítulo 3).

Essa foto de Abimael com um sorriso, alimentou outras reportagens, é o caso da edição 775,¹²³ a foto foi recortada para que o líder aparecesse sozinho e centralizado, ao lado, a capa do seu trabalho de conclusão de curso: “El Estado democrático-burguês” para obter o bacharelado em Direito. Interessante escolha, a revista convida um tom burlesco ao colocar lado a lado essas duas imagens, o fato torna-se ainda mais curioso se levarmos em consideração

¹²¹ ELLENGOGEN, Gustavo Gorriti. Cuando Abimael reía. *Op. cit.*

¹²² *Ibidem.*

¹²³ ABIMAEL y las elecciones. *Caretas*, Lima, n. 775, 21 nov. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1983*. (Ver anexo I).

que existiam poucas fotos em que Abimael estava sorrindo, o que evidência, mais uma vez, uma escolha calculada da revista com uma mensagem clara para o leitor.

Caretas aproveitou a oportunidade para criticar a falta de democracia dentro da organização, destacou que o PCP-SL só participou de eleições dentro da Universidad de Huamanga, obviamente, só conseguiu por viés democrático, quando era uma região de seu interesse. Em uma clara tentativa de deslegitimar a formação do líder, há várias críticas críticas o texto de Guzmán.

Como as informações acerca do líder eram escassas, os mais variados assuntos figuraram o *clipping* sobre terrorismo, um exemplo curioso é a notícia de 1984 que saiu na seção *Mar de Fondo*,¹²⁴ a notícia narra que familiares de Guzmán teriam contatado funcionários franceses em busca de asilo político para seu parente. As informações, apesar de terem origem em “fuentes dignas de créditos”, são confusas e existiam duas versões principais. A primeira era que a esposa de Abimael, Augusta La Torre, entrou em contato com funcionários da Embaixada da França em Lima com o intuito de saber a resposta de um eventual pedido de asilo do seu esposo. A segunda versão, familiares próximos de Augusta La Torre, provavelmente seus próprios pais, que já haviam se mudado do Peru para Suécia há dois anos, fizeram um pedido de asilo político perante os funcionários del Quai d’Orsay em Paris. A coincidência nessas duas versões estava no fato que o governo francês, depois de análise do pedido, decidiu recusar.

Essa recusa do governo francês foi interpretada por *Caretas* como uma forma de endurecimento do governo socialista de Mitterrand frente aos grupos estrangeiros de caráter violento, que antes podiam encontrar refúgio na França. A revista citou edição 823, repetiu a frase da edição anterior de Americias Watck que Sendero era “la organización guerrillera más brutal y vesánica que haya aparecido en el hemisferio”, assim ter o camarada Gonzalo organizando iluminados seculares na Cidade da Luz, deve ter parecido pouco atraente ao governo socialista da França. Esse pequeno comentário também demonstra como *Caretas* estava atenta aos acontecimentos da Europa, algo previsível, visto que era uma revista de informações.

¹²⁴ ¿PARIS iluminada?. *Caretas*, Lima, n. 825, 12 nov. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

Figura 9. Montagem de Abimael Guzmán em frente a Torre Eiffel.



Fonte: ¿PARIS iluminada?. *Caretas*, Lima, n. 825, 12 nov. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1984.

Não era comum ter imagens na seção *Mar de Fondo*, mas desta vez, há uma montagem sem explorar os recursos técnicos da época, com a foto de Guzmán em primeiro plano e a torre Eiffel ao fundo. É digno de nota que o funcionário responsável por essa indexação dentro do *clipping* optou por recortar tudo que estava perto da imagem e não interessava ao material, visto que essa seção tem por característica várias notícias que não necessariamente possuem relação entre si.

Essas matérias pautadas em relatos de conhecidos e familiares de Abimael Guzmán atravessaram os anos de 1980, as reportagens foram caracterizadas por fazer muitas suposições com os poucos rastros da vida do líder senderista. Essa abordagem, muitas vezes especulativa, ajudou a construir a imagem de Guzmán pelo olhar de *Caretas*, contribuindo para a formação do imaginário da sua figura. Além disso, a ausência de informações concretas levou a um interesse crescente do público leitor.

A busca por exclusividade nas informações acerca de Guzmán continuou frequente, e em 1985, na edição 854,¹²⁵ a matéria “La pachamanca fue después...”.¹²⁶ trouxe uma foto em folha dupla de Guzmán junto a um grupo de pessoas, realizam uma refeição comum num ambiente externo, a maioria são homens e suas vestimentas são mais formais. consoante a revista “Recién Llegado a Ayacucho, el catedrático Guzmán Reynoso. Estaba en el inicio”

A parte textual é breve, ocupa apenas uma página. Leva o leitor a imaginar como era a região de Huamanga na década de 1960, quando a cidade se converteu num centro universitário e atraiu os mais diversos intelectuais e professores universitários, em busca de melhores salários e oportunidades. A revista ressalta que essa foi a oportunidade de Huamanga deixar de fazer parte dos lugares mais atrasados Ande Peruano. Esse projeto teria sido interrompido por causa dos “años de fanatismo” que Guzmán implantou com sua presença dominante na região.

Caretas afirma que o registro fotográfico foi realizado enquanto Guzmán ainda era um professor de filosofia recém-chegado à região, com uma imagem ainda correspondia a lembrança que tinham seus professores de Arequipa, *Caretas* cita que essas informações foram abordadas na edição 701,¹²⁷ não repetiu para o leitor ao que se referia, mas cabe destacar que nessa edição não faltaram adjetivos como nervoso, sério e discreto para descrevê-lo. O leitor precisaria relembrar a reportagem de três anos antes, se não tivesse essa edição e a memória falhasse, ficaria sem esses dados.

Apesar da importância de Guzmán dentro deste cenário, *Caretas* enfatizou que a presença dominante dentro do espaço universitário foi a do reitor Efraín Morote Best, e que a relação dele com o líder Guzmán nunca foi fácil. Havia diversos relatos da época, que descrevem uma relação polemica entre os dois. Não houve nenhum nome citado como fonte para essas informações, a revista justificou que isso se deu ao fato de que “ninguno de los claes quiso, compresiblemente, ser nombrado.”¹²⁸

Ainda recuperando memórias, sem citar as fontes, o semanário trouxe o relato de um jovem universitário que teria visto Guzmán durante uma conferência sobre a situação nacional e internacional num auditório da faculdade, informou que Guzmán estava vestido com um terno e sem gravata, falava sem ajuda de anotações e que “su estilo de oratória era enfático e

¹²⁵ ELLENGOGEN, Gustavo Gorriti. La pachamanca fue después. *Op. cit.*

¹²⁶ Pachamanca é um prato típico da culinária peruana, especialmente popular na região dos Andes. O método de cozimento ancestral consiste em assar alimentos em um forno subterrâneo, utilizando pedras aquecidas. Os ingredientes mais comuns incluem carnes variadas (porco, frango, cordeiro, porquinho da índia), batatas, milho, e outros vegetais.

¹²⁷ EL CAMINO de Abimael. *Op. cit.*

¹²⁸ ELLENGOGEN, Gustavo Gorriti. La pachamanca fue después. *Op. cit.*

agressivo”.¹²⁹ Traz uma ideia de que a violência emanava por Guzmán até mesmo nas suas apresentações dentro do espaço acadêmico, assim, consegue traçar o seu perfil como antipático e violento.

Figura 10. Almoço coletivo em Huamanga em 1963.



Fonte: ELLENGOGEN, Gustavo Gorriti. La pachamanca fue después. *Caretas*, Lima, n. 854, 10 jun. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1985.

A última fotografia de Guzmán com um grupo de pessoas foi publicada por *Caretas* em 1986.¹³⁰ A imagem foi pousada em março de 1963 durante a cerimônia de abertura do ano acadêmico da USCH, retrata homens e mulheres com roupas formais que pousam para a foto. Como era de praxe, a palavra “exclusivo” recebeu destaque no lado direito. Sete indivíduos foram identificados e numerados,¹³¹ Guzmán recebeu um círculo vermelho.

¹²⁹ *Ibidem*.

¹³⁰ LOS INICIOS del profesor Guzmán. *Caretas*, Lima, n. 905, 19 maio 1986. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1986.

¹³¹ Na legenda o reitor Efraim Morote Best (4), o arqueólogo Gonzalez Carré, que era o vice-reitor (3), Luis Lum Segón (7), Fernando Silva Santisteban (6), Enrique Moya, reitor de 1978 a 1983 (2), David Scott Palmer (1).

Figura 11. Cerimônia de abertura do ano acadêmico na Universidade San Cristóbal de Huamanga em 1963.



Fonte: LOS INICIOS del profesor Guzmán. *Caretas*, Lima, n. 905, 19 maio 1986. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1986*.

Ao trazer essa foto em página dupla, pode-se concluir que a revista fez uma busca incessante por imagens do líder senderista, não importava o contexto, sempre que aparecia algo inédito, a revista não titubeava em publicar. Ao mesmo tempo que a fotografia era exclusiva, ela já não apresentava novidades acerca da situação nem dados novos sobre a organização. O texto escrito pouco aproveitou dessas imagens ou desses personagens, provavelmente, muito conhecidos pelos leitores em 1986.

Dentre os nomes citados na edição de n.905, David Scott¹³² foi o único a colaborar com suas análises para a revista. Scott fez parte da primeira geração de intelectuais a buscar explicar este fenômeno e teve contato direto com Guzmán em Huamanga. Personalidade conhecida pela revista, Scott figurou no material em 1982, que naquele ano, ocupava o cargo de chefe do Departamento de Estudos Latino-americanos da Academia Diplomática do Departamento do

¹³² David Scott Palmer nasceu em 16 de julho de 1937, foi membro da primeira turma de voluntários do Corpo da Paz no Peru em 1963, ensinou inglês na Universidade de Huamanga em Ayacucho. Fez mestrado na Universidade de Stanford e doutorado em Ciência Política pela Cornell em 1972. Em 1988, tornou-se professor na Universidade de Boston, onde atuou como presidente do Departamento de Ciência Política, presidente associado do Departamento de Relações Internacionais, diretor de estudos latino-americanos. Faleceu em 28 de abril de 2018.

Estado dos Estados Unidos.¹³³ A repetição dos relatos de Palmer revela o quão esse intelectual despertou interesse da revista. Em primeiro lugar, era um estrangeiro dedicado a estudar acerca do Peru, mesmo que já existissem peruanos debruçados acerca dessa temática, por si só outorgava um espaço de saber mais simbólico. Em segundo lugar, sua breve relação com Guzmán, mesmo que tenha sido somente de colegas que compartilhavam o mesmo espaço, rendeu comentários acerca da personalidade do líder. A junção destes dois fatores, atraía *Caretas*, era uma forma de legitimar as informações.

Nessa edição de 1986, há em destaque na esquerda a foto de Palmer, à direita duas fotos de Guzmán, uma mais atual e outra dele mais jovem. A análise não se debruçou exclusivamente na ideologia ou ações do PCP-SL, a aparência física de Guzmán não passou despercebida por Scott diz: Mi recuerdo de Guzmán es diferente de la primera foto: “El era más delgado y se veía saludable.”¹³⁴

Consoante a Palmer, Sendero não começou suas atividades em 1980, e sim entre março ou abril de 1963, quando os membros originais dos grupos radicais da Universidade de Huamanga buscaram uma maneira de entrar em certas zonas do campo ayucuchano. A personalidade de Guzmán foi mais uma vez o centro das atenções, ele foi descrito como reservado, sério e isolado, fazendo parte dos professores mais radicais da universidade. É interessante esse contraponto, a ideia de que Guzmán tinha características de um ser solitário, que não mantinha habilidades sociais mínimas e foi excluído dentro dos locais que poderia interagir. Essa ideia, transmite a sensação de que o líder fez parte de um movimento isolado, como se o próprio PCP-SL fosse uma organização que não englobava o todo e muito menos atraía adeptos de forma espontânea.

2.3 Os caminhos até o Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso

As informações fragmentadas acerca do líder do PCP-SL permitiram várias especulações, não faltaram dúvidas se ainda estava vivo ou se era uma figura mística sem fundamento. Ainda em 1982, na edição 729,¹³⁵ a foto de Abimael apareceu com a pergunta: “Está vivo?” O questionamento de *Caretas* foi válido, visto que passado poucos dias do

¹³³ ELLENGOGEN, Gustavo Gorriti. Mi colega Abimael. *Caretas*, Lima, n. 721. 02 nov. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1982*. (Ver anexo II).

¹³⁴ Em 1970, Guzmán contraiu uma doença de pele, psoríase, que obrigou a usar corticoides em forma frequente. Como consequência do uso intensivo de cortisona, Guzmán teve os rins afetados, problemas circulatórios e aumentou de peso.

¹³⁵ ENTRÓ el ejército. *Caretas*, Lima, n. 729. 27 dez. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1982*. (Ver anexo III).

combate de Vilcashuamán, foram encontrados, abandonados, seus documentos pessoais. Diante de tanta cautela em manter em sigilo da vida do líder, as dúvidas do semanário foram das mais diversas: “¿Por qué fueron abandonados? ¿Por haber sido herido o muerto Guzmán durante la refriega? ¿O fue una frustrada tentativa de entregar al jefe de Sendero?”. A simples possibilidade de que os documentos foram esquecidos ou perdidos durante um imprevisto às pressas não satisfazia o periódico, *Caretas* concluiu que Guzmán era muito cuidadoso com as medidas de segurança para ter deixado voluntariamente. Se por um lado, o PCP-SL foi ignorado pela grande imprensa durante o ano de 1980, em 1982 ninguém ousava subestimar a astúcia do grupo e seu potencial de perigo.

Esse episódio ficou como o único rastro importante durante anos, somente em 1985 houve outro avanço significativo nas pistas que levariam para o líder, um baú foi encontrado na zona de La Victoria, zona elitista de Lima, na madrugada de 30 de março, *Caretas* trouxe esse achado na edição 847,¹³⁶ o fato ajudou a capturar membros importantes do partido, converteu-se numa caixa de Pandora. Na tampa do baú tinha talhado a imagem de Abimael segurando a bandeira e uma legenda comemorativa dos cinco anos da guerra popular, esse detalhe artístico demonstra como o partido se apropriou dos símbolos e imagens.

Em 24 de julho 1988, aconteceu um evento inesperado, o jornal *El Diario* trouxe, pela primeira vez, um relato do líder senderista. Essa entrevista, diminuiu, ao menos em partes, o boato de que Abimael Guzmán não existia, que estava morto ou que estava fora do país. Essa fala diretamente à imprensa, tornou a entrevista como um documento político importante para entender a ideologia e os objetivos do movimento. O jornal escolhido não foi ao mero acaso, o periódico seguia a linha de esquerda e declarava apoio ao grupo, o próprio Guzmán justificou:

En cuanto a por qué damos esta entrevista a EL DIARIO; una simple y sencilla razón: porque es una trinchera de combate y hoy la única tribuna que realmente sirve al pueblo. Creemos que si bien hubiéramos podido entrevistarnos con otros, incluso extranjeros, más conveniente y acorde con los principios es entrevistarnos precisamente con un periódico como EL DIARIO que realmente brega todos los días en condiciones difíciles para servir al pueblo, a la revolución. Esa es la razón.¹³⁷

Os leitores de *Caretas* dificilmente eram o mesmo do que *El Diario*, a não ser por essa edição que despertou o interesse da população em geral. À *Caretas*, couve debater o tema com especialistas, entrar nas discussões de destaque e de algum modo se inserir nos discursos desse

¹³⁶ EL BAÚL de Abimael. *Caretas*, Lima, n. 847. 22 abril 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985.

¹³⁷ GUZMÁN, Abimael. Entrevista del siglo. *El Diario*, Lima, jul., 1988. (Ver anexo VI).

polêmico parecer. A solução encontrada pelo semanário foi trazer dois especialistas sobre o assunto Carlos Degregori e Raul Gonzales para opinarem.

É bem verdade que *Caretas* não se prolongou no tema, não saiu como uma publicação destacada e a reportagem só contou com duas páginas. A matéria foi intitulada como Discurso previsto.¹³⁸ A entrevista do jornal *El Diario* foi interpretada pelo semanário como um sinal de fraqueza por problemas internos, o pronunciamento era previsível, de acordo com *Caretas*, visto que o grupo enfrentava diversos problemas para se manter no conflito.

Sem delongas, a opinião de Degregori sobre autenticidade da entrevista foi exposta, para esse estudioso, naquele momento, o mais importante não é saber se deve-se atribuir a Guzmán e sim que se trata de um pronunciamento da máxima direção do PCP-SL. A entrevista seria parte de uma estratégia de colocar mais ênfase nas cidades e ampliar adeptos. Argumentou que os membros do PCPS-SL “se autodenominan el Partido de la clase obrera, pero acá la clase obrera tiene partidos políticos, sindicatos, asociaciones, cooperativas, organismos con vida propia y que funcionaban mucho antes que Sendero.”¹³⁹ Raúl Gonzales seguiu a mesma linha de raciocínio de Degregori, defendeu que a entrevista tratava-se de uma defensiva contra as crescentes perdas na cúpula senderista. É evidente que a forma de luta proposta pelo PCP-SL não é a que entra de acordo com o viés democrático, muito menos segue os ideais de *Caretas*.

A entrevista não foi mais foco nas edições posteriores, somente em 1990 há um recorte que centraliza as ações de Guzmán. Por coincidência, o dia de publicação da revista de deste ano coincidiu com o 56º aniversário de Guzmán,¹⁴⁰ deste modo, recapitular o conflito foi uma decisão premeditada, o que explica ser uma matéria extensa de seis páginas.

Caretas destacou que os últimos dez anos da vida do líder senderista foram dedicados a espalhar terror pelo país. Aproveitou a oportunidade para apresentar um panorama geral do PCP-SL, consoante a revista, a organização estava imersa em uma luta sem grandes conquistas sem o domínio de nenhuma parte do país, assim “permaneciendo de espaldas a la História y al pueblo”.¹⁴¹ Por outro lado, as forças da ordem tampouco ganharam a guerra, criticou a estratégia do governo atual que só usava a experiência do anterior, intensificando o uso da violência, o que levantava preocupações sobre a eficácia dos métodos empregados e o excesso da violência aplicada.

¹³⁸ DISCURSO previsto. *Caretas*, Lima, n. 1017, 01 ago. 1988. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1988. (Ver anexo V).

¹³⁹ *Ibidem*.

¹⁴⁰ CÓMO ganarla. *Caretas*, Lima, n. 1137, 03 dez 1990. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1990. (Ver anexo VI).

¹⁴¹ *Ibidem*.

A reportagem trouxe diversas imagens, entre elas estava a do atentado do dia 29/11/1990 no povoado de Canayre, Ayacucho, sete camponeses teriam sido vítimas do PCP-SL. Na foto é possível observar os sete corpos esticados no chão de um ambiente externo, somente os rostos cobertos, o resto do corpo estava a mostra e a maioria não possuíam calçados. Ao fundo, homens, crianças e mulheres observam a cena.

Para enfatizar ainda mais a destruição que o grupo causava no país, a revista colocou dois gráficos merecem atenção, o primeiro nomeado como “Costo Social de la Guerra”, os dados foram fornecidos pelo Comisión Bernaldes, a legenda informa: “Sendero sigue siendo la amenaza para el país [...]”. Há uma comparação dos números de afetados entre as FF.SS. (Forças de segurança), os cívicos e os considerados subversivos. Os dados foram computados entre 1982 e 1990, o pico de vítimas foi em 1984, com queda em 1987 e crescimento a partir de 1988. Não há explicações textuais que direcionem o leitor para maiores detalhes. O segundo que merece atenção, é o intitulado “Desaparecidos”. Complementa-se ao primeiro, visto que o ano de 1984 foi o que apresentou o pico e o de 1987 com menor número. A matéria citou o Movimiento Revolucionario Túpac Amaru (MRTA),¹⁴² mas ressaltou que a influência do PCP-SL é superior, assim, mais preocupante. Estes gráficos ilustram o compromisso da revista em manter seu público informado com base em estatísticas, tornando a leitura, interpretação e comparação de dados mais acessíveis e conferindo maior credibilidade à reportagem.

No ano seguinte, o aniversário de Abimael Guzmán entrou em pauta novamente, com uma série de informações acerca da organização senderista. *Caretas* deduziu que “en algún punto del país, lo que queda de la cúpula partidaria original se dispondrá a celebrar tan infausto acontecimiento [...]”.¹⁴³ A revista aproveitou para afirmar que a captura de Osmán Morote Barrinueno, permitiu um enfraquecimento no grupo. O agravante para a falta de coesão do PCP-SL teria sido a morte de Norah, Augusta la Torre, esposa de Guzmán e que era a principal base da liderança partidária. Ainda recordou que a “cúpula teorrora es y ha sido predominantemente feminina y que Augusta la Torre tuvo mucho que ver con ello.” A revista dá a entender que La Torre estava sobrecarregada com as funções dentro do PCP-SL, por isso ela “decide apartarse del camino del líder y optar por el suicidio”. Cabe destacar que não há

¹⁴² O Movimiento Revolucionario Túpac Amaru (MRTA) foi um grupo guerrilheiro peruano ativo principalmente entre as décadas de 1980 e 1990. O movimento surgiu em 1982 e recebeu o nome em homenagem a Túpac Amaru II, líder indígena que protagonizou uma grande rebelião contra o domínio espanhol no século XVIII. O MRTA ficou conhecido por suas táticas de guerrilha urbana, sequestros, ataques armados e ocupações de embaixadas e prédios públicos. Esse movimento é frequentemente mencionado junto com o PCP-SL.

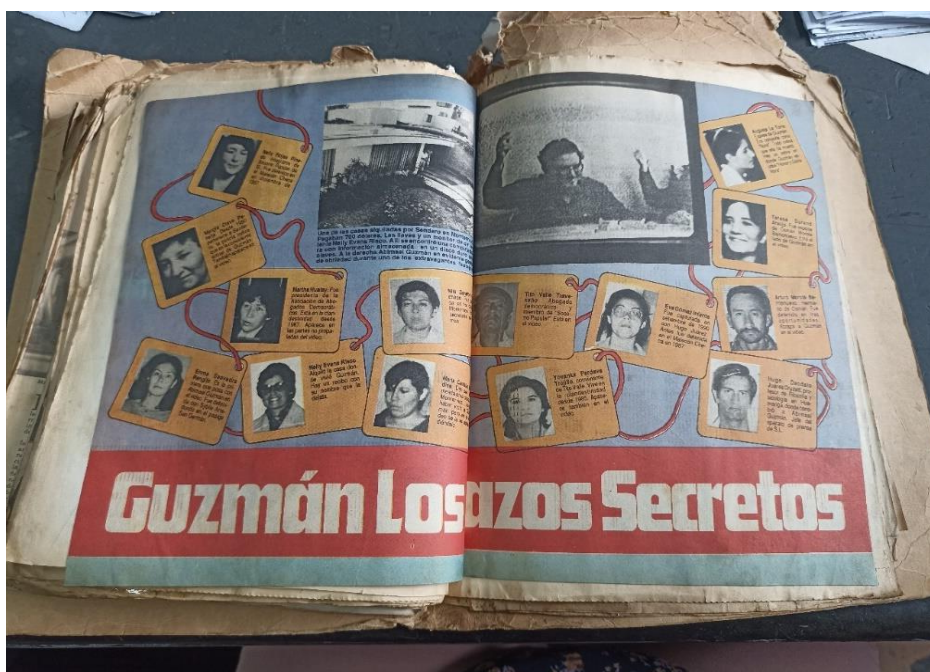
¹⁴³ BRONCA en SL. *Caretas*, Lima, n. 1188, 02 dez 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991. (Ver anexo VII).

evidências sobre a causa da morte de La Torre, a suposição de suicídio não tem embasamento. A narrativa de que a organização estava em decadência, mais uma vez, foi consolidada nesta matéria.

O avanço mais significativo nas investigações do governo aconteceu em 1990, os demais presidentes não lograram resultados efetivos. Em 1991, numa clara falha de proteção aos dados do grupo, a polícia peruana encontrou um vídeo que permitia identificar os membros de alto escalão do grupo, foi o início da queda do PCP-SL.

A edição de nº 1146 foi a responsável por trazer detalhes dessa operação do Servicio de Inteligencia del Ejército (SEI) na qual conseguiram o feito de resgatar vários documentos. A filmagem se deu em várias tomadas, a primeira parte é dedicada a uma festa com sorrisos e expressões exuberantes. A terceira é a mais instigante, visto que o velório de Augusta La Torre, seu corpo sendo velado envolto da bandeira vermelha. Ao mesmo tempo que o clima é de homenagem pela trajetória dessa figura importante para o grupo, também é possível observar os símbolos cultivados pela organização, um cartaz da foice e martelo, outro de uma estrela e um terceiro de um livro, centralizados na parede. Obviamente, o vídeo era um documento importante para o PCP-SL, preservaria a memória da organização caso a luta fosse favorável ao grupo. Nas mãos da polícia, permitiu a identificação dos membros do partido que viviam na clandestinidade.

Figura 12. Identificação dos membros da cúpula senderista.



Fonte: GUZMÁN los lazos secretos. *Caretas*, Lima, n. 905, 11 fev 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1991*.

A revista questionou a falta de cuidado do grupo em ocultar esses documentos, como era de praxe, “A qué se debió que tanto el vídeo como el contenido de la vivienda museo y archivo no fueran debidamente ocultados?”. Para responder a essa pergunta, a revista cria duas versões. A primeira suposição afirma que a morte Augusta La Torre deixou Guzmán depressivo que fez com que se descuidasse das normas de segurança, colocando em risco toda a organização. A outra versão seria que Guzmán entrou em estado de “relajamiento personal”, estava bebendo mais do que o recomendado, cita até a possibilidade de dipsomania.¹⁴⁴

Caretas ainda mencionou que diversos meios de comunicação receberam chamadas e visitas que ofereciam o vídeo de Abimael Guzmán por 20.000 dólares. Por tamanho alvoroço, a Asociación de Radio y Televisión teve que emitir um comunicado alertando aos seus associados a não adquirir tal gravação. Esse tumulto foi gerado porque houve uma demora de divulgação por parte do Estado,

Finalmente, na quinta às 11 da noite do dia 7 de fevereiro, o presidente Alberto Fujimori, saiu em vários emissoras e mostrou partes do vídeo de Sendero Luminoso, a revista interpretou que tal feito foi para que o presidente recebesse todo o mérito sobre a operação. Para *Caretas*, essa ação foi furto de investigações que estavam sendo realizadas desde 1985, citou até matérias anteriores para comprovar que outros governos contribuíram para tal feito, fez uma retrospectiva e citou as edições n. 988 e n. 1112.

É inegável que Abimael Guzmán, usou com eficácia a clandestinidade, surpreende que mesmo após a publicação do vídeo, continuou a perpassar sensação de onipresença. Somente em 1992 que a polícia conseguiu capturá-lo, uma surpresa para a população em geral, diante de tantas especulações e um governo turbulento sob a presidência de Alberto Fujimori. A expectativa do fim do PCP-SL se fez polêmica e “[...] no sólo implicó el repentino descalabro de la organización armada maoísta, sino que desestructuró el discurso apocalíptico de aquellos que pronosticaron la proximidad de la toma del poder por los miembros de Sendero Luminoso.”¹⁴⁵

O líder foi encontrado em 12 de setembro pelas forças de segurança do Peru, a operação foi denominada "Operação Vitória", sucesso porque não houve sequer um disparo de arma de fogo. A edição de *Caretas* foi para as bancas cinco dias depois, como era de costume, numa quinta-feira. A capa já anunciava que se tratava de uma edição especial, o rosto de Guzmán

¹⁴⁴ Dipsomania é um termo relacionados ao consumo excessivo de álcool.

¹⁴⁵ PERALTA, Víctor. *Sendero luminoso y la prensa 1980-1994: la violencia política peruana y su representación en los medios*. Cusco: CBC, 2000.

centralizado e uma foto a silhueta de Maritza Garrido Lecca com sua roupa de ballet. O título anunciava como foi a investigação “Siguiendo a la Bailarina llegaron al asesino.”

A essa altura, não era novidade a captura de Guzmán, coube a *Caretas* esclarecer os detalhes em uma reportagem extensa e reflexiva acerca do grupo,¹⁴⁶ com uma cobertura que combinou as atividades operacionais com as reações emocionais e análises sobre as implicações do evento. Guzmán foi encontrado numa residência de bairro nobre de Lima, uma casa discreta alugada por um arquiteto e uma bailarina que abrigava um estúdio de dança. O local, dificilmente, levantaria suspeitas de que ali morava “el temido Abimael Guzmán”, para a revista, a fachada era impecável, visto que tinha circulação de crianças que iam para a aula de dança e não despertava grandes desconfianças.

Os pormenores da Operação Vitória foram amplamente discutidos. *Caretas* destacou a eficácia e a precisão da operação realizada pelo Grupo Especial de Inteligência (GEIN) da polícia peruana. No total, foram 21 páginas dedicadas a esse evento, a primeira imagem de Guzmán divulgada oficialmente para imprensa após a captura foi uma em que está sem camisa e algemado. Para o semanário, foi “humillación innecesaria que permite a sus partidarios presentarlo como víctima”, *Caretas* deixou claro que a situação foi manejada como um espetáculo em busca de propaganda favorável à imagem do presidente Fujimori.

Figura 13. Foto de Abimael Guzmán após sua captura.



Fonte: FUNDAMENTALISMO de la Sangre. *Caretas*, Lima, n. 1228, 17 set. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1992.

¹⁴⁶ FUNDAMENTALISMO de la Sangre. *Caretas*, Lima, n. 1228, 17 set. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1992.

A revista atenua o logro, visto que uma série de investigações foram realizadas a longo prazo e que os rastros do líder senderista são notados há tempo pelos membros da Dirección Contra el Terrorismo de la Policía Nacional del Perú (Dincote) suspeitaram da presença de Guzmán por causa da presença de cigarros da marca “Winston” no lixo, o mesmo encontrado em junho de 1990 e que a própria revista fez questão de lembrar ao leitor que foi notícia na edição 1112. Diante de tantos vestígios de Guzmán, a sua descoberta foi um acontecimento esperado e não vinculado, necessariamente, com a capacidade de controle do grupo pelas ações do presidente Fujimori.

A revista não deixou passar a oportunidade de se posicionar a favor da democracia e dos direitos humanos, referiu-se ao paradoxo do uso excessivo da violência estatal com o pretexto de diminuir as ações do PCP-SL, quando a operação responsável por tal feito, utilizou de métodos policiais pacíficos e compatíveis com o regime democrático. É um claro ataque a situação política que o país enfrentava após o autogolpe de Fujimori, inclusive, destacou que a prisão só foi possível porque houve um trabalho a longo prazo, iniciado em outros governos. Para exemplificar, citou a lei do arrependimento que outorgava benefícios aos que voluntariamente abandonam as atividades terroristas e reduzia a pena de acordo com a colaboração e as rondas campesinas, projetos que antecedem o mandato do presidente Fujimori, logo, tais medidas não deveriam ser anunciadas como feitos do seu governo, deste modo “El defecto de Fujimori consiste en anunciar estas medidas como si fueran ideas suyas y totalmente originales, cuando en realidad se tratan de sugerencias largamente discutidas”.¹⁴⁷

A mesma edição de 17 de setembro de 1992, vem com o título ¿Por qué ellos?, traz imagens de crianças atingidas durante atentados do PCP-SL, afirma que o detento n. 1509 responderá também por esse crime, o fogo cruzado que tirou a inocência das crianças. A matéria pode ter sido pensada antes da captura de Guzmán, visto que não são eventos que ocorreram na véspera da prisão. Não importa se foi mera coincidência, essa imagem causou sensações ao leitor e reforçou que o líder do PCP-SL não merecia penas brandas.

A edição seguinte,¹⁴⁸ refletiu acerca das alternativas possíveis de punição para Abimael Guzmán. *Caretas* interpretou que a opinião pública ansiava por sua morte e isso trouxe o questionamento de quais passos deveriam ser tomados para garantir um julgamento justo, mas que levasse em consideração a punição por todos os crimes que foram atribuídos ao PCP-SL.

¹⁴⁷ *Ibidem*.

¹⁴⁸ LO QUE se viene. *Caretas*, Lima, n. 1229, 24 set. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992. (Ver anexo VIII).

O semanário informou que não havia um caminho simples e que o mais importante é pensar no isolamento do líder.

Para *Caretas*, o desfecho do julgamento que seguirá não é nenhum segredo, Guzmán será condenado a prisão perpetua em todas as instâncias, já que não há dúvidas da sua culpabilidade. Entretanto, a pena de morte não será aplicada neste caso porque não se pode violar os princípios jurídicos, a possibilidade máxima é a prisão perpetua. Para ampliar o debate para o contexto global, a matéria traz um mapa que contém os países que permitiam a pena de morte, visto que se trata de um debate “inevitable y tan antiguo como la humanidad”. Dificil pensar de maneira racional, respeitando a constituição, quando o assunto depesta a ira e sentimento de vingança: “la dosis de emotividad obliga, por tanto, a los medios de comunicación a guardar un equilibrio, si bien difícil” e não inflamar ainda mais as emoções. Apesar de ponderar nas palavras, é notável que a revista compartilha do desejo de morte do líder senderista. Essa reflexão destaca a tensão entre a necessidade de justiça e os princípios éticos e legais que guiam as sociedades modernas, evidenciando a complexidade do debate sobre a pena de morte.

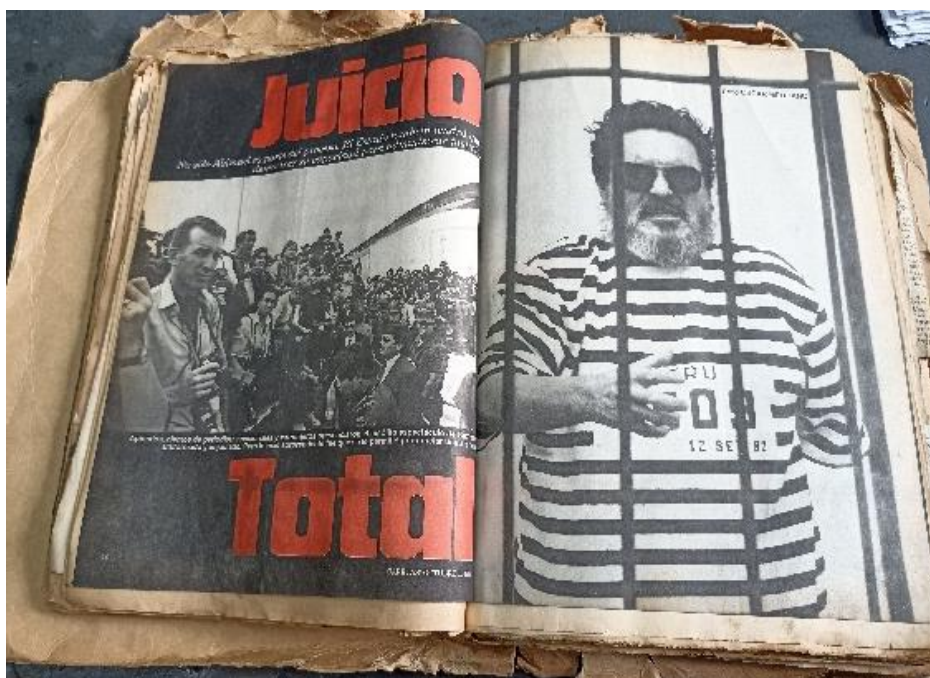
Destacou a necessidade de construir uma cela especial que deixe o líder isolado, seguindo os critérios que existem na Penitenciária de Marión nos EE.UU. São celas de puro bloco e aço, especialmente projetadas para isolar presos considerados de alta periculosidade, as medidas são claustrofóbicas, medem 2,44 de largura e 3m de altura, possuem apenas uma cama de concreto com colchão, pia e privada. A pouca iluminação é complementada por uma televisão preto e branco, garante que não se rompa com a monotonia do espaço, um ambiente claramente projetado para ser desestimulante, envolto de uma rotina repetitiva e tediosa.

Caso o leitor não conseguisse imaginar o local e ter essa sensação de frieza e austeridade, mesmo com essa precisão de detalhes, há um desenho para ilustrar o isolamento a que Guzmán deveria se sujeitar. Essa descrição busca criar uma ideia de que o resto dos dias do réu deveriam ser fastidioso, sem cores e isolado em confinamento extremo. Fica claro o desejo de vingança que se reflete nessa proposta de mantê-lo em uma cela semelhante à de Marion, o que garantiria um destino apropriado para o responsável de tamanhas atrocidades.

Após a primeira aparição semidesnudo, passaram-se dias até que Guzmán fosse apresentado ao público. Essa demora pode estar relacionada a várias razões e estratégias políticas, como o controle da imagem e propaganda do governo, gestão da opinião pública, questões de segurança e até mesmo consolidação do poder do Estado. Somente em 24 de setembro o líder apareceu para as câmeras. Mais uma vez, *Caretas* teve tempo de preparar sua

edição após esse evento. *Caretas* manteve seu posicionamento crítico a como a situação foi manejada pelo presidente Fujimori, a fotografia de página inteira do lado esquerdo é a de profissionais da imprensa amontoados em busca do registro de Abimael Guzmán, com a seguinte legenda: “Apiñados, cientos de periodistas nacionales y extranjeros presenciaron el insólito espectáculo de Guzmán uniformado y enjaulado”.¹⁴⁹ À direita está a fotografia do líder senderista atrás das grades em um local externo, com uniforme preto e branco, óculos escuros, o que demonstra que, apesar da análise rigorosa, os profissionais da revista também se fizeram presente na cena.

Figura 14. O primeiro julgamento de Abimael Guzmán.



Fonte: JUICIO Total. *Caretas*, Lima, n. 1230, 01 out. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

Define que a apresentação de Abimael Guzmán no dia 24 de setembro foi um cenário montado para atrair a atenção os meios de comunicação diante da humilhação pública do líder do PCP-SL como um simples “espectáculo circense” que nada acrescenta no julgamento e contenção do PCP-SL. Ressalta que as energias do governo deveriam ser direcionadas para um processo que seja transparente “La diferencia entre la brutalidade senderista y el juicio justo de um Estado democrático debiera quedar em evidencia.”¹⁵⁰

¹⁴⁹ JUICIO Total. *Caretas*, Lima, n. 1230, 01 out. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

¹⁵⁰ *Ibidem*.

Traz uma pesquisa da Imasen, empresa dedicada a pesquisas de opinião no Peru, onde mostra que não é tão obvio que toda a população despreza pelo PCP-SL. Consoante a esses dados, 22,9% dos entrevistados disseram que repulsão é a palavra que mais define o sentimento em relação a Abimael Guzmán, entretanto, 20,4% responderam que sentem compaixão. Para *Caretas* essa pesquisa revela algo preocupante, demonstra que o líder ainda tem influência positiva dentro do Peru, por isso, todas as decisões tomadas pelo governo deveriam ser minuciosas para não favorecer a reputação do grupo, ressalta que a situação não está sendo tratada com os devidos cuidados. Não escapou da revista a crítica de que o réu foi apresentado dia 24 de setembro, dia da Virgem de las Mercedes, padroeira do exército, o que demonstra mais uma tentativa de atribuir símbolos a este momento.

O julgamento de Abimael Guzmán não tardou a acontecer, a sentença em Primeira Instância foi dada no dia 7/10/1992, o juiz manteve seu rosto com um capuz, algo inédito. Coincidência ou não, coincidiu com a data de fundação do Partido Comunista por José Carlos Mariátegui e véspera do dia da Marina, de acordo com *Caretas*, se pretende utilizar a condenação como marco de uma “campanha sicosocial”.¹⁵¹

Guzmán foi condenado a prisão perpetua por delito de terrorismo e traição à pátria, responsabilizado por mais de 25 mil mortes durante o período que estava na clandestinidade. O julgamento aconteceu na Isla de San Lorenzo, o local foi adaptado pela Marinha, era uma construção de concreto de 20 m² sem janelas, provavelmente, algum depósito da Base Naval. Em uma jaula de 2 por 2 metros, Abimael respondeu as questões apontadas por mais de três horas, tudo foi observado do lado de fora por Fujimori. Há um desenho que demonstra como esse espaço ficou dividido entre os réus e os funcionários das forças da ordem. Tal cenário foi montado em uma clara tentativa de desumanizar Guzmán, colocá-lo restrito a esse espaço, trazia a sensação de que todo o cuidado seria pouco.

Esse julgamento não foi ideal, consoante a *Caretas*, diante de tantos segredos e falta de esclarecimento dos processos, fica difícil explicar e justificar a sentença para todos os peruanos. O semanário volta a insistir na necessidade de persuadir os simpatizantes para evitar que o contexto se agrave e o PCP-SL tenha mais força. Ainda afirmou que o presidente Alberto Fujimori não perdeu a chance de aparecer, foi pessoalmente ao julgamento para acompanhar o andamento do processo. Essa intromissão evidenciava, para a revista, que a justiça militar está no mesmo ritmo que o presidente e obscurece um processo que deveria ser transparente e

¹⁵¹ ACTUALIDAD: el tribunal de la isla. *Caretas*, Lima, n. 1231, 08 out. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1992*. (Ver anexo IX).

público. Mais uma vez, é evidente o descontentamento em relação ao tratamento a Abimael Guzmán e, principalmente, a relação conflituosa com o presidente.

Nessa mesma reportagem há uma busca por respostas, explicações ou justificativas de como o líder senderista alcançou tanto poder na sociedade peruana. Primeiramente, deu-se destaque para as explicações de viés científico, que analisam as características do indivíduo, pois como bem afirmou: “lo fácil, llamarlo criminal o loco. Lo difícil, situarlo en su historia y desnudar al psicópata.” Há um desenho com partes do corpo humano para ilustrar uma reflexão sobre o motivo de Abimael Guzmán ter liderado o PCP-SL, questionando se essa liderança foi influenciada por sua criação, ambiente social ou fatores genéticos. A discussão parece tocar em um debate mais amplo e antigo sobre se a violência é algo inerente à natureza humana ou se é adquirida através do ambiente e das experiências. A revista reconhece que não há consenso entre os cientistas sobre a primazia desses fatores, indicando que as respostas variam e que o tema permanece em aberto.

Para instigar mais a opinião pública e realizar paralelos com o tema, aparece a afirmação que “el comportamiento agresivo, que tiene explicaciones genéticas y fisiológicas, se torna mucho más peligroso cuando está compenetrado con el frenético maximalismo ideológico. El caso de Adolfo Hitler es paradigmático como el de Stalin, y como el de Guzmán.” Ao comparar tal situação com a de Hitler e Stalin sem as devidas ressalvas, a revista entra em uma linha de argumentação sinuosa, visto que ignora os contextos históricos, as motivações ideológicas, natureza dos crimes. Somar esses dois personagens para discussão acerca de Abimael Guzmán poderia diluir a compreensão dos impactos específicos de suas ações e tornar trivial para complexidade histórica do Peru.

Há uma diminuição no *clipping* de reportagens que irão se debruçar somente sobre o líder do PCP-SL, isso aconteceu de forma natural, visto que diluiu a ameaça eminente ao governo peruano e à estabilidade na região. Como é característica própria dos meios de comunicação, a prioridade são eventos e figuras que têm impacto imediato ou que estão diretamente influenciando o presente. Além disso, há uma saturação do tema depois da cobertura exaustiva em todas as mídias.

Entretanto, o assunto não deixou de comparecer no material em datas importantes, a exemplo, no aniversário de prisão do líder, a matéria *Abimael al año* trouxe uma retrospectiva do que aconteceu neste intervalo de tempo até 1993.¹⁵² O intuito era dar um panorama dos “logros y fracasos a los doce meses de la captura de Guzmán”. É importante salientar que a

¹⁵² ABIMAEL al año. *Caretas*, Lima, n. 1277, 09 set. 1993. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1993.

retrospectiva foi fundamentada nas informações veiculadas pela própria revista, com as capas das edições referentes ao líder senderista servindo como complemento à narrativa. Mais uma vez, ao se voltar somente para o conteúdo publicado na própria revista, há uma autopromoção como fonte das notícias mais importantes sobre o tema.

Figura 15. Retrospectiva do PCP-SL em 1993.



A capa das edições nº1228, nº1230 e nº1229 foram destaque (circuladas pela autora em rosa)
 Fonte: ABIMAEAL al año. *Caretas*, Lima, n. 1277, 09 set. 1993. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1993.

Essa matéria finaliza as reportagens dentro do *clipping* sob a rubrica Terrorismo que centralizavam Abimael Guzmán. A linha editorial da revista sempre demonstrou que a organização do PCP-SL foi personificada em torno da figura de seu líder. Mesmo diante das incógnitas, *Caretas* não se poupou de buscar respostas e atualizar seu público dos avanços nas investigações, reforçando constantemente que Guzmán era o epicentro das atividades e ideologias do grupo terrorista.

A liderança de Abimael Guzmán no PCP-SL foi central tanto para a organização do movimento quanto para sua representação em diferentes veículos, incluindo a revista mencionada, que frequentemente o retratava como a figura máxima de autoridade e simbolismo ideológico. No entanto, para além de Guzmán, o movimento contou com a participação ativa de outros membros, cujas contribuições foram fundamentais, entre esses, as mulheres ocuparam um lugar de destaque, ainda que a diversidade de seus papéis e a forma como foram retratadas

revelen nuances importantes a serem consideradas. Enquanto Guzmán era frequentemente exaltado como o líder indiscutível, a participação dos demais membros, sobretudo das mulheres, demonstra a complexidade de funções que sustentaram o movimento.

2.4 A participação das mulheres no Sendero Luminoso

As mulheres desempenharam um papel significativo no PCP-SL, embora a compreensão exata de suas contribuições e funções ainda esteja em debate devido à recente ocorrência dos eventos e à escassez de consenso acadêmico.¹⁵³ De acordo com algumas análises, muitas mulheres eram destinadas a atividades que asseguravam o sustento e o bem-estar dos militantes masculinos, reproduzindo, dentro do movimento revolucionário, a lógica tradicional de trabalhos domésticos.¹⁵⁴ Entretanto, há estudos que destacam a militância ativa de muitas dessas mulheres, afirmando que elas desempenharam funções estratégicas e combativas. É importante ressaltar que essa participação foi heterogênea e multifacetada, variando conforme o contexto temporal e geográfico, além de depender do estatuto cada mulher.¹⁵⁵ Essa diversidade de papéis evidencia que a presença feminina no grupo não se limita a uma única narrativa.¹⁵⁶ Deste modo,

La experiencia combatiente femenina sigue siendo un campo casi desconocido en la historia del conflicto armado del Perú, en parte porque se considera que la mayoría de las que llevaron las armas durante esa época eran militantes de Sendero Luminoso (se estima que aproximadamente 40% de los senderistas eran mujeres). El Partido supo empoderarse de las teorías feministas para insertarlas en su proyecto ideológico; también buscó reclutar militantes femeninas de diferentes sectores sociales y se mostró capaz de adaptar su discurso a las campesinas, estudiantes, obreras o jóvenes profesionales. En fin, nunca en una guerrilla latinoamericana se había visto a las mujeres en rangos tan altos de la jerarquía, dirigiendo operaciones y encargándose de las ejecuciones, como es el caso de Sendero Luminoso.¹⁵⁷

¹⁵³ BARRIG, M. Liderazgo femenino y violencia en el Perú de los 90. *Debates en Sociología*, n. 18, p. 89-112, 1 dez. 1993; BLONDET, Cecilia; MONTERO, Carmen. *La situación de la mujer en el Perú, 1980-1994*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1994; DIETRICH, Luisa. La “compañera política”. Mujeres militantes y espacios de “agencia” en insurgencias latinoamericanas”. *Revista Colombia Internacional*. Bogotá, número 80, pp. 83-133, 2014.

¹⁵⁴ CORAL, Isabel. Las mujeres en la guerra: impacto y respuestas”. In: Stern, Steve. *Los Senderos Insólitos del Perú: guerra y sociedad*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos y Universidad San Cristóbal de Huamanga, 1999.

¹⁵⁵ Para uma análise mais detalhada, ler: LÓPEZ, Fiorella. El discurso sobre la emancipación de la mujer durante el conflicto armado interno en el Perú: memorias de las mujeres del PCP-Sendero Luminoso. *Revista del Instituto Riva-Agüero*, v. 2, n. 1, p. 121-157, 18 out. 2017.

¹⁵⁶ CRISÓSTOMO Mercedes, *Género y conflicto armado interno en el Perú. Testimonio y memoria*, Lima, PUCP, 2018.

¹⁵⁷ BOUTRON, Camille. De las experiencias invisibles: las mujeres en los comités de Autodefensa durante el conflicto armado en Perú (1980-2000). *Colombia Internacional*, n. 80, p. 234-251, jan./abr. 2014.

A participação das mulheres na organização exerceu uma influência marcante na opinião pública e no imaginário coletivo, gerando uma série de estereótipos. Inseridas de forma ativa no contexto da guerra, elas, assim como os homens, desempenharam papéis que incluíram a execução de atos violentos. Essa ruptura de expectativas tradicionais levou as autoridades policiais a caracterizações generalizantes que serão demonstradas ao longo do texto. O PCP-SL promovia a ideia de que a revolução deveria quebrar todas as estruturas de opressão, incluindo o patriarcado, esse discurso de igualdade era atraente para as mulheres.

Nesse contexto, não é surpreendente que Augusta La Torre (camarada Norah), primeira esposa de Abimael Guzmán, exercesse grande influência dentro do PCP-SL. Ela foi fundamental na criação do Movimento Feminino Popular (MFP),¹⁵⁸ cujas raízes remontam a 1964, quando organizou um pequeno grupo sob o nome de Fração Feminina do Frente Estudantil Revolucionário. Em 1973, essa estrutura foi fortalecida por figuras como Elena Iparraguirre Revoredo – que mais tarde se tornaria a segunda esposa de Guzmán – e Catalina Adrianzén, antropóloga de destaque e esposa do ideólogo Antonio Díaz Martínez. Juntas, transformaram aquele pequeno núcleo no MFP, consolidando-o como um dos principais organismos do PCP-SL.¹⁵⁹

As mulheres aparecem no material como consequência das notícias sobre o PCP-SL, poucas vezes foram as protagonistas das reportagens, na seleção de 1053 recortes, elas só são destaque em catorze matérias. A primeira vez que se menciona a participação de uma mulher, coincidiu com a primeira ação do PCP-SL registrada em Lima por *Caretas*, o que foi também o primeiro ato que mobilizou de forma intensa a mídia, o evento conhecido como os *perros de Deng Xiaoping*. No dia 26 de dezembro de 1980 a capital peruana amanheceu com vários cachorros de rua mortos e presos em postes da cidade. O motivo não estava diretamente relacionado ao contexto peruano, foi um protesto às medidas de abertura econômica da China durante o governo de Deng Xiaoping, mas é digno de nota que o PCP-SL adotava o maoísmo

¹⁵⁸ Para uma análise mais detalhada, ver: GUINÉ, Anouk. Encrucijada de guerra en mujeres peruanas: Augusta La Torre y el Movimiento Femenino Popular. *Groupe de Recherche Identités et Cultures* (GRIC), La Plaza Editores, 2018.

¹⁵⁹ O papel das mulheres dentro da organização ainda é tema de debate e controvérsias: A primera vista, puede parecer que, en una sociedad notoriamente machista, un aldeano como Guzmán era un adelantado al promover la fundación de una organización femenina en una época en que las mujeres enfrentaban impedimentos mucho más espinosos que los que hoy enfrentan en su legítimo derecho a tener un rol social igualitario con el varón. En realidad, Abimael no fue ningún adelantado. Su disposición a impulsar una estructura de ese tipo dentro del senderismo obedeció a una razón ideológica: el maoísmo permitía las organizaciones femeninas, y Guzmán, como seguidor sectario de esa doctrina, admitió tal criterio. PORTOCARRERO, Gonzalo. *Profetas del odio: Raíces culturales y líderes de Sendero Luminoso*. Lima: Fondo Editorial de la PUCP, 2014, p.158-159.

como doutrina de guerra popular, tanto que acompanhava de perto os eventos do outro lado do planeta.

O fato foi noticiado por *Caretas*, em matéria que ocupou duas páginas e estampou três fotografias.¹⁶⁰ A imagem destacada foi a de um policial retirando o animal do poste. Na lateral esquerda, o texto indica que a organização realizava uma guerra contra todos e nem mesmo os cachorros escapavam.¹⁶¹ É digno de nota que o semanário sempre privilegiou as imagens, transformando-as em testemunhos de uma realidade sensível, como se só o texto não pudesse abranger a magnitude dos fatos.

Figura 16. Fotografia dos perros de Deng Xiaoping.



Fonte: CONTRA todo y contra todo y contra todos. *Caretas*, Lima, n. 630, 5 jan. 1981. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1970-1981.

A imagem e o título não se refletiram no texto, a protagonista da matéria foi Edith Lagos, capturada depois de dois senderistas presos delatarem sua participação em atentados com dinamites. Suas características físicas foram destacadas: “una muchachita de ojos claros y

¹⁶⁰ CONTRA todo y contra todo y contra todos. *Caretas*, Lima, n. 630, 5 jan. 1981.

¹⁶¹ No original: “En el Perú hay una organización que se considera en guerra contra todos – perros inclusive – trasladando al medio local los problemas de Teng Siao Ping, a cuya progenie se refiere abundantemente. No se ha explicado al resto de los mortales lo que tiene que ver en el embrollo.”

rasgos finos” e o relato do pai acrescentava: “la más cariñosa de todas y la más obediente”. É nítido que, ao usar esses adjetivos, o autor pretendeu contrapor os atos de violência com a delicadeza da jovem.

A emblemática Edith figurou por diversas vezes nas páginas da revista e, ainda na prisão, foi a primeira colocada num concurso de poesia, que concorreu com pseudônimo, em Ayacucho, em julho de 1981.¹⁶² No dia 3 de março de 1982, Edith fugiu junto com outros 303 presos do estabelecimento penal da cidade de Huamanga (CRAS Santiago Apóstol), e, ainda mais uma vez, figurou nas manchetes dos mais diversos meios de comunicação do país. Sua foto de perfil e de semblante apático consta na notícia do dia 08/03/1982, com legenda “fugida dirigente Edith Lagos”, com detalhes da invasão da prisão pelo PCP-SL, que aconteceu “sin ninguno género de obstáculo”, frente à falta de segurança no local.¹⁶³ Para *Caretas*, o sucesso da ação dos integrantes do PCP-SL, entre 60 e 80 militantes, deu-se graças ao planejamento inteligente e ao elemento surpresa.

A jovem Edith Lagos só reapareceu no *clipping* ao falecer. A edição de 13/09/1982 trouxe em letras garrafais na cor vermelha o anúncio do que a sucedera.¹⁶⁴ No lado esquerdo, a fotografia de uma multidão que acompanhava o corpo durante a procissão fúnebre em Ayacucho, o enquadramento da imagem foi uma escolha interessante, pois não fornece dimensão do todo, mas estima-se que 30 mil pessoas foram até o local. O caixão foi coberto por uma bandeira do PCP-SL e aplaudido enquanto circulava pelas ruas.¹⁶⁵ A forma como a população lamentou o falecimento de Edith contradizia a narrativa da falta de apoio ao grupo que a revista construiu em suas páginas, por isso, uma maneira de justificar a multidão na fotografia foi destacar, com círculos vermelhos, os rostos de pessoas sorridentes: “algunos de niños y adolescentes irresponsables, pero otros de adultos atraídos por el rito necrofilico”. Esses sorrisos, segundo a revista, contrastavam com o sofrimento familiar, e para comprovar tal afirmação, na mesma foto há uma seta que indica uma mulher aos prantos. No lado direito, em

¹⁶² “Lo evidente es que el 25 de julio de 1981 – a más de medio año de estar encarcelada – un poema suyo: “doloroso grito de la vida”, presentado con el seudónimo “Carmesí”, obtuvo el primer lugar en un concurso de composición y poesía organizado por la filial ayacuchana del Instituto Nacional de Cultura. La encarcelada poeta cimentaba su leyenda y su recuerdo difuso se expandía como un rumor popular, creando prontamente una imagen idealizada de la joven. A partir de uno de ellos [poemas] (“El remolino rompió la calma”), los conocidos cantantes y compositores, Martina Portocarrero y Ranulfo Fuentes compusieron una canción – “Yerba Silvestre” – que rápidamente se popularizó y extendió la leyenda de Edith Lagos, formando ya parte del acervo del cancionero huamanguino.” CARDENAS, Ricardo Caro. Ser mujer, joven y senderista: Memorias de género y pánico moral en las percepciones del senderismo. *Allpanchis*, Arequipa, v. 38, n. 67, p. 125-156, 2006.

¹⁶³ MORIR en Huamanga. *Caretas*, Lima, n. 688, 8 mar. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo -1982. (Ver anexo X).

¹⁶⁴ LA MUERTE de Edith Lagos. *Caretas*, Lima, n. 714, 13 set. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo - 1982.

¹⁶⁵ COMISIÓN de la Verdad y Reconciliación. *Op. cit.*, 2003, p. 152.

primeiro plano, a foto de Edith, não datada. *Caretas* considerou como uma “tragedia social y personal”.

Figura 17. A morte de Edith Lagos.



Fonte: LA MUERTE de Edith Lagos. *Caretas*, Lima, n. 714, 13 set. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1982*.

A matéria lamentou seu óbito e destacou que não chegou ao vigésimo aniversário, entretanto, não deixou de destacar que, como integrante do PCP-SL, esteve à frente do assassinato de dezenas de policiais, tão jovens quanto ela. É nítida a sensação de dualidade, uma jovem que intentou combater as injustiças sociais e, contudo, também ultrapassou limites ao se unir à luta armada:

Como se aprecia, la construcción del personaje de Edith Lagos sigue la huella de una heroicidad trágica: una joven singular, dotada, sensible, marcada por un estigma social y un destino quizá ejemplar. Estos rasgos asimilados a la joven condensan narrativas sociales y estructuras de sentimiento arraigadas y latentes en los contenidos del relato del héroe social, esa figura transgresora que conquista un consenso moral por medio de su fama.¹⁶⁶

Caretas informou que a senderista foi assassinada durante uma patrulha de guardas não uniformizados que buscavam um fugitivo da cadeia e cruzaram com o carro que estava a jovem e um acompanhante. O casal tentou atacar a patrulha e o resultado foi uma troca de tiros. Edith morreu no confronto e seu companheiro conseguiu escapar. A confusão logo despertou o

¹⁶⁶ CÁRDENAS, Ricardo Caro. *Op. cit.*, 2006.

interesse da população e os responsáveis rapidamente se retiraram do local. O corpo foi encontrado horas mais tarde numa cabana, parcialmente coberto de palha.

Essa versão foi considerada extremamente confusa e repleta de lacunas até mesmo para *Caretas*: “¿No es raro que apenas una pareja de guerrilleros haya intentado asaltar a seis o siete hombres? ¿De dónde surgió la poblada? ¿Fue tan precipitado el repliegue que no se alcanzó a levantar el cuerpo de la senderista?”. Apesar das imprecisões, a revista afirmou que o governo agia de forma exemplar, tendo até excesso de tolerância.¹⁶⁷

Edith Lagos foi construída nas notícias da revista *Caretas* como uma jovem facilmente influenciada pelo discurso do PCP-SL, foi apresentada como uma participante ingênua do grupo, quase alheia à totalidade de suas ações. Essa representação passiva contrastava com a complexidade do papel desempenhado por outras mulheres no movimento, destacando-a como uma figura idealizada, cuja inocência parecia ser explorada para moldar um imaginário coletivo que suavizasse sua militância. A escolha de enfatizar seus traços juvenis e femininos reforçou a ideia de vulnerabilidade e submissão, sua participação era vista mais como resultado de manipulação do que de escolha consciente.

Outro caso de mulher como participante do grupo despertou a atenção da revista. Em 26/04/1982, a *Caretas* publicou uma entrevista com Catalina Arianzén, que, à época, era considerada uma das suspeitas mais procuradas por suposta ligação com o PCP-SL.¹⁶⁸ Sua identificação como participante não foi fruto do acaso; Arianzén era uma figura pública associada ao pensamento político radical, e sua produção intelectual reforçava essa conexão. Em 1974, ela publicou o livro *El marxismo, Mariátegui y el movimiento femenino*, no qual explorava as interseções entre a ideologia marxista, o legado de José Carlos Mariátegui e as lutas femininas, evidenciando um posicionamento que ressoava com os ideais revolucionários da época. Essa obra, além de destacar seu engajamento intelectual, serviu como elemento de suspeita para as autoridades, que a associaram ao movimento subversivo. A entrevista publicada pela revista não apenas trouxe visibilidade ao caso, mas também contribuiu para moldar a imagem pública de Arianzén, posicionando-a como mulher intelectual e militante. Esse caso é diferente do de Edith Lagos, aqui temos a quebra de um apoio passivo no movimento.

A revista explicou que as perguntas da entrevista giraram em torno da ideologia, com uma perspectiva que se admite desde um simpatizante da luta do PCP-SL, uma abordagem

¹⁶⁷ A versão da revista *Gente*, com um viés mais para esquerda, contrapõe a de *Caretas*: “Sus prendas fueron conservadas para mostrar que no habría muerto en la balacera, sino detenida y torturada antes de matarla.” VARGAS, Ilpidio. Edith Lagos, final de drama. *Revista Gente*, 16 set. 1982, p. 6-11.

¹⁶⁸ HABLA Sendero: entrevista Catalina Arianzén. *Caretas*, Lima, n. 695, 26 abril 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1982*.

interessante, porque isso garantiria que essa matéria não seria utilizada com efeitos legais nas acusações da Polícia Investigativa Peruana. Arianzén não aceitou gravar a entrevista com a justificativa de estar com lapsos mentais,¹⁶⁹ a revista complementou que ela:

[...] no se encontraba en buen estado. Pálida, con notório emaciamento, tenía llagas en las muñecas y pequeñas escoriaciones en la frente, que no parecían haber recibido atención médica. Dijo que las llagas habían sido causadas por las esposas durante los días que estuvo detenida en el Cusco.”¹⁷⁰

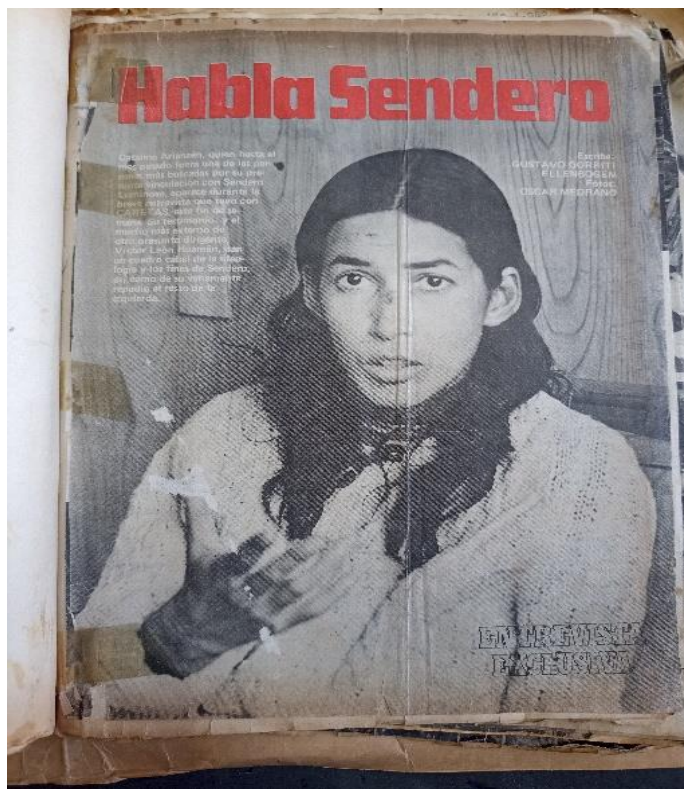
É interessante esse fragmento do texto, porque há uma clara denúncia de abuso das autoridades, essas marcas de tortura emergem como um ponto central na narrativa. Neste trecho, a revista se posiciona a favor dos direitos humanos, reforçando, ao menos em partes, a necessidade de responsabilização por essas violações. Ao dar visibilidade a esses atos, o texto não apenas denuncia a violência institucional, mas também provoca reflexões sobre o papel da mídia em dar voz a todos os lados do conflito.

A entrevista foi resumida em pontos, assim, não se sabe detalhadamente as perguntas, muito menos as respostas, restou ao leitor somente a interpretação por parte do semanário dividida nos tópicos: luta armada, sobre a crueldade, financiamento externo, as massas e anistia. Esse formato reduzido levanta questões sobre a intencionalidade editorial: até que ponto o texto preservou a essência das declarações originais? Ou teria ele sido moldado para atender a uma agenda específica da publicação? A ausência de detalhes abre espaço para interpretações enviesadas e reforça o poder do veículo de comunicação em direcionar a percepção dos leitores, influenciando como os eventos e atores envolvidos no conflito são compreendidos e julgados.

¹⁶⁹ Não existem fontes confiáveis que confirmem o destino de Catalina Arianzén, o mais provável é que após sua pena sob acusação de participar de um atentado a uma cooperativa agrária em 1982, ela tenha mudado para a Suíça.

¹⁷⁰ HABLA Sendero: entrevista Catalina Arianzén. *Op cit.*

Figura 18. Imagem de Catalina Arianzén.



A imagem de Catalina Arianzén é centrada e bem direcionada, transmite a ideia de que está aberta ao diálogo, ressalta sua posição de intelectual engajada nas causas sociais. Seu rosto tem marcas de ferimentos no nariz e na testa, facilmente observados pelo leitor na imagem destacada em página inteira.

Fonte: HABLA Sendero: entrevista Catalina Arianzén. *Caretas*, Lima, n. 695, 26 abril 1982. Acervo *Caretas*.
Pasta Clipping: Terrorismo-1982.

Apesar de uma aparente mudança na construção da imagem das mulheres como militantes, as características físicas das mulheres acusadas de pertencerem ao grupo continuaram sendo alvos de comparações. Na notícia que aborda acerca da prisão de prisão de Laura Zambrano, conhecida como Meche, segundo o semanário, o rosto mais procurado por ser um dirigente do PCP-SL em Lima. A revista informou que ela somente foi identificada por causa das suas digitais, visto que fisicamente está diferente, para comprovar essa argumentação ao leitor, coloca uma foto dela na sua primeira prisão e uma atual, complementa: “Entre el rostro enérgico, de mirada dura, de la joven de la fotografía, y la expression cansada de la mujer envejecida más allá de los 40 años [...]”.¹⁷¹ Assim, o PCP-SL foi associado a um estilo de vida que exauria seus integrantes que os levava ao desgaste físico e psicológico, acentuou a ideia de que o envolvimento no movimento levava à deterioração física.

¹⁷¹ LA CAPTURA de ‘Meche’. *Caretas*, Lima, n. 810, 30 jul. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1984.

Figura 19. Imagens de Laura Zambrano.



Fonte: LA CAPTURA de 'Meche'. *Caretas*, Lima, n. 810, 30 jul. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1984.

A participação feminina na organização chamou a atenção da revista, houve uma preocupação em entender como o partido teve a adesão das mulheres, com a matéria *El feminismo de Abimael- los porqués de las mujeres en Sendero*,¹⁷² o primeiro argumento da revista foi que o PCP-SL se antecipou nesta pauta, visto que “diez años antes que Acción Popular prometiera timidamente una ministra para un hipotético tercer gobierno suyo”, Guzmán já se preocupava com a emancipação das mulheres, colocando isso como uma das pautas mais importantes da luta política. *Caretas* tem um tom moralizador nessa matéria, sugerindo que, apesar dessa promessa de inclusão e emancipação, o engajamento das mulheres no PCP-SL não teve os resultados esperados. Pelo contrário, as mulheres, ao se unirem ao grupo, acabavam sendo direcionadas para um caminho trágico, descrito pela revista como uma "ruta azarosa que cuando no acaba en una morgue desemboca en la prisión".¹⁷³ Essa visão colocava o destino das mulheres num ciclo de violência e repressão, a militância revolucionária se mostrava, na ótica da *Caretas*, um caminho sem futuro e repleto de consequências fatais, o resultado era simples: a subordinação e a destruição pessoal das mulheres envolvidas. Para embasar sua lógica de

¹⁷² EL FEMINISMO de Abimael: los porqués de las mujeres en Sendero. *Caretas*, Lima, n. 841, 11 mar. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1985. (Ver anexo XI).

¹⁷³ *Ibidem*.

raciocínio, colocou a foto de Edith Lagos morta para tornar ainda mais evidente o argumento de que a adesão ao movimento resultava em tragédia.

A revista com frequência dava voz aqueles que se diziam arrependidos de participar da organização, esse tipo de matéria reforçava a sensação de que o grupo estava em decadência. A entrevista com Godelia Cerón Cardozo e encaixou nesse perfil, além de reforçar, mais uma vez, as consequências negativas de apoiar o PCP-SL.¹⁷⁴ A matéria deu espaço para contar como foi o recrutamento de Cardozo, ela era apenas uma menina de 17 anos quando a abordaram na saída da escola e a convidaram para formar um clube cultural com biblioteca no bairro, proposta que pareceu interessante e ela aceitou. Participou de reuniões que falavam da importância do poder da juventude nas decisões políticas e foi coagida a participar do PCP-SL, ainda de acordo com Godelia, ela negou, ameaçaram a sua família de morte, por isso ela não teve escolha. Já na primeira ação do grupo que participou foi presa e torturada. Godelia afirmou que se arrependeu de seus atos e desde que foi presa, colaborou as autoridades, mas nunca recebeu benefício algum, pelo contrário, foi abandonada e ameaçada de morte. Para *Caretas*, faltou discernimiento da polícia em ajudá-la, visto que “este caso podría sentar un importante precedente, si las autoridades lo toman en su verdadera dimensión. El brindarle seguridad y los beneficios que contempla la ley podría motivar a otros a seguir su ejemplo.” Logo, podemos observar uma crítica a falta de manejo das Forças da Ordem com casos que poderiam oferecer mais informações acerca do grupo e favorecer o encerramento do conflito por parte do Estado.

A reportagem abriu espaço para fala de Godelia: “Pienso ahora que me faltó fortaleza y carácter. Fui débil y me comprometí con ellos. No deví dejarme convencer. Ahora me arrepiento. Debí vencer el temor desde el principio. Pero me alegro de haber sido fuerte. He sido más fuerte que ellos.”¹⁷⁵

A revista deu espaço para esse caso, pois, obviamente, tratava-se de uma fala em que a jovem expressava arrependimento por ter colaborado, de alguma forma, com o grupo. Além disso, a fotografia apresentada de Godelia se diferenciava das que o semanário costumava publicar de mulheres vinculadas ao PCP-SL. Na imagem, ela aparece com maquiagem, cabelo arrumado, blusa de gola alta e brincos, seguindo o padrão estético que a revista promovia como exemplo de feminilidade. Essa construção visual alinhada aos valores tradicionais de feminilidade pode ajudar a explicar por que o semanário dedicou cinco páginas ao seu caso,

¹⁷⁴ MEYER, Laura Puertas. Habla la senderista arrepentida – Entrevista a Godelia Cerón. *Caretas*, Lima, n. 937, 12 jan. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1987.

¹⁷⁵ *Ibidem*.

destacou não apenas sua narrativa de arrependimento, mas também projetou uma imagem que reforçava uma ideia de redenção associada ao abandono do movimento.

Figura 20. Entrevista com Godelia Cerón Cardozo.



Fonte: MEYER, Laura Puertas. Habla la senderista arrepentida – Entrevista a Godelia Cerón. *Caretas*, Lima, n. 937, 12 jan. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1987*.

A foto se repetiu na seção Mar de Fondo em 8/06/1987, o título foi “Arrepentidos”,¹⁷⁶ a matéria abordava sobre o projeto de lei sobre o arrependimento dos delitos de terrorismo que contemplava os benefícios de redução, extensão e remissão da pena para aqueles que abandonavam voluntariamente seu vínculo com a organização terrorista e confessasse a participação perante um juiz. É difícil afirmar que matéria da revista tenha influenciado diretamente o projeto de lei mencionado, mas é inegável que a matéria desempenhou um papel no debate público da época.

No mesmo ano dessa reportagem, o caso de uma outra mulher despertou atenção, Sybila Arredondo foi mencionada em três matérias somente no ano de 1987. É mais uma que escapou da narrativa da inocente mulher que é seduzida pela organização, cabe destacar que a revista se posicionou fortemente favorável a sua prisão. Sybila foi flagrada numa operação do serviço de inteligência num imóvel que foram presos vários líderes senderistas na segunda quinzena de março de 1985, consoante a revista, mesmo com provas contundentes de sua participação no

¹⁷⁶ VARGAS, Victor Ch. Arrepentidos. *Caretas*, Mar de fondo. Lima, n. 937, 8 jun. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1987*. (Ver anexo XII).

PCP-SL, ela não foi condenada por terrorismo nesse episódio. A revista reforçou que tal decisão foi um equívoco, e argumentou sua posição social a beneficiou no julgamento, visto que era viúva do escritor José María Arguedas e isso teria lhe assegurado vários defensores. A matéria é uma junção de fatos que deveriam ter sido considerados e que a revista fez questão de expô-los novamente, visto que haveria um novo julgamento para o caso.¹⁷⁷

A fotografia escolhida reforça a narrativa. Sybilla está com um olhar ríspido, que transmite uma aura de inflexibilidade e destemor, como se a própria imagem carregasse o peso de uma acusação velada. A composição da foto intensifica essa sensação, sugere frieza. É quase que um convite de *Caretas* para que o leitor a julgue.

Figura 21. Fotografia de Sybilla.



Fonte: EL CASO de las fotos secretas *Caretas*, Lima, n. 951, 20 abr. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1987*.

O empenho da revista *Caretas* em levantar provas contra a acusada não se limitou à edição n.º 951. Na semana seguinte, a publicação trouxe uma carta, supostamente escrita por Arredondo, endereçada ao líder da organização.¹⁷⁸ Demonstrando mais interesse pelo caso do que a própria polícia, a revista contratou um perito grafotécnico, que confirmou uma semelhança de 85% entre a caligrafia da acusada e o documento apresentado. O título da

¹⁷⁷ EL CASO de las fotos secretas *Caretas*, Lima, n. 951, 20 abr. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1987*.

¹⁷⁸ CARTA a Guzmán. *Caretas*, Lima, n. 952, 27 abr. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1987*. (Ver anexo XIII).

matéria, "Carta a Guzmán", merece destaque: embora Sybilla seja a verdadeira protagonista da narrativa, a escolha de mencionar Guzmán no título pode ter sido estratégica para instigar a curiosidade do leitor. Talvez, se o nome de Sybilla fosse usado diretamente, o impacto e o interesse gerados pela publicação seriam menores.

A matéria informou como que essa carta foi encontrada por *Caretas*, sem mais detalhes acerca da origem dessa fonte, também deixou claro não pode ser usado como prova no julgamento, visto que é considerado documento inviolável e precisaria da autorização e mandato de um juiz. *Caretas* se posicionou fortemente a essa proteção de dados, argumenta que “cualquier narcotraficante podría recibir o eventualmente enviar unos gramos de coca en un sobre o un senderista el plan de asesinato de cualquier parlamentario y su envío sería intocable.”¹⁷⁹

Apesar de todo o esforço da revista para que Sybilla fosse ao cárcere, o tribunal a considerou como inocente, *Caretas* afirmou que “después de um complicado proceso, una sentencia desconcertante”.¹⁸⁰ O motivo alegado pela justiça foi a falta de provas, justificativa insuficiente de acordo com *Caretas*, que mais uma vez manifestou sua insatisfação, em um tom sarcástico trouxe o líder senderista como exemplo, afirmou que seguindo essa lógica, também não há provas suficientes para condenar o Presidente Gonzalo, visto que “el nunca há dicho nada ni firmado nada, ni se lo há visto empuñando un arma o colocando explosivos”. Essa polêmica opinião provocava o leitor sobre os limites e falhas do sistema de justiça no país. Contudo, a matéria fez questão de reafirmar seu compromisso com a democracia e os direitos humanos, destacou que seu questionamento não se opunha a esses valores, mas refletia a expectativa por investigações mais rigorosas e uma aplicação mais equitativa e severa da lei.

Em outras matérias a revista manifesta seu descontentamento com os julgamentos de acusadas de participarem do PCP-SL. A saber, na edição n. 992, com um título sugestivo “La justicia de Pilatos”,¹⁸¹ no qual já é possível o tom de indignação do semanário, o texto abordou o julgamento que absolveu Laura Zambrano, Fiorella Montano, Maria Saire e María Córdova, para *Caretas*, um erro equiparado ao julgamento de Jesus Cristo. Com mais uma analogia católica, o subtítulo complementou: “Hoy como ayer el agua de no comprometerse se vuelve sangre”. Esse é mais um exemplo que a revista não se esquivava de temas sensíveis e que tinha idealizado como deveria ser o papel da justiça nos processos que envolviam o PCP-SL.

¹⁷⁹ *Ibidem*.

¹⁸⁰ ¿SYBILLA libre? ¿Abimael?. *Caretas*, Lima, n. 980, 9 nov. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1987. (Ver anexo XIV).

¹⁸¹ LA JUSTICIA de pilatos. *Caretas*, Lima, n. 992, 8 fev. 1988. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1988. (Ver anexo XV).

A partir desses casos, pode-se observar que a narrativa de *Caretas* acerca das mulheres acusadas de serem integrantes do PCP-SL não mantiveram um padrão. Até o momento, foram selecionadas trajetórias individuais, de mulheres que foram identificadas pela revista. Contudo, é digno de nota que grupos de mulheres também se fizeram presentes nas páginas da revista, exemplar é o caso da edição n. 1170,¹⁸² no qual há fotografias de um grupo de mulheres aparecem uniformizadas dentro de uma prisão. As imagens não foram capturadas por *Caretas*, são recortes de um vídeo que se tornou público, não se sabe ao certo como, e foram registradas pelo próprio PCP-SL.¹⁸³ As imagens coloridas selecionadas pelo semanário, mostram as detentas uniformizadas com trajes que fazem alusão às cores simbólicas do partido e armadas. Na parede de fundo, destacam-se inscrições como “Nada es imposible. ¡Viva el Marxismo! ¡Viva el Leninismo!”, além de um grande mural representando Abimael Guzmán.

Tais registros suscitaram questões para *Caretas*: de que maneira essas detentas tiveram acesso a materiais e instrumentos como uniformes, armas dentro de um espaço que deveria ser rigorosamente controlado? Além disso, a presença explícita de símbolos de veneração ao PCPC-SL. De acordo com o semanário, essas imagens refletiam não apenas falhas na gestão carcerária, mas também o grau de autonomia que esses grupos têm alcançado no interior das penitenciárias.

A revista afirmou que esse fenômeno não é novo. O caos no sistema penitenciário do Peru tem permitido que presos condenados por terrorismo transformassem as prisões em espaços de poder autônomo. Esses grupos ocupavam e reconfiguravam os ambientes prisionais, impondo narrativas ideológicas e subvertendo a ordem estatal, enquanto as autoridades demonstravam pouca habilidade em lidar com a situação. Deste modo, o Estado demonstrava a incapacidade de garantir a segurança e o controle dentro das instituições, enquanto o PCP-SL tinham a liberdade para ocupar os espaços públicos das penitenciárias. Novamente, *Caretas* faz uma matéria que exige uma posição mais dura no combate ao grupo e questiona, sem medo, as estratégias utilizadas pelo governo e pelas forças da ordem.

¹⁸² SENDERO en Canto Grande. *Caretas*, Lima, n. 1170, 30 jul. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1991*.

¹⁸³ Em relação ao vídeo, ele foi gravado: “En el segmento dedicado a las mujeres en prisión, estas realizan una teatralización para conmemorar un aniversario del Movimiento Femenino Popular (MFP), una especie de ópera china que ponen en escena en prisión mediante la realización de diversos desplazamientos, denominados «evoluciones», en las que se muestra que llevan una imagen del líder, «Gonzalo», al ingresar al patio de la cárcel (del Establecimiento Penitenciario Miguel Castro Castro, cuya población, en ese entonces, estaba compuesta, entre otros, por hombres y mujeres del PCP-SL), mientras que las demás siguen a las primeras con banderolas rojas con la hoz y el martillo.” PEIRANO, Luz Victoria Guerredo. *Arte, Mujer y Propaganda Política: Narrativas y Reconfiguraciones de Género en el PCP-SL*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Genêro) – Pontificia Universidad Católica del Perú. Lima, Peru, p. 107. 2015.

Figura 22. Acusadas se participarem do PCP-SL no interior de um presídio feminino.



Fonte: SENDERO en Canto Grande. *Caretas*, Lima, n. 1170, 30 jul. 1991. Acervo Caretas. Pasta *Clipping: Terrorismo-1991*.

Não há como encerrar uma análise sobre a construção da revista acerca das mulheres sem mencionar a prisão de Abimael Guzmán. Quatro mulheres foram capturadas no mesmo dia, sendo acusadas de pertencer a alta cúpula, Elena Iparraguirre Revoredo, María Pantoja Sánchez, Laura Zambrano Padilla e Maritza Garrido Lecca. Esta última, teve uma repercussão muito grande na imprensa e sua história se tornou emblemática. A residência onde vivia, alugada sob a identidade de um arquiteto e uma bailarina, funcionava como um discreto estúdio de dança, mas, na realidade, escondia o líder senderista. A revista atribuiu grande importância à sua figura, destacando-a como peça central na criação da "fachada perfeita", que personificava a estratégia de infiltração e disfarce do movimento na burguesia.

O papel de Maritza, bailarina e professora de dança, foi romantizado pela revista que simplificou o papel desempenhado por ela como participante do PCP-SL. *Caretas* explorou a dicotomia, a “imagen grácil de inocência” num espaço no qual predomina a violência, não faltaram comentários que muniam o leitor de comparações ácidas: “¿Cómo conciliar el ballet, sinónimo de levedad, con la insoportable condición senderista?”¹⁸⁴

¹⁸⁴ SENDERO en la danza. *Caretas*, Lima, n. 1228, 17 set. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1992*.

O aspecto físico de Maritza também não passou despercebido: “una espigarada y bella bailarina de 28 años, parece lo más lejano a las fanáticas seguidoras de Abimael, por lo general asexuadas, miopes y gruesas”, contraposição da ideia, conceito generalizado, necessidade de perder características femininas para seguir o PCP-SL. É uma clara narrativa estereotipada, era dizer que para uma mulher fazer parte da organização, precisava renunciar aos seus traços considerados como femininos em prol de uma identidade revolucionária, num claro discurso que associa aparência física a papéis políticos delimitados tradicionalmente. Ao destacar a aparência de Maritza, a narrativa acaba por reduzi-la a um ponto de contraste, insinuando que sua adesão ao movimento era, de alguma forma, anômala ou menos autêntica devido à sua aparência, desvia a atenção de suas escolhas ideológicas e da complexidade de suas motivações

Outro ponto que *Caretas* se debruçou foi a classe social que a jovem pertencia, ressaltou uma aparente incongruência em sua adesão ao grupo. A narrativa sugere que, para alguém de classe média, seria quase absurdo interessar-se por problemas sociais ou participar de um movimento revolucionário. A narrativa construída nessa reportagem a revista leva a crer que Maritza vivia em uma sociedade suficientemente privilegiada, onde sua participação no PCP-SL pareceria injustificável, ainda mais ao considerar que ela “Lo tenía todo, salvo una curiosa insatisfacción ante las desigualdades y los contrastes sociales del Perú. Era una joven de su tiempo. Tal vez aún no estaba envenenada políticamente, pero quería otra sociedad.” É importante ressaltar, que no caso de Maritza, parecer que o PCP-SL foi o responsável por corromper as pessoas, levando-as a um fanatismo fundamentalista quase irresistível, como se fosse uma força externa capaz de subjugar as vontades individuais, é subverter a ordem, Maritza foi retratada como vítima do movimento. Uma jovem que era formalmente educada, urbana e classe média, não cabia dentro da lógica do que se espera de uma senderista.

Figura 23. Imagens de Maritiza no balé.



As fotografias utilizadas por *Caretas* também reforçavam essa construção de delicadeza, eram imagens dela exercendo a sua profissão de bailarina.

Fonte: SENDERO en la danza. *Caretas*, Lima, n. 1228, 17 set. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1992*.

Após a captura do líder, não pôde-se ignorar o protagonismo feminino, por este motivo, houve uma sequência de matérias que buscavam justificar essa participação. Apesar de *Caretas* sempre se posicionar a favor dos Direitos Humanos, e sempre utilizar de recursos de responsabilizar o PCP-SL de toda violência do conflito, após a captura de Guzmán a revista se posicionou mais escancaradamente contra os grupos de esquerda, nem mesmo Simón Bolívar escapou dos comentários ácidos nas reportagens, e de acordo com o semanário, ele teria atraído as mulheres com sua áurea romântica, ao contrário de Guzmán que seduzia pela política.¹⁸⁵

Um fato curioso demanda atenção na análise do material em relação ao papel das mulheres, é o pouco espaço que receberam no *clipping* Augusta La Torre (Camarada Norah) e Elena Iparraguirre (Camarada Miriam). Assim como existia uma pasta exclusiva para Abimael Guzmán, muito provavelmente existiu uma coletânea para essas duas personagens. Mas ao que se refere as pastas intituladas Terrorismo, passaram despercebidas na maior parte dos anos. É inegável que elas foram citadas, mas há uma falta de interesse em destacá-las, fato que reforça

¹⁸⁵ “Se ha convertido casi en un lugar común el atribuirle a Abimael Guzmán un arte impar de seducción política: el rendido proselitismo de las mujeres. Su caso no es equiparable ciertamente al de Simón Bolívar, el febril venezolano que encendió a las damas sudamericanas con su con su aura romántica y un tropicalismo sin tregua. En su caso la adhesión femenina era pasional antes que política.” EL SENDERO de Chiang Ching. *Caretas*, Lima, n. 1230, 01 out. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1992*. (Ver anexo XVI).

a invisibilização das mulheres em contextos de liderança política. Permaneceu a decisão de tratar as mulheres como coadjuvantes.

Embora essa narrativa de *Caretas* frequentemente tenha colocado as mulheres em um papel secundário, sua participação foi fundamental para o funcionamento do Sendero Luminoso. Elas atuaram tanto na linha de frente dos combates quanto na difusão da ideologia e na organização do movimento, desempenhando funções estratégicas e operacionais essenciais. Assim, ao analisar a trajetória do PCP-SL, é imprescindível reconhecer a importância de Guzmán como líder, mas também compreender que o movimento não se sustentou apenas por sua figura, contando com a atuação ativa e significativa de suas integrantes.

A análise realizada neste capítulo permitiu traçar um breve panorama sobre a história e atuação do PCP-SL e perceber como a violência do grupo e sua ideologia influenciaram a forma como seus membros foram retratados na mídia. Em especial, a figura de Abimael Guzmán recebeu uma representação marcante na imprensa. A cobertura de *Caretas* contribuiu para a construção de sua imagem como um líder autoritário e nada carismático, muitas vezes descrito de forma caricata e ridicularizada. Sua prisão e a exibição pública de sua imagem foram momentos decisivos para a forma como ele foi percebido pela opinião pública, consolidando uma narrativa de sua derrota simbólica diante do Estado peruano.

No que diz respeito às mulheres integrantes do PCP-SL, observou-se uma representação marcada por estereótipos e ambivalências. Enquanto algumas eram retratadas como figuras perigosas e fanatizadas, outras apareciam de forma a reforçar a ideia de vulnerabilidade ou manipulação por parte dos líderes masculinos. A cobertura de *Caretas* nem sempre reconheceu a complexidade de suas trajetórias e a diversidade de motivações que levaram essas mulheres a se envolverem no movimento. Assim, a análise da representação do PCP-SL em *Caretas* revela a forma como a imprensa peruana desempenhou um papel fundamental na construção das narrativas sobre o grupo e seus integrantes. A abordagem jornalística, muitas vezes guiada por interesses políticos e pelo contexto de violência, contribuiu para a formação da memória coletiva sobre o conflito e seus protagonistas.

Capítulo 3.

As vítimas no clipping de Caretas

Analisar o conceito de vítima no contexto do PCP-SL é uma tarefa complexa, pois envolve múltiplas camadas de interpretação e perspectivas. Por um lado, há as vítimas diretas da violência perpetrada pelo grupo, incluindo civis, militares e autoridades, muitas vezes alvo de ataques brutais. Por outro, há as vítimas do Estado que também adotou práticas repressivas, resultando em abusos contra comunidades inteiras. Além disso, o envolvimento de jovens no PCP-SL levanta questões sobre coação, adesão ideológica e as fronteiras entre vítimas e agentes ativos. Essa pluralidade de vivências e discursos torna difícil delimitar de forma clara quem pode ser considerado vítima, exigindo uma análise que leve em os aspectos subjetivos dessa realidade. O que importa neste texto é analisar como *Caretas* noticiou as vítimas e qual posicionamento adotou, por este motivo, neste capítulo, foram selecionadas matérias que incluem vítimas dos dois lados do conflito, os integrantes do PCP-SL e do Estado, mas intentou-se dar o protagonismo às vítimas civis. Foi recorrente uma narrativa que privilegia por parte de *Caretas* uma vítima sem envolvimento com o PCP-SL, como se houvesse uma balança para determinar qual perda humana deve ser mais lamentada por seus familiares ou pela sociedade.

3.1 As estratégias do PCP-SL, as rondas campesinas e a imprensa

Uma tática utilizada desde muito cedo pelo PCP-SL foi a dos apagões, produzidos com uso de dinamites extraviadas das minas, roubos que foram frequentes durante todo o conflito. Estima-se que, somente em 1988, foram roubados, e não recuperados, cerca de 10 mil cartuchos por mês. Outra prática que se tornou corriqueira foi valer-se de fios de alta tensão, o que provocava cortes no fornecimento de eletricidade e espalhava o medo nas grandes cidades do país,¹⁸⁶ além de afetar o setor industrial.¹⁸⁷

Os ataques às torres eram eficientes: provocavam caos, impactavam a economia e mobilizavam poucos senderistas. Essa tática ganhou espaço e foi registrada no *clipping*. Uma matéria expressava a preocupação em seu título: “*El terror llega a Lima*”,¹⁸⁸ na legenda das fotos lia-se: “Reparar una torre de alta tensión cuesta 60 millones de soles que bien podrían tener un uso más provechoso”, ou seja, o que se destacava não era o saldo de mortos e feridos, muito menos os motivos ideológicos do PCP-SL, mas o impacto financeiro no meio urbano e na rotina da cidade.

¹⁸⁶ HERTOGE, Alain; LABROUSSE, Alain. *Op. cit.*, 1990.

¹⁸⁷ MANRIQUE, Nelson. La guerra en la región central. In: STERM, Steve. *Los senderos insólitos del Perú: guerra y sociedad, 1980-1995*. Lima: IEP/UNSH, 1999. p. 199.

¹⁸⁸ EL TERROR llega a Lima. *Caretas*, Lima, n. 647, 11 maio 1981. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1970-1981*. (Ver anexo XVII).

A matéria abriu espaço para o presidente Fernando Belaúnde, que não soube informar se os atentados terroristas deveriam ser atribuídos à esquerda ou à direita, enquanto o vice-presidente, Javier Alva, levantou a possibilidade de conexão dos terroristas com os narcotraficantes, fato que justificava a repressão, nem sempre bem compreendida. Depois de alguns parágrafos, explicou-se o título do texto, a cidade de Lima foi palco de 81 atentados, o que a colocava como a segunda capital com maior número de ataques, somente superada por Ayacucho, com o saldo de sete militares mortos. Neste primeiro momento, não se explorou acerca do falecimento desses profissionais, nem sequer seus nomes foram mencionados. Esse padrão de abordagem, focado em danos materiais e implicações econômicas, foi recorrente na década de 1980.

A facilidade para roubar explosivos advém do fato de a economia do Peru basear-se na exploração dos recursos minerais. A edição 784 trouxe as cifras do ano de 1983: 75.553 cartuchos de dinamites e, nos meses anteriores à publicação, mais 6100.¹⁸⁹ Para *Caretas*, não havia um plano de contenção para evitar roubos e faltavam profissionais especializados. Foi mencionado o exemplo de uma mina, no povoado de Nieve Nieve, cuja única proteção era um guarda de 78 anos, armado com um pau de eucalipto. A denúncia é compreensível, o número de vítimas dos conflitos armados só aumentava e a estratégia do Estado limitava-se a dizimar a população mais pobre. *Caretas* defendeu a adoção de outras medidas, a exemplo do aumento da segurança dos locais com explosivos.

Se, no início, existia incredibilidade nos senderistas e na luta armada, depois dos diversos ataques e assassinatos, já não sobravam dúvidas, restava encontrar soluções. Na edição de 12/03/1984, perguntou-se: “¿Tiene cura la violencia?”. A matéria, uma entrevista com Felipe Mac Gregor, padre jesuíta de 69 anos que por “[...] por 15 años fue rector de *La Católica*, donde estudió la flor y nata de los comunistas mirafloresinos [...]”,¹⁹⁰ questionava se a guerrilha seria capaz de destruir a institucionalidade democrática, e Mac Gregor respondeu positivamente, resultado que dependeria da duração do conflito. Sobre a violência, afirmou que tinha diferentes causas, desde a falta de meios de subsistência até a pouca estabilidade dos lares, marcados pela ausência paterna na criação dos filhos.

O padre tocou num tema interessante, era necessário criar espaços para juventude, citou o exemplo da Universidad San Marcos, que recebia cerca de 40 mil inscrições, mas somente

¹⁸⁹ LA DINAMITA de sendero. *Caretas*, Lima, n. 784, 30 jan. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984. (Ver anexo XVIII).

¹⁹⁰ ¿TIENE cura la violencia? *Caretas*, Lima, n. 790, 12 mar. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984. (Ver anexo XIX).

oito mil candidatos eram aprovados e, como consequência, os fracassados tendiam a incrementar o número de senderistas. Uma visão extremamente simplista do PCP-SL e da concepção ideológica da organização, mas que, de alguma maneira, representava o senso imperante no país naquele momento.

O conflito foi relativamente favorável para o PCP-SL até 1982,¹⁹¹ visto que conseguiu aumentar sua zona de influência e manter o plano estratégico, mas o cenário se modificou com a entrada das Fuerzas Armadas (FFAA) no conflito. O excesso de violência fez com que os senderistas reavaliassem suas técnicas de combate e:

Según las leyes de la guerra maoísta: "cuando el enemigo avanza, retrocedemos". Por tanto, cuando las FFAA ingresaron a Ayacucho, SL se replegó para proteger a sus cuadros. Pero al hacerlo entró en contradicción con el rol del patrón tradicional, que protege a sus clientes. Por ello, cuando SL se repliega la decepción en muchos lugares es muy grande.¹⁹²

Quando o PCP-SL recuou, os camponeses tornaram-se o alvo, a sensação era de que o grupo não conseguiu proteger o povo e que o lado com maior força era o Estado. O recrutamento de jovens por parte do PCP-SL se tornou mais incisivo “la lucha armada exigía sacrificio y entrega, producir lo mínimo indispensable y dejar de producir para el mercado y la ciudad”,¹⁹³ essas exigências extrapolaram o limite aceitável para os camponeses e diversas comunidades resistiram à influência do PCP-SL.

A população, diretamente afetada pelo conflito, deixou de confiar nas forças de proteção oficiais e no PCP-SL, muitos optaram por se distanciar destas zonas. Estima-se que 600 mil camponeses migraram para as cidades. Entretanto, nem todos puderam partir e, neste contexto, as rondas camponesas desempenharam papel importante ao formar grupos de resistência. Organizados por civis, tais rondas, expulsavam os senderistas das regiões. Nos setores em que o PCP-SL não foi capaz de garantir a proteção contra o Estado, as FFAA foram vistas como a

¹⁹¹ É comum, na literatura especializada sobre o conflito armado peruano, a divisão desse período em três grandes fases, que refletem a evolução da luta armada e a resposta do Estado. A primeira fase, de maio de 1980 a dezembro de 1992, correspondeu ao início da chamada "guerra popular", marcada pela expansão das ações do PCP-SL no campo e pela consolidação de suas bases de apoio nas zonas rurais andinas. A segunda fase, entre janeiro de 1983 e julho de 1989, caracterizou-se pela intensificação da militarização do conflito e pelo auge do poder senderista, que nesse período conseguiu ampliar significativamente seu controle territorial, especialmente nas regiões de Ayacucho, Huancavelica e Apurímac. Por fim, a terceira fase, de agosto de 1989 a novembro de 2000, marcada por uma mudança de estratégia por parte do PCP-SL e pelo fortalecimento da ofensiva estatal, resultando na desarticulação progressiva da organização e na declaração da vitória do Estado peruano sobre a organização. Para mais detalhes, ver: GURMENDI, Alonso. *Conflicto Armado em el Perú*. Lima: Universidad del Pacífico, 2019.

¹⁹² DEGREGORI, Carlos Iván. Cosechando tempestades: Las rondas campesinas y la derrota de Sendero Luminoso en Ayacucho In: DEGREGORI, Carlos Iván et al. *Las rondas campesinas y la derrota de Sendero Luminoso*. Lima: IEP/Universidad Nacional de San Cristóbal de Huamanga, 1996. p. 205.

¹⁹³ PINO, Ponciano del. *Op. cit.*, 1999. p. 176.

única opção de sobrevivência. O grau de apoio e subordinação das rondas às Forças Armadas variou, dependendo da região do país e do ano em questão.

Os membros das rondas eram civis sem treinamento militar, com armamentos improvisados, como flechas, machados e espingardas de caça, mas conheciam suas terras e criam ser “más capaz que el policía en la hora de la confrontación”.¹⁹⁴

Se, para o Estado, todos os camponeses faziam parte do PCP-SL, para as rondas, todos os que estavam fora da comunidade representavam o perigo, tanto que também foram responsáveis por assassinatos de supostos subversivos, que “van desde Huaychao en 1983 a Paccha en 1992”.¹⁹⁵ Nesse contexto, ocorreram os assassinatos de 26 de janeiro de 1983, na comunidade de Uchuraccay, em Ayacucho, quando oito jornalistas foram até a região em busca de maiores informações sobre a morte de sete senderistas, mas se depararam com membros da comunidade e foram assassinados.¹⁹⁶

O incidente foi noticiado por *Caretas* em 31/01/1983, a matéria contou com os registros de Oscar Medrano e texto de Gustavo Gorriti.¹⁹⁷ A reportagem informou que, até o fechamento da edição, não era possível confirmar as mortes dos jornalistas, mas fontes extraoficiais faziam crer que nenhum deles sobreviveu. O assassinato dos jornalistas foi considerado como “la mayor tragedia para el periodismo nacional”, eles foram atacados nas redondezas de Uchurajay e mortos por golpes e pedradas. Apesar de *Caretas* manter a ideia de posicionamento imparcial, ao reforçar a impossibilidade de confirmação das mortes, a reportagem identificou as supostas vítimas e o jornal para qual trabalhavam. A revista em questão, também forneceu detalhes da região, uma comunidade extremamente pobre, na qual a produção agrícola e a alimentação eram baseadas em batatas e “antes de este mes, Sendero Luminoso no había ingresado a la zona y la fuerza pública tampoco”, para a revista, a pobreza havia poupado a região do interesse por parte do PCP-SL.

A edição seguinte trouxe mais detalhes acerca dos fatores que teriam levado ao desfecho em Uchuraccay.¹⁹⁸ *Caretas* levantou a hipótese de que a viagem dos jornalistas foi motivada

¹⁹⁴ CORONEL, José. *Op. cit.*, 1996. p. 85.

¹⁹⁵ STARN, Orin. Senderos inesperados: Las rondas campesinas de la sierra sur central. In: DEGREGORI, Carlos Iván et al. *Las rondas campesinas y la derrota de Sendero Luminoso*. Lima: IEP/Universidad Nacional de San Cristóbal de Huamanga, 1996. p. 252.

¹⁹⁶ Os oito jornalistas mortos foram: Eduardo De la Piniella (*El Diario de Marka*), Pedro Sánchez (*El Diario de Marka*), Félix Gavilán (*El Diario de Marka*), Willy Retto (*El Observador*), Jorge Luis Mendivil (*El Observador*), Jorge Sedano (*La República*), Amador García (*Oiga*), Octavio Infante (*Noticias de Ayacucho*), o 122uía e interprete Juan Argumedo também foi assassinado.

¹⁹⁷ GORRITI, Gustavo. Trágicos linchamientos. *Caretas*, Lima, n. 733, 31 jan. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1983*. (Ver anexo XX).

¹⁹⁸ TEMOR y muerte em las alturas. *Caretas*, Lima, n. 734, 7 fev. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1983*. (Ver anexo XXI).

pela tentativa de estabelecer contato com os anfitriões do “camarada Gonzalo”. Um propósito arriscado, mas que valia a pena, visto que, até aquele momento, nenhum meio de comunicação tinha conseguido contato direto com os clandestinos. Os jornalistas também desconheciam regras simples, a força pública de segurança da zona havia advertido aos *comuneros* que, ao se locomoverem pela zona em grupos, deveriam ter uma bandeira branca para não serem confundidos com senderistas.

Em todo caso, havia teorias de que os *ronderos* não foram os únicos responsáveis por essas mortes. A hipótese foi difundida pelo correspondente de *El Diario*, Luiz Morales, na televisão. Para o jornalista, os *sinchis* (unidade da Polícia Nacional do Peru especializada em operações de contrainsurgência) deveriam ser responsabilizados, já que sabiam que os oficiais somente chegavam às comunidades por via aérea e qualquer um que se deslocasse por via terrestre arriscava-se a ser morto. Morales até chegou a afirmar que os *sinchis* foram os responsáveis pelas mortes e que os *comuneros* somente realizaram a captura. Para *Caretas*, essa ideia era “francamente, improbable”. Os moradores do povoado sofreram diversas represálias, principalmente após a intensa cobertura dos meios de comunicação, o resultado foi que, em menos de 60 dias, foram registradas 58 mortes,¹⁹⁹ e o local acabou por ser completamente abandonado nos anos seguintes.²⁰⁰ É difícil observar críticas ao governo por parte da revista, até mesmo neste caso, que as suspeitas sobre o envolvimento dos militares foram altas ao ponto de levar o presidente Fernando Belaúnde a criar uma comissão especial para investigar o caso,²⁰¹ anunciada durante uma coletiva de imprensa.²⁰²

¹⁹⁹ CÁCERES, Mario R. Cépeda. A cuarenta años de las masacres de Uchuraccay: las lecciones que no hemos logrado aprender. *IDEHPUCP*, Lima, 31 jan. 2023.

²⁰⁰ “Durante los meses siguientes a la masacre de los periodistas, distintas columnas armadas de Sendero Luminoso incursionaron sucesivamente en la comunidad y asesinaron a quienes habrían tenido alguna participación en la muerte de los periodistas. Los ataques ocurrieron el 20 de mayo, el 16 de julio y el 24 de diciembre de 1983. Todas las incursiones sucedieron en momentos festivos religiosos. La masacre del 20 de mayo ocurrió durante las fiestas del Espíritu Santo (Corpus Christi), y en ella murieron alrededor de 20 campesinos. El segundo ataque aconteció a la medianoche del 16 de julio, luego de concluida la fiesta de la Virgen del Carmen. Murieron 20 comuneros. El tercer ataque se dio en la víspera de la navidad, el 24 de diciembre, y en el se dio muerte a 8 comuneros. Pero no solo fue Sendero Luminoso el que asesinaba campesinos. También las fuerzas armadas y los comités de autodefensa campesina incursionaron en la comunidad, entre 1983 y 1984 y mataron a decenas de campesinos, acusándolos de senderistas. Ante tantos ataques y muertes, finalmente, hacia agosto de 1984, a los comuneros de Uchuraccay no les quedó más opción que la de vivir esparcidos entre distintas comunidades vecinas, refugiarse en las ciudades de Huanta y Huamanga o, incluso, vivir como migrantes desplazados en Lima. La comunidad quedó totalmente deshabitada hacia fines de 1984.” SANDOVAL, Pablo. La década de la violencia en Perú. Utopía andina, campesinado y crisis de la antropología andina. *Antropologías de sur*, Santiago, v. 8, n. 16, p. 133-152, dic. 2021.

²⁰¹ A comissão Vargas Llosa foi a mais famosa e polêmica, acompanhada de perto pelos meios de comunicação. Essa comissão concluiu que, apesar dos *comuneros* serem os responsáveis pelas mortes, este acontecimento foi devido à falta de compressão entre as distintas culturas do país. Para mais informações, ver: SANDOVAL, Pablo. *Op. cit.*, 2021.

²⁰² COMISIÓN investigará muerte de periodistas en Ayacucho. *El Comercio*, 31 jan. 1983.

Entre as razões que podem ser elencadas para explicar esse posicionamento frente às forças da ordem por parte de *Caretas*, pode-se citar o anseio e expectativa pela democracia, a revista sofrera forte censura nas décadas anteriores, inclusive, não circulou entre os anos de 1976 e 1978 e, até mesmo o diretor, Enrique Zileri Gibson, foi deportado. Assim, não era interessante fragilizar a relação com o novo governo. Acrescenta-se o fato de que, durante a presidência de Belaúnde, Doris Gibson recebeu a condecoração *Orden Sol*, em 26/10/1981, distinção entregue pelo Estado peruano a personalidades importantes, como uma forma de reconhecimento dos méritos prestados ao país.²⁰³

Meses depois, em 23/05/1983, *Caretas* novamente trouxe um “extraordinario testimonio gráfico” da expedição dos jornalistas.²⁰⁴ A matéria esclareceu que as imagens chegaram até a revista, que não hesitou em publicá-las por ser um dever da imprensa. Entretanto, não forneceu detalhes da origem das fotos, que foram expostas em ordem cronológica, desde o momento que os jornalistas deixaram o carro e percorreram o trajeto a pé até o encontro com os *comuneros*. Além disso, a revista retratou também o trajeto percorrido, as paisagens e momentos de refeições. Evidencia-se que houve tentativa de diálogo, mas que foi inútil e “parece que no hubo imprudência o error, y que, antes bien, era sorda toda palabra, todo grito”.²⁰⁵ O caso foi tratado pela revista como um acidente causado pelos desentendimentos de comunicação entre os envolvidos, trágico, entretanto, possível diante da falta de sensatez dos jornalistas.

²⁰³ Para a lista completa, ver: <http://gestion2.e3.pe/doc/0/0/1/5/2/152563.pdf>

²⁰⁴ CAMINO a Uchuraccay. *Caretas*, Lima, n. 749, 23 maio 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1983*.

²⁰⁵ Ressalta-se que, apesar do grupo de jornalistas não saberem o quéchua, eles foram até a região com o guia e intérprete Juan Argumedo, talvez as variações dentro da língua dificultaram a comunicação.

Figura 24. Notícia da morte de oito jornalistas pelas rondas camponesas.



Fonte: CAMINO a Uchuraccay. *Caretas*, Lima, n. 749, 23 maio 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1983*.

Sem dúvidas, a sequência mais impactante foi divulgada em 20/02/1984,²⁰⁶ são nove imagens que retratam os últimos momentos em vida dos jornalistas, os cliques vieram da câmera de Willy Retto. Devido à visibilidade do caso, as fotos foram publicadas nas primeiras páginas da edição 787. Essas novas provas instigaram novamente a opinião pública.

²⁰⁶ CUANDO la bandera blanca cayo al suelo. *Caretas*, Lima, n. 787, 20 fev. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1984*.

Figura 25. Fotografias da câmera de Willy Retto.



O clipping da revista segue com uso constante, nesta imagem é possível observar que as páginas foram destacadas com papéis rosa.

Fonte: CUANDO la bandera blanca cayo al suelo *Caretas*, Lima, n. 787, 20 fev. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1984.

O caso foi acompanhado de perto, inclusive, jornalistas de *Caretas* foram chamados para depor em dezembro de 1984.²⁰⁷ Talvez a repercussão tão ampla se tenha devido ao fato de que foi a primeira vez que o jornalismo foi vítima, evidenciando que não existiam zonas neutras, as mortes também atingiam os profissionais da imprensa, não havia meios seguros de proteção.

Não foi a única vez que a imprensa ficou ameaçada, era uma constante sensação de insegurança, as matérias poderiam facilmente desagradar tanto o PCP-SL quanto as forças estatais, colocando jornalistas em risco. Exemplar foi o desaparecimento de Jaime Ayala Sulca, correspondente do diário *La República* e jornalista da Rádio Huanta. Em 01/08/1984 integrantes da marinha invadiram a casa da mãe do jornalista Jaime Boris Ayala Sulca. No dia seguinte, Ayala foi até a base da marinha registrar uma queixa e buscar mais informações do ocorrido e foi a última vez que foi visto.²⁰⁸ Com uma série de testemunhas, o caso ganhou repercussão nos meios de comunicação.

²⁰⁷ CASO Uchuraccay: La tremenda corte. *Caretas*, Lima, n. 828, 3 dez. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1984; EL TREMENDO testigo. *Caretas*, Mar de Fondo, Lima, n. 830, 17 dez. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1984. (Ver anexos XXII e XXIII).

²⁰⁸ O juízo oral sobre o desaparecimento do jornalista Jaime Ayala Sulca começou em 21 de março de 2022. PERÚ: comenzó el juicio por la desaparición del periodista Jaime Ayala. *International Federation of Journalists*. Disponível em: <https://www.ifj.org/media-centre/news/detail/category/press-releases/article/peru-comenzo-el-juicio-por-la-desaparicion-del-periodista-jaime-ayala>.

Na pasta “Terrorismo-1984”, que compõe o *clipping*, existe menção ao fato somente semanas depois do evento,²⁰⁹ com matéria publicada em 20/08/1984, única no material que foi assinada pelo diretor da revista *Caretas*, Enrique Zileri, com fotos de Victor Ch. Vargas.²¹⁰ Zileri foi até essa zona de emergência para cobrir uma vista na *Fiscalía de la Nación*, responsável pela investigação do desaparecimento de Ayala e, na região, teve conhecimento de outras pessoas desaparecidas.

Fotografia de Ayala revela que se tratava de um jovem de 22 anos, e o editor Zileri fechou o texto afirmando que a “busca de Ayala y su desaparición se va convirtiendo en fenomenal escándalo.” Na página seguinte, no “*Editorial*”, coloca-se em pauta a urgência de por fim à luta antissubversiva para garantir a democracia do país e encontrar soluções que não sejam baseadas no uso indiscriminado da violência, e justifica: “El Presidente de la República debe drenar la orientación genocida [...]. Existen alternativas que son no sólo más humanitarias, sino tan enérgicas y más efectivas.”

A violência nas regiões mais afastadas do país impunha extrema cautela aos jornalistas. Cobrir os conflitos armados, especialmente em Ayacucho, uma das áreas mais afetadas pelos confrontos entre o Partido Comunista do Peru – Sendero Luminoso (PCP-SL) e as Forças Armadas, era uma tarefa perigosa e repleta de desafios. Abilio Arroyo, um dos correspondentes mais importantes da revista *Caretas* em Ayacucho, precisou deixar a cobertura direta da região em 1986. A revista anunciou sua transferência para Lima, justificando a decisão com os riscos crescentes enfrentados pelos jornalistas. A atuação da imprensa local tornava-se cada vez mais difícil, pois aqueles que reportavam os acontecimentos eram vistos com desconfiança por ambos os lados do conflito. Arroyo, por exemplo, era constantemente ameaçado pelo PCP-SL, que o acusava de ser informante das Forças Armadas. Por outro lado, já havia sido preso quatro vezes pelas forças de segurança sob suspeita de fazer apologia ao terrorismo. Essa dualidade de riscos evidenciava o perigo de atuar como jornalista em meio a esse cenário. O desfecho da matéria publicada pela *Caretas* deixava claro: “contra los deseos de Arroyo, que quería permanecer en Huanta, *Caretas* ha decidido trasladarlo a Lima. Arroyo continuará reportando sobre su Pueblo trágico, pero de una base más segura.”²¹¹

²⁰⁹ Em 13/03/2003, quase 20 anos depois deste acontecimento, *Caretas* fez uma reportagem especial do caso, os recortes constam na pasta Terrorismo-1984.

²¹⁰ ZILERI, Enrique. Tragedia en Huanta. *Caretas*, Lima, n. 813, 20 ago. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1984*. (Ver anexo XXIV).

²¹¹ MUERTE en Huanta. *Caretas*, Lima, n. 914, 21 jul. 1986. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1986*. (Ver anexo XXV).

No entanto, a revista não deixou a região sem um correspondente, e o repórter Hugo Bustíos foi designado para assumir a função. A escolha se mostrou fatal. Em 24/11/1988, Hugo Bustíos Saavedra pagou com a própria vida pelo compromisso com a verdade. Enquanto exercia sua profissão, Bustíos foi brutalmente assassinado, ele investigava o assassinato de uma moradora local, atribuído ao grupo do PCP-SL e enquanto se dirigia ao povoado de Erapata para obter mais informações, foi emboscado por militares. Foi atingido por disparos e, depois, teve seu corpo mutilado com explosivos. Seu amigo e jornalista Eduardo Rojas também estava no local, foi atingido por três disparos por arma de fogo, mas conseguiu sobreviver. *Caretas* teve um papel fundamental na defesa do caso Bustíos, utilizou suas páginas como um espaço de denúncia e busca por justiça.²¹² A publicação se empenhou em buscar os culpados, manteve o caso em evidência e reforçou a importância da liberdade de imprensa diante da repressão e da impunidade, inclusive, o caso recebeu repercussão internacional.²¹³

Na publicação do semanário após a tragédia, uma foto de Bustíos foi a capa da edição de *Caretas*.²¹⁴ A matéria acerca do seu assassinato consta na pasta sobre Terrorismo-1988, muito menos o acompanhamento a longo prazo, tudo indica que seu caso recebeu um espaço exclusivo dentro do acervo, visto que ele era um importante colaborador do semanário. No recorte de uma notícia acerca do PCP-SL deste número, é possível somente ver parcialmente a página. Em relação ao recorte, trata-se de uma página do que foi uma extensa cobertura. É de destacar que existe um quadro rosa, intitulado “Conjecturas: los posibles autores”, no qual foi pontuado razões que poderiam culpabilizar o PCP-SL pela emboscada bem como as motivações que justificariam o envolvimento das Forças Armadas. A revista não titubeou em listar os fortes indícios que incriminavam as forças de segurança.²¹⁵

O caso de Melissa Alfaro foi outro assassinato a jornalistas que recebeu repercussão e esse sim consta no material.²¹⁶ Alfaro era chefe de informações do semanário *Cambio*, conhecido por sua linha editorial de esquerda e crítica aos governos de Alan García e Alberto

²¹² Há relatos que uma delegação de *Caretas*, presidida pelo próprio Enrique Zileri foram até Huanta para realizar as primeiras investigações do assassinato de seu correspondente e oferecer apoio a família da vítima. PATIÑO, Sharmelí Valeri Bustíos. Caso Bustíos: periodismo de alto riesgo en Perú. Universidad Central de Venezuela, Caracas. 2009.

²¹³ Para mais detalhes, ler: COMISIÓN Interamericana de Derechos Humanos. Informe nº 38/97- Caso 10.548 Hugo Bustíos Saavedra- Perú, 16 out. 1997.

²¹⁴ ASEGINATO: lo que pasó em Huanta. *Caretas*, Lima, n. 1034, 28 nov. 1988.

²¹⁵ Em 13 de abril de 2023, o Poder Judicial do Peru sentenciou Daniel Urresti a 12 anos de prisão por homicídio qualificado com agravante de aleivosia, reconhecendo-o como coautor do assassinato ocorrido em 24 de novembro de 1988, em Huanta, Ayacucho. Além disso, ele foi condenado por tentativa de homicídio contra o jornalista Eduardo Rojas. Na época do crime, Urresti era capitão do Exército Peruano e chefe de inteligência na base contrassubversiva de Castropampa.

²¹⁶ MENSAJE Mortal. *Caretas*, Lima, n. 1181, 14 out. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991.

Fujimori. No dia 10/10/1991, uma carta foi endereçada ao chefe da jovem de 23 anos que a abriu e foi vítima fatal da explosão. A fotografia da destruição foi ampliada, ao ponto de sozinha, ocupar a página-dupla, é possível observar na imagem o corpo de Melissa estirado ao chão e enquadrado no lado esquerdo da foto, enquanto cinco homens observam a cena.

Figura 26. Cadáver de Melissa Alfaro ao chão.



Caretas não poupou o cadáver de Melissa Alfaro de uma exibição pública. A revista exibiu a impactante cena em suas páginas, transformando a vítima em símbolo do terror e da violência política.

Fonte: MENSAJE Mortal. *Caretas*, Lima, n. 1181, 14 out. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1991*.

A parte textual forneceu detalhes acerca desse acontecimento, afirmou que essa modalidade carta-bomba poderia aumentar a doses de paranoias que perpassava nos escritórios e redações. A revista enfatizou que isso também impactaria a imagem internacional do governo. Embora exista detalhes acerca da vida pessoal de Melissa, a revista apresentou uma sutil culpabilização da vítima ao sugerir que

Melissa era afín al insurrecto MRTA, requisito para pertenecer a la plana directiva del semanario Cambio. Ciertamente, nada justifica el espantoso atentado que segó su vida. Pero el laborar en un medio de prensa que semanalmente defiende y justifica a un grupo terrorista, plantea riesgos adicionales al ya peligroso oficio del periodismo.

Esse fragmento desvia o foco do crime, no lugar de concentrar-se no assassinato brutal e na responsabilidade dos autores, a frase insinuou que sua morte pode ter sido uma consequência previsível de suas associações. O texto apresentou cinco hipóteses sobre os

possíveis responsáveis pelo atentado. A primeira sugeriu que o PCP-SL poderia ter planejado o assassinato, já que era inimigo do MRTA. No entanto, a revista descartou essa possibilidade, pois esse tipo de ataque não fazia parte das estratégias do grupo. A segunda hipótese apontou para dissidentes do MRTA, que teriam motivos para se vingar do semanário. A terceira teoria atribuiu o atentado a elementos ligados ao narcotráfico, que teriam orquestrado o crime para incriminar as Forças Armadas. No entanto, *Caretas* considera essa possibilidade pouco realista, argumentando que organizações criminosas desse tipo não costumam planejar ataques tão sofisticados. A quarta hipótese seria de que membros das Forças Policiais tenham sido os responsáveis, mas, apesar de não ser inverossímil, também não parecia a explicação mais provável. Por fim, a versão que a revista considerava mais plausível apontava para ex-membros do Exército, que, sem autorização ou conhecimento do comando, teriam enviado a carta-bomba. Ao apoiar essa interpretação, *Caretas* transmitia a ideia de que tais ações foram casos isolados, e não parte de uma prática comum de extermínio a aqueles que eram considerados incômodos para o governo ou simpatizantes do PCP-SL.

Em meio ao intenso conflito entre o PCP-SL, as Forças Armadas e, até mesmo, as rondas campesinas, os jornalistas que atuavam no Peru enfrentaram ameaças constantes, prisões arbitrárias e, em muitos casos, a própria morte. Ser repórter em regiões como Ayacucho significava caminhar em uma linha tênue entre os dois lados do embate, sem garantias de segurança. A imprensa, fundamental para relatar as atrocidades cometidas por ambos os grupos, tornou-se alvo de perseguições e violência. No entanto, além da repressão à imprensa, é essencial analisar como a população civil foi afetada por esse período de violência extrema.

3.2 As imagens das vítimas civis em *Caretas*

Os moradores das regiões mais afetadas, como Ayacucho, se viram encurralados. Muitos foram vítimas de execuções, desaparecimentos forçados e deslocamentos forçados, tornando-se alvos tanto do PCP-SL, que os acusava de traição, quanto das Forças Armadas, que os viam como possíveis colaboradores da organização. Assim, compreender o impacto desse conflito nos civis é fundamental para reconstruir a memória histórica e buscar justiça para aqueles que sofreram as maiores consequências dessa guerra interna.

O recurso de valer-se de imagens explícitas (cadáveres, feridos, crianças) foi frequentemente explorado quando o tema era a organização, o que contribuía para criar um imaginário negativo a respeito do grupo. Cabe destacar que o primeiro cadáver com fotografia

no *clipping* foi o de Luis Julio Farfán, em 21/09/1981,²¹⁷ duas páginas do jovem estirado no chão, com sangue escorrendo pelo rosto, cena que causa desconforto ao leitor e, ao mesmo tempo, desperta o interesse. O texto revela que a morte não possuía relação com o PCP-SL, mas simbolizava a crescente onda de violência no país. Apesar dessa fotografia, a matéria não se deteve a dimensão humana do conflito, o foco foi o impacto do comércio de armas e do pouco orçamento que a polícia dispõe para evitar as ilegalidades.

As ações do PCP-SL se tornaram mais frequentes no decorrer dos anos. Uma série de fatores deve ser elencada para entender a nova etapa da guerra, a partir do segundo semestre de 1982. Primeiramente, os ataques das forças estatais se intensificaram, ao mesmo tempo em que os objetivos do PCP-SL ampliaram-se no sentido de substituir as autoridades comunais por representantes da organização. Houve, então, um endurecimento das medidas do PCP-SL em regiões que não apoiavam o grupo, a exemplo do assassinato de autoridades camponesas e de ameaças para recrutar jovens militantes. Se, por um lado, o poder público aumentou a repressão, por outro, o PCP-SL intensificou as exigências sobre a população rural, e o resultado, por sua vez, eram conflitos cada vez mais sangrentos.²¹⁸

Os ataques a comunidades, que eram um reflexo da brutalidade do conflito, costumavam gerar consequências como vítimas, danos materiais e destruição generalizada. Nesse contexto, a escolha das imagens de *Caretas* sempre buscava proporcionar ao leitor um panorama visual da devastação resultante desses ataques. A edição de 31/08/1982, por exemplo, trouxe uma fotografia chocante dos destroços do Conselho Municipal de Vilcashuamán, com um homem, ao centro, recolhendo um cartaz que trazia a imagem do então presidente, Fernando Belaúnde.

219

O texto que acompanhava a imagem reforçava a urgência da situação, destacando que a tragédia exigia ações imediatas de combate ao grupo insurgente e ressaltando os impactos profundos das explosões nas comunidades locais. No entanto, o aspecto que mais chamava a

²¹⁷ CRECIENTE violencia. *Caretas*, Lima, n. 665, 21 set. 1981. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1971-1981. (Ver anexo XXVI).

²¹⁸ “A partir de 1983, Belaunde dispuso la participación directa de las Fuerzas Armadas en la conducción de la estrategia y lucha antisubversiva, ante el repliegue policial y retiro de la presencia estatal que se producía en diversas áreas del país debido a los actos terroristas y a la violencia subversiva. Desde el inicio, las fuerzas militares aplicaron una estrategia basada en ejecuciones extrajudiciales de subversivos, de presuntos simpatizantes y de población campesina, como respuesta al accionar de SL, produciéndose miles de muertos y desaparecidos entre los sectores más pobres del país. No existía mayor intención en someterse a las reglas del Estado de Derecho y el respeto a los derechos humanos. La violencia subversiva se respondía con violencia militar del Estado. Pero la violencia terrorista no decayó sino que se extendió a nuevas zonas.” GARCIA BELAUNDE, Domingo; EGUIGUREN PRAELI, Francisco José. La Evolución Político-Constitucional del Perú 1976-2005. *Estudios constitucionales*, Santiago, v. 6, n. 2, p. 371-398, 2008.

²¹⁹ LA CAÍDA de Vilcashuamán. *Caretas*, Lima, n. 712, 31 ago. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1982. (Ver anexo XXVII).

atenção era a maneira como ele direcionava o olhar do leitor para a popularidade de Fernando Belaúnde, um presidente que, até então, gozava de uma certa aceitação, mas que estava vendo essa imagem pública abalada pela violência do conflito. As críticas à sua administração começaram a crescer, principalmente por sua falta de medidas mais eficazes contra o Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso (PCP-SL), o que estava levando a uma crescente insatisfação popular. *Caretas* adotou uma postura de defesa em relação ao presidente. No final da reportagem, a publicação afirmou que “esas críticas son algo injustas. A este hombre, que há llegado a la presidencia dos veces [...]”, o que demonstra, que a revista pretendia manter boas relações com Fernando Belaúnde.²²⁰

Para desestabilizar as comunidades, a estratégia do PCP-SL foi atacar os líderes, como o caso do assassinato do prefeito de Huamanga, Victor Raúl Tapahuasco, que ocorreu em 1983, diante de sua família.²²¹ As testemunhas afirmaram que os responsáveis eram senderistas, a matéria complementou que o ocorrido “fue otra demostración – en exceso de reiterada – de la insânia de esta organización fanática”. O interessante da notícia é a distribuição desproporcional entre imagens e textos, nas únicas duas páginas da matéria, o espaço é quase totalmente ocupado por três fotografias: a primeira, uma criança sendo abraçada por duas mulheres; a segunda, o caixão levado nos ombros de vários homens; a última, o corpo de Tapahuasco estirado na mesa, com sangue no rosto e pessoas em volta. As fotografias de Oscar Medrano por si já narravam o acontecido, as palavras foram só o complemento: dor, medo, terror, ausência e ameaças.

²²⁰ *Ibidem*.

²²¹ SANGRE y pánico. *Caretas*, Lima, n. 730, 10 jan. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

Figura 27. A morte de Victor Raúl Tapahuasco.



Fonte: SANGRE y pánico. *Caretas*, Lima, n. 730, 10 jan. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1983.

Os moradores da comunidade foram os que mais sofreram com os impactos da violência. A chacina de Lucanamarca, em 03/04/1983, na região de Ayacucho, foi o primeiro ataque em grande escala do PCP-SL, quando 69 pessoas foram assassinadas, a maioria crianças, mulheres e idosos. A matéria foi para as bancas no dia 11 do mesmo mês e detalhou, com diversas fotografias, a violência da chacina.²²² O único jornalista de *Caretas* que esteve no local foi Oscar Medrano, autor dos registros fotográficos. A revista afirmou que conseguiu “este excepcional y exclusivo testimonio de la tragédia”; enquanto o texto foi escrito por Gustavo Gorriti e Benito Postocarrero. Entre as várias imagens, vê-se um semicírculo formado por civis e membros fardados e, no centro, um casal aponta para a poça de sangue no chão, a jovem está trajada com roupas típicas, enquanto o homem cobre seu rosto com uma das mãos.

Como se a fotografia não fosse suficiente para comover o leitor e instigar sua raiva, a reportagem explorou outros momentos de sofrimento. Nas páginas seguintes, há mulheres chorando, pessoas sendo levadas em macas improvisadas para o helicóptero, destroços de incêndios e outros mortos. Abaixo dos dizeres “*El Pueblo trágico*” há mais detalhes e afirma-se que os terroristas de Sendero Luminoso realizaram uma expedição punitiva no povoado de Santiago de Lucanamarca e “67 personas fueron asesinadas en el salvaje ataque”. O texto

²²² GORRITI, Gustavo; PORTOCARRERO, Benedito. La matanza de Lunamarca. *Caretas*, Lima, n. 743, 11 abr. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1983.

mencionou as vítimas, citou os nomes mais famosos, a exemplo do poeta Rafael Rimachi, e detalhou as cifras: mais de 20 assassinados eram menores de idade e, até aquele momento, 18 mulheres. A matança foi resultado de confrontos anteriores,²²³ a região não fornecera apoio ao grupo, inclusive mataram sete de seus integrantes. O ataque aconteceu no final da tarde e, de acordo com os relatos, “Todos tenían armas, pero sólo cuatro o cinco tenían metralletas.”

Cabe salientar a imagem do camponês Celestino Ccente²²⁴ que, durante o conflito, foi atingido na cabeça e no rosto por um machado, a fotografia consegue captar a dor em sua face deformada. Um pedaço de pano era utilizado para cobrir a ferida, mas na foto publicada por *Caretas* pode-se observar o olho e a boca assimétricos. Celestino tinha o perfil de vítima do conflito: falante de quéchua, homem e de Ayacucho, não por acaso a legenda da foto foi: “[...] otro rostro de la violencia ayacuchana.” A foto de Oscar Medrano foi tirada no hospital de Ayacucho, dias depois do ocorrido. Não surpreende que essa imagem tenha se tornado um dos símbolos da *Comisión de la Verdad y Reconciliación* e integrado uma exposição fotográfica permanente em Lima, denominada “Yuyanapaq” (Para recordar, em quéchua).²²⁵

²²³ Lucanamarca e os arredores eram uma zona de com vários conflitos anteriores a esse: “El más importante de estos acontecimientos, en relación con la posterior matanza, se produjo el 22 de marzo de 1983, cuando un grupo de pobladores de Lucanamarca se dirigió hacia las alturas donde se encontraba escondido Olegario Curitmay, quien fue capturado y conducido hasta la plaza de armas. En este lugar, los pobladores reunidos lo golpearon con piedras y hachas, le prendieron fuego y, finalmente, le dieron muerte con un disparo de arma de fuego. Para la mayoría de los testigos, la muerte de Olegario Curitmay, originó la venganza de Sendero Luminoso contra la población de Lucanamarca.” COMISIÓN de la Verdad y Reconciliación. *Banco de Imágenes de la Comisión de la Verdad y Reconciliación*. Lima: CVR, 2003.

²²⁴ “Edmundo Camana usó um seudónimo, solo y asustado, en un hospital lejos de su pueblo, no dio su nombre verdadero.” ULFE, María Eugenia; SABOGAL, Ximena Málaga. Construyendo memorias visuales en los Andes peruanos. In: CÁNEPA KOCH, Gisela; KUMMELS, Ingrid (org.). *Fotografía en América Latina*. Imágenes e identidades a través del tiempo y el espacio. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2018.

²²⁵ Para uma análise e contextualização mais detalhada sobre os usos e abusos da fotografia de Celestino Ccente, ver: ULFE, María Eugenia. Dos veces muerto: la historia de la imagen y vida de Celestino Ccente o Edmundo Camana. *Memoria y Sociedad*, Bogotá, v. 17, n. 34, p. 81-90, 2013.

Figura 28. A chacina de Lucanamarca.



À esquerda: “La angustia de las comuneras de Lucanamarca. No hubo familia libre de desgracias em el Pueblo (abajo) y sus anexos”. À direita: “Golpeado Celestino Ccente, de Iquicha, otro rostro de la violencia ayacuchana.”

Fonte: GORRITI, Gustavo; PORTOCARRERO, Benedito. La matanza de Lunamarca. *Caretas*, Lima, n. 743, 11 abr. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1983*.

As fotografias trazem à tona a crueldade daqueles anos, incomodam o leitor e despertam sentimentos diferentes. Pode-se facilmente ignorar os breves parágrafos e ter uma interpretação sensível dos fatos a partir dos registros visuais, ainda mais porque foi um tema amplamente divulgado nos mais diversos meios de comunicação.

Se, entre 1980 e 1982, o PCP-SL ainda era um tema emblemático que despertava interesse dos meios de comunicação que tentavam entender a organização e o seu funcionamento, no ano seguinte, *Caretas* assumiu posicionamento mais claro, uma vez que já era outra a dimensão do conflito. A guerra não era somente ideológica e militar, assumiu um caráter simbólico que foi fortemente explorado.

O governo aumentou o uso da violência para tentar sucessos mais efetivos no combate ao grupo a partir de 1983, fato que resultou na morte de alguns integrantes senderistas e camponeses não envolvidos diretamente nos conflitos, autoridades das comunidades, enfim, todos os considerados potencialmente subversivos pelo governo. Durante pelo menos os dez anos seguintes, todas as ações do governo valeram-se da força.²²⁶

²²⁶ ROJAS, Rodrigues Montoya. El Perú después de 15 años de violencia (1980-1995). *Estudios avanzados*, São Paulo, v. 11, n. 29, p. 287-308, jan./abr. 1997. p. 292.

Nas páginas de *Caretas*, os integrantes do PCP-SL eram sinônimos da destruição. A construção da figura senderista se deu aos poucos, a primeira ilustração do *clipping* foi na edição 770.²²⁷ Vê-se um desenho simples representando as vítimas civis, as forças da ordem foram destacadas por um chapéu e uma arma, enquanto os senderistas usam capuz e seguram dinamite na mão direita, imagem que foi aperfeiçoada e, dez edições depois, recebeu o poncho típico dos povos originários.²²⁸

Figura 29. Número de mortos no conflito entre 1980-1983.



Fonte: AGONIA y contraataque. *Caretas*, Lima, n. 770, 17 out. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983; CAPTURA mayor. *Caretas*, Lima, n. 780, 26 dez. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

É curiosa como a proporção dos mortos foi apresentada na edição 780, porque o número de civis assassinados é 429, enquanto o de senderistas é de três vezes superior (1439), mas a escala dá a impressão de que é similar. Ao serem trajados com as roupas tradicionais daquela região, escancara-se o preconceito compartilhado pelas forças de repressão do Estado e por parte da população. Dado que sugeria que todo campesino era senderista e deveria ser perseguido de forma brutal, fato que explica as cifras do próprio semanário, pois em um ano mais de 1400 pessoas tidas como integrantes do PCP-SL foram exterminadas.²²⁹

Não havia meios de se tornar imune ao conflito, pois a violência atingia indiscriminadamente tanto autoridades e jornalistas quanto civis, instaurando um clima de medo generalizado. *Caretas*, ao relatar esses eventos, utilizava imagens impactantes e descrições emocionais para intensificar a comoção do leitor. Ao explorar as tragédias, reforçavam a ideia de que ninguém estava a salvo, ampliando a sensação de vulnerabilidade e

²²⁷ AGONIA y contraataque. *Caretas*, Lima, n. 770, 17 out. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

²²⁸ CAPTURA mayor. *Caretas*, Lima, n. 780, 26 dez. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

²²⁹ *Ibidem*.

urgência por uma resposta estatal mais eficaz. A sensibilização pela fé também foi explorada pelo semanário, em 25/01/1985,²³⁰ a matéria trouxe uma fotografia de um corpo esticado ao chão, sua face era irreconhecível, ao seu redor estavam oito pessoas com as mãos levantadas em sinal de oração, a legenda esclarece que tratava-se de um pastor evangelista, Victor Arias Cárdenas. A revista informou o registro da cena teria ocorrido por coincidência, e depois, os próprios fiéis tiveram que levar o corpo até o necrotério, já que as autoridades locais não prestaram assistência. De acordo com as informações levantadas pelo semanário, Victor apresentava um programa de rádio para difundir ideias religiosas e usava, ocasionalmente, para expressar sua contrariedade ao PCP-SL. Dois dias antes da sua morte, seis pessoas bateram à sua porta alegando pertencer à Marinha. Os familiares, no entanto, desconfiaram, pois os supostos militares não trajavam uniformes e portavam armamento precário.

A tragédia não se restringiu ao pastor. Segundo *Caretas*, outras dez pessoas teriam sido brutalmente assassinadas pelo mesmo grupo. Entre elas, o casal Gregoria Ayala Cunto e Felícita Andrade Salinas, que deixaram seis filhos, o mais novo com apenas dois anos de idade. A revista destacou que as crianças ficariam sob os cuidados da avó, uma idosa de 80 anos, sem recursos para sustentá-los.

O drama se agravava com as dificuldades logísticas: o cemitério local não possuía caixões suficientes e os poucos carpinteiros da região não conseguiam atender à crescente demanda por sepulturas. Diante da dor e da impotência, as famílias enlutadas encontraram consolo no choro e no consumo de bebidas alcoólicas. Após os enterros, o líder da comunidade utilizou o programa de rádio para fazer um apelo pelo fim da violência. *Caretas* conclui que: “los verdugos siguen afilando los cuchillos.”²³¹

A narrativa construiu uma clara oposição entre vítimas e algozes: as vítimas foram apresentadas de maneira humanizada, com detalhes sobre suas trajetórias, famílias e sofrimentos, enquanto os agressores foram caracterizados de forma impessoal, descritos apenas como um grupo violento. Além disso, a matéria reforçava a ausência de ajuda estatal, o que contribuiu para um cenário de abandono e fortalecia uma visão unilateral do conflito.

²³⁰ MORIR en Huanta. *Caretas*, Lima, n. 835, 25 jan. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985.

²³¹ *Ibidem*.

Figura 30. Os assassinatos em Huanta.



Fonte: MORIR en Huanta. *Caretas*, Lima, n. 835, 25 jan. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1985.

A revista fez uma escolha clara em relação às vítimas retratadas em suas reportagens, deveriam ser civis ou profissionais estatais envolvidos no combate à organização. Indivíduos acusados de pertencer ao PCP-SL raramente eram humanizados nos textos jornalísticos, a menos que demonstrassem arrependimento e estivessem dispostos a colaborar com as investigações oficiais. Nesses casos específicos, *Caretas* assumia uma postura favorável aos ex-militantes arrependidos, chegando a cobrar do Estado a implementação de medidas de proteção a esses indivíduos. Isso não deveria ser visto como sinônimo de perdão, mas sim como necessidade de garantir a segurança, uma vez que desertores eram alvos frequentes de perseguição e retaliação por parte do PCP-SL.

Um exemplo emblemático dessa abordagem está na notícia de 19/01/1987.²³² O texto principal é sucinto, deixando evidente que a intenção maior era explorar o impacto visual das imagens e pressionar pela criação de políticas que incentivassem o arrependimento dos membros do grupo. Essa alternativa era apresentada como uma solução eficaz para combater o PCP-SL sem depender exclusivamente da violência como instrumento de controle.

A reportagem ocupa uma página dupla e busca, mais uma vez, sensibilizar o leitor. À esquerda, há uma imagem de uma mulher com expressão de profunda dor, abraçando o corpo

²³² OFENSIVA imperdonable. *Caretas*, Lima, n. 938, 19 jan. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1987.

sem vida de seu marido, conforme indicado na legenda. À direita, uma fotografia registra um homem próximo a uma grande poça de sangue, em um ambiente completamente destruído, com indícios claros de um ataque. Acima da imagem, a palavra "terrorismo" aparece em destaque, reforçando a narrativa de destruição causada pelo conflito.

Embora a revista recorra ao sensacionalismo, as imagens desempenham uma função importante ao serem publicadas. Elas não apenas chocam, mas também destacam a urgência de encontrar soluções para o conflito, já que o número de vítimas continuava a crescer exponencialmente. Assim, o impacto visual serve como um catalisador para a reflexão, instigando o público e as autoridades a considerarem alternativas que pudessem reduzir o saldo de mortes das estatísticas.

Figura 31. O sofrimento das vítimas em imagens.



Fonte: OFENSIVA imperdonable. *Caretas*, Lima, n. 938, 19 jan. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1987.

A revista manteve, ao longo dos anos, seu posicionamento em defesa da proteção aos arrependidos. Essa insistência no tema estava em sintonia com as demandas do período. Um exemplo disso é a matéria de 1989 intitulada "Arrependidos",²³³ que trouxe relatos de ex-integrantes do PCP-SL e do MRTA que estavam sob a proteção do Exército. O texto foi construído de forma a reforçar a ideia de que muitos membros dessas organizações eram

²³³ ARREPENDIDOS. *Caretas*, Lima, n. 958, 8 jun. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1987. (Ver anexo XXVIII).

coagidos a participar. Essa lógica complexa sugere uma hierarquia rígida dentro dos grupos, onde a alta cúpula exercia controle e obrigava os demais a colaborar, independentemente de suas convicções pessoais:

Menores de edad, prácticamente secuestrados por los terroristas, son convertidos en carne de cañón y abandonados a su suerte. En los dos casos encontrados por CARETAS, el Ejército logró recuperarlos indemnes y con ellos obtuvo invaluable información y cooperación. Esto confirma, una vez mas que en toda lucha antisubversiva las relaciones con la población civil son de capital importancia.²³⁴

Ao expor os arrependidos em fotografias, a revista teve o cuidado de preservar suas identidades, cobrindo os rostos com tarjas vermelhas. Entre as três imagens que ocupam a página dupla, a mais impactante é a de uma jovem, vestida com camisa e saia, segurando uma arma no meio do mato, completamente sozinha. A parte textual detalhou sua história: tratava-se de uma garota de 16 anos. Durante as férias, ela visitou um povoado remoto em Ucayali e, ao retornar para casa, descobriu que seus pais e seus dez irmãos haviam desaparecido. Em busca de informações, dirigiu-se para Pucallpa, mas, no centro da cidade, foi abordada por dois homens que a forçaram a entrar em uma caminhonete, onde já estavam outros seis jovens. Todos foram levados para um acampamento do MRTA, onde foram obrigados a cumprir ordens impostas pelo grupo. Ela relatou que era submetida a aulas de doutrinação política, mas só conseguiu entender que todos ali eram pobres e que deveriam lutar para mudar essa condição. Apesar de ter sido recrutada à força, segundo a revista, a organização permitiu que ela decidisse por quanto tempo permaneceria. Ela ficou por dois meses e, posteriormente, foi liberada. No entanto, ao buscar abrigo em Pucallpa, acabou sendo presa. Não há detalhes sobre os motivos que levaram à sua detenção.

O outro jovem foi descrito como “niño de sendero”, na época com 17 anos. Aos 15, senderistas teriam ido a sua casa para levá-lo e seu pai impediu, dias depois, assassinaram-no com três disparos na porta da sua casa. Durante o enterro o jovem foi capturado pelo grupo, a partir de então, foi forçado a obedecer a todas as regras sem discussões. Permaneceu apenas como membro de apoio, acabou preso pelo exército durante uma operação. Desde então, colabora com as investigações sobre a guerrilha e afirma que espera encontrar os responsáveis pelo assassinato de seu pai.

Essa abordagem da revista demonstra um esforço em protagonizar os chamados arrependidos, destacando não apenas suas histórias de coerção e recrutamento forçado, mas também a complexidade das dinâmicas internas dos grupos guerrilheiros. Os relatos expostos

²³⁴ *Ibidem.*

evidenciavam como muitos desses jovens foram vítimas de um sistema rígido, no qual a escolha pessoal era frequentemente anulada pela violência e pelo medo.

Ao preservar suas identidades e enfatizar o impacto da luta armada sobre a população civil, a publicação contribuiu para um debate mais amplo sobre as estratégias de combate à insurgência e a necessidade de proteção para aqueles que, muitas vezes, foram mais vítimas do que agentes do conflito. Essas narrativas, ao trazerem à tona o sofrimento e a perda que marcaram a trajetória desses jovens, reforçam a importância de se compreender os desafios e dilemas enfrentados por aqueles que tentaram escapar desse ciclo de violência.

Assim como o recrutamento forçado, outras táticas foram utilizadas pelo PCP-SL, entre elas, estava a do isolamento das comunidades locais para garantir que estas apoiassem o grupo. A revista apontava que isso era uma estratégia deliberada para minar a presença do Estado nas regiões afetadas, reforçando a dependência das populações locais em relação à organização. Esse isolamento era mantido não apenas por meio da destruição de infraestruturas, como pontes e estradas, mas também pela intimidação e violência, que impediam qualquer tipo de resistência ou apoio aos órgãos estatais. A matéria intitulada "Quebrada en peligro",²³⁵ noticiou a explosão de uma ponte por meio de dinamites, resultando na morte de cinco pessoas. A reportagem apresentou uma fotografia da ponte destruída e, abaixo, um pequeno mapa ilustrando a ligação dessa construção com a cidade de Lima. Ao lado dessas imagens, havia a foto de um menino e, para concluir a narrativa visual, uma cena marcante: o garoto dentro do caixão, cercado por diversas pessoas que velavam seu corpo. A legenda acrescentava um tom ainda mais dramático ao relato: "Los compañeros de escuela de Lenny Urbiola lloran su muerte".²³⁶ A leitura do texto revela que a destruição da ponte não foi a causa da morte dessa criança. Seu pai, que era prefeito, teve sua casa invadida por desconhecidos, os quais o agrediram violentamente. No meio do ataque, iniciou-se uma luta corporal que resultou na morte do prefeito Vizcarra e de seu filho. Em depoimento, a viúva destacou que a criança sempre se sobressaía como um excelente estudante.

A reportagem evidencia como o grupo não fazia distinção entre suas vítimas, recorrendo à violência indiscriminada. Mais uma vez, o texto busca sensibilizar o leitor ao fornecer detalhes sobre as vítimas e o impacto humano do conflito. A leitura da matéria leva à conclusão de que o combate efetivo ao grupo exigiria ações mais firmes do Estado. As Forças Policiais anunciaram que reforçariam o enfrentamento a esses atentados com equipamentos adequados e

²³⁵ ZILERI, Marco. Quebrada en peligro. *Caretas*, Lima, n. 968, 17 ago. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1987*.

²³⁶ *Ibidem*.

efetivo preparado. Para a região, estavam sendo enviados 110 policiais, cinco caminhonetes, 50 fuzis, 30 mil munições e mil refeições rápidas. A única solução apresentada era levar mais violência para essas regiões. Para *Caretas*, esse movimento marcava o início de uma nova fase na batalha contra a subversão e a crescente vulnerabilidade do sul andino.

Figura 32. Impactos das explosões de dinamite.



Fonte: ZILERI, Marco. Quebrada en peligro. *Caretas*, Lima, n. 968, 17 ago. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1987.

A revista sempre que possível reforçava a visão que o PCP-SL não tinha apoio das comunidades e que estava em derrota. Essa narrativa transmitia a ideia de que o grupo estava isolado e enfrentava dificuldades crescentes, tanto devido às ações repressivas do Estado quanto à resistência de populações que se recusavam a colaborar. Além disso, a publicação enfatizava os prejuízos que o PCP-SL causava às comunidades, como a destruição de infraestrutura e o uso de intimidação para obter controle, apresentava a derrota do grupo como inevitável. A insistência em destacar a falta de apoio popular também servia como uma estratégia de propaganda, visava desmoralizar o grupo e convencer a opinião pública de que o PCP-SL estava perdendo relevância.

“Terror em Andajes” foi uma matéria publicada pela revista *Caretas* sobre as violências atribuídas ao PCP-SL na região.²³⁷ Segundo a reportagem, em apenas 15 dias, 28 vítimas foram

²³⁷ PUERTAS, Laura; ARROYO, Abilio; TORRES, Jimmy. Terror en Andajes. *Caretas*, Lima, n. 1002, 18 abril 1988. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1988.

contabilizadas em todo o país. Apesar desse cenário trágico, a revista argumentava que o Sendero Luminoso estaria em declínio. Um exemplo citado foi a tentativa frustrada do grupo de invadir três mercados populares, onde a polícia conseguiu capturar os assaltantes, e a população se recusou a aceitar os itens roubados. A matéria, ao seu total, ocupa seis páginas e inclui dezenove fotografias que analisam eventos ocorridos na região. Os textos foram assinados por Laura Puertas e Abilio Arroyo. Na página de abertura, à direita, destaca-se a imagem de uma bandeira do Peru queimada por senderistas durante um ataque. A fotografia, carregada de simbolismo, pode sugerir uma ruptura com as leis e valores nacionais ou servir como provocação direta ao Estado. Os autores da matéria, entretanto, optaram por não oferecer interpretações diretas, deixando ao leitor a liberdade de tirar suas próprias conclusões.

Na mesma página, no canto superior esquerdo, há uma fotografia de um grupo majoritariamente composto por mulheres, vestindo trajes típicos. A legenda informa que se tratam de mulheres e crianças abandonadas após a destruição da estrutura de liderança da comunidade pelo PCP-SL. Como já era comum nas reportagens de *Caretas*, há quatro imagens de vítimas fatais, com cada foto focada do abdômen até a cabeça. Todas as vítimas exibem marcas visíveis de violência, com rostos e roupas ensanguentados, não deixava dúvidas da extrema brutalidade dos assassinatos.

Virando a página, a matéria traz informações sobre Andajes. Segundo *Caretas*, a região sempre foi tranquila, mas tornou-se alvo de ataques por sua localização estratégica na serra limenha e sua relevância como zona de mineração. O PCP-SL teria aproveitado um momento crucial para o ataque, uma reunião com as autoridades locais, realizada na quarta-feira anterior à publicação da reportagem. Quatro vidas foram ceifadas nesse evento: Alejandro Torres, Heraclio Segundo, Tito Girón e Javier Chavaria. As fotografias de seus rostos, aparentemente retiradas de documentos de identificação, também foram publicadas.

A matéria menciona que um comitê da comunidade viajou a Lima em busca de proteção para a região, mas as solicitações desse tipo frequentemente se acumulavam entre as demandas dos ministros, que não conseguiam atender à totalidade delas. *Caretas* parece justificar a falta de resposta do Estado, sem aprofundar as críticas.

Outro elemento marcante da reportagem é o quadro intitulado "Abril Negro: uma cronologia sangrenta", destacado em um fundo rosa. Nele, estão listadas as datas de diferentes ataques realizados pelo PCP-SL entre 30/03 e 13/04, com informações sobre a localização, um breve resumo dos eventos e o número de mortos, especificando se eram civis ou militares. A reportagem reforçou, mais uma vez, a narrativa de que o PCP-SL desestabilizava as

comunidades e desafiava o Estado. A ênfase em fotografias de vítimas e símbolos destruídos, como a bandeira queimada, reafirmavam a urgência de uma resposta eficaz e que não se deveria ter empatia para as motivações da organização.

Figura 33. A violência dos eventos em Andajes em imagens.



Fonte: PUERTAS, Laura; ARROYO, Abilio; TORRES, Jimmy. Terror en Andajes. *Caretas*, Lima, n. 1002, 18 abril 1988. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1988.

Em 1989, a revista publicou uma reportagem que reunia relatos de crianças entre 8 e 12 anos, de diferentes regiões de Lima, sobre o PCP-SL e os impactos do conflito armado em seu cotidiano. Embora a matéria não abordasse uma tragédia específica, seus protagonistas eram crianças, por essência, indivíduos vulneráveis e impressionáveis. A reportagem explicava que a rotina escolar de centenas de discentes do ensino básico em Lima foi severamente afetada pelo medo e pela insegurança. Mesmo que os combates ocorressem com mais violência nas áreas rurais, o conflito se fazia presente na vida dessas crianças através de apagões frequentes, que não apenas interrompiam a eletricidade, mas também minavam qualquer sensação de normalidade. A revista queria causar impacto leitor, mesmo sem cenas explícitas de violência, uma das fotografias escolhidas para compor a matéria era de um menino segurando um desenho, no mínimo, perturbador: um homem encapuzado empunhando uma faca. Essa representação reforçava a mensagem de *Caretas* de que integrantes do PCP-SL eram vistos como assassinos. Greta Garay Corales, de apenas 10 anos e aluna do colégio Jesús María, também expressou seu

temor ao afirmar que sentia muito medo, porque seu pai era policial e diziam que o PCP-SL queria destruir o país, mas que não entendia por que tantas mortes acontecia.

A compreensão dessas crianças sobre a luta armada e suas consequências a longo prazo era limitada. Para elas, a maior frustração estava na perda de pequenos momentos, em exemplo, não podiam sair com os amigos para o cinema e para a praia. Assim, essa perspectiva simplificada evidenciava, para a revista, como a violência política afetava até mesmo os aspectos mais triviais da infância. Deste modo, a reportagem funcionava como um alerta sobre os perigos de crescer em um ambiente onde a violência permeia todas as esferas da vida. Essas crianças tornaram-se uma metonímia do futuro do país, refletindo não apenas sua vulnerabilidade individual, mas também as implicações políticas e sociais de uma geração marcada pelo medo.

Figura 34. Crianças comentam acerca da violência em Lima.



Fonte: FRANK, Joceline. 50 niños enjuician al terror. *Caretas*, Lima, n. 1045, 20 fev. 1989. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1989.

A partir de 1990, as matérias escancaram com mais frequência a violência do conflito, uma década após o Início da Luta Armada pelo PCP-SL, a revista insistia que era necessária uma ação mais incisiva do poder público, que não usasse apenas a violência como forma de combate a organização. As eleições presidenciais representavam uma nova oportunidade pensar em formas eficazes para pacificar o país.

Em 26/03/1990, *Caretas* noticiou acerca dos planos do PCP-SL para as eleições e as medidas de segurança que a polícia pretendia adotar para enfrentar a organização.²³⁸ Fiel ao seu estilo editorial, a revista utilizou uma imagem de impacto para ilustrar a gravidade da situação: a carcaça de um carro queimado, com um jovem sem vida em primeiro plano, o rosto virado ao chão. No canto superior direito, a legenda explicava que o motorista e uma criança haviam falecido devido à explosão de um carro-bomba, deixando, além disso, 39 pessoas feridas. A escolha da imagem reflete a estratégia da revista de enfatizar visualmente as consequências do conflito e provocar uma reação emocional nos leitores. A cena evidencia o alcance indiscriminado da violência promovida pelo PCP-SL, que não poupava civis, incluindo crianças, em sua campanha para desestabilizar o Estado peruano.

A revista usou o recurso do quadro rosa mais uma vez, a intenção foi de destacar “Cómo cuidarse” mediante um momento tão crucial quanto as eleições. Separou em tópicos: “para los candidatos”; “en la casa”; “en la calle”; “en la oficina”. Esclareceu que os cuidados deveriam ser seguidos por todos os cidadãos, todos deveria se atentar a pessoas estranhas ou com atitudes suspeitas, de evitar sair e entrar no mesmo horário, ter um alarme sempre ao alcance a até mesmo “esté atento a las parejas de enamorados en las cercanías. Es muy probable que detrás de un amoroso abrazo surja el cañón de un arma”.²³⁹ É bem verdade que essas sugestões parecem genéricas e poucos eficazes, mas serviam para alimentar a percepção de que o inimigo, no caso o PCP-SL, estava em todos os lugares, pronto para agir a qualquer momento. A escolha da revista em colocar em destaque, especialmente em um formato visual diferenciado como o quadro rosa, evidencia uma preocupação em engajar o leitor e alertá-lo sobre os perigos do cotidiano durante as eleições. Além disso, a insistência em universalizar as precauções, dirigindo-as a todos os cidadãos, contribuiu para a construção de uma narrativa em que a vigilância deveria ser coletiva e constante.

Consideram-se vítimas dos conflitos todas as pessoas que sofreram impactos negativos em suas vidas, independentemente de terem sido feridas ou mortas. Diversas pessoas fizeram os deslocamentos forçados na tentativa de fugir das zonas de conflito. Isso foi tema em dezembro de 1991,²⁴⁰ a revista trouxe uma fotografia de diversas pessoas em uma estrada, ao lado, em página inteira, um infográfico da migração para Lima. O interessante na imagem é que há um comparativo entre as causas da violência, no lado direito estão os dados das famílias

²³⁸ BAJO el fuego. *Caretas*, Lima, n. 1101, 26 mar. 1990. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1990. (Ver anexo XXIX).

²³⁹ *Ibidem*.

²⁴⁰ DESPLAZADOS. *Caretas*, Lima, n. 1190, 16 dez. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991.

atingidas pela repressão militar (total de 16 mil), enquanto do lado esquerdo estão os números que indicam aqueles que foram influenciados pelo PCP-SL (total de 44 mil), este último sendo responsável por quase o triplo dos afetados. Ao expor os dois lados do conflito, a revista também sugere que a população foi duplamente vitimada, ficando no meio de duas forças opressivas que disputavam território e poder.

A revista informou que 60 mil famílias escaparam para a cidade de Lima, muitos desses migrantes foram pessoas que tentaram se manter neutras no conflito: “dejaban pasar Sendero como dejaban pasar a las fuerzas de seguridad”.²⁴¹ No entanto, a neutralidade deixou de ser uma opção viável à medida que a violência se intensificou e se tornou indiscriminada. Ao migrar para Lima, as famílias não apenas deixavam suas casas e comunidades, mas também sua identidade e modos de subsistência. A dependência de parentes e amigos, mencionada pela revista, ilustrava um contexto de vulnerabilidade que os novos residentes enfrentavam em um ambiente urbano já marcado pela desigualdade e exclusão social. O deslocamento forçado não era apenas uma tentativa de escapar dessas zonas, mas também o início de uma nova forma de luta pela sobrevivência. A miséria das regiões afetadas foi um tema recorrente nas reportagens da revista, que frequentemente expunha a precariedade da estrutura dos postos policiais, hospitais e estradas.

Migrar para Lima não significava escapar da violência, ainda mais que as explosões na capital aconteciam com mais frequência a partir da década de 1990. Na sexta-feira do dia 07/02/1992, uma sequência de ataques em Lima causou a destruição de um ônibus, uma morte e 19 feridos, de acordo com a revista “victimas del salvajismo senderista”.²⁴² Em uma tentativa de explicar por qual motivo a Superintendência Nacional de Administração Tributária (SUNAT). *Caretas* afirmou que a organização estava contra os impostos. A explosão foi causada por uma mochila com vinte quilos de dinamite que foi deixada nas instalações da SUNAT e destruiu grande parte da sala de computadores. A reportagem ainda noticiou outro atentado frustrado em frente à sede do Instituto Nacional de Administração Pública (INAP), onde uma militante senderista tentou repetir a ação. No entanto, a bomba explodiu prematuramente, levando-a a óbito. As imagens do caos marcaram a cobertura do evento. Entre elas, destacam-se a sala destruída da SUNAT, com os destroços espalhados pelo chão, e o corpo da jovem senderista caída após a explosão. No entanto, a imagem ampliada em página-dupla

²⁴¹ *Ibidem*. (Ver anexo XXX).

²⁴² VIERNES maldito. *Caretas*, Lima, n. 1197, 10 fev. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

foi a do ônibus destruído, onde um homem aparecia com metade do corpo para fora, coberto de sangue, enquanto equipes de resgate trabalhavam para salvar os feridos.

Figura 35. Passageiros de ônibus que foi afetado pela explosão.



Fonte: VIERNES maldito. *Caretas*, Lima, n. 1197, 10 fev. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1992.

Não demorou muito para que os carros-bomba se tornasse uma das táticas mais frequentes utilizadas pelo PCP-SL. Dois eventos de grande impacto estamparam as páginas de *Caretas* em 1992, trazendo à tona a brutalidade do conflito. Entre os vários ataques que foram realizados em Lima, a explosão do dia 16/07/1992, na região de Miraflores, bairro de classe mais alta em Lima, mereceu destaque numa longa reportagem da revista.²⁴³ No total, 24 páginas dessa edição foram dedicadas a organização. A explosão da rua Tarata foi tratada pela revista em um tom muito superior de indignação se comparado aos anos anteriores.²⁴⁴ É de se considerar que havia mais de uma década que o PCP-SL declarou o início da luta armada e que, a maioria dos atentados, atingiam as zonas rurais e mais remotas do país. Com o início de uma sequência de explosões de carros-bomba em Lima, havia sensação de que o conflito se aproximava dos centros urbanos. Além do mais, cabe destacar que a desavença com o presidente Alberto Fujimori, deixava as críticas mais ácidas acerca do poder efetivo do Estado.

²⁴³ PEOR que nunca. *Caretas*, Lima, n. 1220, 20 jul. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1992.

²⁴⁴ A revista *Caretas* em 2003 encartou um dossiê acerca dos atentados do PCP-SL, intitulado *La verdad sobre el espanto*, e as consequências do conflito. A capa da publicação destacava a imagem de um dos carros-bomba utilizados na explosão desse ano em Miraflores. CARETAS, Revista. *La verdad sobre el espanto*, dossiê, 2003.

O resultado foi uma série de fotografias comoventes, atreladas a uma parte textual repleta de criticidade, com o esvaziamento das pautas políticas propostas pela organização.

Una nueva dimensión del horror se ha instalado en nuestro sangrete país. La bestialidad senderista ha superado los límites de la imaginación. La horda que dice luchar por un nuevo Perú, no vacila en atacar cobardemente a civiles indefensos, destrozando hogares, hundir en el dolor a familias enteras, segando vidas jóvenes y adultas, mutilando y destrozando cuerpos. Los daños materiales son también inmensos, pero más grandes aún serán los perjuicios causados por los efectos de ahuyentar a la escasa inversión, consecuencias que todos pagaremos, sobre todo los más pobres, por los que dice luchar la secta de Guzmán.²⁴⁵

Esse fragmento evidencia a contradição entre a retórica revolucionária do PCP-SL e os impactos negativos sobre os mais pobres, sugerindo que as estratégias marcadas pelo uso excessivo da violência não apenas os prejudicavam, mas também ceifavam a vida daqueles que a organização afirmava proteger por meio da luta armada. Trata-se de um exemplo claro de discurso com forte apelo emocional e persuasivo, característico da cobertura jornalística desse período. Vale destacar que essa narrativa sempre foi explorada pela revista *Caretas*, sendo este apenas mais um exemplo das escolhas editoriais adotadas em sua abordagem sobre o grupo.

Ao apresentar fotografias dos escombros e das vítimas sendo socorridas, a revista enfatizou a brutalidade do ocorrido, afirmando que "es difícil entender tanto salvajismo". Os dados estatísticos incluídos na matéria reforçavam essa visão: 20 mortos, 132 feridos – dos quais 62 em estado grave –, seis gestantes que perderam seus bebês, oito pessoas que ficaram cegas, 18 com fraturas graves e seis com membros mutilados. Além das perdas humanas, os danos estruturais também foram destacados: 164 casas destruídas, 400 estabelecimentos atingidos, incluindo agências bancárias, lojas comerciais, restaurantes e hotéis, além de 64 veículos com perda total.

Ao longo da matéria, a revista informou que a ureia umedecida com petróleo ou óleo se torna um explosivo altamente perigoso, especialmente quando combinada com cartuchos de dinamite. *Caretas* destacou que um saco de ureia, pesando 50 quilos, custava apenas 18 soles e sua venda era livre. Diante disso, o semanário sugere que a comercialização do produto fosse regulamentada para impedir seu uso na fabricação de carros-bomba. Ao explicar o funcionamento dos explosivos, a revista não apenas apresentava informações técnicas, mas também revelava a limitação dos recursos financeiros da organização, que recorria a materiais de fácil acesso. Essa abordagem, no entanto, reforçava um discurso que ampliava os suspeitos, sugerindo que qualquer pessoa dentro dos estereótipos associados aos militantes – indivíduos

²⁴⁵ PEOR que nunca. *Op. cit.*

pobres, moradores de zonas rurais e falantes de quéchua – poderia ser vista como potencial colaboradora do grupo.

Se a organização não dispunha de recursos financeiros, significava, para a revista, que um trabalho eficiente do Estado teria sido suficiente para golpear duramente a organização. Indagou para os seus leitores onde estão os serviços de inteligência, tão divulgados pelo presidente Alberto Fujimori. O semanário ainda insinuou que nos quize dias anteriores a explosão, uma quantidade significativa de senderistas da cidade de Cerco Pasco foram a Lima com o intuito de participar dos atentados, e que “los ‘cerreños’ son considerados los ‘duros’ dentro de la agrupación terrorista”,²⁴⁶ acrescentou que eles se somam aos militantes da região de Ayacucho que são experientes em embocadas e ataques a forças de segurança. Mais uma vez, o texto criou uma associação direta entre a origem geográfica e a participação na organização. Nunca é demais ressaltar que são áreas historicamente marginalizadas no Peru, com altas taxas de pobreza e forte presença de comunidades originárias. insinua-se que os habitantes dessas localidades seriam naturalmente mais inclinados à violência. Essa posição assumida pela revista, reforçava a discriminação e ao preconceito contra pessoas dessas regiões, independentemente de qualquer envolvimento com o grupo.

Figura 36. Imagens da explosão do carro-bomba em Tarata.



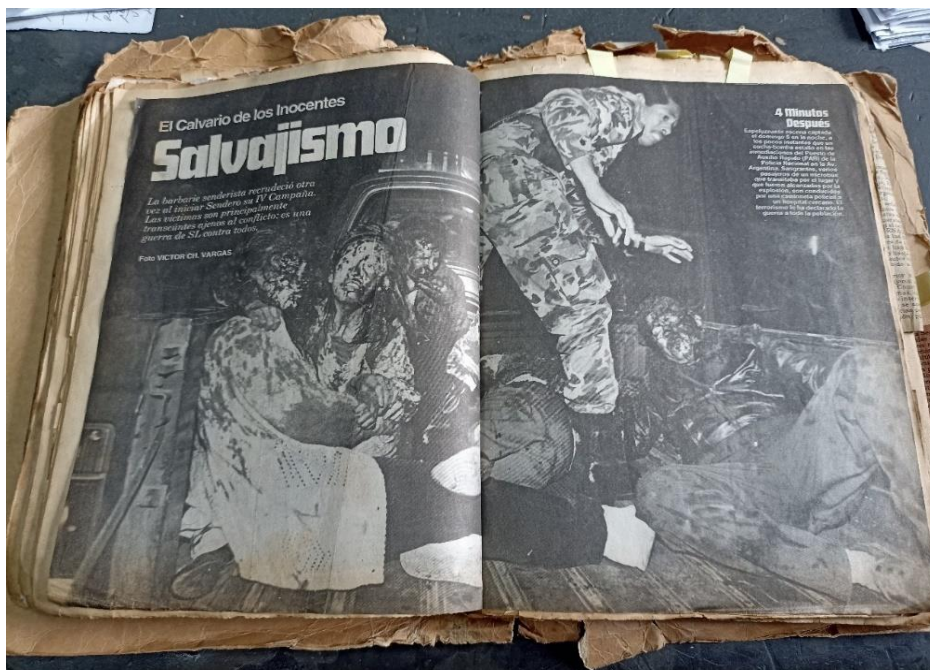
As imagens trouxeram mais dramaticidade a situação. À esquerda, há duas fotografias de vítimas sendo socorridas por voluntários, é possível ver os destroços. Na imagem abaixo à direita, há a traseira de um caminhão com corpos empilhados e cobertos, sem identificação.

Fonte: PEOR que nunca. *Caretas*, Lima, n. 1220, 20 jul. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

²⁴⁶ *Ibidem*.

Outro episódio que merecer destaque foi publicado em 10/09/1992, sob o título "Salvajismo: el calvário de los inocentes".²⁴⁷ Segundo a reportagem, as vítimas eram passageiros de um micro-onibus e não tinham nenhuma relação com o conflito. A revista reforçava a narrativa de que PCP-SL travava uma guerra contra toda a população. A imagem mais impactante dessa edição foi capturada pelo fotógrafo Victor Ch. Vargas, ocupava uma página dupla. Nela, um homem com uniforme do exército aparece na traseira de um carro da polícia, prestando auxílio a cinco vítimas. A cena transmite brutalidade e desespero: duas mulheres ensanguentadas se abraçam, possivelmente mãe e filha; um homem ao fundo pressiona a boca para conter o sangramento; os outros dois feridos estão deitados. A fotografia carrega uma forte carga emocional, evidenciando a urgência do socorro médico para salvar aquelas vidas. No canto direito da imagem, um pequeno trecho textual informa que um carro-bomba atingiu um micro-ônibus, deixando vários passageiros feridos. A reportagem destaca ainda que o ataque pretendia atingir um posto policial, mas acabou vitimando civis. Ao afirmar que "el terrorismo le ha declarado la guerra a toda la población", o semanário reforçou a narrativa de que a violência não fazia distinções.

Figura 37. Vítimas da explosão de bomba em Lima.



Fonte: SALVAJISMO: el calvário de los inocentes. *Caretas*, Lima, n. 1227, 10 set. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1992.

²⁴⁷ SALVAJISMO: el calvário de los inocentes. *Caretas*, Lima, n. 1227, 10 set. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1992.

A cobertura foi complementada por outras sete fotografias que documentam visualmente o atentado. Entre as imagens, destacam-se: vítimas sendo retiradas do micro-ônibus, um homem ensanguentado caído ao chão, bombeiros tentando controlar o incêndio, o carro completamente destruído e, por fim, corpos cobertos com folhas de jornal, um claro retrato do imprevisto e da falta de recursos adequados para lidar com a tragédia. Essa sequência de imagens era suficiente para um leitor mais apressado, a parte textual ficou para os detalhes secundários ou para aqueles que tinham mais curiosidade acerca do evento ou tinham curiosidades acerca da situação do estado de saúde das vítimas.

A captura de Guzman se deu dias depois desse atentado, mas ainda persistia o temor de que uma nova liderança emergisse. Como parte de estratégia para minar as possíveis insurgências, o governo de Alberto Fujimori divulgou cartas escritas por Abimael Guzmán durante seu encarceramento em 1993. Nessas cartas, Guzmán propunha um acordo de paz e solicitava negociações com o governo, argumentando que a luta armada havia se esgotado. O governo peruano utilizou essa iniciativa para enfraquecer ainda mais o grupo, difundiu as cartas com o objetivo de dividir seus militantes e incentivar deserções.²⁴⁸

A revista interpretou essa divulgação das cartas como uma manobra política de Fujimori, que teria se voltado contra ele, uma vez que, após a publicação, houve um aumento da campanha senderista. As cartas continuaram sendo pauta na imprensa ao longo dos anos, pois a organização não chegou a um consenso, o que teria motivado uma nova onda de ataques.²⁴⁹ O mais impactante, segundo a revista *Caretas*, foi o atentado contra a residência do jornalista e ex-ministro da Educação, Patricio Ricketts Rey de Castro, em Arequipa, que ficou totalmente destruída.²⁵⁰ Imagens da fachada foram inseridas na reportagem do semanário. Durante a matéria da edição nº1303 a revista condenou a propaganda massiva do presidente, que alegava ter pacificado o país, enquanto o grupo respondia com novos atentados. Para corroborar seu argumento e deslegitimar as falas do então presidente, *Caretas* citou a explosão de uma bomba em um posto policial em Santa Clara, deixando seis feridos e destruindo o local; e as bombas incendiárias foram detonadas em diversos centros comerciais no bairro de San Isidro, resultando em um incêndio de grandes proporções.

²⁴⁸ Não faltaram suspeitas acerca da veracidade das cartas de Guzmán publicadas por Alberto Fujimori e para convencer os incrédulos, dias depois, o líder senderista apareceu na televisão. Para uma análise mais completa, ver: DEGREGORI, Carlos Iván. *Qué difícil es ser Dios*: obras escogidas. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2018.

²⁴⁹ PEOR que nunca. *Caretas*, Lima, n. 1220, 20 jul. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

²⁵⁰ BAJO el volcán. *Caretas*, Lima, n.1303, 17 mar. 1994. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1994-1995. (Ver anexo XXXI).

Este capítulo demonstrou como as vítimas foram retratadas no material analisado, evidenciando não apenas a forma como eram apresentadas, mas também a intencionalidade por trás dessas representações. A escolha das imagens e a maneira como eram expostas revelam um claro uso do impacto visual para provocar reações no leitor, muitas vezes explorando o sofrimento e a violência de forma sensacionalista. Esse recurso não apenas moldava a percepção pública sobre os acontecimentos, mas também reforçava determinadas narrativas sobre o conflito, influenciando a construção da memória coletiva. Dessa forma, fica evidente que, além do relato dos abusos, havia uma estratégia editorial que buscava engajar e chocar o público por meio de um forte apelo visual.

Capítulo 4.

A violência Estatal no *clipping* de *Caretas*

A atuação das forças estatais durante o conflito interno no Peru foi marcada por uma série de abusos e graves violações dos direitos humanos manifestada por meio de torturas, execuções sumárias, cemitérios clandestinos e desaparecimentos forçados. Sob o pretexto de combater a insurgência do Sendero Luminoso, o Estado implementou estratégias repressivas que atingiram não apenas militantes do grupo, mas também civis, resultando em uma onda de terror e impunidade. A revista *Caretas* sempre defendeu os Direitos Humanos e realizou grandes reportagens sobre esses abusos. A seção de cartas do semanário tornou-se um espaço onde denúncias de prisões arbitrárias e outras violações foram expostas, revelando o impacto da repressão estatal sobre a população. Este capítulo analisará como esses abusos foram registrados e debatidos, evidenciando a complexidade da violência estatal e suas consequências na sociedade peruana.

4.1 A repressão estatal retratada nas pastas do *clipping*

A luta travada pelo Partido Comunista do Peru – Sendero Luminoso (PCP-SL) ganhou força ao ter como pauta a conquista de melhores condições de vida para os camponeses do país. A organização acreditava na justiça e igualdade e, por isso, levantava a bandeira em prol dos direitos das populações rurais, mesmo diante das divergências acerca daqueles que protagonizaram o movimento ou, até cabe questionar, se o apoio a essas comunidades era real. A resposta das forças estatais não foi pacífica: uma violenta repressão marcou os confrontos, com a intenção de desarticular os avanços do movimento e manter o *status quo*. O embate entre a luta por direitos dos camponeses e a repressão governamental refletiu uma dinâmica de tensões sociais e políticas que envolveu ambos os lados.

Como demonstrado nos capítulos anteriores, Ayacucho foi a zona mais afetada pelo conflito, que se multiplicou em diferentes partes do país, inclusive na capital. Em 1980 o governo evitou se posicionar sobre a questão, apesar do Início da Luta Armada e dos diversos ataques do PCP-SL; a recente passagem para a democracia explicava a prudência ao lidar com os insurgentes, pois ações mais rigorosas poderiam ser vistas de forma negativa pela população, adversários políticos e imprensa. No primeiro momento, a polícia foi enviada para as regiões controladas pela organização, porém, não conseguiu contê-los. A resposta mais repressora do então presidente Fernando Belaúnde Terry aconteceu no final de 1982,²⁵¹ o controle absoluto do departamento de Ayacucho estava nas mãos dos militares. O objetivo era enfraquecer as bases do grupo insurgente. Esse controle militar foi posteriormente ampliado para várias regiões

²⁵¹ Decreto Supremo Nº 068-82-IN, promulgado em dezembro de 1982.

do Peru que estavam sob controle dos senderistas, com a declaração das chamadas *Zonas de Emergência*.

De acordo com a Constituição peruana, o estado de emergência não poderia ultrapassar 60 dias. No entanto, tanto o presidente Fernando Belaúnde Terry quanto seu sucessor, Alan García, prolongaram sistematicamente os decretos correspondentes, estendendo essa situação por mais de uma década. Dessa forma, as forças de segurança não apenas reforçaram seu controle sobre a população, mas também passaram a atuar como autoridades político-militares, consolidando um regime de repressão sob a justificativa do combate à insurgência.

Em 1985, a Lei 24.150 regulamentou o funcionamento dos Comandos Político-Militar (CPM), órgãos do poder público que assumiam a liderança nas circunstâncias de perigo eminente e tinham total autonomia. Foi suspensa a vigência das garantias constitucionais relativas à liberdade e segurança pessoal, à inviolabilidade de domicílio, à liberdade de reunião e de circulação pelo território. Com isso, as forças militares passaram a atuar com total impunidade, intensificando a repressão. A estratégia adotada foi baseada em uso excessivo e indiscriminado da violência contra a população, que sofreu torturas, massacres e desaparecimentos forçados. Comunidades inteiras foram devastadas, que, sem meios de defesa, tornaram-se alvos recorrentes dessa violência.

O período foi marcado por notícias opacas que encobriam as ilegalidades da Força da Ordem e geravam desinformação acerca da organização e do que se passava nessas zonas de emergência.²⁵² A posição de *Caretas* foi cautelosa em acusar o desrespeito aos direitos humanos, pois era necessário reafirmar a democracia sem desestabilizar o presidente recém-eleito, com o qual a revista mantinha certa simpatia.²⁵³

A primeira acusação explícita, em *Caretas*, de que os militares torturavam aqueles que consideravam pertencentes ao PCP-SL chegou às bancas em 19/10/1981.²⁵⁴ A protagonista da

²⁵² É digno de nota que grande parte do baixo escalão das Forças da Ordem foi diretamente impactada pelas precárias condições de trabalho nas zonas de conflito. Sem treinamento adequado para lidar com uma insurgência complexa e com poucos recursos logísticos, os soldados e policiais destacados para as áreas rurais e montanhosas frequentemente careciam do mínimo necessário para sua sobrevivência e atuação. Faltavam armamentos apropriados, equipamentos de proteção e até mesmo alimentos básicos para suprir as necessidades diárias das tropas nas bases militares instaladas nos territórios em disputa. Para mais informações acerca da precariedade estrutural enfrentada pelas tropas, ver: BOESTEN, Jelke, GAVILAN, Lurgio. *Perros y Promos: memoria, violencia y afecto en el Perú posconflicto*. Instituto de Estudios Peruanos, 2023.

²⁵³ Quando a revista completou 30 anos de existência, publicou uma série de reportagens comemorativas para celebrar sua trajetória e relevância no cenário jornalístico peruano. Na edição de número 629, propôs uma pergunta aos seus leitores: “¿...Y usted qué hacía en 1950?”, convidando-os a relembrar suas memórias e compartilhar suas histórias daquele ano. Entre os convidados a participar da seção especial estava o ex-presidente Fernando Belaúnde Terry, que foi convidado a recordar brevemente suas atividades em 1950. Sua esposa, Violeta Correa Belaúnde, também compartilhou suas próprias lembranças. HOMBRE del año. *Caretas*, Lima, n.629, 22 dez. 1980.

²⁵⁴ LA FRANCESIA de Tambo. *Caretas*, Lima, n. 669, 10 out. 1981. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1981*. (Ver anexo XXXII).

matéria foi Therese Jacqueline Marie, uma cidadã francesa acusada por diversos meios de comunicação de integrar o grupo insurgente. De acordo com *Caretas*, um semanário de direita – não mencionado – reforçou essa narrativa, insinuando que sua presença não era um caso isolado: “El de la francesa no es un caso aislado singular... indiscutiblemente el sexo es una de las fuerzas creadoras o destructoras... estas muchachas nórdicas (sic) que aparecen en el mundo andino constituyen una carnada sugestiva para enrolar jóvenes a las filas de los terroristas [...]”.²⁵⁵

A declaração, citada em *Caretas*, reflete a tentativa de criminalizar estrangeiros envolvidos com movimentos sociais por meio da insinuação de que mulheres estrangeiras serviam como atrativos para recrutar jovens para a guerrilha, o que desviava o foco das denúncias de tortura e repressão estatal, buscando desacreditar as vítimas e justificar as ações militares. *Caretas* defendeu que ela era apenas uma turista mochileira, mais uma entre os 22 mil franceses que visitavam o país anualmente, e que parou em Tambo para descansar após uma longa viagem de ônibus. No entanto, foi surpreendida em seu dormitório pelos *sinchis*. Permaneceu encarcerada por quatro dias e testemunhou os abusos sofridos por outros detidos, presos arbitrariamente. No entanto, ela mesma não foi torturada. Para a revista, sua sobrevivência sem maiores agressões foi considerada um verdadeiro milagre. Talvez o fato de Therese ser estrangeira tenha garantido um tratamento diferente pelos militares, do mesmo modo, pode ter motivado a revista a sair de seu silêncio, após o caso ter ganhado repercussão internacional.

A mesma reportagem expôs relatos dos abusos cometidos pelas forças de segurança. Nélide Laura, de 26 anos, solteira e mãe de um filho, foi uma das vítimas. Ao coletar informações para a matéria, o jornalista Gustavo Gorriti tentou perguntar a ela se havia sido torturada, mas não teve a chance de registrar seu testemunho, pois os policiais o impediram. Mais tarde, a revista relatou que um oficial, visivelmente exaltado, confirmou o uso da tática do *submarino* – método de tortura em que a vítima é submersa repetidamente na água até a semi-asfixia. O ato foi justificado pelo agente do Estado com a seguinte declaração: “Habló y hemos solucionado varios casos, salvando vidas”.²⁵⁶ Essa afirmação apresenta sérios problemas tanto do ponto de vista ético quanto lógico. Primeiramente, tentou-se justificar a tortura ao sugerir que a vítima contribuiu para a resolução de casos, como se a obtenção de informações por meio de violência pudesse legitimar a violação dos direitos humanos. Essa justificativa é,

²⁵⁵ *Ibidem*

²⁵⁶ *Ibidem*.

no mínimo, duvidosa, uma vez que as informações obtidas sob tortura são amplamente reconhecidas como sendo pouco confiáveis, pois a vítima pode confessar apenas para pôr fim ao sofrimento. Na tentativa de normalizar a tortura como prática legítima de obtenção de informações, desconsidera-se suas implicações legais, éticas e humanas.²⁵⁷

Outro caso exposto na mesma reportagem foi o de Yori Luz Sáñez Huamán, estudante de 16 anos, capturada e acusada de assaltar um pequeno mercado de bairro, no qual a proprietária foi morta. Devido à falta de espaço no centro de reclusão, a polícia a entregou aos seus pais, sob a supervisão do Juiz de Menores de Ayacucho. Yori negou a versão da polícia em entrevista à *Caretas*, afirmando que estava no local apenas por curiosidade. Ela também denunciou os maus-tratos sofridos, relatando que foi presa com os braços para trás e teve sua cabeça submersa repetidas vezes em uma bacia com água. A conclusão da *Caretas* foi uma fusão dos dois relatos: "Caretas tiene información que sí fue sometida a apremios físicos y, por otro lado, que sí participó en el asalto – aunque el asesino confeso es otro."²⁵⁸ A revista defendeu que não há justificativa moral nem prática para a tortura, mesmo que em alguns casos possa-se obter informações rapidamente, em outros, ela apenas gera novas violências contra inocentes.

Esse foi o primeiro recorte da revista a mencionar as infrações aos Direitos Humanos pelo Estado. Pode-se supor que havia receio em desqualificar as ações dos agentes de segurança, ou talvez fosse mais conveniente transmitir a sensação de que tais atos eram isolados, em vez de reconhecer que faziam parte de uma estratégia generalizada do Estado no combate ao grupo. Nesse cenário, fica claro que a população foi tratada como inimiga, sem qualquer discernimento ou distinção entre civis e suspeitos, o que contribuiu para a atmosfera de repressão generalizada.

Yori voltou a figurar uma reportagem da revista em 08/11/1982, quando *Caretas* publicou a notícia "¿Fue Sendero?";²⁵⁹ o título foi destacado em vermelho, o que contrastava com a fotografia em preto e branco do período. Yori foi assassinada, mas não havia detalhes do crime na matéria. As imagens escolhidas são comoventes: a menina morta na maca do necrotério, com lençóis sujos e o rosto ensanguentado, transmite a situação paupérrima do ambiente externo; na segunda foto aparecem suas irmãs, duas crianças com expressões vazias, roupas rasgadas, em pé e com a mesma posição dos braços e mãos, o que indica que foi uma foto posada. As imagens figuram a pobreza dessas vítimas, as duas meninas aparecem sozinhas,

²⁵⁷ Para um estudo mais aprofundado acerca do uso de tortura durante o conflito, ver: AGÜERO, José Carlos. El Perú y la tortura: un constante en conflicto armado interno, autoritarismo y democracia. *IUS ET VERITAS*, 14(29), v. 14, n. 29, p. 359-378, 1 abr. 2004.

²⁵⁸ LA FRANCESIA de Tambo. *Op. cit.*

²⁵⁹ ¿FUE Sendero? *Caretas*, Lima, n. 722, 8 nov. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo - 1982.

o que reafirma a falta de apoio e proteção, despertam no leitor um sentimento doloroso, a ideia de um futuro incerto para as duas sobreviventes.

O texto contestou quem era o culpado pelo assassinato de Yori, morta dentro de casa diante de suas irmãs mais novas. Por causa da entrevista cedida à *Caretas* no ano anterior e, por ser tida como delatora, haveria motivo para que o PCP-SL arquitetasse sua morte. Não se descarta o fato de os setores policiais de Ayacucho estarem envolvidos em escândalos de torturas, desaparecimentos e assassinatos, por isso, uma investigação mais detalhada deveria ser levada a cabo. A narrativa visual construída sempre deu ênfase à violência do PCP-SL, mesmo quando havia dúvidas de autoria, a exemplo do assassinato de Sáenz, as acusações tendiam a culpabilizar os senderistas.

Figura 38. Assassinato de Yori Luz Sáenz.



À direita, legenda: “Nory y Jerry Sáenz, de 9 y 8 años: la mantuvieron arrodilladas junto a su hermana, y luego las sacaron a otro cuarto cuando la asesinaron.

Fonte: ¿FUE Sendero? *Caretas*, Lima, n. 722, 8 nov. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1982.

Não há relatos na atualidade acerca de investigações oficiais sobre o caso de Sáenz, assim como de outros abusos que engrossavam estatísticas e a impunidade, que sempre prevaleceu. A imprensa desempenhou papel decisivo ao noticiar esses casos, mas não se pode ignorar que somente uma parcela das atrocidades foi divulgada, visto que as violações aconteciam nas regiões mais afastadas dos centros urbanos.

Os excessos cometidos pelo Estado apareceram na imprensa de maneira muito sutil no início do mandato de Fernando Belaúnde. As dúvidas acerca dos culpados eram muitas, e não havia clareza sobre quem realmente estava por trás das ações violentas. A falta de transparência e a demora em identificar os responsáveis contribuíam para uma atmosfera de incerteza. Ademais, a repressão do Estado, muitas vezes mascarada por justificativas de segurança e ordem pública, alimentava a sensação de impunidade e a dificuldade de distinguir entre os verdadeiros insurgentes e os civis inocentes, exacerbando a crise de confiança na administração pública.

Esse cenário mudou com o caso de Huanta, em 01/08/1984,²⁶⁰ quando membros uniformizados da Infantería de Marina invadiram a Igreja Evangélica Presbiteriana de Callqui durante a celebração religiosa em busca de membros do PCP-SL, escolheram seis homens e os levaram para fora do edifício. Aqueles que permaneceram no local puderam escutar os tiros e granadas. Foram assassinados: Paulino Cayo Ccoriñaupa, Florencio Huamanyalli Oré, Melquiades Quispe Rojas, José Yañez Quispe, Constantino Yañez Huincho e Máximo Huamanyalli Huancas. Apesar de fortes indícios da atuação da marinha, o caso não foi esclarecido.

A notícia apareceu na revista quase vinte dias depois. O que se destaca na matéria é a imagem de um homem segurando uma Bíblia debaixo do braço, detalhe simbólico que adiciona camadas de significado à narrativa. De acordo com a notícia: “hasta el año pasado la infantería de marina era un modelo de confraternidad con las poblaciones de Huante y Tambo. Ahora parece ser la tropa más temida y odiada de la región”,²⁶¹ a frase demonstrava a nova realidade de tensão entre sociedade e força militar na região.

A reportagem reconstituiu em detalhes os assassinatos ocorridos na noite de 01/08. Segundo o relato, integrantes da Marinha encontraram no depósito da igreja fantasias e armas de madeira que a população havia preparado para os desfiles das Fiestas Patrias (28 e 29/07). O achado, no entanto, aumentou as suspeitas de que a comunidade estaria apoiando o PCP-SL e desencadeou a reação violenta por parte das forças de segurança. A revista descartou a possibilidade de os fiéis apresentarem acusações falsas contra os agentes da ordem, conferindo credibilidade às denúncias devido ao fato de serem religiosos, caso contrário, a recepção poderia ter sido diferente.

²⁶⁰ LA MATANZA de los Evangelistas. Lima, n. 813, 20 ago. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1984*. (Ver anexo XXXIII).

²⁶¹ *Ibidem*.

O caso de Huanta não foi o único, os escândalos de violência na região persistiram e, em 22/08, foram encontrados 49 cadáveres em Pucayacu, com claros indícios da ação militar. A revista estampou imagens de fossas comuns,²⁶² usando-as como evidência visual da violência. A maioria dos corpos apresentava lesões letais no rosto e crânio, o que dificultava a identificação das vítimas. Além de ser comum tiros na boca ou na testa, golpes em diversas partes do corpo e feridas, quase todos possuíam os olhos vendados com trapos. Somente oito cadáveres tinham digitais. O *modus operandi* da marinha era claro: torturar e tornar esses mortos irreconhecíveis para os familiares e impossíveis para a autópsia.

O Estado teve recursos para montar uma estrutura de guerra consolidada para reprimir brutalmente opositores, contando com quartéis, salas subterrâneas e até fornos para a destruição de restos mortais. A peculiaridade dos senderistas como inimigos invisíveis – sem uniforme, muitas vezes desarmados e acampados dentro das zonas rurais – dificultava a distinção entre guerrilheiros e camponeses. Como consequência, a resposta militar resultou em uma chacina da população civil, afetando indiscriminadamente comunidades inteiras. A violência institucionalizada incluiu métodos extremos de repressão, como tortura física e psicológica, sequestros, mutilações e estupros, evidenciando a brutalidade do período e o sofrimento imposto às vítimas.

²⁶² HORROR en Huanta. *Caretas*, Lima, n. 814, 27 ago. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

Figura 39. Fossas comuns de Pucayacu.



À direita, parte superior, fotografia dos corpos sendo retirados das fossas por civis, legenda: “Entre 15 y 5 días de muertos tenían los cadáveres, sugiriendo varios entierros.” Parte inferior da página, legenda: “Legistas Quiroz, Neyra y Feliziani trabajando em morgue inconclusa em Huanta.” À esquerda, imagem de vários corpos na fossa comunal, legenda: “Un camión se detuvo y sus ocupantes se ofrecieron ayuda en la penosa tarea. Por casualidad, era evangelistas.”

Fonte: HORROR en Huanta. *Caretas*, Lima, n. 814, 27 ago. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

A parte textual não se deteve inteiramente no caso, noticiou a *Marcha por la Paz*, organizada por partidos de esquerda após a descoberta das fossas; para *Caretas*, “un poco tarde para las agrupaciones de izquierda, que bien pudieron ser más claras cuando Sendero comenzó a matar gente en las calles y plazas del país”. Era evidente que as fossas não resultaram de ataques do PCP-SL, mas *Caretas* insistiu na lógica de que se não fosse a organização, os demais problemas não existiriam, uma clara tentativa de isentar, ou ao menos justificar, os abusos do poder público.

Os casos de violência, entre os anos de 1980 e 1984, não foram causados somente por um segmento social, tanto o PCP-SL, as rondas camponesas e o Estado dela se valeram de modo indiscriminado. Em síntese, pode-se concluir que o governo de Fernando Belaúnde não trouxe conquistas no que diz respeito à contenção dos conflitos, pelo contrário, a violência imperou, levando a questionar quais são os limites das arbitrariedades em um governo que deveria seguir o viés da democracia e do respeito aos Direitos Humanos.

Como demonstrado na revista *Caretas*, durante o governo de Fernando Belaúnde as forças do Estado empregavam estratégias de combate ao PCP-SL que frequentemente

ultrapassavam os limites legais. Nessas operações, eram comuns violações como torturas, prisões arbitrárias e execuções extrajudiciais, afetando especialmente comunidades falantes de quéchua. As violações publicizadas por *Caretas* eram limitadas pelas dificuldades no acesso à informação e pelos múltiplos fatores que interferiram na visibilidade das violações cometidas pelo Estado, desse modo, foram fundamentais as denúncias da população na exposição desses crimes. No entanto, muitas dessas violações só vieram à tona posteriormente, graças a investigações mais aprofundadas. Caso emblemático é o das denúncias de abusos sexuais cometidos em bases militares nas comunidades de Manta e Vilca, incluídas no relatório final da Comissão da Verdade e Reconciliação (CVR), em 2003. Em 1984, tropas do Exército peruano se instalaram no distrito de Huancavelica, com o objetivo de controlar a região. Pouco tempo depois, surgiram registros de violência sexual sistemática contra mulheres do povoado, incluindo menores de idade. Muitas vítimas, no entanto, sentiam vergonha ou medo de denunciar, o que dificultou a revelação desses crimes por anos.²⁶³ O silêncio imposto às vítimas, seja pelo trauma, pelo estigma ou pelo medo de represálias, reforça a necessidade de aprofundamento nas investigações e na documentação desses episódios para garantir justiça e reparação.²⁶⁴

A esperança de mudar esse cenário veio junto com a eleição presidencial de 1985, cercada de grande expectativa; em pauta, o fim dos conflitos. As pastas do *clipping*, selecionadas neste trabalho não tinham o intuito de acompanhar as eleições, entretanto, era impossível desconectar o PCP-SL do momento político e o assunto foi recorrente.

Existia o receio das autoridades e da população de ataques por parte do PCP-SL para impedir as eleições, o conteúdo da pasta Terrorismo-1985 não registra encontros sangrentos, somente uma pequena nota da seção *Mar de fondo*, em 08/04/1985, informava que o PCP-SL não utilizou o sistema de amedrontamento, e sim a reflexão, ao distribuir folhetos questionando o que o presidente Belaúnde fizera pela comunidade, a resposta: “sólo miseria y sangre”.²⁶⁵ Nesse clima de instabilidade, em 14 de abril, nove candidatos disputaram as eleições

²⁶³ A escritora Rocío Silva Santisteban é autora de um livro de poemas que busca trazer à tona casos de mulheres violentadas por militares e policiais, ver: SANTISTEBAN, Rocío Silva. *Las hijas del terror*. Lima: Ediciones Copé, 2007.

²⁶⁴ Para análises mais detalhadas, ver: GAYOSO, Josefina Miró Quesada. La violencia sexual en conflictos armados bajo el Derecho Penal y el Derecho Internacional. *Revista IUS ET VERITAS*, nº 59, nov. 2019. MESA, Mercedes Crisóstomo. El Estado es el Otro: la atención de la violencia contra las mujeres en las zonas rurales del Perú. *Politai: Revista de Ciencia Política*, ano 12, Nº 22, 2021. PALACIOS, Patricia Balbuena. Mujeres silenciosas, mujeres silenciadas: Peruanas víctimas de violencia sexual en el conflicto armado interno 1980-2000. *Revista Aportes Andinos*, n. 17, 2022.

²⁶⁵ SENDERO amenaza. *Caretas*, Mar de Fondo, Lima, n. 845, 8 abr. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985. (Ver anexo XXXIV).

e Alan García (Partido Aprista Peruano)²⁶⁶ liderou sem somar 50% dos votos válidos, levando o pleito para o segundo turno, tendo por oponente Alfonso Barrantes (Izquierda Unida), que acabou desistindo da disputa. A falta de conflitos durante a eleição causou estranhamento, estaria o “¿Sendero en derrota?”²⁶⁷ a ação das Forças Armadas, aparentemente, tinha conseguido minar a força da organização. Entretanto, havia razão para apreensão diante da ausência de eleitores na região de Ayacucho, que levantou questionamentos se não seria apenas uma trégua.

Apesar de não haver registro de chacinas no material do *clipping* durante o primeiro semestre de 1985, os ataques às torres de alta tensão e os apagões continuaram frequentes. Em 07/06/1985, ainda na presidência, Fernando Belaúnde Terry foi condecorado com a máxima distinção pelo governo argentino, com a entrega feita por Raúl Alfonsín, no Palácio do governo, em Lima. O evento não passou despercebido pelos membros do PCP-SL, inclusive, um novo método de destruição foi incluído: os carros-bomba. A cerimônia de condecoração só foi o plano de fundo da notícia, não houve elogios e nem críticas se era legítimo tal reconhecimento.

Caretas forneceu os detalhes do ataque e informou que tudo fora bem arquitetado, primeiro houve o apagão generalizado, depois a explosão do carro, por fim, incêndios em quatro estabelecimentos comerciais.²⁶⁸ Apesar da tentativa de sabotagem do grupo, a cerimônia aconteceu normalmente. Para a revista, a culpa do êxito desse atentado foi a falta de organização dos policiais. O incidente foi registrado pelo fotógrafo Rafael Crisostomo, que estava na praça e conseguiu, em primeira mão, fotografar os destroços.

O registro de Crisostomo recebeu destaque em página dupla, o que demonstra o impacto que se pretendia causar ao leitor. É possível observar no centro da imagem o carro destruído e três homens uniformizados ao redor do veículo. Esse episódio foi o primeiro com o uso de carros-bomba, de acordo com a revista, “um expediente criminal, cuya potencialidade letal, es, por desgracia, muy alta, cuyo control es difícil [...]”. É uma das poucas fotos que foram capturadas à noite e de modo mais espontâneo, a iluminação ficou prejudicada, mas não interferiu no foco.

²⁶⁶ Alan Gabriel Ludwig García Pérez (1949-2019) foi presidente do Peru entre 1985 e 1990. Em uma segunda oportunidade, foi eleito em 2006 e cumpriu seu mandato até 2011. Em 17 de abril de 2019, cometeu suicídio depois de saber que seria preso preventivamente por envolvimento em corrupção no "Caso Odebrecht".

²⁶⁷ GORRITI, Gustavo. ¿Sendero en derrota? *Caretas*, Lima, n. 846, 17 abr. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985. (Ver anexo XXXV).

²⁶⁸ OTRA vez la milonga. *Caretas*, Lima, n. 855, 10 jun. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985.

Figura 40. Explosão do carro-bomba em Lima.



Fonte: OTRA vez la milonga. *Caretas*, Lima, n. 855, 10 jun. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985.

A revista expressou preocupação e defendeu a necessidade de se planejar atentamente a transferência do poder para o novo presidente. Se não houve grandes incidentes durante as eleições, talvez os ataques estivessem previstos para a posse. No dia 22/07/1985, após reunião no Conselho Nacional de Defesa, o ex-ministro Oscar Brush garantiu que a capital estava 99% protegida, porém, três dias depois, outro carro-bomba explodiu no estacionamento do Ministério. *Caretas* ironizou a situação: o atentado foi uma “[...] respuesta y provocación a las declaraciones de Brush”.²⁶⁹ A autoria do ataque foi reivindicada pelo Movimiento Túpac Amaru (MRTA) por meio de panfletos enviados à imprensa, mas a polícia creditou o ato aos senderistas. A posse de Alan García transcorreu sem incidentes e seu discurso não foi conservado no *clipping* sobre terrorismo. Contudo, cabe destacar sua declaração de que a violência seria combatida com todas as forças e que o desrespeito aos direitos humanos por parte das forças do Estado não seria tolerado:

No aceptamos que en el sistema democrático se use la muerte como instrumento. La prueba de que en la propia democracia puede alcanzarse la justicia social, es nuestra presencia aquí y nuestro compromiso para luchar por el pueblo y la Ley será aplicada con severidad también para quienes violen o hayan violado los Derechos Humanos mediante la muerte, las ejecuciones extrajudiciales, la tortura y el abuso de función, pues para luchar contra la barbarie no es preciso caer en la barbarie. Conocemos, sin

²⁶⁹ OTRA escala. *Caretas*, Lima, n. 861, 30 jul. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985. (Ver anexo XXXVI).

embargo, la existencia de muchos inocentes injustamente acusados de terrorismo, a los que la lentitud procesal retiene sin razón. Invoco al Poder Judicial para que acelere su calificación y anuncio que, sin merma de su independencia, constituiremos de inmediato una Comisión de Paz integrada por juristas, instituciones de Derechos Humanos y grupos políticos.²⁷⁰

O discurso, repleto de esperanças quanto a uma nova era pacífica, infelizmente, não se realizou e a troca de governo não diminuiu a violência de ambos os lados. Exemplar da falta de controle durante o período da presidência de Alan García foi o a *Matanza de los Penales*, episódio de repressão violenta ocorrido em 18 e 19/06/1986. O massacre aconteceu nos presídios de El Frontón, Lurigancho e Santa Bárbara, localizados em Lima e Callao, onde acusados de pertencerem ao grupo se amotinaram em protesto contra as precárias condições de detenção. A edição do dia 23/06/1986 detalhou os acontecimentos e suas consequências imediatas, trazendo uma cobertura mais ampla e aprofundada do episódio.²⁷¹ Aspecto notável da reportagem foi a assinatura de quatro jornalistas – Laura Puertas, Carlos Noriega, Gustavo Gorriti e Miguel González del Río – e fotografias de Oscar Medrano, algo incomum nas matérias sobre o PCP-SL. O fato sugere a relevância do tema e possivelmente a necessidade do esforço coletivo para garantir uma abordagem mais abrangente e cuidadosa diante da gravidade do ocorrido.

A principal preocupação da matéria foi esclarecer como, apenas no presídio de Lurigancho, 126 detentos foram mortos. *Caretas* relatou que os insurgentes possuíam "três fuzis automáticos e uma metralhadora" e destacou que, entre as vítimas, estavam três oficiais da Marinha. Ao virar a página, a reportagem detalha os acontecimentos em El Frontón. Segundo o semanário, a prisão já estava impregnada pelos ideais do PCP-SL, com paredes pichadas com slogans da organização. Até mesmo os vigilantes e guardas, acostumados às demonstrações de militância, não viam essas manifestações como algo incomum. Situação semelhante ocorreu no presídio feminino de Santa Bárbara, onde a influência do grupo também era evidente. Nos três casos, os detentos se rebelaram e o sistema de segurança demonstrou falhas graves, incapaz de conter a revolta sem recorrer a uma repressão desproporcional.

Segundo o semanário, o então presidente Alan García foi informado sobre os motins pouco antes das 9h da manhã e imediatamente convocou uma reunião de emergência do Conselho de Ministros, com a presença dos membros do Comando Conjunto. Durante as

²⁷⁰ GARCÍA, Alan. Mensaje Del Presidente Constitucional Del Perú, Doctor Alan García Pérez. *El Congreso Nacional*, 28 jul. 1985. Disponível em: <https://www.congreso.gob.pe/mensaje-1985-ag>

²⁷¹ PUERTAS, Laura; NORIEGA, Carlos; GORITTI, Gustavo; DEL RIO, Miguel Gonzales. Lurigancho después del exterminio. *Caretas*, Lima, n. 910, 23 jun. 1986. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1986*. (Ver anexo XXXVII).

discussões sobre a melhor estratégia a ser adotada, foi enfatizado que os prisioneiros possuíam um arsenal considerável, supostamente suficiente para superar os funcionários dos presídios e a Guarda Republicana. O relatório indicava que os detentos tinham metralhadoras, armas de fogo, flechas, lanças e até mesmo talheres, além da possibilidade de estarem em posse de explosivos. O uso de gás para desacordá-los chegou a ser cogitado, mas foi descartado sob a justificativa de que existiam túneis sob os pavilhões, o que permitiria aos insurgentes escaparem da fumaça. Diante desse cenário, a participação militar foi considerada a única alternativa viável para restaurar a ordem, decisão que resultaria na violenta repressão dos amotinados.

Caretas classificou as decisões tomadas como ineficazes e marcadas por brutalidade, apontando alternativas que poderiam ter sido adotadas para evitar a morte de 266 pessoas. No caso de Lurigancho, a revista argumentou que a tragédia poderia ter sido evitada se medidas preventivas tivessem sido implementadas meses antes, especialmente após o motim de 04/10/1985 no pavilhão "Britânico". Os detentos não deveriam ter sido transferidos para o pavilhão "Industrial", que carecia de celas seguras e continha maquinário industrial – como lavanderia, carpintaria e oficina mecânica –, além de oferecer fácil acesso a um duto subterrâneo de serviços. O ideal teria sido enviá-los a Canto Grande e isolá-los em pequenos grupos. Contudo, mesmo diante da inevitabilidade do motim, a abordagem mais eficaz teria sido coordenar uma entrada simultânea pelas diversas portas do pavilhão, com equipes especializadas das forças de segurança, garantindo a contenção dos insurgentes com danos mínimos.

Em El Frontón, o erro mais grave foi permitir o acesso dos detentos a materiais de construção, com autorização da própria administração. A estratégia recomendada pela revista seria isolar a ilha imediatamente ao início da rebelião, interrompendo o fornecimento de luz e água. Caso o uso da força se tornasse inevitável, o emprego de gás lacrimogêneo teria sido a opção mais adequada para neutralizar a resistência sem necessidade de confrontos letais. Quanto ao presídio feminino de Santa Bárbara, a matéria não apresentou sugestões sobre como a situação poderia ter sido conduzida de forma diferente.

Nesta matéria, houve um posicionamento firme ao expor todos os detalhes e equívocos na forma como a situação foi conduzida. Indivíduos que estavam sob a tutela do Estado, e que deveriam ter sua integridade garantida, foram submetidos a uma repressão brutal, resultando em execuções extrajudiciais. A reportagem não apenas relatou os acontecimentos, mas também evidenciou a desproporção da resposta estatal e a violação sistemática dos direitos humanos. Além disso, a matéria trouxe à tona questionamentos sobre a responsabilidade das autoridades,

indicando falhas na gestão da crise e na implementação de protocolos que poderiam ter evitado a tragédia. A ênfase nos erros cometidos reforçou a crítica ao abuso de poder e à impunidade que caracterizaram a atuação do governo diante da insurgência.

Era comum que a revista desse destaque a diversas fotografias capazes de despertar sentimentos nos leitores. No entanto, a matéria seguiu um caminho diferente. A imagem escolhida para ocupar a página dupla foi a estrutura do Pavilhão Industrial de Lurigancho, um cenário frio e desolador que contrastava com a abordagem emotiva frequentemente utilizada. Ao longo das 13 páginas da reportagem, 23 fotografias foram distribuídas, mas apenas duas recorreram ao sentimentalismo: uma mostrava 15 corpos estirados no chão, com dois profissionais fardados ao fundo, enquanto a outra capturava o momento de desespero dos familiares ao receberem a notícia do trágico desfecho. A escolha das imagens reforçava uma narrativa mais documental e objetiva, priorizando a exposição dos fatos em vez da exploração do impacto emocional. Dessa forma, a composição visual da reportagem oferecia ao leitor uma perspectiva crua e direta, possivelmente devido ao fato de as vítimas serem carcerários acusados de pertencer ao PCP-SL, o que pode ter influenciado a abordagem editorial adotada.

A mudança de presidente também não impediu que os cemitérios clandestinos continuassem sendo utilizados pelas forças da ordem. O evento ocorrido na região de Cayara demonstrou que as Forças Armadas ainda não respeitavam os limites da legalidade. Em 13/05/1988, integrantes do PCP-SL atacaram um destacamento militar em Erusco, resultando na morte de quatro soldados. No dia seguinte, o Exército lançou uma operação de retaliação em Cayara. Soldados invadiram a cidade, torturaram e executaram dezenas de moradores sob a alegação de que eram simpatizantes da organização. Além das execuções sumárias, houve desaparecimentos forçados e casos de violência sexual. Inicialmente, o presidente Alan García negou que as Forças Armadas tivessem realizado o massacre. Nos dias subsequentes, o episódio não foi amplamente abordado no material pertencente ao *clipping*, possivelmente devido à escassez de informações concretas e à predominância de especulações. No entanto, há uma reportagem que destacava a fragilidade da democracia naquele momento.

Essa reportagem se diferencia da abordagem usual dada às notícias sobre o PCP-SL. Em um tom sério e sem ironias, o texto inicia com uma pergunta provocativa: "¿[...]la única respuesta es oponer la fuerza a la fuerza?".²⁷² A partir dessa reflexão, a matéria propõe alternativas ao enfrentamento violento, respeitando a legislação e os direitos humanos. Para isso, foram consultados profissionais de diversas áreas, incluindo um juiz, um policial,

²⁷² LA MATANZA de los Evangelistas. *Op. cit.*

membros das Forças Armadas e advogados. Entre as propostas discutidas, destacou-se a criação de uma lei específica para tratar das infrações cometidas por integrantes do PCP-SL. Além disso, enfatizou-se a importância das rondas campesinas como organizações populares, defendendo que sua existência não deve ser prejudicada por exigências burocráticas excessivas, uma vez que colaboram com o trabalho policial ao conhecerem melhor a realidade local. De acordo com a revista, o objetivo do Estado deveria ser garantir a paz, a segurança e a proteção da ordem constitucional. O jurista Diego García Sayán, um dos especialistas entrevistados, reforça que os aparatos estatais não podem ser cúmplices da violência, pois um Estado democrático só vencerá o senderismo ao conquistar o respeito da população e ao desenvolver práticas legítimas.²⁷³ Poucas imagens compuseram essa matéria, é clara a influenciada dos acontecimentos de Cayara. Na época da publicação, as informações sobre o massacre já circulavam, o que motivou a ênfase na necessidade de o Estado rejeitar a violência como solução para o conflito.

Os leitores mais atentos, que acompanhavam o caso por outros meios de comunicação, sabiam que, em 23/05/1988, o Senado da República criou uma “Comisión Investigadora” para apurar minuciosamente as acusações que ganhavam força e acumulavam testemunhos ao longo dos dias. Em meio a esse crescente burburinho, foi publicada a edição 1021 da revista,²⁷⁴ com o título “Tumba que acusa”. As imagens já antecipavam ao leitor o tema abordado: a exumação de corpos encontrados na região de Cayara. Mais uma vez, *Caretas* destacava possuir fotos exclusivas. A vala foi aberta em 10/08/1988, na presença do juiz e do promotor. No local, foram encontrados os restos mortais de Jovita García Suárez e dois cadáveres não identificados, que passariam por investigação. A fotografia de página inteira mostrava duas pessoas diante de um cenário desolador: um cadáver estendido no chão, em uma área aberta, ao lado de um buraco escavado na terra. Mais uma vez, a revista reforçou a necessidade de preservar os ideais democráticos e a busca pela verdade:

La represión del terrorismo es deber del Estado, específicamente de las Fuerzas Armadas y éstas a veces se sienten presionadas entre el ataque criminal de Sendero y la crítica a ciertos métodos por parte de personas e instituciones. El apoyo ciudadano hacia ellas es indispensable. Pero la necesidad de que comprendan que el principio de legalidad y el respeto a los derechos humanos son esenciales en esta lucha, también lo es.²⁷⁵

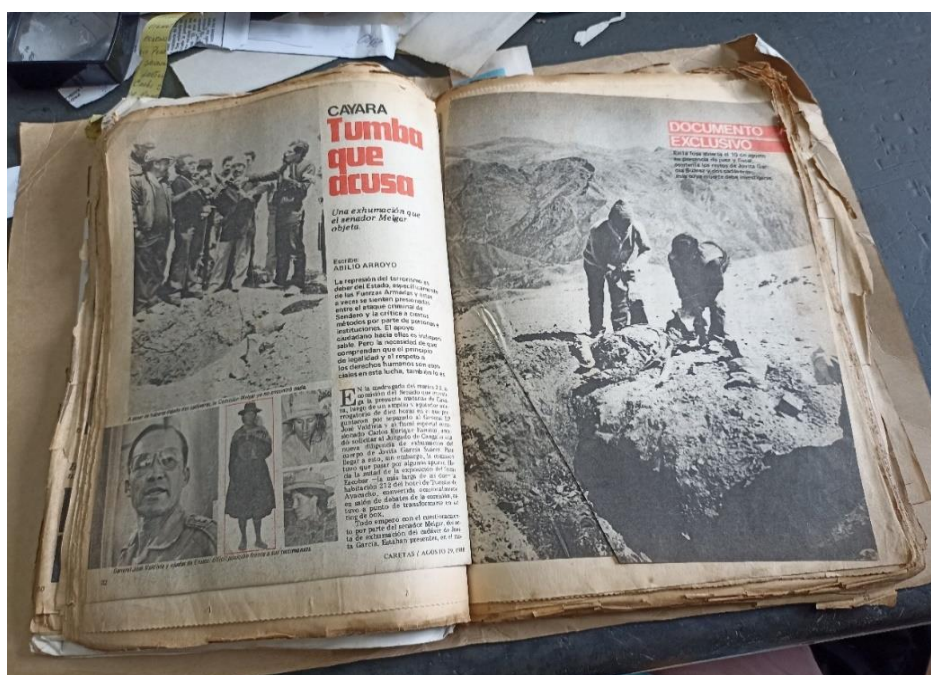
²⁷³ CAYARA: tumba que acusa. Lima, n. 1021, 29 ago. 1988. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1988.

²⁷⁴ *Ibidem*.

²⁷⁵ *Ibidem*.

A parte textual da matéria foi breve, mas essencial. A grande questão naquele momento era: o corpo encontrado na vala comum pertencia, de fato, a Jovita García Suárez? O Exército reconheceu que sim, mas deixou aberta uma alternativa conveniente: caso a identidade não fosse confirmada, a cova poderia ser atribuída ao PCP-SL. No entanto, para *Caretas*, essa versão soava pouco verossímil, já que a vala também continha os restos mortais de Alejandro Echeccaya Villagaray e Samuel García Palomino, ambos acusados de serem senderistas. Os relatos da população local foram contundentes. Testemunhas afirmaram que os três foram detidos por militares sob o comando do General José Valdivia Dueñas. Seu nome aparecia na reportagem de forma direta, e a *Caretas* afirmou que, diante das evidências, seria extremamente difícil comprovar sua inocência no caso.

Figura 41. Cemitérios clandestinos em Cayara.



Fonte: CAYARA: tumba que acusa. Lima, n. 1021, 29 ago. 1988. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1988.

O caso Cayara se prolongou por meses, uma pequena nota na seção *Mar de Fondo*, em 10/04/1989, trouxe uma notícia alarmante: o dossiê que reunia as investigações sobre os assassinatos ocorridos no ano anterior havia sido destruído em um incêndio durante o que foi descrito como "el atentado 'terrorista' del inmueble donde funcionaba la fiscalía de Cangallo".²⁷⁶ *Caretas* destacou as aspas na palavra *terrorista*, sinalizando as dúvidas sobre a

²⁷⁶ CAYARA, *Caretas*, *Mar de Fondo*, n. 1052, 10 abril 1989. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1989. (Ver anexo XXXVIII).

real origem do incêndio. A suspeita de que poderia não ter sido um simples ataque insurgente pairava no ar. Para piorar, a única cópia do relatório, arquivada no Ministério Público de Lima, também desapareceu, complicando ainda mais o andamento das investigações. Diante desse cenário, a revista foi incisiva: se ninguém guardou uma cópia do expediente, “*los muertos quedarán sin justicia y la población sin mucha fe*”. A frase ecoava um sentimento crescente de impunidade e descrença nas instituições, enquanto a verdade sobre Cayara se tornava cada vez mais distante.²⁷⁷

No mesmo ano, a edição n.º 1059 informava que a Comissão do Senado,²⁷⁸ responsável por investigar o caso, tornou público dois relatórios acerca do caso. O primeiro relatório dessa comissão, elaborado pelos senadores apristas Carlos Enrique Melgar, Esteban Ampuero, Ruperto Figueroa e Alfredo Santa Maria, concluiu que os militares não haviam cometido excessos na região e, além disso, acusou o prefeito do Conselho Provincial de Huamanga, Fermin Darío Azparrent, de fazer falsas denúncias e de obstruir o trabalho do Exército no combate ao PCP-SL. Entretanto, no segundo relatório, os senadores José Navarro Grau, Gustado Mohme e Javier Diez Canseco discordaram de seus pares e afirmaram haver indícios de que os militares estavam envolvidos em execuções extrajudiciais de moradores de Cayara, sob a alegação de que tinham ligações com o PCP-SL. Segundo seu relatório, essas detenções, seguidas de desaparecimentos, continuaram nos meses seguintes, em 19/05, 30/06 e 03/07, e resultou no assassinato de Fernandina Palomino, Justiniano Tinco e Antonio García Tipe em 14 de dezembro, além da morte de Jovita García Suárez. O documento também denunciou que os militares desenterraram os corpos das vítimas e os fizeram desaparecer para impedir que o promotor Escobar realizasse a exumação e avançasse com as investigações.²⁷⁹ Por ter sido publicada na seção *Mar de Fondo*, a matéria adotou um tom direto e descritivo. Após esse, não houve mais recortes no *clipping* acerca do caso, muito provavelmente, diante da dimensão das investigações, houve uma pasta somente para esse caso no acervo de *Caretas*.

A eleição de Alberto Fujimori gerou grandes expectativas entre a população peruana, especialmente no que dizia respeito ao fim da violência que assolava o país. Com o slogan “un peruano como tú”, sua campanha apostou na proximidade com o povo, apresentando-o como uma alternativa autêntica e distante da elite política tradicional. Diante de anos de instabilidade, muitos viam em Fujimori a esperança de restaurar a ordem e devolver a segurança às ruas. Seu

²⁷⁷ *Ibidem*.

²⁷⁸ CASO Cayara: Contradicciones. *Mar de Fondo*, n.º 1059, 29 maio 1989. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1989*. (Ver anexo XXXIX).

²⁷⁹ *Ibidem*.

discurso pragmático e promessas de mudanças concretas conquistaram eleitores que ansiavam por um governo capaz de enfrentar a crise. No entanto, o que veio depois mostrou que o caminho para a pacificação do país seria marcado por controvérsias e medidas extremas.²⁸⁰

Em novembro de 1990, na matéria “Caídos del Cielo”, a revista noticiou que pessoas acusadas de integrar o PCP-SL estavam sendo jogadas de helicópteros das forças de segurança na região de Pucallpa.²⁸¹ Não houve qualquer tentativa de ocultar essas execuções. Em plena luz do dia, no meio da selva, barqueiros testemunharam vultos caindo do céu e ouviram o impacto dos corpos contra a vegetação. Ao se aproximarem do local, encontraram um corpo humano com uma ferida de bala na cabeça e marcas evidentes de tortura. Continuando a busca, localizaram mais seis cadáveres, todos com sinais de execução. Como se não bastasse, também descobriram restos ósseos mais antigos, apresentando indícios semelhantes aos dos recém-assassinados. Diante do horror e do perigo de represálias, a decisão foi denunciar o caso ao padre de Pucallpa e ao arcebispo. Essa, no entanto, não foi a única denúncia: mais de trinta casos de desaparecimentos já haviam sido registrados. A revista *Caretas* criticou duramente a situação, ressaltando que a população desamparada dependia da Igreja para buscar justiça e dar continuidade às investigações. O semanário ainda complementou que só restava aguardar que o Ministério Público, o Poder Judiciário ou a Polícia tomassem medidas concretas para o caso – e que as soluções fossem mais eficazes do que as adotadas em Cayara.

²⁸⁰ Entre as medidas extremas, pode-se citar as medidas econômicas tomadas no seu primeiro ano de governo: “Uma vez no comando, Fujimori decretou estado de emergência em todo o país, e poucos dias depois, promulgou o conjunto de medidas conhecido como “fujichoque”, quando em flagrante contradição com seu discurso eleitoral, implementou um radical programa de corte neoliberal. Ao eliminar o controle de preços do setor privado e aumentar os preços da energia e de outros serviços públicos, o choque causou um aumento imediato dos preços estimado entre 300% e 1000%, incrementando em 70% o número de pobres em um dia. O objetivo fundamental era, em última análise, reconquistar a confiança do mercado financeiro e das instituições multilaterais, “reinserindo” o Peru nos circuitos financeiros internacionais.” SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. Perversão e trauma: impasses da política peruana contemporânea. *Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos*, nº62, 195-226, 2016.

²⁸¹ CAÍDOS del cielo, nº1135, 19 nov. 1990. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1990*.

Figura 42. Os assassinatos na região de Pucallpa.



As fotografias coloridas, uma das poucas dentro do material, constroem uma narrativa visual impactante: no canto superior esquerdo, um helicóptero simula a aeronave supostamente utilizada pelas Forças da Ordem para arremessar integrantes do PCP-SL. No canto superior direito, aparecem os restos mortais encontrados na selva. Na parte inferior direita, os barqueiros são retratados em uma pequena embarcação, simulando a busca pelos corpos. Por fim, no canto inferior esquerdo, o arcebispo de Pucallpa é mostrado como a principal autoridade responsável por receber as denúncias.

Fonte: CAÍDOS del cielo, nº1135, 19 nov. 1990. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1990.

O respeito aos direitos humanos era tema recorrente na cobertura de *Caretas*. Frequentemente, a publicação cobrava das autoridades um plano de ação mais inteligente, que respeitasse as regras constitucionais e a democracia. Quando tais medidas eram implementadas de maneira eficaz, a revista não hesitava em destacar os pontos positivos dessa abordagem. Na matéria “Secretos del Cuartel”,²⁸² a revista ressaltou a importância das investigações conduzidas pela Dirección Contra el Terrorismo (DIRCOTE), que levaram à prisão 31 pessoas e obtiveram vasta documentação sobre a organização terrorista. Esse material revelou a existência de um verdadeiro “santuário abimaelita”.²⁸³ Durante a operação, a polícia monitorou uma residência na região de San Borja, ocupada por seguidores do PCP-SL. A ação permitiu a identificação de Carlos Manuel Torres Mendonza e Elvira Zanabria Pacheco, ambos já detidos anteriormente sob acusações de participação na organização. Entre os frequentadores da casa, *Caretas* destacou a presença de um homem aparentemente inofensivo, que carregava

²⁸² SECRETOS del cuartel, nº1112, 12 jun. 1990. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1990.

²⁸³ *Idem*.

ferramentas de jardinagem. Após dias de vigilância, esse indivíduo desapareceu misteriosamente, o que levou os policiais a especularem sobre sua identidade e paradeiro, chegando a cogitar que ele poderia ser o próprio Abimael Guzmán. Embora Guzmán não tenha sido capturado nessa operação, a documentação apreendida teria revelado informações valiosas sobre a estrutura e a lógica da organização.

As investigações permitiram concluir que o sistema de comunicação do grupo operava em cadeia. Para se comunicar, o interessado procurava certa pessoa em local específico, que então fornecia novo endereço e um sinal. Esse processo se repetia sucessivamente até que a mensagem chegasse aos líderes da organização. Os arquivos apreendidos demonstraram que a estrutura organizacional incluía diversos documentos estratégicos, como autocríticas, cartas de sujeição (que exigiam lealdade total a Guzmán), registros de órgãos de apoio e listas de militantes disponíveis para atuar em situações emergenciais. Entre as informações levantadas pela DIRCOTE também estava a descoberta de medicamentos variados, como vitaminas, comprimidos para tratamento de fungos e ansiolíticos. Isso levou à dedução de que a pessoa que os utilizava estava passando por um momento crítico e de evidente tensão nervosa. O tom do texto dá a entender que o PCP-SL estava em momento de enfraquecimento, e que as forças de segurança aproveitavam essa situação.

O enfoque da matéria foi além do conteúdo textual e se estendeu para o impacto visual. Como já era característico da revista, a ênfase nas imagens se sobressaiu em relação ao texto. Em apenas sete páginas, foram publicadas 22 imagens, algumas ocupando páginas inteiras. Entre os elementos visuais destacados, uma imagem chama a atenção por reunir quadros, tapetes, malas de couro, retábulos e diversos outros objetos que fazem referência ao PCP-SL.

Figura 43. Imagens descobertas por operação da DIRCOTE.



À direita, a imagem em página inteira apresenta um quadro de destaque [realçado em amarelo pela autora]: Abimael Guzmán, em primeiro plano, veste um terno e assume postura de liderança. Abaixo dele, figuras armadas trajam vestimentas típicas dos povos originários do Peru. Ao fundo, uma mulher segura uma bandeira em uma mão e um fuzil na outra, remetendo claramente à icônica obra *A Liberdade Guiando o Povo* (1830), de Eugène Delacroix. É evidente a tentativa de transpor o ideal revolucionário europeu para o PCP-SL.
Fonte: SECRETOS del cuartel, nº1112, 12 jun. 1990. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1990.

Os serviços de inteligência do Estado continuaram dedicados a encontrar o líder senderista. A operação conduzida pelo Grupo Especial de Inteligência (GEIN), uma unidade da DICOTE, culminou na obtenção de informações valiosas sobre a organização após meses de vigilância e infiltração. No dia 31/01/1991, as descobertas feitas pelo GEIN revelaram detalhes significativos sobre a estrutura e funcionamento do grupo. Com base nesses dados, a revista *Caretas* publicou a matéria “Lazos Secretos”,²⁸⁴ trazendo à tona aspectos internos da organização. Algumas semanas depois, foi divulgada a reportagem “Secretos del Congreso”,²⁸⁵ destacando a importância da descoberta da ata do I Congresso do Sendero Luminoso. Esse documento revelou informações cruciais sobre a alta cúpula do PCP-SL, contendo registros de diversas sessões realizadas em diferentes residências de Lima entre 26/01/1988 e 29 /06/1989. Além do conteúdo escrito, a existência de uma fita cassete com as gravações das três sessões do congresso foi um dos achados mais significativos. Esse foi o primeiro e único congresso realizado na clandestinidade pelo Sendero Luminoso. A descoberta do material confirmou que

²⁸⁴ LAZOS secretos, nº1146, 11 fev. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991.

²⁸⁵ SECRETOS del Congreso, nº1148, 25 fev. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991. (Ver anexo XXXX).

Abimael Guzmán estava vivo e proporcionou uma imagem recente dele, fortalecendo as investigações conduzidas pelas autoridades.

As operações contra o PCP-SL não se limitaram a essa descoberta. A luta contra o grupo envolveu diversas investigações, prisões e operações de inteligência que forneceram grande volume de material para a DIRCOTE. O avanço das investigações possibilitou a captura de membros importantes da organização, debilitando sua estrutura e dificultando suas ações. A revista *Caretas* acompanhou de perto esses desdobramentos e aproveitou as oportunidades para divulgar matérias exclusivas sobre o tema. No dia 27/05/1991, a publicação da reportagem “Cartas que acusam” trouxe mais detalhes das investigações que estavam em andamento, revelando informações fundamentais sobre a estrutura interna do Sendero Luminoso e suas operações clandestinas.²⁸⁶ Nesse contexto, a DIRCOTE conseguiu capturar Magda Mateo e Elito Torrejón, figuras estratégicas dentro do grupo. Essas prisões representaram um golpe significativo contra a organização, contribuindo para o enfraquecimento de suas ações.

No entanto, os avanços obtidos por meio de estratégias legais e operações de inteligência não foram suficientes para evitar que execuções extrajudiciais continuassem. A repressão ao Sendero Luminoso envolveu não apenas a desarticulação de sua liderança, mas também ações violentas por parte do Estado, muitas vezes ignorando os limites legais.²⁸⁷ Diante dessas mudanças nas estratégias do Estado, *Caretas* manteve uma postura ambígua, oscilando entre o apoio às operações bem-sucedidas da inteligência e a denúncia de abusos cometidos no combate ao PCP-SL. Enquanto a revista se destacava por suas investigações detalhadas sobre as ações da organização, também se tornava um espaço de debate sobre os excessos cometidos pelo governo. A abordagem da publicação refletia um dilema vivido pela sociedade peruana à época: a necessidade de conter a violência insurgente sem, contudo, legitimar a repressão indiscriminada promovida pelo Estado.

Assim, a cobertura da revista não apenas documentava e incentivava o desmantelamento da estrutura do PCP-SL, mas também expunha as contradições do conflito. Um dos casos emblemáticos abordados foi “La Matanza de los Barrios Altos”,²⁸⁸ que denunciava a morte de

²⁸⁶ CARTAS que acusam, nº1161, 27 maio 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991. (Ver anexo XXXXI).

²⁸⁷ Com a criação do Grupo Colina, as operações militares e o avanço das leis antiterrorismo, consolidou-se a participação de efetivos do exército peruano e de agentes vinculados a esse grupo paramilitar. O Grupo Colina, ligado diretamente ao Serviço de Inteligência Nacional, tinha como função identificar, controlar e eliminar, por meio de ações sistemáticas de execuções extrajudiciais, assassinatos coletivos, desaparecimentos forçados e torturas, as pessoas suspeitas de pertencer a grupos insurgentes ou de se opor ao regime do presidente Alberto Fujimori.

²⁸⁸ LA MATANZA de los Barrios Altos, nº 1185, 11 nov. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991.

15 pessoas durante uma *pollada*.²⁸⁹ O caso ainda estava recente e muitos detalhes sobre o ocorrido eram incertos. No entanto, seguiam-se alguns testemunhos, mantidos sob anonimato pela matéria, que indicavam que um grupo de indivíduos trajando coturnos e com cortes de cabelo tipicamente militares invadiu a reunião nos Barrios Altos, um bairro localizado em Lima. Os relatos eram escassos, mas sugeriam um ataque coordenado.

A própria revista destacou a relevância cultural e econômica das *polladas*, que se tornaram comuns nas zonas periféricas como alternativa para enfrentar a crise econômica que assolava a população. A *pollada* em questão teria sido organizada com o objetivo de arrecadar fundos para a melhoria do sistema de abastecimento de água do edifício, que era compartilhado por 26 famílias. Contudo, *Caretas* também ressaltou que esses eventos eram frequentemente utilizados pelo PCP-SL como meio de arrecadação de fundos para seus organismos de fachada, levantando a hipótese de que a reunião poderia ter alguma ligação com a organização. Ademais, as fontes policiais revelaram que seis exemplares da publicação clandestina do PCP-SL, o jornal *El Diario*, foram encontrados no local.

A revista destacou que, embora houvesse indícios da presença de simpatizantes senderistas na *pollada*, isso não justificava os assassinatos em um regime democrático. Para ilustrar a matéria, a publicação trouxe a imagem de Juan León Borjas, estudante de economia da Universidade de San Marcos, que possuía antecedentes de envolvimento com o grupo. Outra imagem de destaque na notícia apresentava diversos corpos seminus espalhados em uma sala, sendo analisados por três peritos forenses. Alguns dos corpos exibiam tarjas pretas para ocultar as partes íntimas das vítimas. Ao virar a página, o leitor se deparava com uma ilustração em preto e rosa representando a invasão que ocorreu na noite de 03/11. Como havia poucos relatos de vizinhos sobre o evento, a revista especulou que o grupo invasor poderia ter utilizado silenciadores para abafar os disparos.

Com um texto detalhado e investigativo, *Caretas* levantou pontos que poderiam incriminar tanto os militares quanto os senderistas. Um sobrevivente relatou que um dos agressores gritou "¡Todos los perros al suelo!" durante a invasão.²⁹⁰ A expressão *perros* era utilizada tanto por militares, referindo-se a cadetes recém-ingressados, quanto por senderistas, como forma de insulto a seus inimigos.

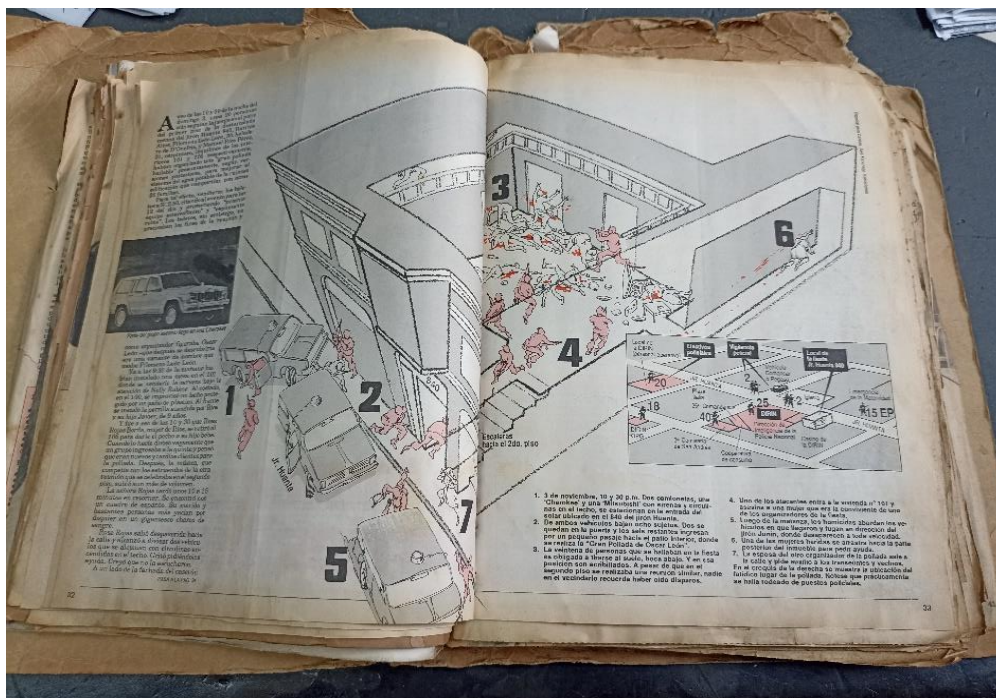
O levantamento de informações da revista apontava para a possibilidade de que pelo menos metade dos participantes da *pollada* tivesse simpatia pelo PCP-SL, mas nenhum deles

²⁸⁹ *Pollada* é um evento social onde se vende frango (pollo) assado ou frito para arrecadar fundos. O evento costuma envolver música, bebidas e uma atmosfera festiva.

²⁹⁰ LA MATANZA de los Barrios Altos, *Op. cit.*

ocupava posição de liderança dentro da organização. Diante disso, *Caretas* postulou uma pergunta crucial: "¿Quién lo hizo y por qué?". Muitas especulações emergiram a respeito do massacre, mas uma questão se destacava: o ataque aconteceu no dia seguinte à partida da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), órgão da OEA que tinha o poder de denunciar o Peru em fóruns internacionais.²⁹¹ Isso levantava a hipótese de que o massacre poderia ter sido uma afronta direta às resoluções da comissão, que já havia decidido denunciar o governo de Alan García à Corte Interamericana de Direitos Humanos por outras duas atrocidades: o massacre de El Frontón e o de Cayara.

Figura 44. Representação gráfica do que teria ocorrido no massacre de Barrios Altos.



O esquema visual da revista consistia em trazer detalhado para o leitor a cena do confronto. Em rosa estava o grupo que invadiu a *pollada*. Os números indicam diferentes pontos do evento descrito, a legenda à direita traz mais detalhes. O esquema menor no canto inferior direito fornece o mapa região, demonstrando como é próxima de três postos policiais.

Fonte: LA MATANZA de los Barrios Altos, nº 1185, 11 nov. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1991*.

A revista se esforçou para manter o tom imparcial, evitando apontar diretamente as Forças Armadas ou o PCP-SL como mandantes do massacre. Essa abordagem possivelmente refletia a dificuldade em distinguir de onde partia a violência e quais eram as verdadeiras

²⁹¹ Para mais detalhes, ver: RAMANZINI, Isabela Gerbelli Garbin. Impactos da Justiça Transicional Sul-Americana no Sistema Interamericano de Direitos Humanos. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, núm. 103, pp. 261-284, 2018.

motivações por trás do ataque. Em um contexto tão polarizado, *Caretas* se viu diante do desafio de reportar os fatos sem assumir uma posição definitiva, deixando a pergunta no ar: quem foram os verdadeiros responsáveis por La Matanza de los Barrios Altos?

Cabe destacar que outro caso envolvendo ações dos militares ganhou notoriedade pouco tempo depois: o Massacre de La Cantuta. Esse episódio ocorreu na madrugada de 18/07/1992 e envolveu a detenção ilegal, o desaparecimento forçado e a execução extrajudicial de um grupo de estudantes e de um professor da Universidade Nacional de Educação Enrique Guzmán y Valle, conhecida como La Cantuta, em Lima. Embora não haja registros jornalísticos imediatos no *clipping* sobre o ocorrido, diversas reportagens posteriores abordaram o caso, trazendo à tona detalhes sobre a operação militar e suas implicações.

Na cidade, a escalada de atentados intensificou a repulsa ao Sendero Luminoso, inclusive entre setores da esquerda. A resposta mais significativa das autoridades veio em 12/09/1992, quando a DIRCOTE realizou sua operação mais importante e conseguiu capturar Abimael Guzmán em Lima. No entanto, mesmo após sua prisão, cemitérios clandestinos continuaram a ser descobertos na região, evidenciando a brutalidade do conflito. Em 15/07/1993, a revista publicou uma matéria intitulada “Las llaves del horror”,²⁹² relatando a descoberta de restos humanos em Cieneguilla. O nome da reportagem faz referência ao fato de que apenas chaves foram encontradas, já que os corpos haviam sido cremados. A publicação questionou a versão oficial das autoridades, que alegaram que o Sendero Luminoso teria plantado os restos humanos para desacreditar as Forças Armadas. Para a revista, essa narrativa parecia tão improvável quanto a alegação de que os estudantes de La Cantuta haviam forjado o próprio sequestro por terroristas disfarçados de militares. Curiosamente, essa matéria não consta no material do *clipping*, o que levanta questionamentos. Várias hipóteses podem ser consideradas para sua ausência: um erro do funcionário ao anexar os documentos, páginas que se desprenderam do material ou, ainda, o fato de não ter sido incluída nos critérios de seleção, podendo ter sido arquivada em outra pasta.

A revista *Caretas* denunciou os abusos cometidos na região de Huallaga,²⁹³ uma matéria que, ao contrário da anterior, apareceu no material do *clipping*. A reportagem, que chegou a ser capa da edição, revelou a descoberta de corpos em diferentes estágios de decomposição por moradores locais. A denúncia foi ainda mais incisiva porque, em 1994, os abusos das Forças Armadas já não eram apenas suposições, mas fatos amplamente documentados. A matéria,

²⁹² LAS LLAVES del horror. *Caretas*. nº1270, 15 jul. 1993.

²⁹³ VALENZUELA, Cecilia. Batalla en Huallaga, nº 1308, 21 abril 1994. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1994-1995*. (Ver anexo XXXXII).

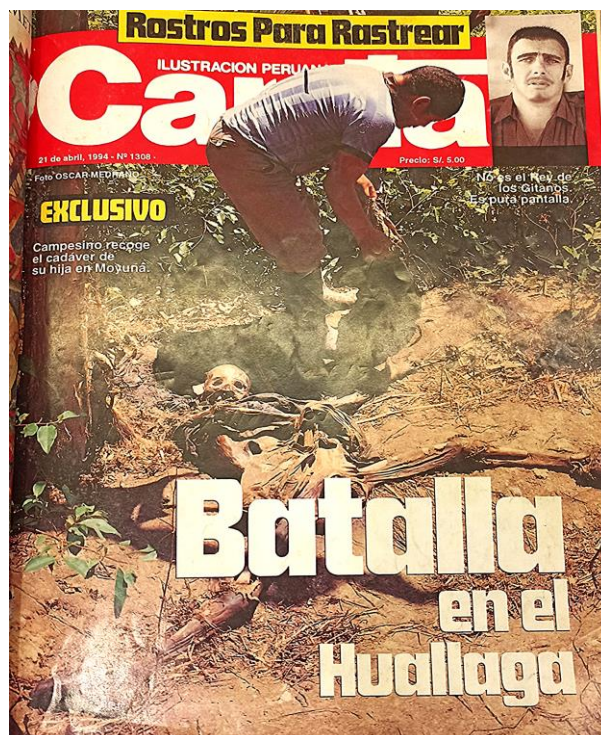
publicada em 21/04/1994, confrontou a versão oficial do Exército, que alegava que as mortes eram resultado de grandes enfrentamentos com o PCP-SL. No entanto, testemunhas afirmavam que os assassinatos foram deliberadamente direcionados contra civis.

Diante das inúmeras denúncias de ilegalidades, diversos meios de comunicação enviaram jornalistas à região para confirmar os relatos. Entre eles estavam Cecilia Valenzuela e Oscar Medrano, da *Caretas*; Josefina Townsend, da ATV e CNN; Gilberto Hume e Toberto Villanueva, da Univision. Além disso, a comitiva contou com a presença dos congressistas Róger Cáceres, Ernesto de la Jara, Pablo Rojas e Roger Niego, bem como de Ivonne Cáceres, representante da Coordenação de Direitos Humanos. Acompanhados por camponeses locais, eles testemunharam a dor dos familiares das vítimas. Segundo a reportagem, um dos moradores encontrou os restos mortais de sua filha de 17 anos e tentou guardá-los em sua bolsa. Restava muito pouco dela – apenas uma calça e uma blusa do Mickey Mouse – e nada mais podia ser feito além de chorar. É evidente que *Caretas* se posicionou contra a versão oficial do Exército e deu espaço para que as vítimas relatassem, em detalhes, a violência que enfrentavam na região. A revista revelou que, em apenas uma manhã no povoado de Anda, foram registrados os nomes de 17 desaparecidos e seis mortos, evidenciando a brutalidade do conflito e a necessidade de responsabilização.

Duas edições depois, *Caretas* trouxe mais detalhes sobre a violência na região e apresentou novas imagens de cadáveres, continuando a cobrir o tema com o objetivo claro de aprofundar a discussão.²⁹⁴ No final da matéria, a revista revelou um episódio ocorrido no programa televisivo *Diálogo*, apresentado por Luis Iberico, que havia mostrado diante das câmeras uma cópia da *Caretas* nº 1308 e questionado a veracidade da fotografia que ilustrava a capa da edição. Para isso, Iberico chamou o especialista Hernán Montes, que alegou que a imagem era uma montagem, apontando que os ossos indicavam uma morte ocorrida cerca de três anos antes, o que invalidaria a versão da revista, que afirmava que o assassinato teria ocorrido apenas dez dias antes.

²⁹⁴ *Ibidem*.

Figura 45. Capa da edição n. 1309.



Fonte: BATALLA em Huallaga, *Caretas*, nº 1308, 21 abril 1994.

Em resposta a essa acusação, *Caretas* não hesitou em investigar e rebater a difamação. A revista afirmou: “El lunes CARETAS buscó al doctor Montes Mendieta. Sus declaraciones habían intentado desvirtuar el trabajo de cinco periodistas que desarmados y sin escolta privada, habían constatado verdades imágenes de guerra en un área particularmente convulsionada del país”.²⁹⁵ A revista, então, partiu para desqualificar Montes, chamando-o de “Patólogo Patético” e revelando que ele havia sido expulso da corporação policial. Além disso, o próprio Montes teria admitido que deu sua opinião na televisão sem ter lido a matéria completa. Para reforçar sua versão, *Caretas* convocou os doutores Maria Cristina Castillo, Guido Lombardi Almonacín e Uriel García, que apoiaram a veracidade das imagens e a análise feita pelos jornalistas. Esse episódio evidenciou a importância da credibilidade para *Caretas*, que estava disposta a defender seu trabalho e confrontar aqueles que afirmassem que o semanário não possuía responsabilidade jornalística.

Os crimes cometidos em contextos de violência política exigem um cuidado especial para garantir a segurança de todos os envolvidos, bem como assegurar que o julgamento siga os princípios legais. Os tribunais responsáveis por julgar acusados de crimes graves necessitam implementar medidas que garantam um processo imparcial, ao mesmo tempo em que protejam

²⁹⁵ *Ibidem*.

a integridade dos profissionais do sistema judiciário. A questão da anistia, frequentemente aplicada em períodos de transição política, levanta discussões sobre como equilibrar a pacificação social com a necessidade de verdade e justiça. O desafio é encontrar soluções que respeitem os direitos humanos, promovam a reconciliação e, ao mesmo tempo, assegurem a responsabilização pelos crimes cometidos. No contexto peruano, havia ainda o agravante de que as medidas para garantir a reconciliação após a captura do líder senderista foram formuladas pelo governo de Fujimori, que não respeitava os princípios democráticos.

A primeira iniciativa para garantir a segurança do poder judiciário durante os julgamentos foi a criação dos chamados *juízes sem rosto*, um sistema no qual o réu não tinha a capacidade de identificar os promotores, juízes e demais funcionários envolvidos no processo. Essa medida visava proteger a identidade dos profissionais, evitando que fossem alvo de represálias ou intimidações, garantindo, assim, a integridade dos operadores do direito e a continuidade dos julgamentos em um ambiente seguro.

Não demorou para que o semanário *Caretas* expusesse as falhas desse sistema em uma matéria intitulada "La farsa de los Jueces Sin Rostro".²⁹⁶ A publicação criticou duramente o modelo, argumentando que, embora concebido como uma solução de segurança, ele não garantia a real proteção dos funcionários do judiciário. Para sustentar essa afirmação, a revista apresentou uma imagem do magistrado José Neyra, do 10º Juizado Especializado em Terrorismo, aguardando transporte público na movimentada rua de San Borja. A cena evidenciava a vulnerabilidade dos juízes, que, mesmo sob a proteção do anonimato no tribunal, continuavam expostos a riscos no cotidiano. Curiosamente, apesar de ressaltar a importância do sigilo para a segurança dos magistrados, a própria revista publicou a foto de Neyra com o rosto visível e em corpo inteiro.

A revista explicou que a prática dos "juízes sem rosto" havia sido implantada por um curto período na Itália e, também, era utilizada na Colômbia, mas apresentava diversos inconvenientes. Para o semanário, o anonimato, longe de garantir proteção absoluta, não impedia que os magistrados fossem identificados e alvos de represálias. De acordo com a matéria, vários atentados contra a vida desses juízes já haviam sido registrados.

Como a medida ainda era recente, *Caretas* destacou os desafios que poderiam surgir com sua implementação. Não estava claro se os juízes anônimos seriam designados para casos específicos ou se permaneceriam nessa função por um período determinado. Se cada magistrado atuasse em apenas um julgamento, o Estado dificilmente conseguiria formar especialistas nesse

²⁹⁶ LA FARSA de los jueces sin rostro, n°1216, 22 jun. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

tipo de crime, tornando o sistema ineficaz. Por outro lado, se um juiz permanecesse entre três e cinco anos no cargo, manter seu anonimato por tanto tempo seria um grande desafio. Assim, a revista alertava para a necessidade de um equilíbrio entre segurança e especialização, garantindo que os responsáveis pelos julgamentos tivessem qualificação adequada sem comprometer sua integridade.

Figura 46. O funcionamento das salas secretas.



Fonte: LA FARSA de los jueces sin rostro, nº1216, 22 jun. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1992.

A matéria ainda apresentou um diagrama que ilustrava o funcionamento da sala secreta, onde os juízes permanecem atrás de vidros polarizados e blindados. Eles conseguem ver os réus, mas os réus não conseguem enxergar nada além da estrutura opaca. A comunicação ocorria por meio de microfones com distorção de voz. O esquema rigoroso de proteção ainda restringia a circulação dos funcionários, com saídas exclusivas para os juízes, localizada no lado oposto ao trajeto percorrido pelos réus a caminho de suas celas.

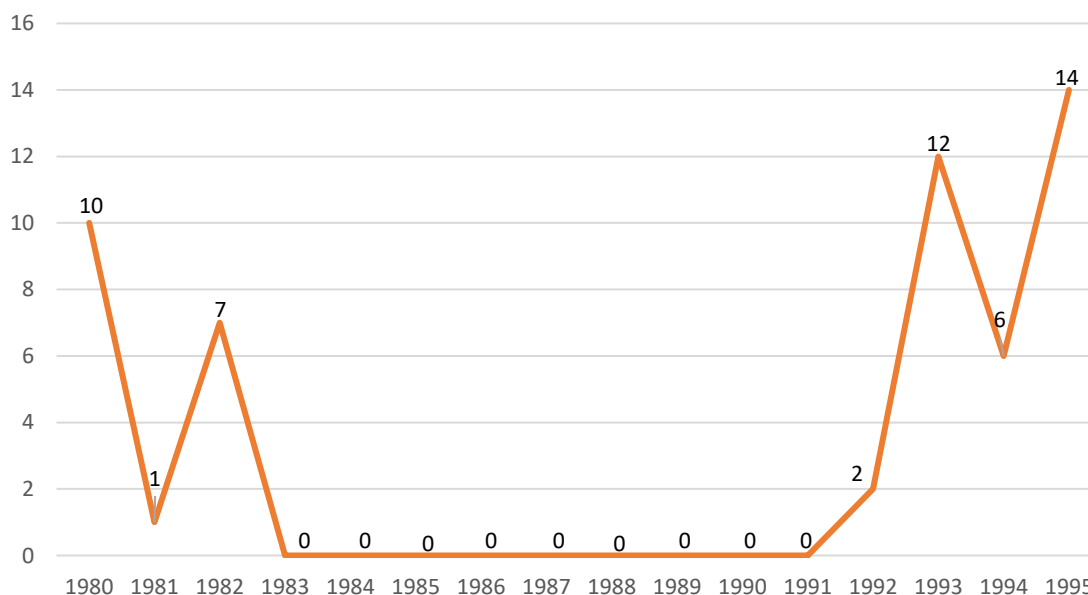
Na parte inferior da página, uma fotografia de Osman Morote ameaçando juízes durante uma audiência. Segundo a *Caretas*, com a implementação do novo sistema, situações como essa não se repetiriam, pois os réus não teriam contato visual ou direto com os magistrados, reduzindo os riscos de intimidação.

4.2 As denúncias da seção *Cartas* nas pastas sobre o PCP-SL

Apesar de aparecer muito pouco no material, a seção *Cartas* se tornou um espaço de grande impacto na interação entre leitores e a publicação. A partir de 1993, as grandes reportagens acerca do PCP-SL diminuíram consideravelmente. Esse movimento era esperado diante da prisão de Guzmán, que resultou na desestruturação da cúpula senderista e na consequente redução da atividade do grupo

É digno de nota que esse espaço pode representar um campo de desafios editoriais, uma vez que apresenta diversos problemas inerentes a qualquer meio impresso. Entre eles, destacam-se a falta de verificação dos dados, a subjetividade dos remetentes, a seleção editorial da revista sobre o que deve ou não ser publicado e a possibilidade de manipulação das informações, inclusive pela própria publicação. No caso das pastas com a temática Terrorismo, há algumas cartas publicadas nesta seção que foram selecionadas para compor o material. Dentro da amplitude dos 1053 fragmentos, os 52 recortes podem passar despercebidos, entretanto, o conteúdo, principalmente a partir de 1992, revela um espaço importante para o debate do tema. Todas possuem nome completo do remetente e documento de identificação, em um claro intuito de reforçar a legitimidade dos relatos, demonstrando que as cartas vinham de pessoas reais.

Gráfico 2. Quantidade de recortes da seção *Cartas* por ano.



Fonte: Acervo *Caretas*. Dados organizados pela autora.

Antes de deter a análise para o período pós-captura do líder senderista, cabe explicar a quantidade de *Cartas* no início; entre 1980 e 1982, o tema era muito recente e suscitava

opiniões, logo, era normal a revista publicar opiniões de leitores acerca do tema e o material foi armazenado nas pastas com o intuito de ser um registro da opinião pública. Neste primeiro momento, ficou em aberto até se deveriam classificar o PCP-SL como um grupo terrorista. Exemplar é a primeira carta que aparece no material,²⁹⁷ o texto apresentava uma reflexão sobre a relação entre violência, revolução e terrorismo, tomando como referência Karl Marx e afirmando que a violência tem um papel específico na transformação social, sendo utilizada em momentos históricos para derrubar um sistema antigo e instaurar um novo. Esse argumento se encaixava no pensamento marxista clássico, que vê a luta de classes como motor da história e, em alguns casos, considera a revolução violenta como necessária para mudanças estruturais. Ademais, o autor faz uma separação importante entre os conceitos de violência e terrorismo. Sugeriu que nem toda violência é terrorista, citando anarquistas e nihilistas como exemplos de grupos que empregaram violência sem necessariamente praticar terrorismo. Essa distinção é fundamental porque o terrorismo geralmente tem um objetivo específico de causar medo e desestabilizar governos ou sociedades, enquanto a violência pode ter diferentes motivações e formas de manifestação.

Como o espaço estava em debate, a revista também deu abertura para aqueles que apoiavam o uso da palavra terrorismo, a carta do dia 08/06/1981²⁹⁸ buscou reforçar a ideia de que qualquer violência contra a democracia deve ser condenada, mencionou assassinatos cometidos por anarquistas influenciados por Mikhail Bakunin, que defendia a "propaganda pela ação", ou seja, o uso da violência como forma de inspirar revoluções, citou os casos de Sadi Carnot, Isabel da Áustria, Humberto I e McKinley como exemplos notórios de atentados anarquistas da época. O trecho final ainda convocava aqueles que se consideram de esquerda a abandonar ambiguidades e a condenar qualquer ato de violência contra a democracia. Essa afirmação sugere que o autor percebe uma relutância ou contradição na postura de setores da esquerda ao tratar de violência política. É claro que essa carta se posicionou contra a violência política e rotulou os atentados anarquistas como terrorismo.

Nestes dois casos, há uma clara demonstração do nível intelectual das cartas, evidenciando como o tema foi debatido e a profundidade de suas reflexões. Isso indica uma provável interação qualificada com os assuntos abordados, sugerindo que essas cartas vão além de meras opiniões superficiais. Ambas possuíam argumentos bem estruturados, referências

²⁹⁷ TERRORISTICOS, *Cartas*, nº651, 8 jun. 1981. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1980-1981. (Ver anexo XXXXIII).

²⁹⁸ DESFACER entuertos, *Cartas*, nº 672, 9 nov. 1981. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1980-1981. (Ver anexo XXXXIV).

históricas e políticas, além de um esforço analítico por parte dos remetentes. O cenário mudou entre 1983 e 1991, visto que surgiram novas investigações, outros casos a serem publicados e episódios marcantes, os quais acabaram ofuscando o tema original dentro da seção de cartas. Nesse contexto, é importante observar que a seção não foi excluída como um espaço de debate sobre o PCP-SL, apenas que, com o tempo, a relevância de se guardar no acervo essa discussão foi diminuindo, ou seja, o enfoque se deslocou, refletindo mudanças nas prioridades de armazenamento do *clipping*.

A partir de 1992, as cartas na seção passaram à função de denúncia, especialmente no que diz respeito às prisões arbitrárias realizadas pelo governo de Alberto Fujimori. Esse período foi marcado por um autoritarismo crescente e o governo utilizava medidas extremas para combater opositores e movimentos sociais, muitas vezes recorria a prisões ilegais e abusos de poder. As cartas transmitiam a sensação de um descontentamento generalizado com as violações dos direitos humanos e as ações repressivas do governo. Elas não se limitavam a descrever os abusos, mas muitas vezes desafiavam publicamente as políticas de Fujimori, questionando a legalidade das ações e fazendo um apelo por justiça. Esse tipo de carta demonstrava um engajamento político mais forte, com uma postura de resistência à repressão. Além disso, as cartas funcionavam como um instrumento de visibilidade para as vítimas das prisões arbitrárias, que frequentemente ficavam marginalizadas nas narrativas oficiais.

O primeiro fragmento de 1992 foi sobre uma suposta lista que circulava com nomes de integrantes do PCP-SL.²⁹⁹ De acordo com os dados, a carta foi enviada por Samuel Guia, cujo documento de identificação também foi exposto. Samuel, peruano residente em San Francisco, EUA, afirmou ter sido falsamente acusado de atuar como embaixador do movimento PCP-SL. Ele esclareceu que não havia qualquer vínculo entre seu trabalho como jornalista na comunidade latino-americana dos Estados Unidos e a suposta atuação no comitê de apoio à revolução peruana. Considerou a campanha difamatória promovida pelo governo peruano ilegal, ressaltando que ela colocava em risco tanto sua reputação profissional quanto a segurança de sua família em Lima, que poderia sofrer ataques devido à visibilidade gerada pelo governo.

Em 1993, outra carta denunciava um erro de acusação por parte do governo.³⁰⁰ O documento teria sido enviado por Gladys Benavides de Cantoral, cujo número de identificação

²⁹⁹ LA FAMOSA lista, *Cartas*, nº 1230, 01 out. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992. (Ver anexo XXXXV).

³⁰⁰ LOS MELLIZOS cantoral, *Cartas*, nº 1264, 03 jun. 1993. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1993. (Ver anexo XXXXVI).

também constava na publicação. Gladys era mãe dos gêmeos Luis Alberto e Luis Fernando, estudantes universitários de 20 anos, presos em 06/02/1993 sob acusação de terrorismo. Após serem detidos pela Dirección Nacional Contra el Terrorismo (Dincote), os irmãos foram transferidos para o Fuero Privativo de la Marina, onde foram formalmente acusados pelo promotor. Segundo a carta, o processo foi baseado unicamente em um atestado policial e apresentou diversas violações às normas processuais, comprometendo o direito de defesa dos jovens. Estavam detidos na Carceleta do Palácio da Justiça e na madrugada de 07/05 eles foram agredidos e posteriormente transferidos para a prisão de Cachiche, em Ica. A carta era um apelo por ajuda, suplicava o fim das torturas, o respeito à vida de seus filhos e ressaltava a importância de uma investigação conduzida com justiça. A revista complementou as informações da carta, relatando que o caso dos gêmeos foi denunciado pela Coordenação Nacional de Direitos Humanos como um dos episódios que levantavam dúvidas. Para corrigir os erros dos julgamentos sumários, a coordenação enviou ao Comitê de Direitos Humanos uma série de propostas para garantir o direito de defesa dos acusados perante o Ministério Público.

Casos duvidosos envolvendo acusados de crimes continuavam recorrentes, e muitos deles recorriam à revista como forma de ter voz e buscar justiça. Um desses casos foi publicado em 17/06/1993, em que o remetente escreveu diretamente da prisão para divulgar sua situação.³⁰¹ O autor da carta foi identificado como Álvaro W. Villavicencio Whittembury, doutor em Educação. Ele relatou estar preso desde 12/12/1992, sob acusação de terrorismo – um crime que afirmou jamais ter cometido. Declarou considerar o terrorismo um método absurdo e contraditório, argumentando que nenhuma nova sociedade poderia se erguer a partir de ações fundamentadas na morte e na destruição sistemática dos bens das pessoas. O caso de Villavicencio se tornava ainda mais urgente porque seu julgamento estava próximo. Ciente dos riscos que corria, ele apelou para a opinião pública, declarando: “es, pues, de urgência y necesidad que la opinión pública haga causa del caso, lo conozca más y exija justicia por los riesgos que significan para la sociedad que una persona inocente pueda ser condenada”.³⁰²

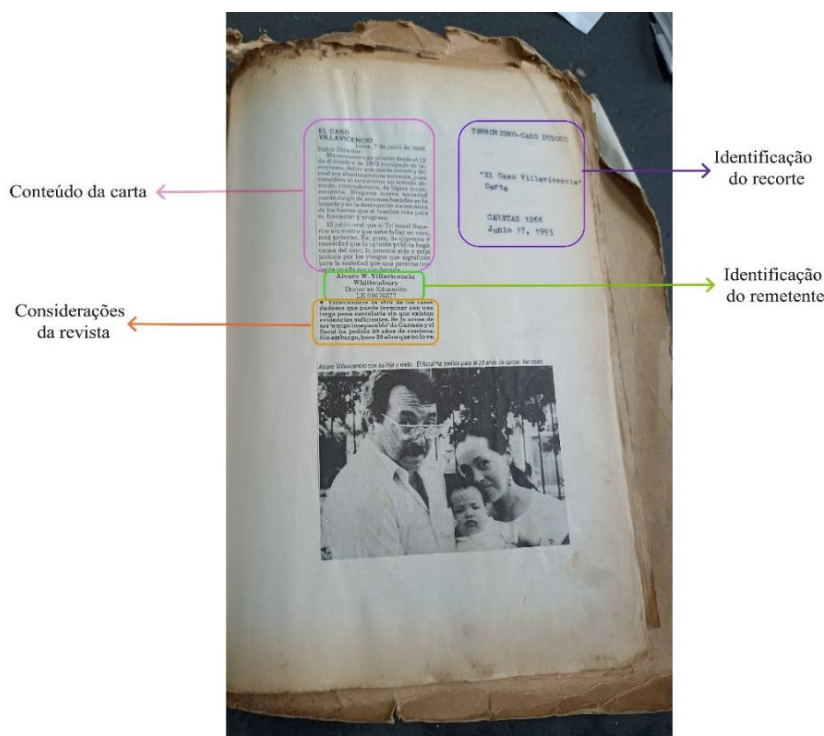
O espaço concedido pela revista *Caretas* foi de grande importância para dar visibilidade a casos controversos e permitir que os acusados pudessem se manifestar publicamente em sua defesa. Para Villavicencio, esse canal de comunicação representava uma oportunidade crucial para tornar seu caso conhecido e, potencialmente, influenciar positivamente o desfecho de seu

³⁰¹ EL CASO Villavicencio, *Cartas*, nº 1266, 17 jun. 1993. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1993.

³⁰² *Ibidem*.

juízo. Ao compartilhar sua versão dos fatos, ele buscava sensibilizar a opinião pública e denunciar as irregularidades em sua acusação.

Figura 47. Exemplo de carta publicada pela revista.



Normalmente, todos os fragmentos da seção Cartas seguem um padrão na pasta: primeiro, o conteúdo da carta; em seguida, a identificação do remetente (nome e número de documento); e, por fim, em negrito, informações adicionais da revista ou a resposta para o caso.

Fonte: EL CASO Villavicencio, *Cartas*, nº 1266, 17 jun. 1993. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1993.

O comentário editorial da revista adotou uma posição favorável ao doutor em Educação, destacando que o caso dele se enquadrava em um padrão recorrente de processos judiciais frágeis, nos quais indivíduos poderiam enfrentar longas penas de prisão sem a devida apresentação de provas concretas. A revista também ressaltou a natureza questionável da acusação, que se baseava, em parte, na alegação de que Villavicencio seria um amigo inseparável de Abimael Guzmán. No entanto, foi enfatizado que Villavicencio se encontrava com Guzmán há 28 anos, logo, a pena de 20 anos de reclusão solicitada pelo promotor não tinha fundamento. Além do conteúdo da carta, a revista *Caretas* reforçou a estratégia de humanização do caso ao incluir uma fotografia de Villavicencio ao lado de sua filha e neto. A imagem parecia ter o objetivo claro de despertar empatia nos leitores, apresentando-o não apenas como um acusado, mas como um homem com laços familiares, cujos entes queridos também sofriam as consequências de sua prisão. Esse tipo de exposição midiática era uma tentativa de contestar a narrativa oficial e evidenciar as falhas do sistema judicial peruano em meio ao contexto.

Diante da crescente quantidade de casos de detenções arbitrárias, é plausível supor que inúmeros relatos tenham chegado às mesas da redação da *Caretas*. Esse cenário ficou ainda mais evidente na edição nº1272 da revista,³⁰³ que trouxe uma matéria denunciando a morosidade e as injustiças do sistema judicial. Segundo a reportagem, cerca de 200 processos estavam paralisados, deixando os acusados à espera do julgamento por mais de um ano. Muitos desses detentos viam suas vidas serem profundamente impactadas nesse período, perdendo momentos fundamentais ao lado de suas famílias. Um exemplo emblemático foi o de Raúl Vallejo Santillán, que permaneceu preso por tanto tempo que acabou perdendo o nascimento de sua filha.

A repercussão da matéria foi imediata. Na edição seguinte, a seção de cartas publicou um agradecimento assinado por Nelly F. de Gutiérrez,³⁰⁴ mãe de uma das vítimas desse sistema. Nelly agradecia à revista por dar visibilidade ao caso de sua filha, Martha Gutiérrez, presa há mais de um ano sem ter sido julgada e sem que houvesse qualquer prova concreta contra ela. Além disso, o marido de Martha encontrava-se na mesma situação, enfrentando uma prisão preventiva que parecia não ter fim. Em sua carta, Nelly revelou que, inicialmente, não havia recorrido à imprensa porque acreditava que a justiça seria feita e que, diante da ausência de provas, sua filha logo seria libertada. No entanto, o tempo passou e a liberdade nunca veio, demonstrando que a lógica do sistema penal da época não seguia princípios de equidade e devido processo legal. Diante desse cenário, a mãe fez um apelo direto ao Poder Judiciário, pedindo clareza nos processos dos jovens detidos injustamente, para que pudessem, enfim, retomar suas vidas. *Caretas* destacou que a jovem, que era atriz, havia sido acusada de integrar o Movimiento de Artistas Populares, supostamente uma organização de fachada do PCP-SL. Martha negava qualquer envolvimento e, em novembro de 1992, um promotor especial para casos de terrorismo afirmou que não havia provas contra ela. No entanto, mesmo diante dessa constatação, outro promotor insistiu na acusação e solicitou uma pena de 12 anos de prisão.

Para Luis Alberto, Luis Fernando, Villavicencio, Martha Gutiérrez e tantos outros que se viam injustamente acusados, esse espaço na imprensa representava uma das poucas oportunidades de serem ouvidos e de reivindicar justiça. Em um contexto que muitos enfrentavam longos períodos de prisão sem julgamento ou provas concretas, a visibilidade proporcionada pela mídia podia significar a diferença entre o esquecimento e a possibilidade de um julgamento justo.

³⁰³ LIBERTAD a plazos, nº1272, 05 ago. 1993. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1993.

³⁰⁴ JUSTICIA marmota, *Cartas*, nº1273, 12 ago. 1993. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1993. (Ver anexo XXXXVII).

Caretas registrou casos em que a pressão pública teve um impacto positivo. Na edição nº1295, por exemplo, a revista publicou uma carta de agradecimento de Miguel Ruiz-Conejo, que reconhecia o papel crucial da imprensa na reversão de sua condenação. Em suas palavras: "El papel de los medios de comunicación ha sido decisivo para que se revise la condena."³⁰⁵ Em resposta, *Caretas* reafirmou sua postura crítica e seu compromisso com a verdade, destacando que a imprensa cumpriu seu dever essencial ao expor os abusos do sistema judicial. A revista declarou que continuava acompanhando e analisando diversos outros casos de condenações questionáveis, reforçando o papel fundamental da mídia na defesa dos direitos humanos e na luta contra a arbitrariedade estatal. A trajetória de Ruiz-Conejo demonstrou como a imprensa podia ser um agente de mudança.

Escritas por vítimas, familiares e testemunhas, essas cartas não apenas expuseram os abusos cometidos pelas forças militares, mas também serviram como prova documental da violência institucionalizada. Mesmo diante da censura e do risco de represálias, essas denúncias atravessaram fronteiras, chegando a organizações internacionais. No entanto, para muitos dos presos injustamente, a resposta demorou ou nunca veio, deixando marcas profundas na memória coletiva. Diante de tantas irregularidades e denúncias, as tentativas de reconciliação e perdão foram conduzidas por meio de leis de anistia em 1995, uma estratégia do governo para garantir a proteção das Forças Armadas e evitar punições aos responsáveis por abusos cometidos durante o regime. Essa medida não foi inédita no contexto da América Latina, onde diversos países adotaram mecanismos semelhantes para encerrar ciclos de violência política. No entanto, tais leis geraram debates sobre impunidade, justiça e o direito à memória das vítimas, evidenciando o desafio de equilibrar a estabilidade institucional com a necessidade de responsabilização.³⁰⁶

Em 14/06/1995, o governo aprovou as Leis de Anistia 26.479 e 26.492, com o objetivo de proteger militares, policiais e civis envolvidos em violações de direitos humanos cometidas desde 1980 até a promulgação da lei.³⁰⁷ Essas medidas garantiram imunidade legal a agentes

³⁰⁵ LIBERADO, *Cartas*, nº 1295, 20 jan. 1995. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1994-1995*. (Ver anexo XXXXVIII).

³⁰⁶ CANTON, Santiago. "Leyes de amnistía". Víctimas in mordaza. El impacto del Sistema Interamericano en la Justicia Transicional en Latinoamérica: los casos de Argentina, Guatemala, El Salvador y Perú. *Comisión de Derechos Humanos del Distrito Federal*, 2007. OLIVEIRA, David Barbosa de. Redemocratização e justiça de transição na Argentina e no Peru: uma análise comparada das leis de anistia e de seus julgamentos pela Corte Interamericana de Derechos Humanos. *Revista de Direito Brasileira*, São Paulo, v. 21, n. 8, p. 198-214, set./dez. 2018.

³⁰⁷ A decisão gerou forte crítica nacional e internacional, levando a Corte Interamericana de Derechos Humanos (CIDH) a declarar a anistia inválida, alegando que ela violava obrigações internacionais do Peru. Para mais informações, ver: ARROYO, César Landa Arroyo. Límites constitucionales de la ley de amnistía peruana.

do Estado acusados de crimes graves, incluindo massacres como o dos Barrios Altos, perpetrado pelo grupo paramilitar Colina, vinculado ao governo de Alberto Fujimori. Além de proteger os responsáveis, as leis limitaram significativamente a possibilidade de investigar, julgar, condenar e reparar os danos sofridos pelas vítimas, gerando fortes críticas de organizações de direitos humanos e impedindo avanços na busca por justiça.

A revista *Caretas* tornou-se um dos principais espaços de reivindicação e denúncia durante o governo de Alberto Fujimori, destacando-se pela defesa das vítimas das violações de direitos humanos. Em meio à repressão e à censura impostas pelo regime, a publicação desempenhou um papel crucial ao dar visibilidade aos casos de prisões arbitrárias, desaparecimentos forçados e execuções extrajudiciais promovidas pelo Estado.

O posicionamento crítico de *Caretas* não foi surpreendente, especialmente considerando o histórico conturbado da revista com o governo de Alberto Fujimori, que se agravou após o autogolpe de 1992, quando o presidente dissolveu o Congresso e concentrou em suas mãos poderes extraordinários. Ao questionar a versão oficial dos fatos e denunciar os crimes cometidos pelas Forças Armadas e pelos grupos paramilitares, *Caretas* se tornou alvo de constantes ameaças e tentativas de intimidação. Essa tensão se refletia diretamente em suas páginas, repletas de críticas incisivas às ações do governo e às sistemáticas violações de direitos humanos.

No *clipping*, há um artigo da seção *Controversias*, assinado por Fernando Rospigliosi, que discute a Lei de Anistia.³⁰⁸ O jornalista argumentou que os ataques senderistas ocorridos após a promulgação da lei demonstravam que o conflito no Peru estava longe de terminar. Ele destacou que o país representava um caso excepcional, pois, ao contrário de nações como Argentina, Uruguai, Chile e El Salvador, que esperaram o fim da guerra para julgar e sentenciar os responsáveis por violações dos direitos humanos, o Peru aprovou a anistia ainda durante o conflito. Ademais, Rospigliosi enfatizou que “las leyes de amnistía y Barrios Altos sólo han beneficiado a un sector definido: el grupo Colina”. Ou seja, essas leis não foram criadas para proteger genericamente as Forças Armadas, mas sim para garantir a impunidade a um grupo muito específico. Esse cenário apenas reforça o quanto as Forças Armadas tiveram carta branca para agir sem restrições, operando sob a proteção de um governo que não apenas tolerava, mas também legitimava seus excessos. Enquanto os meios de comunicação críticos, como *Caretas*,

Pensamiento Constitucional, vol. 3 n. 3, p.151-208, 1996; MOLINA, Juan Chávez. Estudio sobre la ley de amnistía y su ley interpretativa. *THEMIS Revista de Derecho*, n. 32, p. 121-135, 1 nov. 1995.

³⁰⁸ GUERRA y amnistía, *Controversias*, n.1373, 26 jul. 1995. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping: Terrorismo-1994-1995*. (Ver anexo XXXIX).

tentavam expor essas práticas, o Estado consolidava um ambiente de impunidade, onde os agentes de repressão estavam livres para atuar sem temer consequências.

A cobertura da *Caretas* sobre os abusos cometidos pelas forças estatais durante o conflito armado no Peru revelou um padrão de violência que ia além do combate ao terrorismo. Relatos de execuções extrajudiciais, desaparecimentos forçados e torturas evidenciaram como a repressão estatal muitas vezes ultrapassou os limites da legalidade, atingindo não apenas militantes insurgentes, mas também os civis. Ao expor essas violações, a revista desafiou a narrativa oficial de um Estado que se apresentava como único garantidor da ordem e da paz. As denúncias trouxeram à tona a contradição de um governo que, ao combater a violência insurgente, perpetuava outras formas de terror. *Caretas* manteve sua posição crítica, reforçando a importância do jornalismo como instrumento de denúncia e memória. No entanto, as marcas desse período continuam presentes, e a luta por justiça para as vítimas dos abusos estatais permanece um desafio para a sociedade peruana.

Conclusão

Na segunda metade do século XX, projetos fracassados de modernização, reformas inacabadas e a persistência de uma sociedade profundamente desigual foram solo fértil para o surgimento de movimentos radicais que, por meio da luta armada, buscaram responder às promessas não cumpridas pelo Estado. A pesquisa teve por objetivo refletir sobre como essas tensões sociais foram traduzidas, mediadas e representadas pela imprensa, tendo como fonte privilegiada o *clipping* da revista *Caretas*, veículo que, ao longo de décadas, acompanhou de perto os episódios da história peruana. O conflito ainda é um tópico sensível na memória do país e, apesar das várias pesquisas acadêmicas sobre o assunto, a complexidade dos eventos e suas consequências seguem desafiando os estudiosos.

Nos primeiros anos da década de 1980, o Partido Comunista do Peru - Sendero Luminoso (PCP-SL) emergiu como organização e rapidamente dividiu opiniões. Composto majoritariamente por jovens das regiões mais afastadas dos centros urbanos, o grupo originalmente apresentava-se como um movimento revolucionário em busca de justiça social e igualdade para as populações camponesas, historicamente marginalizadas. O movimento esteve envolto em controvérsias, a começar pelo fato da principal liderança, Abimael Guzmán, não ter origens indígenas ou camponesas, que o grupo pretendia representar. Essa dissociação entre liderança e base social serviu de argumento para a construção da imagem da organização enquanto inimigo interno. Em resposta, o Estado peruano adotou estratégias de repressão extremamente violentas, o que deu origem a conflitos sangrentos que, ao longo dos anos, deixou milhares de mortos e feridos.

Diante desse cenário, a mídia desempenhou papel fundamental na construção das narrativas sobre o conflito, pois a maneira de retratar os acontecimentos nos jornais e revistas desempenhou importante papel na percepção pública sobre o PCP-SL e a estratégia utilizada pelo Estado para combater a organização. Na época *Caretas* era uma das publicações semanais mais importantes do Peru, que se consolidou como referência no jornalismo investigativo e na cobertura de temas políticos e sociais. A temática era incontornável para um impresso comprometido com a difusão de informações e que se valia do fotojornalismo para expor o cotidiano e a violência do conflito, com imagens que evidenciavam a brutalidade dos atentados e das operações de repressão. Note-se que a aposta nas imagens era o ponto essencial, cabendo ao texto a função de complementar e contextualizar brevemente o que os leitores observavam. A escolha do ângulo, o enquadramento, as dimensões da foto, são aspectos que demandam análise, uma vez que não se trata do real, mas de uma representação atravessada por sentidos e intencionalidades.

Caretas assumiu uma posição firme de condenação ao PCP-SL e as reportagens sugeriam que o grau de violência dos atentados demandava resposta equivalente do governo. Entretanto, não se tratava de uma posição monolítica, por vezes, a abordagem era mais cautelosa e a repressão era alvo de críticas, sobretudo no que diz respeito às violações de direitos humanos, pontuais na década de 1980, talvez para evitar comprometer a imagem da democracia peruana, em processo de consolidação após doze anos de regime militar. Esse posicionamento editorial se modificou no início dos anos 1990, durante o governo de Alberto Fujimori, momento em que *Caretas* adotou tom mais incisivo e denunciou com maior ênfase abusos retrocessos democráticos que marcaram sua gestão.

Nessa fase, a figura do editor Enrique Zileri ganhou relevo, com papel ativo desde 1960, é impossível dissociar as suas posturas das assumidas por *Caretas*, que se tornou a obra da sua vida, extensão de seu pensamento, anseios e visão de mundo. Zileri personificava *Caretas* e sua atuação como jornalista não é facilmente classificável, dada a complexidade de sua trajetória e escolhas editoriais. Ainda que uma revista não seja fruto apenas de quem a dirige, pois participam da linha editorial diversos jornalistas, fotógrafos e demais profissionais da redação, é certo que o tom e o direcionamento provêm de quem está à testa do impresso. Cabe lembrar que, para os profissionais de imprensa, a conjuntura era bastante desfavorável, independentemente da posição assumida diante do movimento, pois inúmeros profissionais foram assassinados, sequestrados ou silenciados de diferentes maneiras, vítimas da violência que emanava de todos os lados. É digno de nota que o papel do jornalista envolvia registrar, selecionar e interpretar os eventos sociais e políticos. Assim, ao escolher o que e como narrar, o jornalismo contribuiu, conscientemente ou não, para definir quais versões da história foram preservadas, circuladas e legitimadas.

A análise do *clipping* de *Caretas* foi fundamental para identificar os temas recorrentes, as figuras centrais e as estratégias visuais e discursivas mobilizadas pela revista ao longo do conflito armado. O próprio ato de recortar, preservar e organizar esse material aponta para uma lógica de valorização editorial e de construção de memória. Ao priorizar determinadas imagens, palavras e personagens, o *clipping* evidencia como *Caretas* desejava se posicionar diante dos acontecimentos. O conteúdo do material preservado indica o interesse da mídia em registrar a violência que assolou o país entre 1980 e 1995. Os 1.053 recortes que reúnem as matérias publicadas em *Caretas* sobre o tema permitiram identificar padrões editoriais e os olhares da revista sobre o conflito. Assim, esse acervo constitui-se em vestígio das estratégias editoriais adotadas pela revista.

É necessário reconhecer que *Caretas* também era um produto comercial e como qualquer veículo de imprensa, a manutenção do seu público – e, portanto, das vendas avulsas e assinaturas – dependia da credibilidade editorial. Essa dinâmica exigia um equilíbrio delicado: sustentar a reputação de fonte confiável e crítica, sem romper completamente com consensos sociais, difundidos entre os leitores. Embora não tenha sido possível mapear com precisão o perfil do público de *Caretas*, infere-se que as escolhas editoriais buscavam dialogar com setores médios urbanos, alinhados aos valores democráticos e contrários aos projetos políticos radicais, como o do PCP-SL.

O semanário foi um dos principais espaços de construção da imagem pública do Partido Comunista do Peru – Sendero Luminoso (PCP-SL) e de seus integrantes, contribuindo para a consolidação de certos estereótipos em torno do conflito. A violência foi frequentemente apresentada de forma espetacularizada, atravessada por paixões políticas e por lógica investigativa que combinava denúncia e dramatização. Enquanto a violência do PCP-SL era destacada, a repressão estatal foi tratada com maior cautela, evitando condenações diretas ao governo. A escolha editorial da revista contribuiu para a disseminação da ideia de que a violência exercida pelo Estado era um mal necessário para conter o avanço da insurgência, ainda que isso implicasse graves violações dos direitos humanos.

Sem táticas e métodos claros para combater o avanço do PCP-SL, as forças de segurança recorreram a torturas, desaparecimentos forçados e criação de cemitérios clandestinos. Em muitos casos, a repressão se voltou indiscriminadamente contra populações camponesas, frequentemente acusadas de colaborar com os insurgentes, aprofundando ainda mais o ciclo de medo e violência. Outro aspecto relevante foi o funcionamento de um sistema para encobrir as ilegalidades cometidas pelas forças da ordem. A falta de transparência e a desinformação dificultavam o acesso da população aos acontecimentos nas chamadas zonas de emergência. O Estado e os meios de comunicação oficiais, muitas vezes, minimizavam ou distorciam as denúncias de abusos, criando uma narrativa que reforçava a necessidade de repressão implacável contra o inimigo interno.

Nesse processo, a figura da vítima estampada nas páginas de *Caretas* foi padronizada, somente as pessoas que não apresentavam qualquer suspeita de vínculo com o PCP-SL ocuparam as páginas da revista. Ressalta-se que as vítimas do conflito foram majoritariamente camponeses pobres, jovens com baixa escolaridade, moradores de áreas rurais e de difícil acesso, onde a presença do Estado era mínima. Nessas regiões, quando o poder público se fazia

presente, era frequentemente por meio de seus agentes de repressão, o que resultava em episódios de violência e no aumento do número de mortos.³⁰⁹

A forma como *Caretas* construiu simbolicamente a figura da vítima, aponta para a necessidade de pesquisas que explorem as disputas por reconhecimento e memória no campo jornalístico. Investigações que enfatizem diferentes veículos em perspectiva comparada poderiam esclarecer como essas escolhas editoriais moldaram, de maneira desigual, a lembrança pública do conflito. Embora a violência não tenha emergido de um conflito étnico declarado, esse marcador foi determinante na forma assumida pela violência, que acabou socialmente legitimada, evidenciando a presença de racismo estrutural e silencioso. As mulheres, por sua vez, ocuparam posição ambígua na cobertura jornalística, ora como vítimas passivas da guerra, ora como agentes da luta armada, nesses casos com características desumanizadas, representação que reforçou estereótipos.

A pauta do desrespeito aos direitos humanos não foi ignorada, a revista expôs diversas denúncias de abusos cometidos pelo Estado, com o intuito de reafirmar a importância da democracia e da estabilidade institucional. Essa postura evidenciava o desafio enfrentado por *Caretas*: criticar as violações sem parecer conivente com o movimento insurgente. O equilíbrio entre a denúncia e a reafirmação dos valores democráticos tornou-se, assim, um elemento central no semanário, que enfrentou a dualidade de abordar temas extremamente sensíveis, como a violência política e os abusos sociais, enquanto, reproduzia um humor ácido e repetia padrões de pensamento ainda muito alinhados com a mentalidade do século XX no Peru. Essa contradição não é um desvio, mas sim uma característica intrínseca da própria sociedade que a revista retratava, tensionada entre avanços e retrocessos, modernidade e conservadorismo. A coexistência de tais elementos revela o quanto *Caretas* interpretava e, por vezes, reforçava os discursos dominantes e os conflitos simbólicos vigentes. Assim, analisar o *clipping* de *Caretas* significa compreender como a revista, em meio a um país atravessado por profundas divisões, pode ser ao mesmo tempo espaço de denúncia, resistência e, paradoxalmente, de reprodução de velhas estruturas culturais.

De forma mais ampla, a maneira como a imprensa (e não apenas *Caretas*) moldou a percepção pública sobre esse período continua sendo objeto de estudo e debate. As reportagens, fotografias e manchetes não apenas informaram os leitores da época, mas também influenciaram a forma como a história foi registrada. Em um contexto de polarização e

³⁰⁹ COMISIÓN de la Verdad y Reconciliación. *Op. cit.*, 2003.

violência, as palavras impressas transcenderam seu papel informativo e tornaram-se instrumentos na construção das narrativas que, até os dias de hoje, definem como esse capítulo da história peruana é compreendido e lembrado.

Apesar de ainda estar em circulação, *Caretas* hoje é uma sombra do que foi em seus tempos áureos. A revista, que já exerceu uma influência incontestável, enfrenta os desafios impostos pelas mudanças nos hábitos de consumo da informação. O declínio das revistas semanais impressas, impulsionado pela digitalização e pela ascensão das redes sociais, afetou diretamente sua relevância e alcance. Ainda assim, a trajetória da publicação segue ativa, e se tornou símbolo de resistência da mídia impressa no cenário midiático peruano.

Por fim, pesquisas aprofundadas sobre a trajetória da *Caretas* e seu impacto são essenciais para compreender a violência na América Latina no século XX. O estudo do conflito peruano e do papel da publicação na sua cobertura permite analisar como regimes autoritários, insurgências armadas e a luta pelos direitos humanos moldaram a história da região. *Caretas*, enquanto testemunha desse período, permanece uma fonte valiosa. Pensar *Caretas* é, inevitavelmente, refletir sobre o próprio Peru, suas contradições sociais, sua história marcada pela violência e por conflitos. *Caretas* espelhou as contradições de uma sociedade em transição, marcada pela tentativa de defender a democracia e, ao mesmo tempo, tensionada pela violência de movimentos políticos e do poder público.

Referências bibliográficas

Fontes

¡MAMITA, Artola!'. *Caretas*, Lima, n. 383, 26 out. 1968.

¡PARDIEZ la policía! *Caretas*, Lima, n. 384, 25 nov. 1968.

¿FUE Sendero? *Caretas*, Lima, n. 722, 8 nov. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo - 1982.

¿PARIS iluminada?. *Caretas*, Lima, n. 825, 12 nov. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

¿SYBILLA libre? ¿Abimael?. *Caretas*, Lima, n. 980, 9 nov. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1987.

¿TIENE cura la violencia? *Caretas*, Lima, n. 790, 12 mar. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

ABIMAEL al año. *Caretas*, Lima, n. 1277, 09 set. 1993. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1993.

ABIMAEL y las elecciones. *Caretas*, Lima, n. 775, 21 nov. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

ACTUALIDAD: el tribunal de la isla. *Caretas*, Lima, n. 1231, 08 out. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992

AGONIA y contraataque. *Caretas*, Lima, n. 770, 17 out. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

ARREPENDIDOS. *Caretas*, Lima, n. 958, 8 jun. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1987.

ASESINATO: lo que pasó em Huanta. *Caretas*, Lima, n. 1034, 28 nov. 1988.

BAJO el fuego. *Caretas*, Lima, n. 1101, 26 mar. 1990. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1990.

BAJO el volcán. *Caretas*, Lima, n.1303, 17 mar. 1994. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1994-1995.

BATALLA em Huallaga, *Caretas*, nº 1308, 21 abril 1994.

BRONCA en SL. *Caretas*, Lima, n. 1188, 02 dez 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991.

CAÍDOS del cielo, nº1135, 19 nov. 1990. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1990.

CAMINO a Uchuraccay. *Caretas*, Lima, n. 749, 23 maio 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

CAPTURA mayor. *Caretas*, Lima, n. 780, 26 dez. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

CARETAS escoge 1965: el hombre del año en el Perú. In: TURBULENTO año 1965. *Caretas*, Lima, n.324, 20 dez. 1965, p. 12.

CARTA a Guzmán. *Caretas*, Lima, n. 952, 27 abr. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1987.

CARTAS que acusan, nº1161, 27 maio 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991.

CASO Cayara: Contradicciones. *Mar de Fondo*, nº1059, 29 maio 1989. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1989.

CASO Uchuraccay: La tremenda corte. *Caretas*, Lima, n. 828, 3 dez. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

CAYARA, *Caretas*, *Mar de Fondo*, n. 1052, 10 abril 1989. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1989.

CAYARA: tumba que acusa. Lima, n. 1021, 29 ago. 1988. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1988.

COMISIÓN investigará muerte de periodistas en Ayacucho. *El Comercio*, 31 jan. 1983.

CÓMO ganarla. *Caretas*, Lima, n. 1137, 03 dez 1990. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1990.

CONTRA todo y contra todo y contra todos. *Caretas*, Lima, n. 630, 5 jan. 1981.

CRECIENTE violencia. *Caretas*, Lima, n. 665, 21 set. 1981. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1971-1981.

CUANDO la bandera blanca cayo al suelo. *Caretas*, Lima, n. 787, 20 fev. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

DESFACER entuertos, *Cartas*, nº 672, 9 nov. 1981. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1980-1981.

DESPLAZADOS. *Caretas*, Lima, n. 1190, 16 dez. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991.

DISCURSO previsto. *Caretas*, Lima, n. 1017, 01 ago. 1988. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1988.

EL BAÚL de Abimael. *Caretas*, Lima, n. 847. 22 abril 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985.

EL CAMINO de Abimael. *Caretas*, Lima, n. 701, 07 jun. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1982.

EL CASO de las fotos secretas *Caretas*, Lima, n. 951, 20 abr. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1987.

EL CASO Villavicencio, *Cartas*, nº 1266, 17 jun. 1993. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1993.

EL FEMINISMO de Abimael: lo que los porqués de las mujeres en Sendero. *Caretas*, Lima, n. 841, 11 mar. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985

EL SEGUNDO acto del plan económico y ahora del Apra". *Caretas*, Lima, n. 864, 19 ago. 1985.

EL SENDERO de Chiang Ching. *Caretas*, Lima, n. 1230, 01 out. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

EL TERROR llega a Lima. *Caretas*, Lima, n. 647, 11 maio 1981. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1970-1981.

EL TREMENDO testigo. *Caretas*, Mar de Fondo, Lima, n. 830, 17 dez. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

ELLENCOGEN, Gustavo Gorriti. *Cuando Abimael reía*. *Caretas*, Lima, n. 736, 21 fev. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

ELLENCOGEN, Gustavo Gorriti. La pachamanca fue después. *Caretas*, Lima, n. 854, 10 jun. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985.

ELLENCOGEN, Gustavo Gorriti. Mi colega Abimael. *Caretas*, Lima, n. 721. 02 nov. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1982.

ENTRÓ el ejército. *Caretas*, Lima, n. 729. 27 dez. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1982.

FRANK, Joceline. 50 niños enjuician al terror. *Caretas*, Lima, n. 1045, 20 fev. 1989. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1989.

FUNDAMENTALISMO de la Sangre. *Caretas*, Lima, n. 1228, 17 set. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

GORRITI, Gustavo. ¿Sendero en derrota? *Caretas*, Lima, n. 846, 17 abr. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985.

GORRITI, Gustavo. Trágicos linchamientos. *Caretas*, Lima, n. 733, 31 jan. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

GORRITI, Gustavo; PORTOCARRERO, Benedito. La matanza de Lunamarca. *Caretas*, Lima, n. 743, 11 abr. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

GUERRA y amnistía, *Controversias*, n.1373, 26 jul. 1995. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1994-1995.

Guzmán los lazos secretos. *Caretas*, Lima, n. 905, 11 fev 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991.

GUZMÁN, Abimael. Entrevista del siglo. *El Diálogo*, Lima, jul., 1988.

HABLA Sendero: entrevista Catalina Arianzén. *Caretas*, Lima, n. 695, 26 abril 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1982.

HAYA a los 80: entre la guerra y la paz. *Caretas*, Lima, n. 510, 6 jun. 1975.

HOMBRE del año. *Caretas*, Lima, n.629, 22 dez. 1980.

HORROR en Huanta. *Caretas*, Lima, n. 814, 27 ago. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

INFLACIÓN aprendiendo a vivir con ella! *Caretas*, Lima, n. 1092, 22 jan. 1990.

JUICIO Total. *Caretas*, Lima, n. 1230, 01 out. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

JUSTICIA marmota, *Cartas*, nº1273, 12 ago. 1993. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1993.

LA CAÍDA de Vilcashuamán. *Caretas*, Lima, n. 712, 31 ago. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1982.

LA CAPTURA de 'Meche'. *Caretas*, Lima, n. 810, 30 jul. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

LA DINAMITA de sendero. *Caretas*, Lima, n. 784, 30 jan. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

LA FAMOSA lista, *Cartas*, nº 1230, 01 out. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

LA FARSA de los jueces sin rostro, nº1216, 22 jun. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

LA FRANCESIA de Tambo. *Caretas*, Lima, n. 669, 10 out. 1981. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1981.

LA JUSTICIA de pilatos. *Caretas*, Lima, n. 992, 8 fev. 1988. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1988.

LA MATANZA de los Barrios Altos, nº 1185, 11 nov. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991.

LA MATANZA de los Evangelistas. Lima, n. 813, 20 ago. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

LA MUERTE de Edith Lagos. *Caretas*, Lima, n. 714, 13 set. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo - 1982.

LAS LLAVES del horror. *Caretas*. nº1270, 15 jul. 1993.

LAZOS secretos, nº1146, 11 fev. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991.

LIBERADO, *Cartas*, nº 1295, 20 jan. 1995. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1994-1995.

LIBERTAD a plazos, nº1272, 05 ago. 1993.

LO QUE se viene. *Caretas*, Lima, n. 1229, 24 set. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

LOS INICIOS del profesor Guzmán. *Caretas*, Lima, n. 905, 19 maio 1986. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1986.

LOS MELLIZOS cantoral, *Cartas*, nº 1264, 03 jun. 1993. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1993.

MEYER, Laura Puertas. Habla la senderista arrepentida – Entrevista a Godelia Cerón. *Caretas*, Lima, n. 937, 12 jan. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1987.

MORIR en Huamanga. *Caretas*, Lima, n. 688, 8 mar. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo -1982.

MORIR en Huanta. *Caretas*, Lima, n. 835, 25 jan. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985.

MUERTE en Huanta. *Caretas*, Lima, n. 914, 21 jul. 1986. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1986.

OFENSIVA imperdonable. *Caretas*, Lima, n. 938, 19 jan. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1987.

OTRA escala. *Caretas*, Lima, n. 861, 30 jul. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985.

OTRA vez la milonga. *Caretas*, Lima, n. 855, 10 jun. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985.

PEOR que nunca. *Caretas*, Lima, n. 1220, 20 jul. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

PUERTAS, Laura; ARROYO, Abilio; TORRES, Jimmy. Terror en Andajes. *Caretas*, Lima, n. 1002, 18 abril 1988. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1988.

PUERTAS, Laura; NORIEGA, Carlos; GORITTI, Gustavo; DEL RIO, Miguel Gonzales. Lurigancho después del exterminio. *Caretas*, Lima, n. 910, 23 jun. 1986. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1986.

SALVAJISMO: el calvário de los inocentes. *Caretas*, Lima, n. 1227, 10 set. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

SANGRE y pánico. *Caretas*, Lima, n. 730, 10 jan. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

SECRETOS del Congreso, nº1148, 25 fev. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991.

SECRETOS del cuartel, nº1112, 12 jun. 1990. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1990.

SENDERITO ominoso. *Caretas*, Lima, n. 614, 8 set. 1980. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1971-1981.

SENDERO amenaza. *Caretas*, Mar de Fondo ,Lima, n. 845, 8 abr. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1985.

SENDERO en Canto Grande. *Caretas*, Lima, n. 1170, 30 jul. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1991.

SENDERO en la danza. *Caretas*, Lima, n. 1228, 17 set. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

TEMOR y muerte em las alturas. *Caretas*, Lima, n. 734, 7 fev. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1983.

TERRORISTICOS, *Cartas*, nº651, 8 jun. 1981. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1980-1981.

ÚLTIMAS encuestas. Con luz verde para ganar, especial 30 años de *Caretas*. *Caretas*, Lima, n. 624, 19 nov. 1980.

VALENZUELA, Cecilia. Batalla em Huallaga, nº 1308, 21 abril 1994. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1994-1995.

VARGAS, Victor Ch. Arrepentidos. *Caretas*, Mar de fondo. Lima, n. 937, 8 jun. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1987.

VIERNES maldito. *Caretas*, Lima, n. 1197, 10 fev. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1992.

ZILERI, Enrique. Tragedia en Huanta. *Caretas*, Lima, n. 813, 20 ago. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1984.

ZILERI, Marco. Quebrada en peligro. *Caretas*, Lima, n. 968, 17 ago. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta *Clipping*: Terrorismo-1987.

Bibliografía

AGÜERO, José Carlos. El Perú y la tortura: un constante en conflicto armado interno, autoritarismo y democracia. *IUS ET VERITAS*, 14(29), v. 14, n. 29, p. 359-378, 1 abr. 2004.

AGUIRRE, Carlos; DRINOT, Paulo (ed.). *La revolución peculiar: repensando el gobierno militar de Velasco*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2022.

ANDRADE CIUDAD, Luis. Diez noticias sobre el quechua en el último censo peruano. *Letras*, Lima, v. 90, n. 132, p. 41-70, jul. 2019.

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus, 1995.

ARROYO, César Landa Arroyo. Límites constitucionales de la ley de amnistía peruana. *Pensamiento Constitucional*, vol. 3 n. 3, p.151-208, 1996.

BARRIG, M. Liderazgo femenino y violencia en el Perú de los 90. *Debates en Sociología*, n. 18, p. 89-112, 1 dez. 1993.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELLIDO, Pedro Cateriano. *25 peruanos del siglo XX*. Lima: UPC, 2021.

BENAVIDES, Livia Letts. *El origen de la transición democrática 1955-1956: el surgimiento de una oposición política al gobierno de Odría y la lucha de esta por elecciones libres y competitivas*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 2016.

BLONDET, Cecilia; MONTERO, Carmen. *La situación de la mujer en el Perú, 1980-1994*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1994.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. (orgs.). *Dicionário de. Política*. 12.ed. Brasília: LGE Editora/Editora UnB, 2004, p.1242-1245.

BOESTEN, Jelke, GAVILAN, Lurgio. *Perros y Promos: memoria, violencia y afecto en el Perú posconflicto*. Instituto de Estudios Peruanos, 2023.

BOUTRON, Camille. De las experiencias invisibles: las mujeres en los comités de Autodefensa durante el conflicto armado en Perú (1980-2000). *Colombia Internacional*, n. 80, p. 234-251, jan./abr. 2014.

CÁCERES, Mario R. Cépeda. A cuarenta años de las masacres de Uchuraccay: las lecciones que no hemos logrado aprender. *IDEHPUCP*, Lima, 31 jan. 2023.

CANTON, Santiago. “Leyes de amnistía”. Víctimas in mordaza. El impacto del Sistema Interamericano en la Justicia Transicional en Latinoamérica: los casos de Argentina, Guatemala, El Salvador y Perú. *Comisión de Derechos Humanos del Distrito Federal*, 2007.

CÁRDENAS, Ricardo Caro. Ser mujer, joven y senderista: Memorias de género y pánico moral en las percepciones del senderismo. *Allpanchis*, Arequipa, v. 38, n. 67, p. 125-156, 2006.

CAVIASCA, Guillermo Martín. El ejército en el poder. La “Revolución Peruana” un ensayo de “Revolución nacional”. *Cuadernos de Marte*, n. 14, año 9, p. 139-172, jan-jun. 2018.

CHARTIER, Roger. *La Correspondance*. Les usages de la lettre au XIXe siècle. Paris: Fayard, 1991.

CHARTIER, Roger. *Les Origines culturelles de la Révolution française*. Paris: Editions du Seuil, 1990.

CHARTIER, Roger. *Storia della lettura nel mondo Occidentale*. Roma: Laterza, 1995.

COMISIÓN de la Verdad y Reconciliación. Informe Final. Lima: CVR, 2003.

CORAL, Isabel. Las mujeres en la guerra: impacto y respuestas”. In: Stern, Steve. *Los Senderos Insólitos del Perú: guerra y sociedad*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos y Universidad San Cristóbal de Huamanga, 1999.

CORONEL, José. Violencia política y respuestas campesinas en Huanta. In: DEGREGORI, Carlos Iván et al. *Las rondas campesinas y la derrota de Sendero Luminoso*. Lima: IEP/Universidad Nacional de San Cristóbal de Huamanga, 1996. p. 45.

COTLER, Julio. Peru, 1960-1990. In: BETHELL, Leslie (org.). *Historia da América Latina - A América Latina após 1930: México, América Central, Caribe e Repúblicas Andinas*. São Paulo: Edusp, 2015. v. XI. p. 59-169.

CRISÓSTOMO Mercedes, *Género y conflicto armado interno en el Perú. Testimonio y memoria*, Lima, PUCP, 2018.

DEGREGORI, Carlos Iván. Cosechando tempestades: Las rondas campesinas y la derrota de Sendero Luminoso en Ayacucho In: DEGREGORI, Carlos Iván *et al. Las rondas campesinas y la derrota de Sendero Luminoso*. Lima: IEP/Universidad Nacional de San Cristóbal de Huamanga, 1996. p. 205.

DEGREGORI, Carlos Iván. *El surgimiento de Sendero Luminoso. Ayacucho 1969-1979*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2010.

DEGREGORI, Carlos Iván. *Jamás tan cerca arremetió los legos: obras escogidas*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2020.

DEGREGORI, Carlos Iván. *Qué difícil es ser Dios: obras escogidas*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2018.

DESCO. *Violencia política en el Perú, 1980-1988*. Lima: Centro de Estudios y Promoción del Desarrollo, 1989. Tomo I.

DIETRICH, Luisa. La “compañera política”. Mujeres militantes y espacios de “agencia” en insurgencias latinoamericanas”. *Revista Colombia Internacional*. Bogotá, número 80, pp. 83-133, 2014.

DIRECCIÓN de Propaganda e Informaciones. Exposición de la prensa peruana. *Revista Peruanidad*, vol. 1, nº 12: 167-168, dez. 1941. Acesso em 30 de out. de 2024.

DORIS Gibson: una pasión por el Perú. Lima: PUCP. Centro Cultural: BIF, 2006; BELLIDO, Pedro Cateriano. *25 peruanos del siglo XX*. Lima: UPC, 2021.

FLORIAN, Nadja. El cuarto poder: libertad en la época de Velasco. *Reflexiones de estudiantes – Historia Económica*, Lima, v. 1, n. 1, p. 10-12, 2020.

FORIN JUNIOR, Renato; BONI, Paulo Cesar. O uso de crianças em imagens sensacionalistas. *Discursos Fotográficos*, v. 1, n. 1, p. 57–88, 2005.

GARCIA BELAUNDE, Domingo; EGUIGUREN PRAELI, Francisco José. La Evolución Político-Constitucional del Perú 1976-2005. *Estudios constitucionales*, Santiago, v. 6, n. 2, p. 371-398, 2008.

GAYOSO, Josefina Miró Quesada. La violencia sexual en conflictos armados bajo el Derecho Penal y el Derecho Internacional. *Revista IUS ET VERITAS*, nº 59, nov. 2019.

GORRITI, Gustavo. *Sendero: historia de la guerra milenaria en el Perú*. Lima: Editorial APOYO, 1991.

GUEVARA, Luis; GECHLIN, Adrián. *Historia de la gráfica en el Perú*. Lima: Kartel, Perú Gráfico, 2001. p. 118.

GUINÉ, Anouk. Encrucijada de guerra en mujeres peruanas: Augusta La Torre y el Movimiento Femenino Popular. *Groupe de Recherche Identités et Cultures (GRIC)*, La Plaza Editores, 2018.

GURMENDI, Alonso. *Conflicto Armado em el Perú*. Lima: Universidad del Pacífico, 2019.

HERTOGHE, Alain; LABROUSSE, Alain. *Sendero Luminoso Peru: uma reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 53.

HINOJOSA, Iván. Sobre los parientes pobres y nuevos ricos: las relaciones entre Sendero Luminoso y la izquierda radical peruana. In: STERM, Steve. *Los senderos insólitos del Perú: guerra y sociedad, 1980-1995*. Lima: IEP/UNSCH, 1999. p. 75.

JARA, Umberto. *Abimael: el sendero del terror*. Lima: Planeta Perú, 2021.

KOSSOY, Boris. Fotografia e História: as tramas da representação fotográfica. *Projeto História*, São Paulo, v. 70, p. 9-35, Jan.-Abr., 2021.

KRUIJT, Dirk. *Entre Sendero y los Militares: Seguridad y Relaciones Cívico Militares 1950-1991*. Barcelona: Editorial Robles, 1991.

KRUIJT, Dirk. *La revolución por decreto: Perú durante el gobierno militar*. Perú: Mosca Azul Editores, 1991.

LÓPEZ, Fiorella. El discurso sobre la emancipación de la mujer durante el conflicto armado interno en el Perú: memorias de las mujeres del PCP-Sendero Luminoso. *Revista del Instituto Riva-Agüero*, v. 2, n. 1, p. 121-157, 18 out. 2017.

MANRIQUE, Nelson. *El tiempo del miedo*. Lima: Fondo editorial del Congreso del Perú, 2002.

MANRIQUE, Nelson. La guerra en la región central. In: STERM, Steve. *Los senderos insólitos del Perú: guerra y sociedade, 1980-1995*. Lima: IEP/UNSCH, 1999. p. 199.

MARCHÁN, Eloy. Caretas, la legendaria revista de Enrique Zileri, entra en proceso de liquidación. *El foco*, Lima, 8 out. 2020. Disponível em: <https://elfoco.pe/informes/caretas-la-legendaria-revista-de-enrique-zileri-entra-en-proceso-de-liquidacion/>. Acesso em 8 jan. 2024.

MARIÁTEGUI, José Carlos. El problema del indio. In: *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Lima: Biblioteca Amauta, 2007.

MARTINS, Nelson. Luz e práticas fotográficas. In: *Fotografia: da analógica à digital*. Rio de Janeiro: Senac, 2010, p. 204-237.

MÉNDEZ, Cecilia. The paths of terrorism in Peru: nineteenth to twenty-first centuries. In: ENGLISH, Richard (ed.). *The Cambridge history of terrorism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. p. 420-452.

MESA, Mercedes Crisóstomo. El Estado es el Otro: la atención de la violencia contra las mujeres en las zonas rurales del Perú. *Politai: Revista de Ciencia Política*, ano 12, N° 22, 2021.

MEZA-BAZÁN, Mario. La nueva izquierda y la competencia por la revolución en el Perú durante el gobierno de Velasco: 1968-1975. *Izquierdas* (Santiago), Santiago, v. 51, p. 1, 2022. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-50492022000100201&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 02 jun. 2025.

MICHILOT, María Mendoza. *100 años de periodismo en el Perú (1900-1948)*. Lima: Fondo Editorial Universidad de Lima, 2016.

MOLINA, Juan Chávez. Estudio sobre la ley de amnistía y su ley interpretativa. *THEMIS Revista de Derecho*, n. 32, p. 121-135, 1 nov. 1995.

MORÁN, Daniel; AGUIRRE, María Isabel. La prensa y el discurso político en la historia peruana: algunas consideraciones teóricas y metodológicas. *Investigaciones Sociales*, n. XII, v. 20, p. 229-248, 2008.

OLIVEIRA, David Barbosa de. Redemocratização e justiça de transição na Argentina e no Peru: uma análise comparada das leis de anistia e de seus julgamentos pela Corte Interamericana de Derechos Humanos. *Revista de Direito Brasileira*, São Paulo, v. 21, n. 8, p. 198-214, set./dez. 2018.

ORTIZ ORTIGAS, Diego Alonso. *Primicias desde la izquierda: El Diario de Marka y la contrarrevolución de Sendero Luminoso. Años 1980-1982*. +MEMORIA(S), n. 4, p. 191-211, 2021-2022.

PAICO-ZUMAETA, Emiliano. Transformación digital del periodismo impreso en el Perú en tiempos de pandemia. *Acta Herediana*, [S. l.], v. 64, n. 1, p. 50–58, 2021. Disponível em: <https://revistas.upch.edu.pe/index.php/AH/article/view/3910>. Acesso em: 19 jan. 2025.

PALACIOS, Patricia Balbuena. Mujeres silenciosas, mujeres silenciadas: Peruanas víctimas de violencia sexual en el conflicto armado interno 1980-2000. *Revista Aportes Andinos*, n. 17, 2022.

PARODI TRECE, (org.). *Perú 1960-2000: políticas económicas y sociales en entornos cambiantes*. 1. ed. Lima: Universidad del Pacífico, Centro de Investigación, 2000.

PÁSARA, Luis. *Velasco: el fracaso de una revolución autoritaria*. Lima: Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú, 2019.

PATÍÑO, Sharmelí Valeri Bustíos. Caso Bustíos: periodismo de alto riesgo en Perú. *Universidad Central de Venezuela*, Caracas. 2009.

PEIRANO, Luz Victoria Guerredo. Arte, Mujer y Propaganda Política: Narrativas y Reconfiguraciones de Género en el PCP-SL. Dissertação (Mestrado em Estudos de Genêro) – Pontificia Universidad Católica del Perú. Lima, Peru, p. 107. 2015.

PERALTA, Víctor. *Prensa, opinión pública y terrorismo en Perú (1980-1994)*. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1996.

PERALTA, Víctor. *Sendero luminoso y la prensa 1980-1994: la violencia política peruana y su representación en los medios*. Cusco: CBC, 2000.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Mariátegui e a questão da educação no Peru. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 68, p. 169-204, 2006.

PINO, Ponciano del. Familia, cultura y “revolución. Vida cotidiana en Sendero Luminoso. In: STERM, Steve. Los senderos insólitos del Perú: guerra y sociedade, 1980-1995. Lima: IEP/UNSCH, 1999. p. 164.

PORTOCARRERO, Gonzalo. *Profetas del odio: Raíces culturales y líderes de Sendero Luminoso*. Lima: Fondo Editorial de la PUCP, 2014, p.158-159.

REITZ, Joan M. *Online Dictionary for Library and Information Science*. [Estados Unidos]: ABC-CLIO, 2013. Disponível em: http://www.abcclio.com/ODLIS/odlis_A.aspx. Acesso em: 13 fev. 2024.

RÉNIQUE, Luis José. *A Revolução Peruana*. São Paulo: Editora UNESP, 2009; PINHEIRO, Marcos Sorrilha. *À sombra de José Carlos Mariátegui: socialismo e movimentos políticos de esquerda no Peru (1960-1980)*. *História (São Paulo)*, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 837-866, 2009.

ROJAS, Rodrigues Montoya. *El Perú después de 15 años de violencia (1980-1995)*. *Estudios avanzados*, São Paulo, v. 11, n. 29, p. 287-308, jan./abr. 1997. p. 292.

RONCAGLIOLO, Santiago. *La cuarta espada: la historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*. Lima: Penguin Random House, 2018.

ROUILLÉ, André. *A Fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Senac, 2009, p. 29-60.

SANDOVAL, Pablo. *La década de la violencia en Perú. Utopía andina, campesinado y crisis de la antropología andina*. *Antropologías de sur*, Santiago, v. 8, n. 16, p. 133-152, dic. 2021.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2001. SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTISTEBAN, Rocío Silva. *Las hijas del terror*. Lima: Ediciones Copé, 2007.

SANTOS, Fabio Luis Barbosa dos. *Perversão e trauma: impasses da política peruana contemporânea*. *Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos*, nº62, 195-226, 2016.

SAUL, Renato P. *Comentário sobre violência, cultura, economia e política na sociedade contemporânea*. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos (org.). *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 121.

SILVA, Carla. *Estudando a imprensa para produzir história*. II Simpósio Estadual Lutas Sociais na América Latina, 2006, Londrina. In: ANAIS, *Crise das democracias latino-americanas: dilemas e contradições*. Londrina: eduel, 2006. Disponível em: < <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/segundosimposio/carlasilva.pdf> >. Data de acesso: 20/07/2024.

SILVEIRA, Mauro César. *Um pecado original: os primórdios do jornalismo na Bacia do Rio da Prata*. Florianópolis: Insular, 2014

STARN, Orin. *Senderos inesperados: Las rondas campesinas de la sierra sur central*. In: DEGREGORI, Carlos Iván *et al.* *Las rondas campesinas y la derrota de Sendero Luminoso*. Lima: IEP/Universidad Nacional de San Cristóbal de Huamanga, 1996. p. 252.

UBILLUZ, Carlos Yarlequé. *La producción final de Sérvulo Gutiérrez: Santa Rosa de Lima y El Señor de Luren, iconos religiosos criollos*. Dissertação (Mestrado em História da Arte e Curadoria) – Pontificia Universidad Católica Del Perú, Lima, 2018. p. 36.

ULFE, María Eugenia. *Dos veces muerto: la historia de la imagen y vida de Celestino Ccente o Edmundo Camana*. *Memoria y Sociedad*, Bogotá, v. 17, n. 34, p. 81-90, 2013.

ULFE, María Eugenia; SABOGAL, Ximena Málaga. Construyendo memorias visuales en los Andes peruanos. In: CÁNEPA KOCH, Gisela; KUMMELS, Ingrid (org.). *Fotografía en América Latina*. Imágenes e identidades a través del tiempo y el espacio. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2018.

VARGAS, Ilpidio. Edith Lagos, final de drama. *Revista Gente*, 16 set. 1982, p. 6-11.

VASCONCELOS JUNIOR, Manuel Hermeto. Informações úteis para reduzir os equívocos sobre o uso do termo “terrorismo” e a relação dos erros com abordagens decoloniais de Relações Internacionais. *Ciências Humanas*, v. 27, n. 120, 16 mar. 2023.

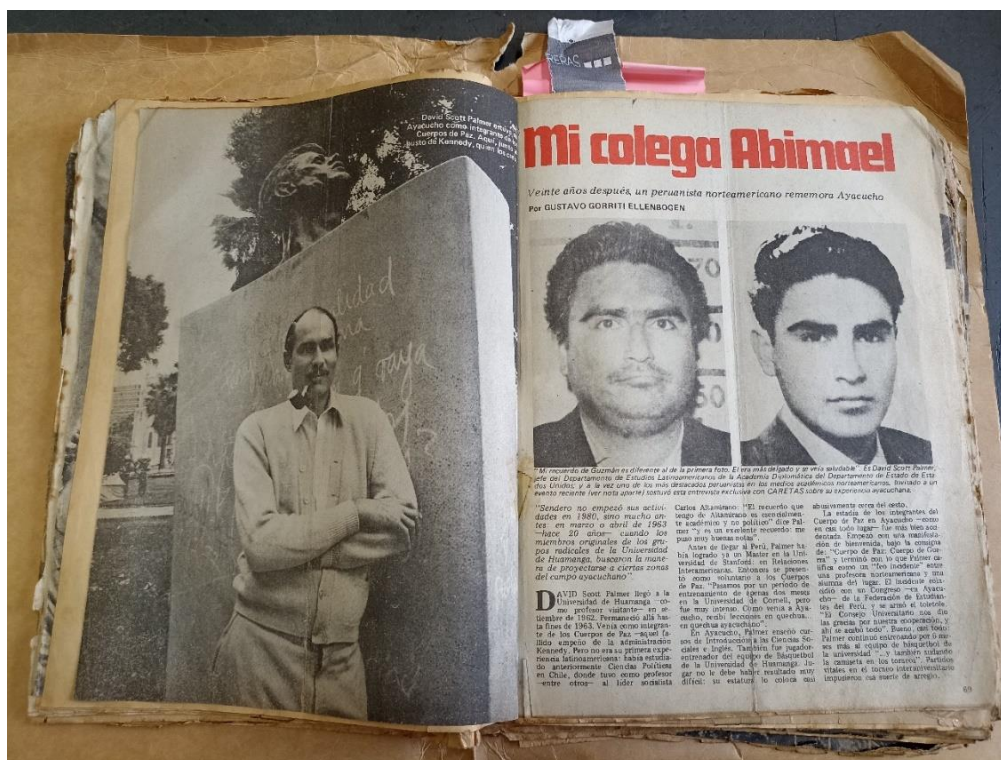
ZAPATA, Antonio. En honor a la verdad. *Revista Argumentos*, ano 6, n.º 2, maio, 2012.

Anexos

I. ABIMAEL y las elecciones. *Caretas*, Lima, n. 775, 21 nov. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1983.



II. ELLENGOGEN, Gustavo Gorriti. Mi colega Abimael. *Caretas*, Lima, n. 721. 02 nov. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1982.



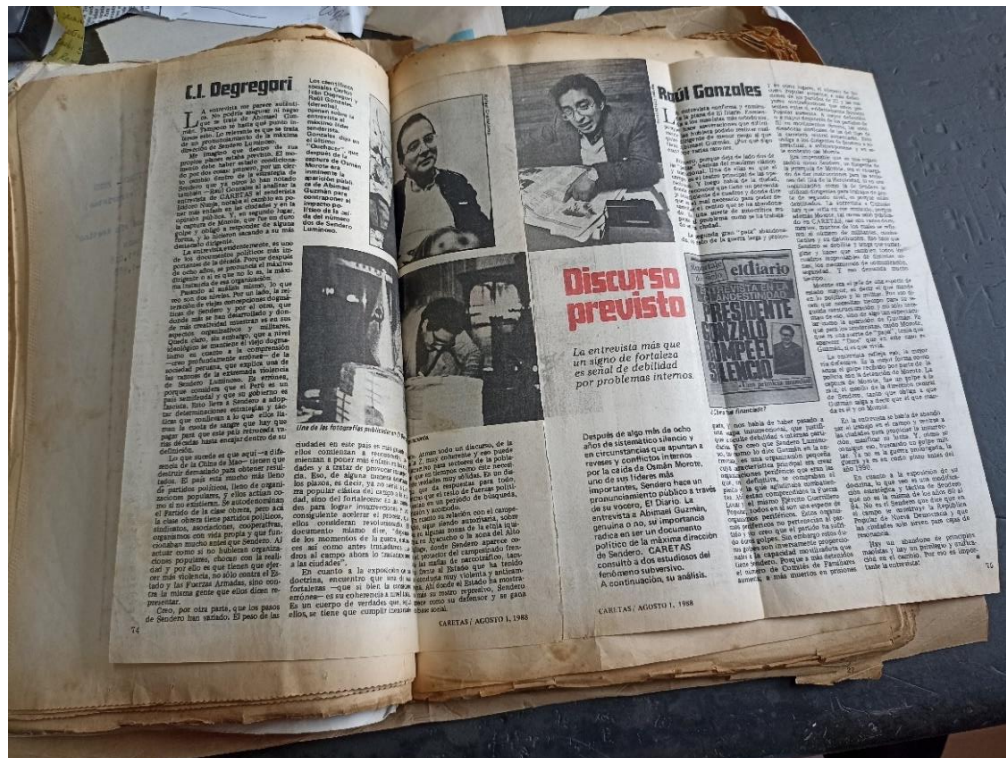
III. ENTRÓ el ejército. *Caretas*, Lima, n. 729. 27 dez. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1982.



IV. EL BAÚL de Abimael. *Caretas*, Lima, n. 847. 22 abril 1985. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1985.



V. DISCURSO previsto. *Caretas*, Lima, n. 1017, 01 ago. 1988. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1988.



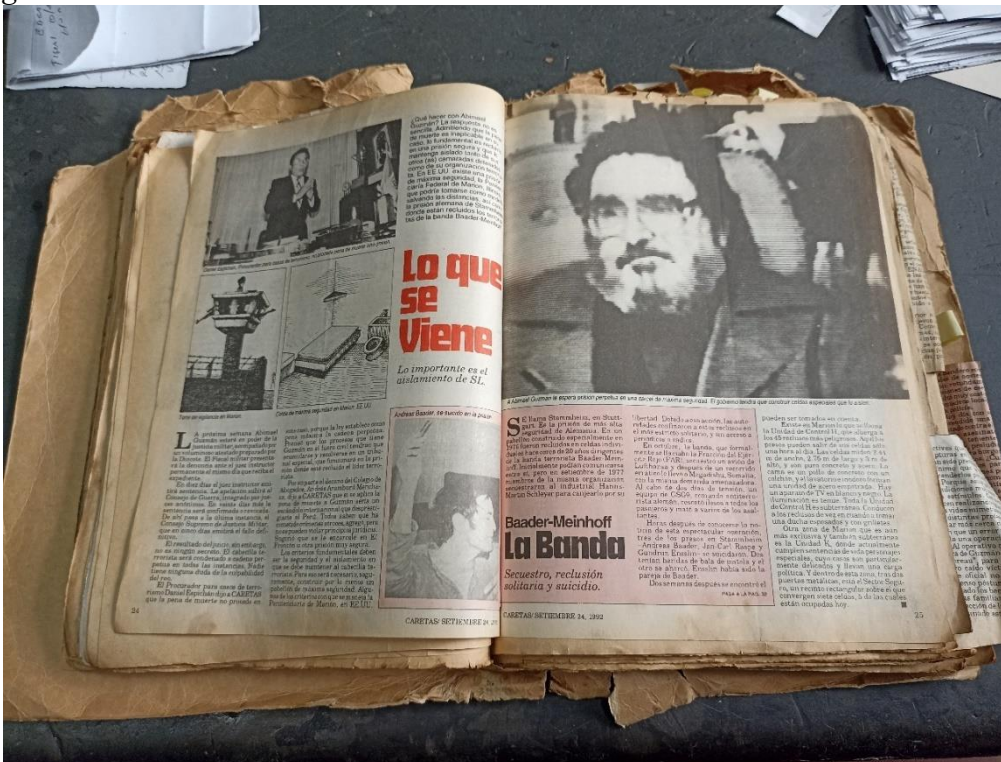
VI. CÓMO ganarla. *Caretas*, Lima, n. 1137, 03 dez 1990. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1990.



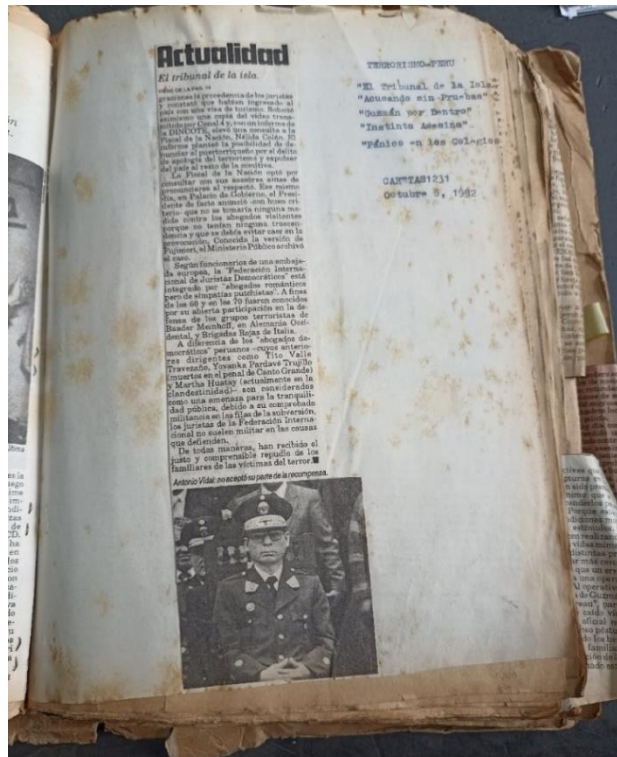
VII. BRONCA en SL. *Caretas*, Lima, n. 1188, 02 dez 1991. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1991.



VIII. LO QUE se viene. *Caretas*, Lima, n. 1229, 24 set. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1992.



IX. ACTUALIDAD: el tribunal de la isla. *Caretas*, Lima, n. 1231, 08 out. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1992.



X. MORIR en Huamanga. *Caretas*, Lima, n. 688, 8 mar. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo -1982.



XI. EL FEMINISMO de Abimael: los porqués de las mujeres en Sendero. *Caretas*, Lima, n. 841, 11 mar. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1985.



XII. VARGAS, Victor Ch. Arrepentidos. *Caretas*, Mar de fondo. Lima, n. 937, 8 jun. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1987.



XIII. CARTA a Guzmán. *Caretas*, Lima, n. 952, 27 abr. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1987.



XIV. ¿SYBILLA libre? ¿Abimael?. *Caretas*, Lima, n. 980, 9 nov. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1987.



XV. LA JUSTICIA de pilatos. *Caretas*, Lima, n. 992, 8 fev. 1988. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1988.



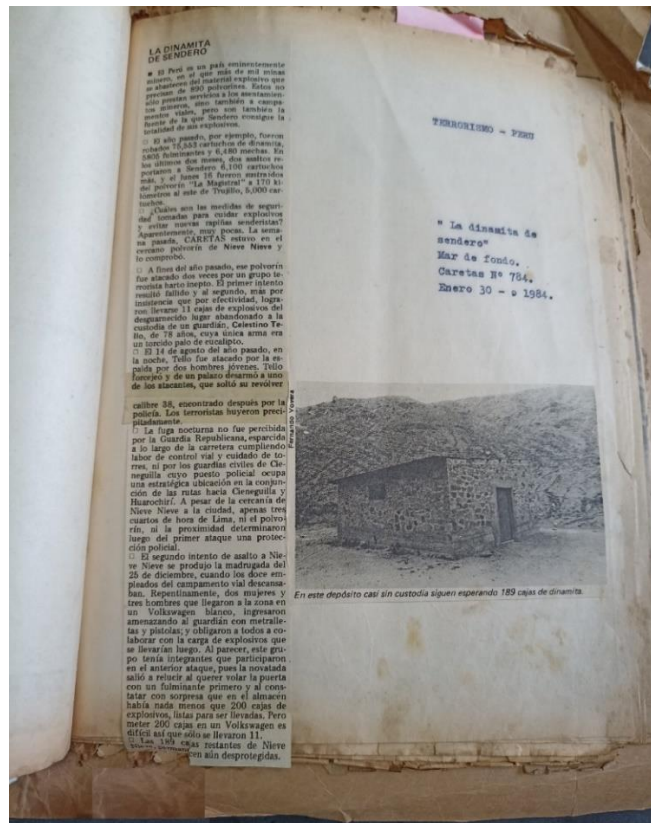
XVI. EL SENDERO de Chiang Ching. *Caretas*, Lima, n. 1230, 01 out. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1992.



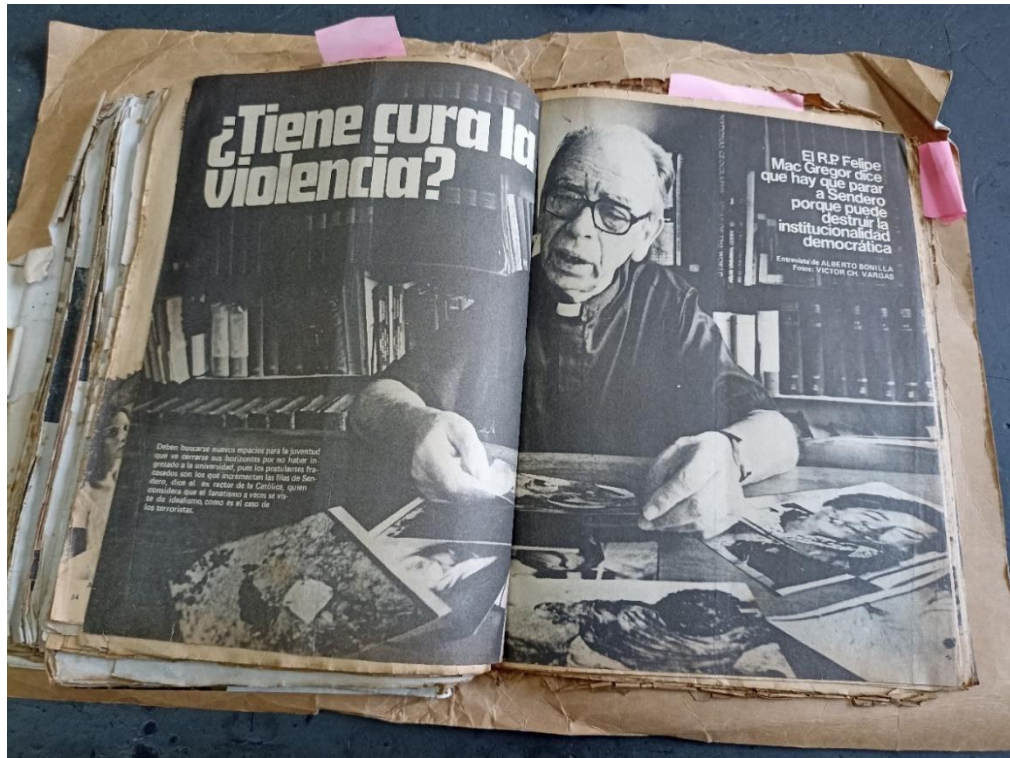
XVII. EL TERROR llega a Lima. *Caretas*, Lima, n. 647, 11 maio 1981. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1970-1981.



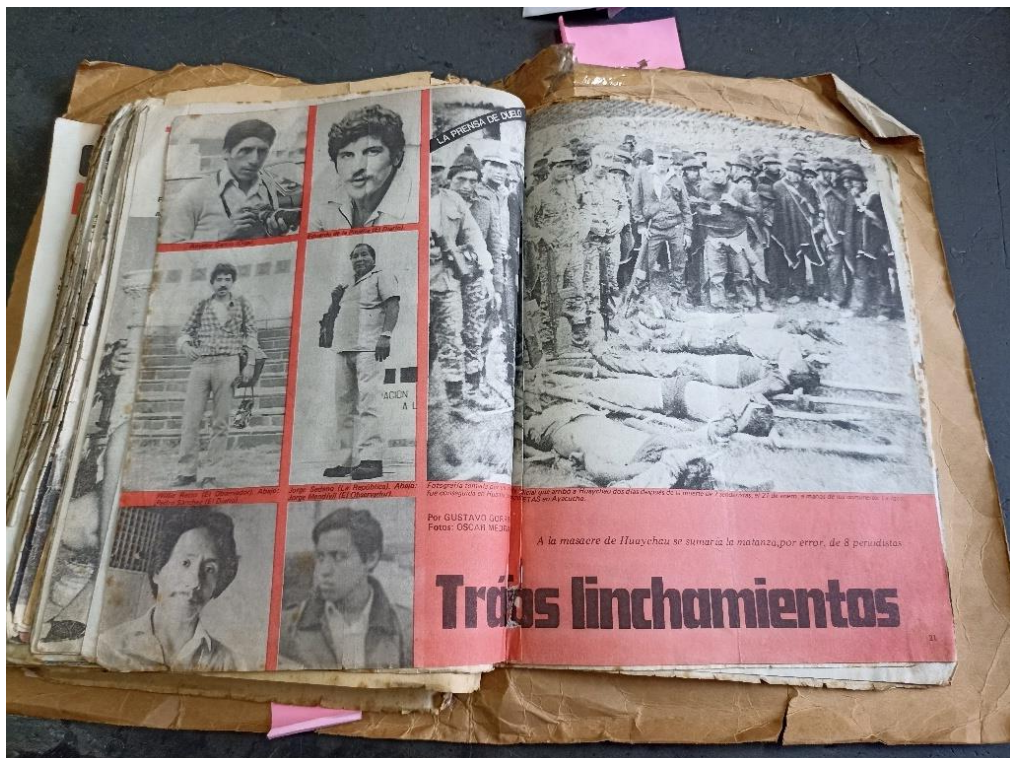
XVIII. LA DINAMITA de sendero. *Caretas*, Lima, n. 784, 30 jan. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1984.



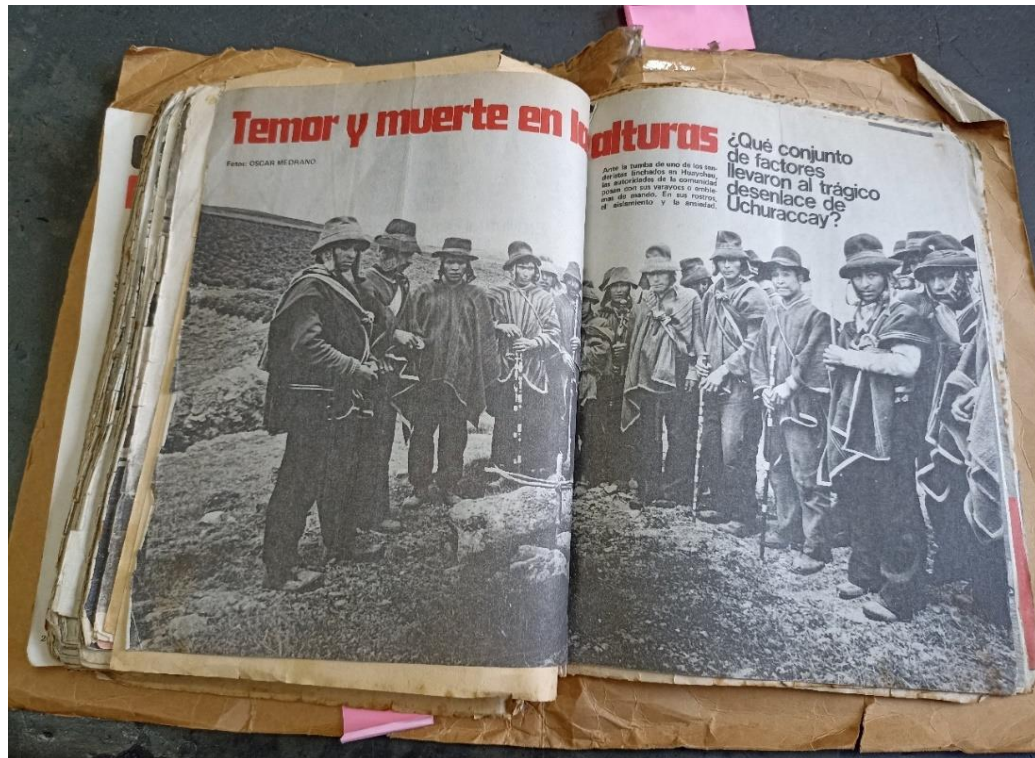
XIX. ¿TIENE cura la violencia? *Caretas*, Lima, n. 790, 12 mar. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1984.



XX. GORRITI, Gustavo. Trágicos linchamientos. *Caretas*, Lima, n. 733, 31 jan. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1983.



XXI. TEMOR y muerte en las alturas. *Caretas*, Lima, n. 734, 7 fev. 1983. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1983.



XXII. CASO Uchuraccay: La tremenda corte. *Caretas*, Lima, n. 828, 3 dez. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1984.



XXIII. EL TREMENDO testigo. *Caretas*, Mar de Fondo, Lima, n. 830, 17 dez. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1984.



XIV. ZILERI, Enrique. Tragedia en Huanta. *Caretas*, Lima, n. 813, 20 ago. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1984.



XXV. MUERTE en Huanta. Caretas, Lima, n. 914, 21 jul. 1986. Acervo Caretas. Pasta Clipping: Terrorismo-1986.



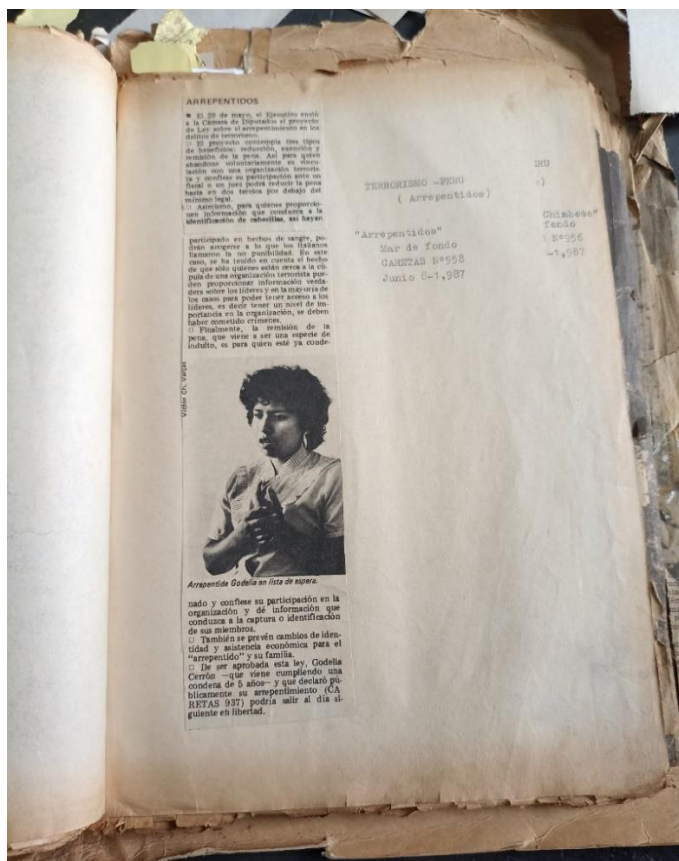
XXVI. CRECIENTE violencia. Caretas, Lima, n. 665, 21 set. 1981. Acervo Caretas. Pasta Clipping: Terrorismo-1971-1981.



XXVII. LA CAÍDA de Vilcashuamán. *Caretas*, Lima, n. 712, 31 ago. 1982. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1982.



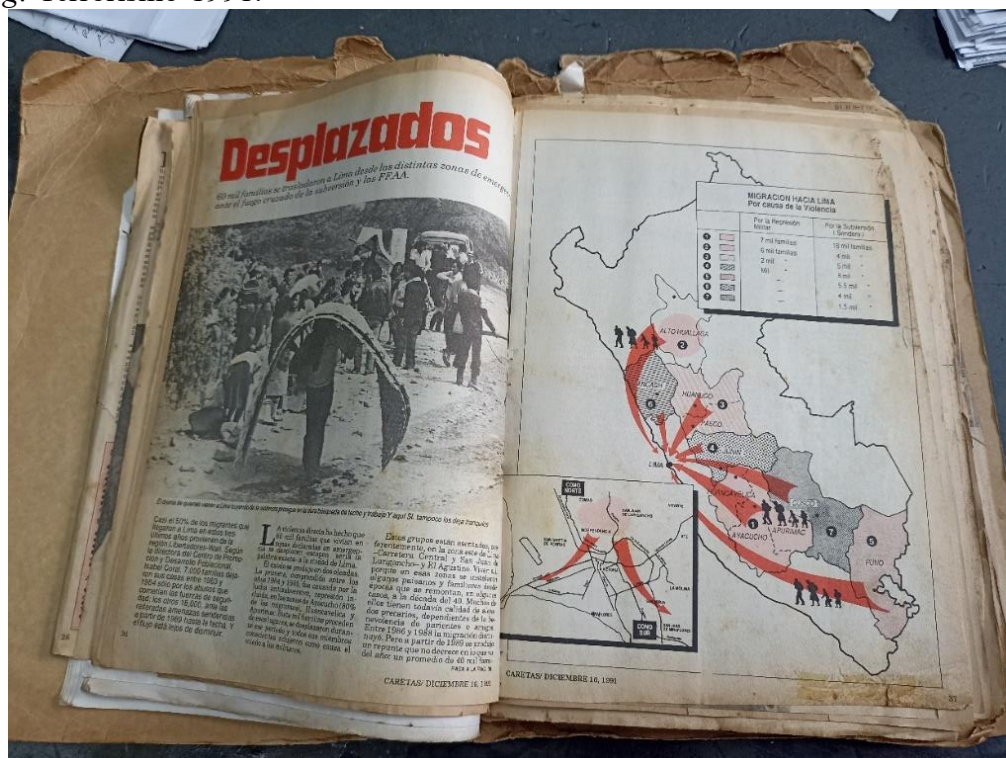
XXVIII. ARREPENDIDOS. *Caretas*, Lima, n. 958, 8 jun. 1987. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1987.



XXIX. BAJO el fuego. *Caretas*, Lima, n. 1101, 26 mar. 1990. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1990.



XXX. DESPLAZADOS. *Caretas*, Lima, n. 1190, 16 dez. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1991.



XXXI. BAJO el volcán. *Caretas*, Lima, n.1303, 17 mar. 1994. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1994-1995.



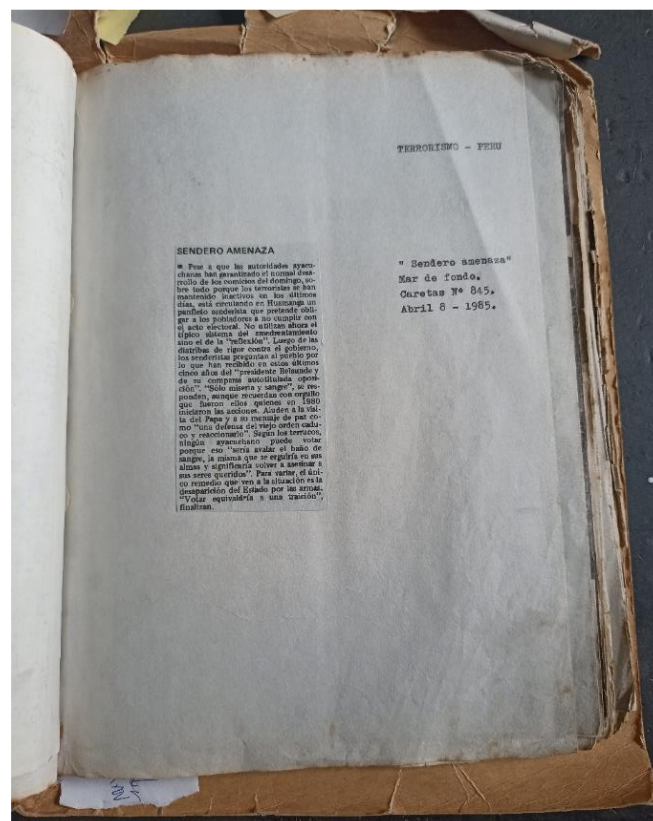
XXXII. LA FRANCESIA de Tambo. *Caretas*, Lima, n. 669, 10 out. 1981. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1981.



XXXIII. LA MATANZA de los Evangelistas. Lima, n. 813, 20 ago. 1984. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1984.



XXXIV. SENDERO amenaza. *Caretas*, Mar de Fondo, Lima, n. 845, 8 abr. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1985.



XXXV. GORRITI, Gustavo. ¿Sendero en derrota? *Caretas*, Lima, n. 846, 17 abr. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1985.



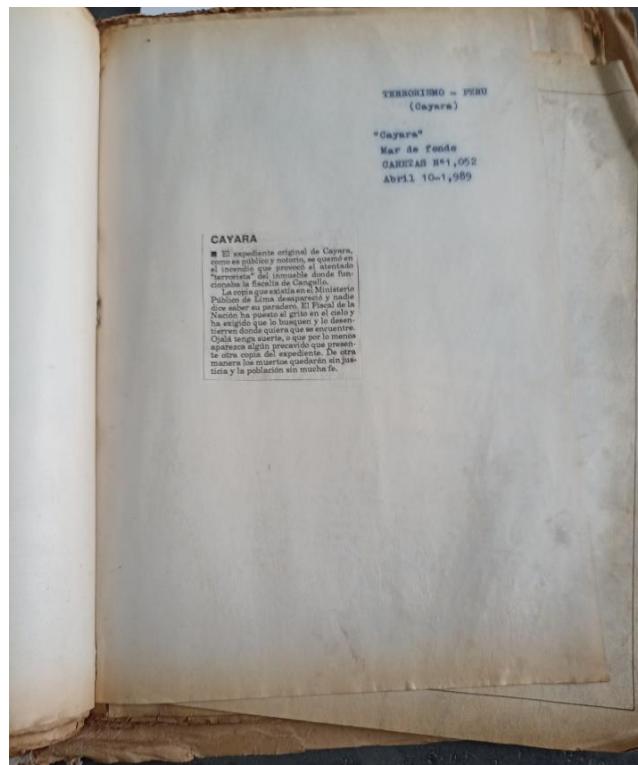
XXXVI. OTRA escala. *Caretas*, Lima, n. 861, 30 jul. 1985. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1985.



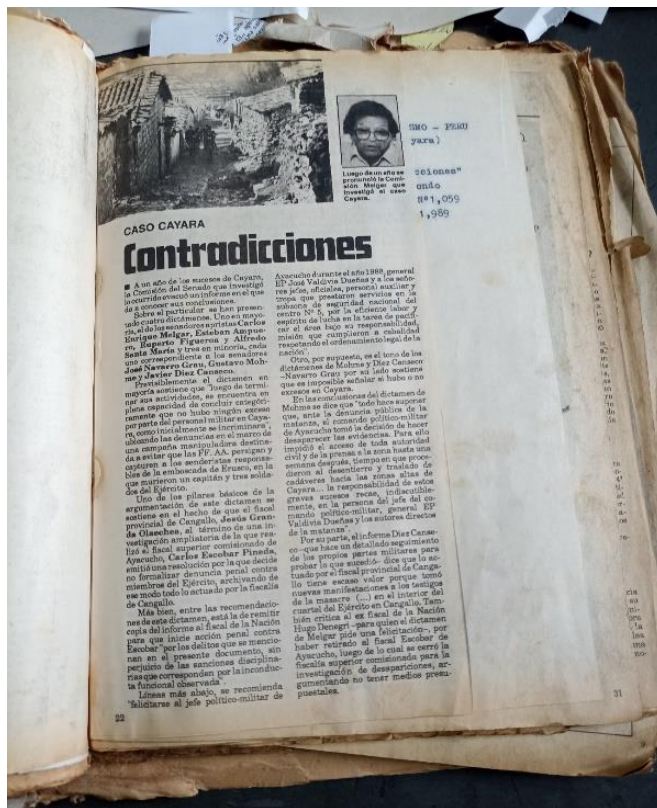
XXXVII. PUERTAS, Laura; NORIEGA, Carlos; GORITTI, Gustavo; DEL RIO, Miguel Gonzales. Lurigancho después del exterminio. *Caretas*, Lima, n. 910, 23 jun. 1986. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1986.



XXXVIII. CAYARA, *Caretas*, Mar de Fondo, n. 1052, 10 abril 1989. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1989.



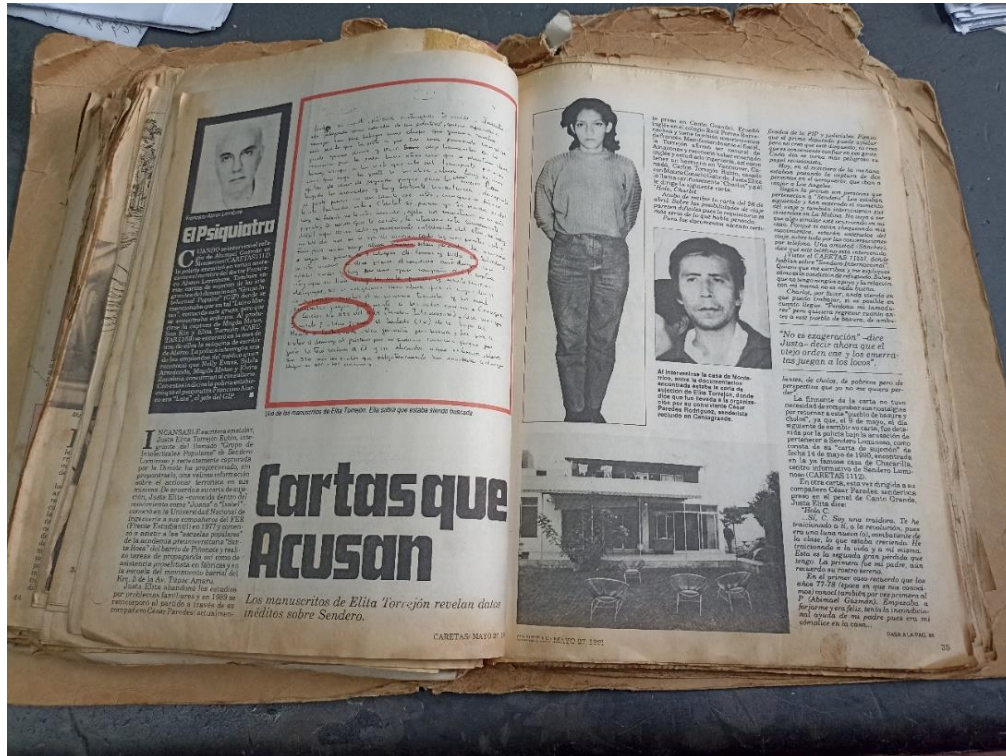
XXXIX. CASO Cayara: Contradicciones. *Mar de Fondo*, nº1059, 29 maio 1989. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1989.



XXXX. SECRETOS del Congreso, nº1148, 25 fev. 1991. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1991.



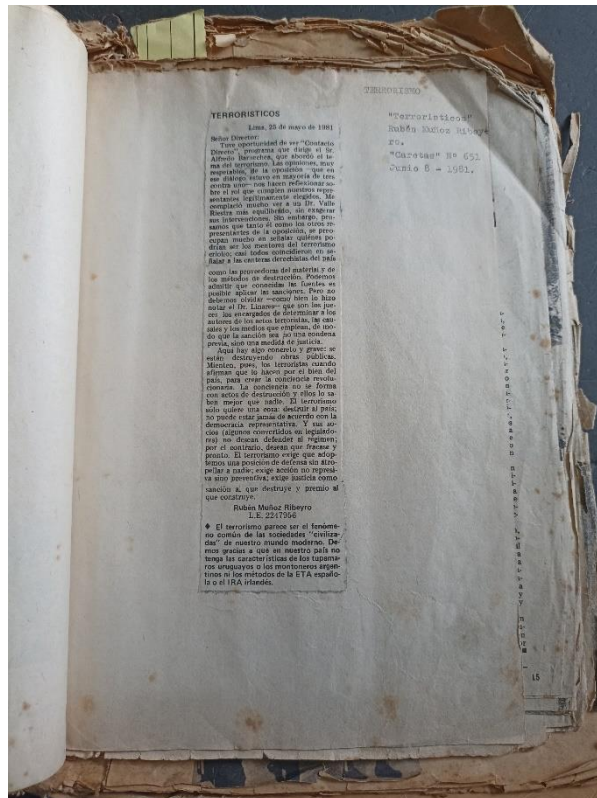
XXXXI. CARTAS que acusan, nº1161, 27 maio 1991. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1991.



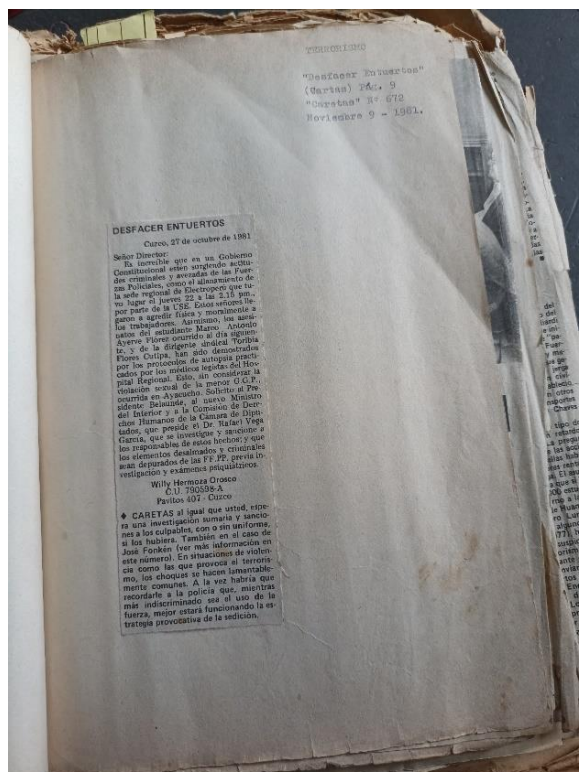
XXXXII. VALENZUELA, Cecilia. Batalla en Huallaga, nº 1308, 21 abril 1994. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1994-1995.



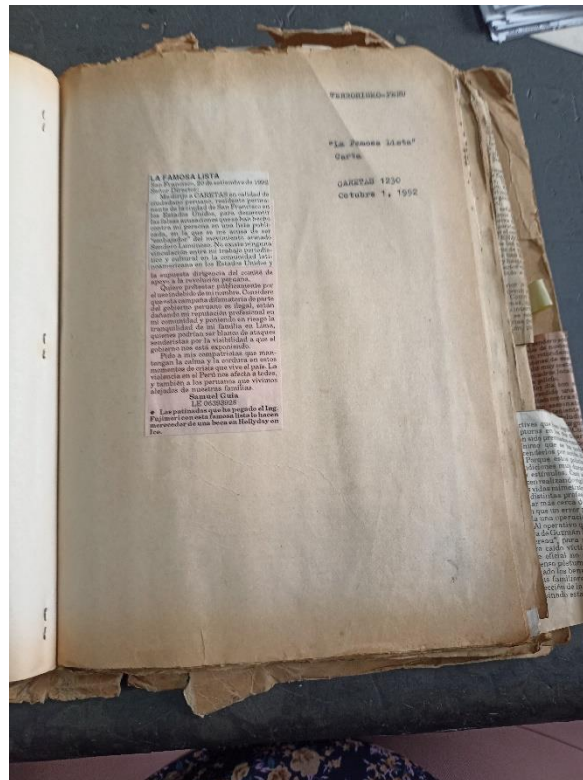
XXXXIII. TERRORISTICOS, Cartas, nº651, 8 jun. 1981. Acervo Caretas. Pasta Clipping: Terrorismo-1980-1981.



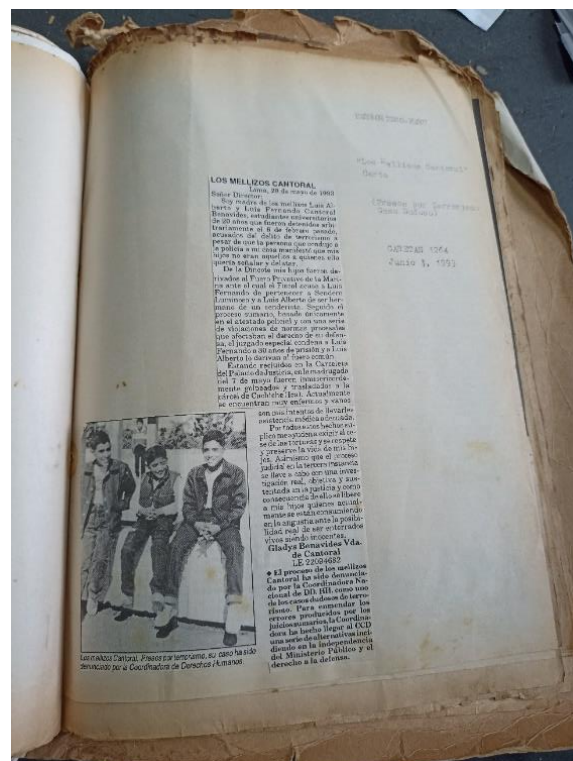
XXXXIV. DESFACER entuertos, Cartas, nº 672, 9 nov. 1981. Acervo Caretas. Pasta Clipping: Terrorismo-1980-1981.



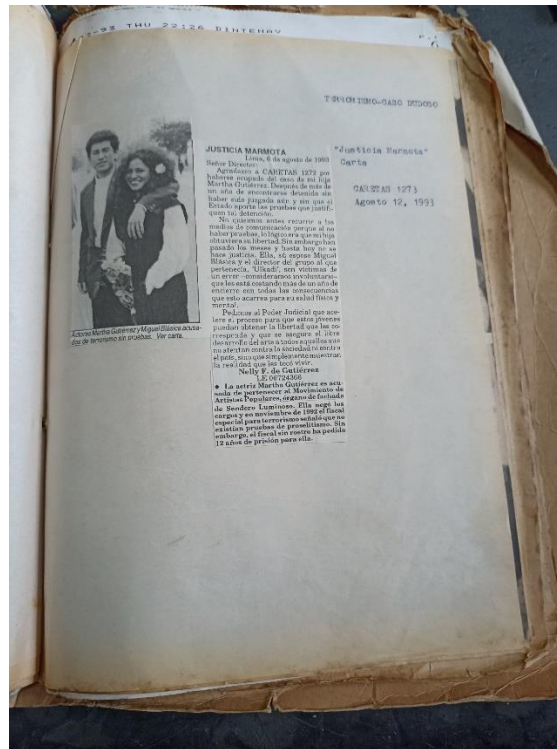
XXXXV. LA FAMOSA lista, *Cartas*, nº 1230, 01 out. 1992. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1992.



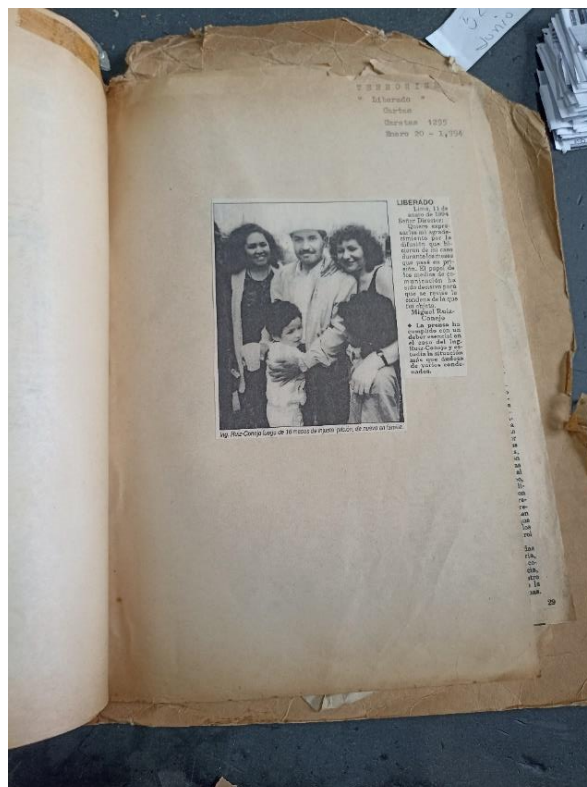
XXXXVI. LOS MELLIZOS cantoral, *Cartas*, nº 1264, 03 jun. 1993. Acervo *Caretas*. Pasta Clipping: Terrorismo-1993.



XXXXVII. JUSTICIA marmota, Cartas, nº1273, 12 ago. 1993. Acervo Caretas. Pasta Clipping: Terrorismo-1993.



XXXXVIII. LIBERADO, Cartas, nº 1295, 20 jan. 1995. Acervo Caretas. Pasta Clipping: Terrorismo-1994-1995.



XXXXIX. GUERRA y amnistía, *Controversias*, n.1373, 26 jul. 1995. Acervo Caretas. Pasta Clipping: Terrorismo-1994-1995.

CONTROVERSIAS

Por FERNANDO ROSPIOLIO

Guerra y Amnistía

Los asques sacerdotales parecen ser a la promulgación de la Ley de Amnistía y a la ley Barrios Altos, aunque que la guerra actualizada esa loja de haber concluido. El artículo con un caso-bomba a un caso de Víctor José Waj, el modo si puede decirse si la guerra durante un año, creen o decir más. Pero nadie en su sano juicio puede afirmar que la comunidad.

No es así, cabe preguntarse entonces, ¿por qué se promuegan esos asques, si los problemas que supuestamente se resuelven "definitivamente" y por última vez, probablemente se volverán a producir?

No es casualidad que en los lugares de América Latina la ley de amnistía se haya dado luego de concluir los guerras: generalmente varios años después, y en algunos casos, después de haber empezado y ascendido a los responsables de violaciones de los derechos humanos. Así ocurrió en Argentina, Uruguay, Chile y El Salvador.

El Perú es un caso excepcional, donde la amnistía se dio a un tiempo que termine la guerra. El asunto es, entonces, ¿qué ocurrió si nuevamente se producen violaciones de los DD.HH. por parte de los miembros de las fuerzas de seguridad? ¿Cómo se si se los identificar y sancionará? Ya no habrá más "Reyes Caratara" ni "Reyes Barrios Altos". ¿Cómo sancionados cumplirán sus crímenes criminales?

¿Qué pasará, por ejemplo, si luego de una emboscada a tropas militares en el Alto Huallaga, una patrulla arma un caso como represalia porque supone

que allí han colaboradores de SI, matando a inocentes y pecando culpables? ¿Acaso en un momento futuro seces en esta 15 años de guerra?

¿Qué sucederá si después de varios meses-bombas más en Lima las fuerzas de seguridad capturen, desparecen, torturan y enterran clandestinamente a un grupo de prisioneros terroristas?

En el caso que los culpables fueran identificados, ¿se los juzgará y sancionará como prometió solemnemente Álvaro Fernández de la Cruz (presidente de la Ley de Amnistía)?

Y si no ocurre, ¿cómo se sancionará no reconocerá que a ellos también se les amnistió?

Se producirá entonces un nuevo conflicto político, similar al que devastó las tres décadas, donde las FF.AA. y la comunidad de la guerra. Las manifestaciones violentas, las ovas que eventualmente realice el nuevo Congreso serán constitucionales

radicalmente. Y probablemente revivirá y revivirá cuando termine el régimen Fujimori. Tradicionalmente, el enfrentamiento de un sector de la ciudadanía con la FF.AA. y el interés de ellas. El problema ha sido resuelto, pero, con las leyes de amnistía y Barrios Altos. Lo único que se ha hecho es el crear una posible solución final.

¿Lo sabían quienes decidieron la promulgación de esta ley? ¿Habría ocurrido si pero porque que la ley promulgó. ¿Pero, han ocurrido en función de las urgencias del momento y de sus sucesos particulares.

Porque las leyes de amnistía y Barrios Altos sólo han beneficiado a un sector de la comunidad. Además de ellos, sólo había, que se sabe, dos militares involucrados en esos quince años de guerra, el teniente Teodoro Heredia, por la masacre de Ayacucho (agosto de 1983) y el teniente Javier Bonifacio por la masacre de Santa Bárbara (1991). Dos oficiales subalternos que, según la ley, están ya en prisión.

No había tampoco ningún proceso abierto en el fuero civil a militares por violaciones a los DD.HH. Todos estaban perdonados.

Fu supe, hoy día es más evidente que las leyes mencionadas fueron dadas no para proteger a las FF.AA. de eventuales procesos, sino para liberar eventualmente al grupo Colina. Las FF.AA. en realidad se han visto perjudicadas con esas normas, pero mañana se volverán en su contra.

A la hora de por qué sucedió esto ya ha sido expuesta en esta columna: el compromiso de Alberto Fujimori, el doctor Moncayo y Nicolás Hernández con el grupo Colina es directo y concreto. Y ellos decidieron resolver sus propios problemas, aunque compligan en el futuro la situación de las FF.AA. respecto al tema de los derechos humanos. ■

CARETAS JULIO 26, 1995

67